

# SHOW DE VIZINHO

Autor do Best Seller *Protegida pelo Bilionário*

YULE TRAVALON



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# **SHOW DE VIZINHO**

Yule Travalon

# SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

[Ficha Técnica](#)

[Yule Travalon](#)

[Outras Obras](#)

[Agradecimentos](#)

*Para ficar por dentro das novidades,  
Receber marcadores  
& participar de sorteios de livros, me siga:*

**Instagram:**

<https://www.instagram.com/yuletravalon/>

# Sinopse

Anne Moore sempre corre atrás do que quer. Ela batalhou muito para ter a sua pequena agência de eventos em Miami e um relacionamento de dez anos com Samuel Griffin, coisas das quais ela se orgulha muito. Até que após um incrível final de semana com seu namorado, ela recebe no dia seguinte um convite para organizar o casamento dele próprio, mas com outra mulher!

Em meio ao desespero, surto de loucura e umas gotinhas de rivotril, Anne decide que a melhor opção é aceitar a proposta de trabalho e tornar esse momento da vida do seu namorado – *agora ex* – um verdadeiro inferno. E para isso, ela só precisa convidar o seu show de vizinho gostosão – *que ela acredita ser um acompanhante de luxo* – para fingir ser seu novo namorado, fazer ciúmes, mexer com a cabeça de Samuel, e quem sabe, tê-lo de volta aos seus pés.

Kaleb Petterson não tem tempo para trivialidades, romance ou qualquer coisa que desestabilize a sua vida. Enfim ele tem tudo sob controle: como um investidor bilionário, seus negócios vão muito bem; ele está descobrindo como lidar com seu filho autista de cinco anos e está se preparando para se vingar daqueles que lhes tiraram tudo no passado... até que de repente a sua adorável – *e louca* – vizinha surge com uma ideia maluca: fingir um relacionamento para destruir o casamento de um dos caras que ele menos gosta com... a sua irmã.

Poderia essa farsa ser a porta para um grande amor?



# Prólogo

*Anne Moore*

— *Mentiroso, mas que filho de uma puta, desgraçado!*

Devo ter acordado toda a vizinhança com o meu ódio matinal. *E quer saber?* Eu não me importo. Que chamem a polícia, o corpo de bombeiros e até mesmo a carrocinha! Ninguém vai me segurar, eu vou destruir a vida desse homem.

— Amiga, grita mais alto que não devem ter te escutado naquele bairro — Emmanuelle aponta o indicador para fora da janela e prende o riso.

Seguro o envelope com força a ponto de rasgá-lo. A segunda-feira começou ótima: estou cega de raiva, com vontade de derrubar tudo o que vejo pela frente e usar o meu réu primário.

— Como ele conseguiu me enganar todo esse tempo? — Mordo o lábio inferior com força e encaro Emms.

Ela instantaneamente para de rir e se compadece do meu estado. Olha-me quase de modo maternal, se aproxima devagar e pousa as mãos em meus ombros.

Espero algo motivador e inspirador sair de sua boca. Ela sempre tem algo espirituoso a dizer e mais do que nunca eu preciso de uma palavra que me tire do fundo do poço, onde me encontro.

— *Para de ser doida!* — Emmanuelle me sacode, como se fosse uma ventania passando por um milharal. Para completar o esculacho, me dá

três tapas na cara, para ver se recobro o juízo.

Recobro sim. E o ódio só cresce.

— Anne, meu anjo, olhe bem para você! — Ela me arranca do lugar em que estou e me põe de frente para o espelho que fica ao lado da porta de entrada.

Encaro-me por um segundo: descabelada, olhos inchados e com ar de quem vai cometer um crime e por isso é bom que alguém já deixe a polícia de plantão.

— *Olha!* — Ela insiste e me sacode. — Você é uma mulher de vinte e cinco anos, bem-sucedida, apaixonada pela vida. Sim, você encontrou o *homem dos seus sonhos*, o cara que te dava suspiros no colegial e teve um intenso caso com ele recentemente. Foi bom?

— *Foi ótimo* — choramingo.

— Pois é, meu amor, agora acorda! — Ela volta a me sacudir e eu só vejo meu cabelo ficando a verdadeira passagem do *furacão Katrina* no reflexo. — Você pensou o quê? Que um dia ele ia te pedir em casamento?

Suspiro profundamente. Na verdade, sim, eu pensei que sim.

Samuel e eu tivemos um excelente final de semana. E quando digo excelente quero que fique registrado que fomos para um motel maravilhoso, estouramos um champanhe, bebemos até começar a dançar sem ouvir música alguma e transamos por deliciosos cinquenta... *segundos*. Tá, ele tem ejaculação precoce, tudo bem, acontece. Mas o cara sempre foi o deus grego, desde que éramos adolescentes.

Loiro, olhos azuis e porte atlético: o príncipe dos contos de fadas, meu sonho proibido.

Olho mais uma vez o envelope. Antes que num ataque de fúria comece a rasgá-lo, Emmanuelle o arranca de minhas mãos e retira o convite de casamento de lá de dentro junto com uma carta escrita à mão.

Emms passa os olhos pelo convite, depois a carta. Lê rapidamente e sua expressão começa a ficar desconcertada.

— *Puts, ele não fez isso.*

— *Desgraçado!* — Tapo os olhos e começo a pensar em diferentes formas de desovar um corpo.

— Ele não apenas te convidou para o casamento dele, como quer te contratar para fazer o *buffet!* Amiga, esse cara tem culhões.

— Ele *tinha* culhões — rosno e tomo o envelope das mãos dela. — Eu mesma irei arrancar! No dente!

— Que carnívora a minha amiga, depois me conta se essa dieta emagrece — Emms debocha.

— Me diz, o que eu fiz de errado?

Emmanuelle levanta a sobrancelha loira e me inquire com o olhar se eu quero mesmo que ela fique mais ou menos três horas dissertando toda a minha odisseia de erros com Samuel.

*Não, eu não preciso disso agora.*

— Aonde você vai, sua louca? Precisamos ir para a loja! — Ela tenta me puxar pelo braço.

— Eu vou me preparar psicologicamente para ir a esse casamento.

— Você vai mesmo? Só um instantinho, vou ligar para um bom psiquiatra — ela se afasta e tira o celular do bolso. — *Será que eles ainda usam camisa de força hoje em dia?* — Emms pergunta para si mesma.

— Eu vou destruir o casamento desse desgraçado! — rosno.

# Capítulo 1

*Anne Moore*

Há dois anos Emmanuelle, Luna e eu moramos em Miami, numa casa bastante espaçosa. Emms e eu nos formamos em gastronomia e viemos para cá começar o nosso negócio de *buffet* para casamentos, formaturas e eventos no geral. Luna, uma brasileira super *caliente* e cheia de simpatia e entusiasmo se juntou a nossa jornada e assim o pequeno negócio gastronômico se tornou uma pequena agência de eventos para todos os públicos.

Não estamos ricas ainda, mas já podemos pagar o aluguel, hipoteca, as contas e mais algum *karma* que apareça durante o mês.

O *karma* da vez se chama Samuel Griffin. O cara por quem eu sempre fui apaixonada, desde o colegial.

Eu sabia que tudo isso estava sendo fácil demais e esse conto de fadas me iludiu de verdade. Acreditei que o final feliz vinha, quando na verdade o que veio foi só o final. E nesse conto de fadas a *princesa-trouxa* acaba infeliz.

— Sai da cama! — Luna agarra o meu pé e me puxa. Há três dias ela quer porque quer me tirar da cama.

Uma mulher adulta não pode mais ficar três dias na cama ouvindo Evanescence até desidratar?

— Eu preciso de um tempo!

— Sabe o que você precisa, Anne? Parar de ouvir música para cortar os pulsos.

Agarro-me à cabeceira da cama de madeira, uma verdadeira raridade no meio das camas supermodernas e Luna não desiste em querer me arrancar do meu porto seguro.

— Emms!!! — Luna grita desesperada e não tarda até que a outra invada meu quarto, agarre o meu pé e comece a me puxar.

— Vocês vão quebrar a minha cama! — reclamo.

— Vai ser para o seu próprio bem, sai daí! — Luna finca as unhas no meu tornozelo.

Solto um grito de desespero e solto as mãos por reflexo e assim caímos nós três no chão. Emms toda formal com camisa social e saia preta até o joelho, um salto no pé e o outro no corredor. Luna de *cropped* e calça jeans. E eu toda de moletom rosa, até parece que estou empacotada para a páscoa.

Olhamos, enfurecidas, umas para as outras, prontas para nos matarmos. Mas aí começamos a rir feito três idiotas que somos e nos abraçamos.

— Amiga, estou tão preocupada com você — Luna segura a minha mão. — Você nunca foi assim. Você é cheia de vida, ilumina qualquer lugar por onde passa, te ver nesse estado me deixa triste...

Abaixo o rosto e suspiro. Nunca tinha parado para pensar que ela me enxergava de modo tão positivo. Amaciava meu coração saber que além de sócia, Luna me via como uma boa pessoa.

*Por que Samuel não me via como uma boa pessoa? Ou a pessoa certa?*

— Eu preciso de um tempo.

— *Quanto tempo, amiga?* As contas não se importam se você precisa de um tempo. Nem os eventos que precisamos fazer. Você é a nossa *chef*, ninguém lidera a cozinha igual você!

— Obrigada, Emms.

— Não é um elogio, sua vaca. É uma repreensão: se você não voltar e liderar, nós vamos perder uns contratos. Preciso ser direta contigo: eu prefiro deixar de atender nossos clientes do que fazer um serviço meia boca!

Concordo. Incrível como até nisso pensávamos igual.

Curioso como a vida é, não é? Desde que viemos morar em Miami e conseguimos alugar essa casa, mal tivemos tempo para ficar nela e apreciar o conforto, o ambiente, a paisagem... sequer conhecíamos nossos vizinhos!

Sempre saímos bem cedo para nossa loja/escritório e voltamos tarde. Do que adianta morar em um lugar supervalorizado como esse e não aproveitar?

— Só preciso de mais uns dias ouvindo os pássaros cantarem na janela... — fico de joelhos e me preparo para levantar.

— Acorda para a vida, você não é a Branca de Neve, flor. Deixa para escutar os pássaros cantarem na janela da cadeia quando você um dia, queria Deus que não, usar o réu primário — Luna diz entre o deboche e a seriedade.

— Não mudei de ideia — digo resoluta. — Eu vou para esse casamento.

— Então cobra mais caro desse cafajeste para dar a festa dos sonhos dele... — Emms diz como uma verdadeira mulher de negócios.

— Mas se você vai fazer a festa e destruí-la, não é meio que quebra de contrato? — Luna me ajuda a subir e nós duas seguramos nas mãos de Emms e a puxamos para cima.

Temo em concordar. Ainda assim, darei o ar da graça naquele casamento. Chegarei ao estilo Malévola, só que convidada. Até treinei o meu sorriso de vilã no espelho.

— Acho que ela está tendo um derrame... — Emms murmura.

— Amiga, para de rir igual uma psicopata! — Luna bate em minha mão.

Faço uma careta ao sentir a batida e antes de respondê-la, agarro as duas pelo braço e as puxo com força para baixo.

— Meu Deus! — Luna reclama e fica de cócoras. — O que deu em você?

— Annelise, eu vou te levar ao psiquiatra à força! — Emms se solta também.

— Vocês já viram quem mora ali ao lado? — olho de uma para outra.

— *Quem?* — Luna ergue a cabeça até a janela. — *Santa mãe de Deus!* — ela se anima no tom e eu a puxo de volta.

— Do que vocês estão falando? Eu lá tenho tempo de ficar olhan... — Emms vai dizendo enquanto se levanta e quando pode ver nosso vizinho pela janela, ela rapidamente se abaixa e me encara, os olhos azuis arregalados. — Aquilo não é um pau, é um pincel. E eu tô pronta pra ser a obra de arte!

— *Pincel?* — Luna segura com os dedos no apoio da janela e sobe até ter a visão. — *Marreta*, você quis dizer — ela suspira e já começa a se



abandar. — Esse cara é o nosso vizinho? Como que eu nunca vi essa obra prima?

— É o que eu estou tentando dizer! — Me levanto aos poucos para espioná-lo. — Moramos aqui há tanto tempo, mas nunca ficamos em casa, só vivemos para o trabalho. Se eu não tirasse *férias forçadas* nunca veríamos esse deus grego.

— Amiga, dessa vez eu preciso concordar com você: *deus grego*. Samuel é um esboço de homem comparado com esse macho alfa! — Emms chega a lambar os beijos.

— Eu vi primeiro! — belisco ela.

— Ah, então é por isso que a bonita está trancada aqui no quarto, não é? E eu pensando que você estava pronta para se jogar no precipício, mas você já quer se jogar em outra coisa, não é, dona Annelise Moore? Só espionando o vizinho! — Luna me provoca.

Na verdade, eu estava só curtindo minhas crises de insegurança, tristeza e impotência. Pensando se eu não era bonita o suficiente, inteligente o suficiente ou moderna o suficiente... pelo visto, para Samuel, não.

Ele me enganou. Vai se casar em breve e ainda teve a cara de pau de me convidar para seu casamento e ainda me colocar para trabalhar!

Eu sei que sou *a outra* na história, mas me sinto enganada e irritada!

Mas falemos, por favor, desse deus grego – ou nórdico – com martelo e tudo. É o terceiro dia que o vejo e por Deus, ficaria mais umas semanas olhando sem enjoar.

Nosso querido vizinho é um homem de encher os olhos: a barba por fazer e as sobrancelhas grossas chamam atenção, sim. O peitoral largo, todo demarcado e com tatuagem também causa um suspiro imediato, é claro. Se

de pé ele tem mesmo aquele tamanho, acho que nem preciso me ajoelhar para...

— Anne! — Luna me belisca.

— Ai! — belisco de volta. — O que foi?

— Amiga, mas ele está transando com aquela mulher com a janela aberta? Meu Deus! — Luna arregala bem os olhos.

Nós três dividimos o mesmo olhar: *quem não queria ser aquela mulher?*

O homem simplesmente a jogou contra a parede e subiu a perna dela em câmera lenta enquanto deu uma lambida caprichada dos seios até o pescoço.

— *Ele é bom* — Emms me cutucou.

Fez a mulher ficar de quatro e implorar para ser fodida. No lugar dela eu ficava de joelhos, de quatro, de oito, até origami com o próprio corpo eu faria só para ver ele avançar em mim e acabar comigo.

— Vamos pegar uma cadeira? Ou uma almofada? — pergunto.

— Ah, ele demora? — Luna cresce os olhos novamente.

— Até a mulher não conseguir levantar da cama. Foi assim com umas cinco, pelo menos...

— *Cinco???* — as duas perguntam juntas.

— Isso, falem mais alto que ele ainda não ouviu — dou um tapa no ombro das duas. — Vocês não têm que ir para o trabalho não? — Cruzo os braços.

— Então aquela não é a mulher dele? Poxa, já estava com inveja da coleguinha. Mas agora vi oportunidade! — Luna esfrega uma mão na outra.

— Eu sou a primeira da fila, vou logo avisando!

— Será que ele é garoto de programa? Ou stripper? Olha, amiga, por julgar pelo corpo, esse homem deve ser profissional mesmo e...

Ela para de falar imediatamente.

O vizinho sacana sobe a mão pelas costas da mulher e após agarrar o cabelo dela com força e puxar como se fosse o cabresto de um cavalo, ele praticamente dança enquanto mete nela.

— *Segunda!* — Emms levanta uma mão, com a outra se abana.

— Agora me escutem aqui vocês duas. Nem primeira nem segunda. Eu estou aqui nessa janela há três dias espiando o gostosão porque ele será meu por uma semana.

— Que gulosa! Uma semana?

— Vou levá-lo para o casamento do Samuel — digo resolvida.

Se antes eu tinha dúvidas desse plano, agora eu sabia o que fazer. Aquele homem que eu nem sabia o nome era de parar o trânsito e fazer qualquer mulher ficar encharcada. Eu que não seria imbecil de perder a oportunidade de chegar no casamento do canalha do Samuel ao lado daquele monumento.

Estragar o casamento dele? *Que nada.* Eu ia estragar era a cabeça dele mostrando quem foi que saiu ganhando nessa história!

— Sim, sou eu — Emms sorri com gentileza e muda o celular de posição. — Eu gostaria mesmo de marcar a consulta para aquela minha amiga que perdeu o juízo... não, ela ainda não concorda, mas se vocês me fornecerem uma camisa de força, eu mesma...

Tomo o celular da mão dela e desligo.

— Para de palhaçada! Eu estou bem! Eu só quero me vingar!

— Desculpa, amiga, mas levar essa delícia para o casamento do “ops, gozei porque você é muito gostosa” ao invés de estragar o *buffet* do cara e manchar nosso nome no mercado, parece mais sensato, não acha? — Luna diz para Emms.

Emmanuelle não concorda de início, mas a contragosto acaba aceitando.

— Mas depois de usá-lo no casamento eu posso sair com ele? — Emms pergunta. — Amiga, se eu sentar naquele homem eu fico cinco dias fora do trabalho com atestado médico por não conseguir andar, por favor! — ela suplica.

— Sua doida, você é a sua própria chefe, não precisa de atestado! — replico.

Emms segura nas laterais da minha cabeça e me força a olhar para a cena. É hipnotizante. Não é o tipo de coisa que se olha e se segue a vida. Não dá para esquecer. Parece que foi todo desenhado e projetado para o meu prazer.

— Ok, eu também vou querer dezessete atestados — me rendo.

# Capítulo 2

*Anne Moore*

Lá está ele. Mais uma vítima acaba de sair do seu matadouro.

O vizinho delícia abre um sorriso encantador, de fazer a respiração parar. Ele escora o corpo na porta da mansão e acena para a coroa que entra no carro do ano e se atrapalha toda para dar a partida.

*Eu também me atrapalharia.*

Para provocar, ele abre um pouco o roupão azul marinho, mostrando aquele peitoral volumoso e definido, já consigo imaginar o cheiro daquela pele bronzeada e untada no óleo. *Que cafajeste!* Continua a sorrir feito o diabo, desce um pouco mais o roupão para mostrar o abdômen trincado, esse cara sabe que é a perdição.

E eu quero me perder naqueles braços até minha foto aparecer nos “desaparecidos”.

Assisto a sortuda tentar colocar a chave no carro duas, três, quatro vezes, todas em vão.

Ela abaixa os óculos escuros, respira fundo, aparentemente de pernas bambas e enfim consegue dar a partida, o carro começa a se mover.

O vizinho sobe todo o roupão, cobre bem aquele tanquinho, os braços torneados e parte do peitoral e dá meia volta para entrar. Antes de fazê-lo, porém, nossos olhos se encontram.

Ele, o desinibido, gostosão, tatuado e eu com uma xícara de café, toda babada e desconcertada assistindo aquela obra de arte respirar.

O sorriso dele me faz sorrir. Acabo tentando engolir o café e nessa simples ação eu engasgo, cuspo no vidro da janela o líquido escuro e começo a tossir feito uma louca.

— Pronto, agora ela se afoga até no café! — Emms reclama, abaixa o *tablet* onde a página inicial do *New York Times* apresenta as notícias do dia e se levanta para vir me ajudar.

Emms ainda é capaz de ver o vizinho curioso e preocupado de longe, sua sobrancelha grossa levantada, ele tenta espiar o que houve, mas eu puxo as cortinas da janela.

— *O que foi agora?*

— Ele é bonito demais para mim — choramingo.

— Isso aí, Annelise! Autoestima antes do fim de semana começar é t-u-d-o!

— Para de me chamar de Annelise, só a minha mãe me chama assim — faço um bico.

Coloco a xícara de café em cima da pia e pego um pano para limpar a bagunça.

— Ah, vocês formam um belo par. O importante é chegar lá, fazer ciúmes no Samuel e pronto.

— Mas como eu chego nele, amiga? O que eu digo? Não sei nem o nome do nosso vizinho!

O olhar que Emmanuelle me dirige mostra que ela não está em um bom dia para aguentar meus surtos.

— *Olá, tudo bem?* — ela diz toda sensual e atrevida, move os ombros enquanto se aproxima de mim. — *Eu me chamo Anne, sou a sua vizinha. Como trabalho bastante, nunca te vi por aqui. Posso entrar? Trouxe esses biscoitos maravilhosos. Eles são deliciosos. Ficam ainda mais se você os comer em cima de mim* — ela balança os peitos enquanto se aproxima o suficiente para me deixar em estado de choque. — *Pega esses biscoitinhos, vai* — ela continua a balançar os peitos.

— Ok, chega. Você deveria ser roteirista de pornô e não minha sócia.

— Sou multitalentos, flor — Emms gira o corpo e joga os cabelos na minha cara.

— Vou focar no dinheiro. *Olá, preciso de um namoradinho de mentira para fazer ciúmes no canalha do meu ex que me iludiu, me prometeu o mundo e mentiu para mim e vai se casar em breve. Que tal dez mil dólares para passar uma semana comigo e infernizar esse desgraçado?*

— *Dez mil dólares?* — Emms levanta a sobrancelha.

— Dez mil dólares — devolvo. — Está muito alto? Exagerei?

— Amiga, olha bem para aquele homem! — ela se levanta, quase traz a mesa, a garrafa de café e a cesta de frutas junto. Escancara a cortina.

Vemos o delícia cremosa só de short no jardim. Ok, o peitoral é lindo, mas foquemos naquelas coxas e pernas. Esse não é um homem corneto que vai afinando cada vez que seu olhar desce... esse homem foi esculpido, de verdade.

Pernas firmes, coxas grossas, a bunda toda empinada e o volume na calça meio que atrai a atenção de imediato; e a cada segundo que ele para numa pose, parece exalar testosterona.

Ele ri bobamente, o sorriso mais lindo do mundo. Os olhos se curvam numa felicidade plena, as covinhas no rosto ficam aparentes mesmo de longe, me sinto até entusiasmada só de ver.

— Esse homem deve cobrar cinco mil dólares a diária, sua louca. Dez mil dólares? No máximo ele passa dois dias contigo! — Emms tenta voltar para a mesa, mas sua atenção fica ali com aquele show de vizinho.

Fecho a cortina de forma ríspida e a encaro.

— Então vamos ter que cobrar muito mais caro para fazer o *buffet* desse casamento — empino o nariz. — Na carta ele diz que seria bacana chegarmos antes e prepararmos refeições para os convidados que forem chegando durante a semana... quanto acha que deveríamos cobrar?

— Olha, Anne, eu sei que você pediu para eu não buscar muito a fundo nessa história, mas...

Reviro os olhos. *Merda. Ela vai dizer algo que vai me deixar insegura, eu sei.*

— Samuel vai se casar com uma mulher cuja família é bilionária. Dona de uma empresa poderosíssima. E ela é linda, pronto falei.

*Viu? Eu sabia! Eu sabia!*

Antes que eu comece a surtar e volte para o quarto para passar o dia inteiro com o pote de sorvete, bolachas recheadas e pizza, Emms se levanta, me agarra pelos ombros e faz aquela expressão que é o prenúncio do tapa na cara.

— A boa notícia é que podemos pedir um valor bem alto. E com a sua porcentagem você paga o seu acompanhante — ela levanta as sobrancelhas de modo sinuoso. — E depois me diz o quanto ele cobra.

— Certo — digo completamente aérea.



— *Agora vai.*

— *Vai? O quê?* — pouso no chão e já fico em estado de alerta.

— Vai lá fazer a proposta para o vizinho! Anda! Quanto antes você resolver isso, você retorna ao trabalho!

— Mas, Emms...

— Você está há cinco dias espionando ele. Cinco dias. Quantas mulheres diferentes você viu sair daquela casa? — ela inquire.

— *Nove.*

Emms faz uma expressão que diz: *não preciso dizer mais nada.* Ainda assim, ela completa:

— Já sabemos que ele é muito requisitado! Então corre e vá marcar uma semana na agenda dele e tente barganhar o melhor valor!

— Eu preciso tomar um banho — olho de um lado para o outro e tento me lembrar onde é o banheiro, onde ficam as escadas, onde é o meu quarto.

Nesse frenesi todo, derrubo o pote de açúcar no chão e dou um tapa no meu rosto.

— Pode deixar aí, depois eu limpo isso, eu juro! — digo sem ar e começo a andar de um lado para o outro. — Meu Deus! Não fico tão nervosa desde que Samuel me chamou para sair pela primeira vez!

— Rápido, amiga! Depois da *Sweet Show*, esse é o melhor investimento que você já fez na vida! — Emms ri nas minhas costas.

\*

Tomo o meu banho de modo caprichado, arrumo bem os cabelos para dar-lhes volume e passo uma maquiagem bem neutra.

Fico meia hora tentando decidir a roupa que usarei, mas Luna e Emms quase arrombam a porta do meu quarto. Então na pressão, coloco uma saia preta acima do joelho e uma blusa amarela que consegue modelar o meu corpo, deixando a comissão de frente ressaltada e a cintura modelada.

— E aí? — Saio do quarto esbaforida. Parece que corri uma maratona lá dentro, mas foi só a pressão, ansiedade e nervosismo.

— Parece uma colegial virgem que vai seduzir o professor gostosão. Adorei, vai lá fisgar o boy! — Luna fecha os punhos e faz sinal de comemoração.

— É... boa sorte... e cuidado para essa saia não lentar tanto, senão... — Emms me lança um olhar acusatório.

— Ok — respiro fundo, termino de amarrar o cadarço do *all stars* e coloco a mão na maçaneta da porta. — *Talvez não seja uma ideia tão boa assim* — desisto e corro para as escadas.

— Ah, agora você vai! — Emms vem em meu encalço e me impede de fugir.

— Eu também quero ver! Vamos! Tá na hora de parar de ser a Anne chorona e ser a Anne guerreira que vai deixar o Samuel enciumado e arrependido de ter te trocado! — Luna rosna.

Ok, agora estou um pouco mais confiante. De cabeça abaixada volto para a porta de entrada da casa.

— Mas e se ele...?

— Vai! — As duas me empurram e fecham a porta na minha cara.  
— Só pense nos dias que vai ficar sem andar depois de uma noite feliz! —  
elas dizem às gargalhadas.

— Meu Deus! — suspiro.

Olho para o céu que anuncia o ocaso e passo as mãos pelos braços. Agora essa blusa parece muito menor do que deveria e a saia me deixa atormentada, pensando que qualquer ventinho seria capaz de me envergonhar.

Normalmente eu vou para a academia com saias assim, mas pelo menos coloco um shortinho embaixo. Agora não. Estou só de calcinha e saia, e de fato, não consigo pensar em outra coisa, senão que pareço uma adolescente entrando na universidade e tentando seduzir o professor gostosão.

Quando menos percebo, já estou diante da mansão dele. Não há muros, apenas uma cerca branca da altura da minha cintura e a frente toda gramada, muitos vasos, com plantas, flores e terra. Alguns buracos no chão também.

Entro, vou até o arco majestoso da frente da casa dele e antes de tocar a campainha o meu dedo treme.

*Eu deveria?*

Estou muito tensa. Não sinto essa sensação desde que Samuel correspondeu aos meus interesses e me deu o primeiro beijo. É gostoso, mas é estranho. Esse frio na barriga, essa sensação de medo e excitação... pensei que deixaria isso para trás quando fosse adulta, mas pelo visto, é algo inerente da situação.

*Eu quero muito...*

*Mas não sei se devo...*

Respiro fundo e rio da minha própria loucura.

Que ideia maluca! Melhor deixar para lá!

Desisto de tocar a campainha e me viro para ir embora.

Nesse simples movimento, ouço o som da porta de madeira se abrir. Em seguida ouço os passos dele. Viro-me para vê-lo, buscando uma boa desculpa para estar ali e nisso ele avança, sem me ver, pois está olhando para dentro da casa e esbarra em mim.

Solto um grito e me agarro com força, as duas mãos no braço dele.

O vizinho gostoso, e muito gentil, diga-se de passagem, larga o saco preto no chão, limpa a mão na calça jeans e me puxa pela cintura para que eu fique de pé. Mas não sei se é pela força dele ou pela minha leveza – ou talvez pelo magnetismo, quem sabe, não é? –, eu me jogo nos braços dele.

*Que delícia.*

O homem não é só um gostosão, ele cheira bem. O perfume é quente e leva meu coração à mil. Sinto tudo em mim se aquecer: as maçãs do rosto, o pescoço, os seios, entre as pernas... até o cérebro ferve dentro da cabeça.

— *Opa!* — ele me abraça contra o corpo e ri, abaixa o rosto e encosta o queixo no topo da minha cabeça.

*Que encaixe, senhoras e senhores. Que encaixe.*

Se eu sentar nesse homem, nem o rei Arthur me tira dele!

Se o ditado é verdadeiro e toda a panela tem a sua tampa, eu quero essa tampa aqui.

Ele me envolve por horas, é o que sinto. Mas na verdade não passa de dois segundos, no máximo.

Então me afasto, desengonçada e rindo de nervoso.

— Oi — passo a mão pelo cabelo e o jogo para trás, pisco os olhos mais do que alguém sem derrame faria.

— Oi — ele diz.

*Pronto, pago cem mil. É cem mil que você quer para me levar às nuvens? É cem mil que vou colocar na sua conta, docinho.*

— Desculpa, eu estava meio distraído e não te vi — ele cruza os braços e sorri.

A cor da pele dele, bronzeada assim, é uma tentação. Ele dever ir muito à praia, talvez seja até surfista, por esse corpo tão bem trabalhado. Mesmo as roupas não conseguem esconder os músculos, o porte e, claro, a postura.

Esse homem tem cara de que não vale um dólar. E eu aqui, louca, quero oferecer cem mil.

— Tudo bem — tento não rir de nervoso. — Eu sou Anne, sua vizinha — aponto para a casa ao lado.

Ele ergue a sobrancelha, olha na direção da minha casa e assente. Parece que me reconheceu.

Pelo olhar que me direciona e o sorriso sacana, deve estar se lembrando da cena do café cuspidor na janela. Meu Deus, que vergonha.

— *É claro* — ele diz. — *Kaleb* — ele estende a mão e eu a aperto sem pensar duas vezes. — *Seu vizinho. Ao seu dispor.*

*Que mão. Que aperto. Que firmeza.*

Eu disse anteriormente que fiquei aquecida? *Aquecida* não é bem a palavra. *Pegando fogo* pode chegar perto do que estou sentindo. As minhas

orelhas queimam, a respiração fica entrecortada e eu levo a outra mão para massagear o dorso da dele.

Por um segundo não consigo desvencilhar o pensamento dessa mão tão firme me fazendo uma massagem nas costas... quem sabe dando uns tapas em minha bunda? Ou até mesmo apertando o meu pescoço...

— *Anne?*

— Sim?! — pisco os olhos.

Ele sorri, mostrando aqueles caninos afiados, os dentes bem enfileirados e branquinhos. Os lábios grossos formam um sorriso convidativo. Será que já podemos pular para a parte das apresentações e ele pegar no meu peito? Porque se eu continuar aqui mais um minuto eu aperto o dele. E ainda o beijo na boca.

— Conte-me a honra de recebê-la aqui em casa — Kaleb diz.

Ele tem ar de homem de negócios, ocupado e requisitado, tem postura séria, porte de macho alfa. Mas é tão leve no modo que fala e me encara, parece descontraído e cheio de vida! Não consigo ficar sem sorrir e mexer no cabelo.

— Então... eu... *hum... queria saber quanto você cobra?*

Ele fica interessado. Levanta a sobrancelha e entreabre os lábios.

— *Para me deixar de atestado médico* — solto.

Ele sorri de um jeito sacana e aponta o indicador para mim.

— Mas eu não sou médico — Kaleb contrapõe.

— Não, não é isso, você não é o médico, você vai me deixar... não, espera... — me curvo e seguro nos joelhos enquanto respiro e tento parar de rir. — *Espera...* preciso de um segundo para organizar os pensamentos.

— Tudo bem — ele diz de imediato. — Vou levar o lixo para fora, enquanto me acompanha, você pode organizar seus pensamentos — ele diz e fecha a porta da casa.

*Hum... pelo visto não tenho permissão para entrar em seu mundo proibido, não é, Kaleb?*

— Certo, eu te ajudo — pego uma das sacolas pretas no chão e o acompanho.

# Capítulo 3

*Anne Moore*

Luna e Emmanuelle quase pulam em cima de mim quando retorno para casa. Tudo o que eu faço, entretanto, é abaixar a cabeça e seguir o meu caminho de volta para casa.

— E aí? O que o vizinho delícia disse da sua proposta? — Emms gruda em meu braço.

Luna fica do outro lado e me acompanha.

— Não quero falar sobre isso — respondo.

— Ah, Anne, desembucha! Não pode ter sido tão ruim!

— Foi — digo desanimada e ainda assim elas não desgrudam de mim.

— Você ofereceu quanto dinheiro a ele? Não é possível que ele tenha se negado! — Emms começa a levantar o tom de voz, mostrando sua indignação. — Quem ele pensa que é? Só porque ele é bonitão acha que pode se sentir superior?

— *Acho que pode* — Luna murmura, sem graça.

— O não eu já tinha, meninas. Eu fui buscar a humilhação — lamento e recebo o abraço das duas. — Esqueçam esse plano idiota de destruir o casamento do Samuel — choramingo.

A indignação de Emmanuelle rapidamente se esvai e agora ela transpõe empatia com os grandes olhos. Me abraça com força e não para



de repetir que vai ficar tudo bem.

— Eu só preciso aceitar que não era amor. Ele estava me usando, se aproveitando de mim. E ainda ri da minha cara ao tentar nos contratar para *servi-lo feito um rei* no casamento. Deixem isso para lá. Amanhã eu retorno ao trabalho e deixo isso para trás.

— Amiga, você parece muito derrotada. Nunca te vi assim — Luna segura em minha mão e me abraça forte também.

— Leve o tempo que precisar para se recuperar, flor. Vamos segurar as pontas por você, sim?

— Tudo bem. Vou me esforçar.

— Mas o que o gostosão disse? Ele te xingou? Te tratou mal?

Respiro fundo e fecho os olhos.

— Não, não... foi bem pior...

### *Um dia depois*

### ***Kaleb Petterson***

Confiro a temperatura da água com o termômetro e volto a assistir Jacob Cooper, um dos meus melhores amigos, se desmanchar de tanto rir. O cara simplesmente não consegue manter a compostura, está se divertindo como nunca vi.

— Você é o meu herói — ele faz uma reverência bem demorada. — Você é o cara! O bicho! — ele termina a frase me aplaudindo.

Escoro-me na bancada e cruzo os braços. Ergo a cabeça em algum momento só para conferir se a vizinha está bem.

— Que cara é essa, Kaleb? Qual é a sua próxima vítima? A vizinha?  
— Jacob tenta dizer entre as risadas.

— Ah, a vizinha é bem simpática, veio aqui ontem, até me ajudou a levar o lixo para fora — ergo a sobrancelha e espero algum sinal dentro da casa, mas parece que não tem ninguém lá. — Ela veio por algum motivo, mas quando estávamos indo tirar o lixo...

— O quê? O que houve? — ele diz impaciente após alguns segundos de silêncio.

— Ela não enxergou a cerca e tropeçou. Ainda bem que a sacola de lixo amorteceu a queda, senão ela iria se ferir.

— Caralho...

— É. Eu a peguei no colo e a trouxe até a varanda e pedi um segundo para pegar uns lenços umedecidos para limpá-la, porque ela ficou com um cheiro estranho... e eu não queria deixá-la entrar para não incomodar o Nicolas, você sabe como ele fica nervoso quando se depara com pessoas novas...

Jacob concorda de imediato e aponta para o fogão. Retorno a ele e meço a temperatura e dessa vez está ideal, do jeito que o Nicolas gosta.

—... quando retornei para a porta, ela já não estava lá. Estou realmente preocupado com ela e vou lá conferir se ela não se machucou. Só não fui ontem porque precisava passar um tempo com o meu pequeno.

— Você é o pai do ano, meu amigo — Jacob limpa as lágrimas de tantas risadas e recupera a compostura. — E o pior filho do ano também. Eu quero ver a cara do seu pai quando ele descobrir que você literalmente fodeu com...

— *Sh!* — o repreendo com o olhar. — Não use esse palavreado aqui em casa, não quero meu filho escutando isso.

Jacob levanta as mãos em sinal de que foi pego em um delito e isso não vai se repetir.

— Vou ver se ele está lá em cima, já volto.

Chamo por Nicolas por toda a extensão da mansão, mas ele não se encontra em lugar algum. Não está em nenhum dos quartos, na biblioteca, sua sala de brinquedos ou em qualquer outro cômodo.

— Cadê o meu sobrinho? — vejo Jacob preparando o achocolatado de Nicolas, quando volto à cozinha. — Isso aqui vai esfriar e ele só toma se estiver na temperatura certa.

Lanço um olhar que diz “eu, mais do que ninguém, sei disso” e olho pelas janelas para procurá-lo pelo jardim da parte interna.

— Você deixou alguma porta aberta? — saio marchando para o hall de entrada, confiro todas as janelas e por fim vou para o lado de fora.

Nicolas não está em canto algum.

— Cadê ele? — Jacob traz a xícara marrom, enfeitada com antenas e olhos. — Isso vai esfriar.

— Esqueça essa merda! Eu preciso achar o meu filho!

Corro em direção à rua e começo a procurá-lo por todos os cantos.

***Anne Moore***

Eu já estava pronta para ir ao escritório e colocar a vida em dia.

*Estava porque quando abri a porta dei de cara com um garotinho que não deveria ter mais de cinco anos. Cabelos castanhos, olhos azuis bem grandes e o rosto um tanto que familiar...*

— Se você está vendendo biscoitos, eu não... — digo no automático, mas ele não me escuta.

Ele ajeita o que parece um grande fone de ouvido, que praticamente cobre suas orelhas e as laterais do seu rosto e segura uma lupa com a mão direita. Invade a minha casa sem cerimônia e sai andando como se tivesse certeza do que está fazendo.

— *Ei! Quem é você? Você não sabe que é proibido invadir propriedade privada?*

Assisto, abobalhada, o garotinho andar curvado para frente com a lupa bem defronte ao rosto. Ele simplesmente para em algum lugar da cozinha.

— Mais essa agora, meu Deus...

Mantenho a porta aberta e vou em sua direção, ainda sem entender o que está acontecendo.

— Quem é você? Qual o seu nome? Onde estão os seus pais? Você não sabe que entrar na casa de desconhecidos sem pedir permissão é feio?

O garotinho levanta o rosto em minha direção, a lupa aumenta um de seus olhos. Em seguida, como se não soubéssemos falar a mesma língua ou como se simplesmente ele não tivesse dado a mínima para nada do que eu disse, ele voltou a se curvar.

— Você é o quê? Da vigilância sanitária? Vai ficar olhando para o meu...

Paro imediatamente de falar e reparo no açúcar! No maldito açúcar que eu derrubei, junto com o pote!

Ao notar os cacos de vidro no chão, imediatamente pego o garotinho no colo. Ele se debate em meus braços e começa a emitir ruídos estranhos. Sento-o no sofá e o fico no campo visual da criança para conversar com ele.

— Você pode se cortar. Eu vou limpar aquela sujeira e... — Paro de falar quando ele deixa a lupa em frente à minha boca.

Ok, isso está sendo um pouco estranho, até mesmo para mim que na noite anterior ia pedir pro vizinho, que eu não conheço, ir destruir um casamento comigo.

—... bem... fique aqui, não quero que se machuque. *Onde estão os pais desse menino?* — olho ao redor, preocupada.

— *Fomigas* — o garotinho diz.

*Ah! Ele sabe falar!*

— O que você disse? — me agacho. Na esperança de que ele diga o nome do pai ou da mãe para que eu saia gritando a plenos pulmões na rua.

— *Fomigas* — ele coloca a lupa em frente ao olho azul que, já não bastasse ser grande o suficiente, fica rico em detalhes na lente.

— “*Fomigas*”? — pergunto, sem entender bem o que ele quer dizer.

O pequenininho põe os pés no chão e sai saltitando até a cozinha, onde o açúcar está espalhado pelo chão. Corro para tirá-lo de lá, tudo o que eu menos preciso nesse momento é uma criança ferida.

— *Ah!* — ao olhar para onde ele aponta o dedo eu entendo o que ele quis dizer. — Formigas! — aponto também e olho para ele.

O pequeno levanta o rosto para mim.

— *Fomigas* — ele diz e faz menção de se abaixar.

— *Não, não, não!* — Eu o impeço. — Espere, eu preciso limpar o chão! Você pode se cortar com os cacos de vidro, não quero que se machuque!

— *Fomigas* — ele contrapõe.

Tudo bem, excelente argumento, uma retórica realmente invejável.

Balanço a cabeça com certa sutileza de uma manada de elefantes correndo para cima de um jacaré e corro para buscar pá e vassoura para tirar os cacos dali.

O menino me assiste, quieto. Volta a fazer alguns barulhos como se estivesse muito irritado quando percebe que ao tirar os cacos, também estou retirando parte das formigas. Mas o que ele quer? Que eu deixe elas ali para sempre?

— Tá bom! Tá bom, olha só... — vou tirando os pedaços de vidro um a um da pá e devolvo o açúcar e as tão amadas *fomigas* ao chão.

Ele para o que está fazendo e aponta a lupa para os pequenos insetos e parece se distrair.

Que *hobbie* estranho esse garotinho tem...

Termino de limpar os estilhaços do pote de vidro e não termino essa simples tarefa sem me cortar. Não sei se fiquei distraída vendo o menininho observar o trajeto dos insetos, no quanto ele parecia fofo e ao mesmo tempo distante de mim, não respondia ao que eu perguntava, não falava outra coisa além de “*fomigas*”...

— Você não vai mesmo me dizer...? — antes de terminar a frase fui interrompida. Meu coração quase saiu pela boca e eu comecei a tremer.

Um homem estranho entrou pela porta da minha casa e avançou até parte da sala, onde me viu de cócoras com o menino. Imediatamente eu o puxei para os meus braços como se pudesse protegê-lo.

*Por que eu não liguei para a polícia, meu Deus?*

*Parece que todo mundo decidiu invadir minha casa hoje...*

— *Eu achei!* — o homem volta para a rua e grita para alguém.

Alguns segundos depois eu caio sentada no chão com o menino em meu colo. Isso só pode ser brincadeira...

— Oi vizinha — Kaleb abre o melhor dos sorrisos.

Ele está suado e visivelmente agitado. Seu cheiro, mesmo nessas condições, é refrescante, perfuma toda a minha casa e parece que o pequeno sente também. Ele vira o rosto e aponta a lupa para o grandão.

— *Fomigas* — o pequeno diz.

Kaleb olha de soslaio para o outro cara que invadiu minha casa agora há pouco e ele vem bem devagar, faz um sinal com as mãos para que eu fique tranquila. Ele se ajoelha e assiste o menininho segurar em meu braço enquanto se curva para o chão e acompanha o trajeto das formigas.

— *Filho* — Kaleb o chama.

*Filho? Ele é o pai do garoto?*

Tudo bem, há uma semelhança inegável, mas eu nunca imaginei que esse delícia ia ter um filho...

— *Nicolas?* — ele o chama mais uma vez, agora pelo nome.

Nicolas afasta sutilmente os fones de ouvido, que agora mais parecem *abafadores de ouvido* e se vira para o pai.

— O que o papai já te falou sobre sair de casa sem avisar?

— *Não pode?* — o pequeno pergunta de um jeito manhoso.

Não sei o pai, mas eu estou com vontade de apertar as bochechas dessa criança e não soltá-lo nunca mais dos meus braços.

— Não pode. O papai ficou preocupado. O papai te procurou por todos os lugares e não te encontrou. O papai achou que tinha perdido você.

Mordisco o lábio inferior ao ouvir tudo isso. Ele não é só um vizinho gostosão, é um cara bacana e que parece se importar com a criança. Ao observar seu estado, presumo que ele correu uma ou duas maratonas para ter chegado aqui.

— *Fomigas* — o menino usa de retórica.

*Quem é Aristóteles comparado ao grande Nicolas das Fomigas? Gênio da refutação, esse menino. Um prodígio.*

— Filho, o papai...

— As *fomigas* vão voltar para casa. E eu vou voltar também, papai. *Mas com elas* — ele diz a última parte e sai do meu colo, mas continua segurando a minha mão.

Eu não entendo nada, só acompanho Nicolas voltar a examinar os insetos, parece que eles são realmente muito importantes para ele e por mim, tudo bem. Principalmente agora que minha casa toda está com o cheiro desse macho suado e ele...

Viro o rosto sutilmente e por reflexo quase o afasto. Mas me esforço para permanecer do jeito que estou.

Sinto a respiração forte de Kaleb em meu rosto, nossos lábios estão a poucos centímetros um do outro. Ele ergue as sobrancelhas e sorri como se não tivesse controle da situação do filho. E eu não tenho controle do meu coração que bate mais forte do que nunca.



— Eu peço desculpas pelo Nicolas. Se ele derrubou ou destruiu alguma coisa, eu pago.

— Ele não destruiu nada, só está fissurado no caminho que as formigas fizeram de algum lugar até aqui.

Kaleb ri. E gostaria de ressaltar que ele faz tudo isso a poucos centímetros da minha boca.

Um ímã invisível parece me puxar para ele. Sua boca carnuda tão perto da minha me deixa sem conseguir raciocinar, e eu só espero por ser puxada e beijada.

— Me desculpe por ontem... eu fiquei envergonhada e... — Conforme meus lábios se mexem até me dão a sensação de que encostam nos dele.

E sabe o que esse cafajeste delicioso faz? Ele sorri.

— Fiquei preocupado com você — ele meneia a cabeça para o lado e assiste o filho. — O Nicolas nunca conversa com estranhos. Estou surpreso que ele ainda esteja segurando a sua mão. Ele realmente odeia qualquer contato humano.

— Meu Deus! Nessa idade e já é antissocial? — Fico tentada a virar o rosto, mas prefiro assim. Com o pescoço dele bem diante de mim e seu cheiro me eriçando.

Kaleb ri gostosamente e se vira de volta para mim. Nossos narizes se tocam com força e nem ele, nem eu fazemos menção de nos afastar. Nossas respirações quentes se encontram e sorrimos praticamente juntos.

— O Nicolas é autista — Kaleb diz.

# Capítulo 4

## *Kaleb Petterson*

Essa mulher é estranha.

Chegou ontem na porta da minha casa e depois sumiu quando entrei para pegar uns lenços para ajudá-la. Ela também não desvia do meu olhar quando estamos tão perto um do outro... e Nicolas que até ontem à noite se mostrava avesso a qualquer contato humano que não o meu, ficou mais de cinco minutos segurando a mão dela.

*Anne*. Uma moça muito peculiar e estranha e que roubou minha atenção.

— Vamos levar as formigas para casa, filho? — pergunto após ajudar Anne a limpar o chão e colocar açúcar e formigas dentro de uma pequena caixa.

Nicolas faz que sim e segura bem firme em minha perna ao me ver pegar a caixa.

— Ela — ele aponta para Anne.

— Você quer que a Anne leve as formigas de volta para nosso jardim? — me agacho e fico bem perto do rosto dele.

— *Anne* — ele diz.

— Estou feliz que agora ele fala até o meu nome! — Anne acena para Nicolas que a assiste, sem emitir emoção alguma, e assim que eu entrego a caixa nas mãos dela, ele sai na frente.

A cada passo ele se curva, examina o chão com a lupa e diz para as formigas:

— Casa! — e aponta para fora.

E assim, em marcha lenta e contando os passos, retornamos para a mansão. O que me dá mais tempo para conversar com a vizinha.

— Você está bem mesmo? Não se machucou sério ontem? — a pergunto.

— Ontem não. Mas hoje... — ela diz bem humorada e mostra o dedo que cortou, pelo visto, há pouco.

— Não deve ser tão grave — paramos e eu seguro em seu dedo. — Assim que chegarmos em minha casa eu higienizo e coloco um curativo.

— Não precisa se preocupar.

— É o mínimo que eu posso fazer.

Anne e eu novamente não paramos de nos encarar. Ela parece querer dizer algo e eu estou bastante ansioso do que pode sair da mulher que enfeitiçou meu filho e até segurou na mão dele por mais de cinco minutos. Nem eu mesmo consigo tal proeza quando ele está acordado, dois minutos é o meu recorde.

— *Casa!* — Nicolas puxa minha calça e aponta ferozmente para onde deveríamos ir.

— Desculpa aí, campeão, paramos só por um segundo, já íamos te alcançar! — respondo de bom humor.

Nicolas vai na frente, a cada três passos ele olha para trás para garantir que o estamos seguindo.

— Sequer poderia imaginar que você teria um filho... — Anne se diverte.

— E eu não poderia imaginar que teria uma vizinha tão encantadora — retruco. — Mas, por que a surpresa?

Ela fica ruborizada e abaixa o rosto.

— Você é tão... *jovem*, para ser pai...

— Ah, tem uma idade mínima agora? — devolvo, com bom humor.

— É, você está certo. Na vida é assim, as coisas acontecem e a gente precisa se virar. — Anne sorri.

— *Você é das minhas* — concordo com tudo o que ela diz.

— E como é ter um filho autista?

Em outra época eu pensaria por minutos para poder responder aquela pergunta. Mas a verdade era só uma:

— *Incrível*.

A reação de Anne foi impagável. E diferente da de todas as outras pessoas que me ouviram dar essa resposta. Afinal de contas, não é todo dia que um promissor CEO que dirige a empresa bilionária da família decide largar absolutamente tudo para não perder um segundo sequer do filho, dos primeiros passos e primeiras palavras, até vê-lo segurar a mão de uma completa estranha em tempo recorde.

— Que lindo! Você é uma caixinha de surpresas, Kaleb.

— Eu sou? — Tive de rir. — Devo ser, sim... mas é realmente incrível. A mãe do Nicolas morreu no parto e eu sou tudo o que ele tem. Então decidi que ele também seria tudo o que eu tenho. E assim vivemos bem, os dois juntos.

A reação de Anne me surpreendeu de fato. Ouvi sermões, cansei de ser repreendido porque estava “jogando fora minha vida e carreira. E a

Forbes? E o meu nome nos 100 nomes mais influentes dos Estados Unidos da América? E o meu legado?”

Estava ali, ó, o meu legado. E depois de estar no topo, sentar com os grandes e conhecer as grandes maravilhas do mundo, posso dizer sem pestanejar: não há nada mais precioso do que aquele garotinho. Ele significa o mundo para mim.

— *Casa* — Nicolas nos vigia passar pela cerca e nos indica onde devemos deixar a caixa.

Anne cuidadosamente a coloca no chão e o meu pequeno encara a vizinha com os olhos bem grandes e chamativos, não diz absolutamente nada, não sorri, não acena. Mas a olha sem piscar por cinco segundos inteiros, porque ela se tornou digna de sua atenção.

E devo confessar, se tornou digna da minha atenção também.

Então ele se senta e devolve as formigas para o lugar certo: o formigueiro. *Ah*, ele também tem um aquário realmente grande de formigas no quarto, na sala de brinquedos e biblioteca. Mas o jardim é a sua parte favorita. Ele não gosta muito de se sujar, detesta areia, lama, a grama ..., mas pelas formigas, esse herói faz qualquer coisa.

— Eu não vou tirar os olhos dele, vai lá cuidar da vizinha — Jacob diz.

Até havia esquecido que ele estava ali. Viro-me em sua direção e com o dedo indicador e do meio abertos, aponto-os para os meus olhos e direciono-os para o meu filho.

— Não deixa ele sair daí — rosno.

— Confia em mim, irmão. Qual foi a última vez que falhei contigo?

— Você quer em ordem alfabética ou por ordem de ódio mesmo? —  
volto a rosnar.

Jacob não trancou a porta e por isso Nicolas saiu, não tem outra explicação. E ele ainda iria ouvir bastante por causa disso!

— Deixa eu ver esse dedo — seguro na mão de Anne e a direciono para dentro de casa. — Não parece ter sido nada, mas vamos limpar isso.

## ***Anne Moore***

Entramos na mansão de Kaleb e sinceramente? Nada desses móveis caros ou a arrumação impecável me interessou. Só ele com a mão forte segurando na minha e examinando o meu dedo com atenção.

Tê-lo assim, tão perto de mim, foi uma sensação acalentadora e me senti bem especial. Até parece que o muro de *desconhecidos* ou *apenas vizinhos* foi derrubado e agora podíamos até nos dar apelidos.

Levei um susto quando percebi que ele ia quase me pegando no colo e me sentando no balcão da cozinha. Me encolhi e me afastei, um tão surpresa.

— Força do hábito — ele balançou os ombros. — Nicolas se machuca bastante e toda vez que pego a mala de primeiros socorros, em seguida o pego no colo e o sento no balcão. *Foi mal.*

— Ah, tudo bem — foi o que eu disse. Mas o que eu queria dizer mesmo era: *pois o que está esperando para me pegar no colo e me sentar no...*

Após higienizar e fazer o curativo em meu dedo, Kaleb escorou os cotovelos no balcão e levantou os olhos penetrantes em direção aos meus.

— Vai me dizer o motivo de ter vindo aqui ontem?

— *Hum... não sei... estou um tanto apreensiva e tensa a respeito disso. E ontem eu caí em cima do seu lixo e fiquei cheirando muito mal* — espremi os olhos e pedi a Deus que um buraco se abrisse no chão para eu entrar, de tanta vergonha.

Ao abrir os olhos, quase dei um salto para trás. Kaleb estava novamente a poucos centímetros de mim. Seu nariz subiu do meu tronco até meus cabelos.

— Está cheirando muito bem agora — ele concluiu e sorriu. Aqueles malditos dentes brancos enfileirados, caninos afiados, um sorriso que certamente chamaria a atenção em capa de revista.

Aliás, Kaleb me parecia muito familiar, mas eu não conseguia imaginar de onde eu o conhecia... ou se era só coisa da minha imaginação mesmo...

— Você também cheira bem — balancei a cabeça positivamente.

O cretino não apenas sorriu. Ele não apenas fez a cara de “*eu sei que você me quer*”. Ele veio para cima de mim e deixou o pescoço à minha mercê para que eu sentisse seu cheiro. *Que maldito!*

O que ele estava achando? Que eu era alguma garota barata? Que cairia nesses *truquezinhos* idiotas? Que eu não me daria ao respeito e iria cheirá-lo?

— Meu Deus, qual é esse perfume? — funguei bem forte no pescoço dele e ainda passei os dedos pela pele. Uma pele macia, quente, tão firme e...

— Não foge do assunto — ele virou o rosto de supetão, o que parecia ser um hábito que ele gostava.

Nossos narizes novamente se tocaram e trocamos um pouco do ar dos nossos pulmões. Agora acho que somos íntimos o suficiente para tomarmos um banho. Será que ele tira minha roupa ou eu mesma faço?

— Você vai me achar estúpida e vai ter medo de mim — comprimi o lábio.

Tive até a impressão de que ele fez um bico para deixar aquela boca carnuda um pouco mais próxima da minha.

É sério, esse homem está fazendo um jogo comigo...

— Eu gosto das malucas. Me conta.

*Ah, ele gosta das malucas? Então ele vai me a-m-a-r!*

— Quero te convidar para um casamento — fui curta e direta.

— Nossa, mas nem me pagou um *drink* primeiro — ele franziu a sobancelha, mostrando-se espantado e ofendido.

— *Não, é que eu preciso de você para...* — já fui logo me explicando.

Kaleb sorriu daquele jeito malandro e deu um passo em minha direção. Sem me tocar com as mãos, apenas guiando-me pelo corpo, ele me pressionou contra o balcão da cozinha e eu tive aquela sensação deliciosa... em que por um segundo você se esquece da língua e fica ofegante a ponto de só saber se comunicar através do toque, gemidos e se Deus quiser e o *boy* colaborar, uns espasmos.

— *Você precisa de mim?* — ele murmurou, praticamente em cima de mim.



— *Preciso. Pro casamento. Mas não vai ser o nosso. Mas se você quiser eu quero* — desatei a falar. Alguém por favor me pare.

Kaleb riu e encostou o braço no balcão e continuou me olhando bem de perto.

— Me conte sobre esse casamento.

— Resumidamente, Kaleb, é o seguinte... *er...* você pode se afastar só um pouquinho? Eu estou começando a suar...

— *É, o dia hoje está mais quente que o comum.*

— Sim... bem... Tem esse cara babaca e o nome dele é Samuel.

— *Samuel.*

Porra! Até dizendo o nome do meu ex (do canalha que fingia me namorar, na verdade) ele consegue ser mais sexy e me deixar molhada e ainda me dá a ilusão de que estou prestes a ter um orgasmo. Eu nem me lembrava como era ter um, mas agora, eu lembro. *Ô se eu lembro!*

— Sim. Ele é um imbecil e brincou com os meus sentimentos. E ainda por cima me convidou para fazer o *buffet* da festa dele.

— O cara tem culhões — Kaleb riu e ergueu uma sobrancelha.

— *Tinha*, porque eu vou lá cortar eu mesma, com os dentes se for preciso.

— *Que carnívora você...* — Kaleb subiu a mão em meu pescoço e lentamente começou a pressionar o polegar em minha boca.

Ok, eu realmente preciso parar de falar. Estou desconcertada, o peito não para de subir e descer e o coração... bem, alguém traga logo os paramédicos, porque eu vou precisar de socorro. Esse homem é o diabo e ele sabe disso! E ele está brincando comigo!

— Se você quiser, *porque eu quero*, vou te levar para essa festa e estragar o momento mais importante da vida dele com essa mulher, que se chama Sabrina.

Kaleb novamente levantou a sobrancelha, mas não parou de se divertir e seus dedos começaram a subir pelo meu rosto. Fechei os olhos e senti sua respiração se aproximando bem devagar.

— *Continua...* — ele pediu.

Como não obedecer a um homem desses murmurando tão perto da sua boca?

— Ela não tem culpa, só quero destruir o psicológico desse babaca e talvez arruinar esse casamento de merda e destruir o meu nome no mundo dos poderosos e nunca mais fazer eventos nem mesmo para formandos.

Silêncio. Ele está aqui ainda, diante de mim, meus olhos estão fechados, mas sinto sua respiração, sua mão e algo bem grande firme lá embaixo roçando em mim.

— Você planejou tudo isso antes de saber que eu tinha filho, não é?  
— ele murmura, a voz bem séria.

— Sim... mas não mudei de ideia. Eu posso te pagar e prometo que você e seu filho ficarão em um bom hotel — eu já joguei todas as fichas logo de cara.

E agora era torcer para ele não me cobrar o valor da cara para entrar nessa loucura comigo. Se é que ele aceitaria uma doideira dessas.

— *Não precisa me pagar, Anne* — sua voz voltou a preencher meus ouvidos e ecoar pelo meu corpo. Os pelos que eu não tinha se arrepiando só podia significar isso.

E o meu nome. O meu bendito nome saindo da boca dele, tão próxima da minha... esse cara pode me chamar de Annelise, Antônia, até Anastácia se ele quiser. Eu estou muito na dele, não vou mentir.

— *Você é muito estranha. E sua proposta é a coisa mais louca que eu ouvi, desde que eu mesmo disse que largaria tudo só para cuidar do meu filho...*

— Acho que somos dois malucos — pensei alto.

— Eu tenho certeza disso — ele disse e senti seu lábio inferior subir do meu queixo até meus lábios.

Kaleb segurou nas laterais do meu rosto e foi se afastando lentamente. *Nada de respiração em meu rosto, nada do seu cheiro invadindo minhas narinas tão de perto, nada de sua voz murmurando para mim e em mim.*

Abri os olhos, atônita e levei as mãos para trás para segurar no balcão enquanto o assistia, de braços cruzados diante de mim, sorrir maliciosamente.

— *Eu topo.*

# Capítulo 5

*Anne Moore*

No centro comercial de Miami, em Downton, fica localizado o escritório que minhas sócias e eu fundamos para realizar eventos.

Ao chegar no *Sweet Show* sou bombardeada com os olhares dos funcionários, como se eu tivesse voltado dos mortos.

*É, amor, eu voltei dos mortos. Mas eu estou realmente ansiosa para ver a cara do Samuel quando eu chegar no casamento dele com o pecado ao lado.*

Atravesso a recepção e a sala da Emms e chego à parte dos fundos onde há a nossa querida e maravilhosa cozinha. Fizemos milagre com o pouco espaço, mas os fogões, congeladores e aparatos de última geração tornam o lugar prático. Ali me sinto realmente em casa. O ambiente, o calor, o cheiro... e os gritos, é claro, fazem tudo soar como meu doce lar.

— *Olha só quem decidiu vir!* — Emmanuelle já está descabelada e aparentemente alterada.

— Agora entendi todo o seu mau humor, você estava dirigindo a cozinha na minha ausência — concluo.

— Que gênio a minha amiga! — ela rebate. — Agora posso voltar para a parte dos números, me sinto livre disso aqui!

Antes de sair Emms para onde está e se vira para mim. Assim, sutilmente, como a menina do exorcista faz no filme.

— Que sorrisinho frouxo é esse no rosto? Vamos, minha flor! Temos quatro eventos para esse final de semana, os ricos não vão esperar!

— Você pode me dar só um minuto para que eu me recomponha? Estou toda arrepiada — suspiro.

— Arrepiada você vai ficar ao ver o valor que teremos que pagar se o *buffet* não estiver impecável! Então, Annelise, trate de caprichar!

— *Ele aceitou* — ignoro tudo o que ela diz e deixo as palavras da minha boca soarem doces e vitoriosas.

— *Ele quem? Aceitou o que?*

Ela se faz de desentendida.

Bem, então abro as palmas das duas mãos e deixo uma distância razoável entre elas. Na verdade, é melhor distanciar um pouco mais, para fazer jus.

— *Mentira! O delícia crocante?* — Ela põe a mão na boca e me agarra pelo braço. Puxa-me para a porta e saímos da cozinha, de volta para o corredor. — *Quanto você ofereceu? Escuta aqui, Annelise, eu precisei dormir com Deus e o mundo todo para conseguir esse lugar por um preço bacana. Se você colocar o nosso negócio em risco...* — ela volta a me ameaçar.

Isso indica que Emmanuelle está *muito bem, obrigada*. Mais lúcida e saudável do que nunca.

— Ele não cobrou nada — digo vitoriosa.

— *Nada?* — ela franze a testa. Depois dá umas batidinhas de leve com a ponta dos dedos e resmunga sobre verrugas precoces.

— *Bom... não entramos em pormenores.* Apenas tivemos um incidente com o filhinho dele que *nos aproximou* e eu aproveitei para jogar

o anzol. O anzol, a isca, um pedido de socorro, na real. Ele deve ter me achado uma surtada e... *aceitou*.

— Não acredito que você não vai pagar nada para desfilas para cima e para baixo com esse homem... — Emmanuelle cruza os braços.

— O Samuel vai ficar morto de ciúmes e vai voltar para mim, você vai ver. Ele vai perceber que perdeu *tudo isso* — digo o “tudo isso” balançando os seios.

Emms começa a rir de modo espalhafatoso e assim como isso veio do nada, ela para, do nada.

— Amiga vamos deixar uma coisa clara. *Primeiro* que ele vai se casar com uma moça de família bilionária, deve ser casamento por interesse, deve ter coisa grande em jogo, então ele *não vai voltar para você*. *Segundo*, que eu mesma já entrei em contato para esclarecer valores e vão nos pagar alto. *Bem alto*. Então você não ouse envenenar a comida ou estragar a festa! Estamos falando dos Farrah, eles têm Miami na palma das mãos.

Acompanho o raciocínio dela enquanto pisco os olhos.

— E *terceiro*, que história é essa de que o dono dos meus atestados médicos tem filho? — Ela fica chocada.

— Você precisa ver o menino, ele é uma gracinha. Um tanto que... *dentro da própria bolha*, sabe? Ele é autista. Invadiu a nossa casa atrás de formigas e não parava de falar nelas. Parece que pai e filho gostaram de mim.

Emms fica em silêncio, olhando para a parede, sem dar sinal de que está acompanhando meu raciocínio.

— *Emms?* — a chamo.

Mas ela parece estar fora de órbita.

— *Emms!* — a belisco. Dessa vez ela dá um pulo.

— Já que você pretende fazer o inferno na vida do Samuel para ele voltar para você... eu posso ficar com o *papai*?

Quando paro um instante para cogitar essa ideia, já me sinto tensa. Não tenho dúvida de que Kaleb e Emmanuelle seriam um casal explosivo. Mas... ele me fez sentir uma coisa tão estranha que só permiti que Samuel fizesse antes. E dessa vez foi muito mais envolvente, intenso e só de pensar nisso fico quente.

E nos conhecemos somente há dois dias!

— Afinal de contas, essa sua aventura de levar o vizinho para exhibir pro cafajeste do seu ex é só teatrinho, não é? É tudo uma *mentirinha* — Emms provoca. — Você não vai ligar que quando ele estiver livre...

— Não enquanto estivermos trabalhando para o casamento da filha dos Farrah, ok? Durante esse período ele é *meu*. Depois, se você quiser, pode abocanhá-lo.

Emms estende a mão.

— *Negócio fechado.*

## ***Kaleb Petterson***

— *Filho de peixe, peixinho é!* — Jacob se diverte.

Só consigo entoar um sonoro e desaprovador “*tsc, tsc*” e coloco o termômetro na água para garantir que ela está na temperatura ideal.

Nicolas recusou o chocolate quente anterior porque estava frio. *Certo ele.* Mas o meu filho não aceita que eu esquente o que ele desaprovou, ele quer tudo do zero. E lá vamos nós, mais uma vez, agradar esse garotinho exigente.

Eu também fui assim, na infância; mas não eram os meus pais que faziam a minha comida, eu tinha pelo menos uma dúzia de empregadas para me servir.

— Cala a boca, Jacob! — tento repreendê-lo, mas acabo rindo.

— *O quê?* — ele desdenha. — O garoto saiu de casa em busca de uma gostosa! O moleque só tem cinco anos de idade! — ele aperta as bochechas de Nicolas. — Você é o meu herói, menino prodígio!

Nicolas só faz uma careta e solta um grunhido. Depois tenta afastar as mãos do padrinho descompensado das ideias.

Jacob o solta e se vira para mim.

— Ele ainda não gosta quando eu o toco! E ele ficou grudado... grudado não, *colado* na mão da gostosa! Esse menino vai te dar trabalho, Kaleb, escuta o que eu estou te falando!

— Ele não gosta quando você toca nele ou quando o aperta? — tento analisar a parte importante e dispenso as loucuras da Jacob.

Então, o meu melhor amigo do colégio, o herdeiro da família *Parker*, coloca o dedo indicador no nariz de Nicolas.

O pequeno, em reposta, balança a cabeça freneticamente em sinal negativo. Mesmo quando o dedo não está mais lá, ele continua o movimento.

— Ele não gosta quando eu o toco — Jacob conclui.



— Para de estressar o meu filho, seu maldito! — Pego a colher de pau que é o utensílio mais próximo e jogo nele.

— Podemos falar do seu filho garanhão e caçador que vai atrás de namoradinhas? Ou podemos falar da vizinha agora? — Ele volta a provocar após desviar da colher.

— Pronto, agora a temperatura está perfeita. — Termino o achocolatado de Nicolas e coloco em sua caneca que tem rosto e antenas de formiga.

Ele segura com as duas mãos e assopra para assistir a leve fumaça que sobe do líquido quente. Então ele encosta a boca e sente o calor. Em seguida ele fecha a mão e deixa o polegar estendido, faz um sinal de “joinha” e me dá as costas.

— Pronto, o caçador de mulheres se foi. Agora me conta, o que a tua vizinha queria? — Jacob se escora no balcão.

— Veio me convidar para um casamento aí — seguro o riso.

— Que avançada, essa aí! Não é o de vocês, espero.

— Não. Na verdade, o casamento do ex dela. Ela quer fazer ciúmes ou algo assim. — Tento não entrar em detalhes.

— E você vai? Cuidado aí, viu Kaleb. Meu avô já dizia: *“só há duas coisas na vida que precisamos ter medo, filho: barata e mulher maluca”*.

— Por que não iria? — Tiro a panela do fogão e a levo à pia.

— *É sério?* — Jacob me desaprova com o olhar.

— O que você tem contra festas de casamento? São divertidas.

— *É sério que você, o playboy mais cobiçado de Miami, o cara mais rico da porra dessa cidade, vai ficar lavando panela? Cara...*

— *Ah!* — Começo a rir ao perceber a indignação dele. — Lavar pratos é... *terapêutico* — continuo a vasculhar a mente para ter certeza se essa é a palavra. — A empregada vem duas vezes na semana, mas eu gosto de cuidar de tudo referente ao Nicolas. Ele não come nem bebe nada se não for eu a fazer, limpar, colocar às vistas dele de que sou eu quem está fazendo. Você não entenderia...

— Tudo bem, acho que entendo. É que estava acostumado a te ver sentar com os donos do mundo, negociar com os melhores..., mas aqui está você... sendo o *pai do ano* — Jacob diz num tom que pode até soar ofensivo, mas há um quê de elogio.

E eu aprecio isso.

— Ser o CEO da empresa da família e ter bilhões correndo pelas contas de gente que não me interessa ou cuidar das necessidades do meu filho, que só tem a mim... não me parece decisão muito difícil, na real.

— *Você mudou* — Jacob analisa.

— Tem uma hora na vida que nos perguntamos o que é essencial, cara. E *aquele carinha ali* — aponto para Nicolas — ele é essencial. O resto é detalhe.

— E a vizinha? — Jacob quer retornar para esse ponto.

— O que tem ela?

— “*Uh, você machucou seu dedo, entra aqui em casa para eu cuidar de você*” — ele tenta me imitar.

— Pode falar, Jacob, você está com *ciuminho*. Conhece a minha cria desde o dia em que ele nasceu e nunca ouviu seu nome sair da boca dele. Aí uma desconhecida consegue essa proeza e você só quer me perturbar.

Jacob imediatamente se faz de desentendido.

— Eu não ouvi ele falar o nome de ninguém... — ele virou o rosto para a janela.

Aproveitei que Nicolas estava vindo entregar a caneca vazia e afastei os abafadores de ouvido dele e perguntei:

— Filho, como é mesmo o nome da moça bonita?

Ele não precisou que eu terminasse a pergunta. Imediatamente olhou para mim e disse:

— *Anne*.

— Viu só? — provoqueei Jacob. — E, filho, qual o nome do seu tio? O melhor padrinho do mundo? O que te enche de presentes?

Jacob até se virou para ver a reação de Nicolas.

O pequeno desviou o olhar para o chão.

— *Fomigas*.

Seguro o riso e não preciso dizer mais nada. Ainda assim, não custa deixar o meu melhor amigo de saco cheio.

— E o nome daquela mulh...

— *Anne* — Nicolas diz e coloca os abafadores de ouvido novamente e sai andando desengonçado para a sala de brinquedos.

— *Viu?* — chamo a atenção do outro. — *Esse menino sabe o que é essencial.*

# Capítulo 6

*Anne Moore*

Samuel me encheu de mensagens durante o dia e me ligou pelo menos umas dez vezes, mas eu o ignorei completamente.

Nas mensagens ele me perguntava se poderíamos nos encontrar nesse final de semana. *O que ele está pensando?* Que eu sou algum tipo de despedida de solteiro? Pois está muito enganado!

Na volta para casa estacionei o carro na garagem, e ao descer, vi as luzes da mansão de Kaleb acesas. Aproximei-me para dar uma *espiadinha* na grama do vizinho e lá estava ele, como sempre, animado, espalhando aquele sorriso perfeito por onde quer que andava e conversando, provavelmente com Nicolas.

Kaleb estava de jardineira jeans com uma das alças soltas, sem camisa por baixo, ou seja, ostentando aquele trapézio e peitoral musculoso e os braços fortes. Pelo visto estava aparando algumas plantas enquanto ficava de olho no pequeno.

Não contive a curiosidade e me aproximei ainda mais, para ver o que conversavam.

— Você está todo sujinho, não é filho? — o adulto perguntou, de bom humor.

— *Eca* — Nicolas respondeu.

— E mesmo não gostando de se sujar e mexer com a terra, você faz isso pelas formigas, não é? — o adulto voltou a olhar pro pequeno.

O menino que, até então, era monossilábico, construiu a primeira frase que ouvi:

— É claro, papai — a criança disse num tom quase indignado.

— Várias situações na vida são assim, sabia? Às vezes sentimos que somos mais fortes para encarar nossos próprios medos quando precisamos ajudar os outros.

Tudo o que Nicolas fez foi parar de colocar terra nos vasos de plantas com as próprias mãos, olhar para o pai com demora e depois retornar a enfiar as duas mãos na terra. Não escondia a expressão de nojo, mas também não parou com a ação.

— *Oh, olha só quem está dando uma espiadinha do outro lado da cerca!*

*Fui pega! Meu Deus, ele me viu!*

A primeira reação é me encolher e me agachar. Depois subo de uma vez, ao lembrar que sou uma mulher adulta, confiante e que não precisa se esconder.

— *Oi vizinho* — digo com um sorriso congelado.

— Tudo bem por aí?

— Tudo ótimo, e esse tesourão? — pergunto encarando-o. — Digo, e aí?

— O tesourão está cortando as ervas daninhas — ele ri, semicerra os olhos quando o faz. E ao abri-los bem devagar, vejo suas pupilas voltadas para mim. É meio intimidador a ponto de me fazer prender a respiração. — Quando vai me dar mais detalhes sobre seu plano mirabolante?

— *Ah! Quando você quiser.*

— Estou ansioso para ouvir sua história. Quer jantar?

— *Jantar? Quando? Hoje? Comigo? Você tem...?* — começo a disparar as perguntas, sem parar. Sequer consigo imaginar que o gostosão topou minha ideia maluca e agora vamos jantar! Qual será o próximo passo?

— É claro. Se eu serei o seu *namoradinho* preciso descobrir tudo sobre você, para poder desempenhar bem o papel — ele dá uma piscada. — Só vou esperar o Nicolas terminar de cuidar das amigas dele, ele leva o próprio tempo, daí entro e peço algo para comermos.

— Eu posso cozinhar! — me prontifico. — Não precisa se incomodar, eu te puxei para essa enrascada e você está sendo tão gentil...

— Tudo bem. Se o Nicolas aprovar, eu vou aprovar — ele dá uma nova piscada e termina de cortar os galhos acima da cerca.

Ao terminar, tira as luvas e exhibe as mãos fortes e com as veias sobressaltadas, guarda-as no bolso da jardineira e sorri. Fico presa naquela boca e vejo-o se afastar para vigiar o filho. O cheiro dele parece insistir em vir até mim e quando dou por mim, lá estou eu, parada igual uma boba, sorrindo, vendo pai e filho entrarem na mansão.

## ***Kaleb Petterson***

Anne foi muito gentil em cozinhar para nós. Preparou legumes ao vapor e um escondidinho de frango.

— A galinha está se escondendo de quem, papai? — Nicolas cochichou e puxou a minha perna quando os pratos foram colocados à mesa.

— É só o nome do prato, filho.

Nicolas arregalou os olhos e olhou aquele prato com desconfiança. Esperou que eu fosse buscar os pratos para enfiar a colher no meio do purê e o abrisse e colocou o rosto bem próximo do prato.

Quando voltei para a mesa, junto com Anne, ele já havia colocado os abafadores de ouvido.

— Filho — afastei-os de suas orelhas. — Antes de comer, o que nós fazemos?

— Oração?

— Muito bem, faça sua oração. Agradeça pelo que é importante.

— *Jesus, papai, a pobre da galinha escondida, fomigas e Anne. Amém* — ele disse apressado e cobriu as orelhas. E ficou concentrado no prato, encarando-o com desconfiança. — *O que você fez de errado para ficar escondida?* — ainda murmurou.

— É um hobby? — virei-me para Anne.

— *O quê?* — ela perguntou desconcertada, desviou o rosto quando nossos olhos se encontraram.

— Destruir casamentos. Assustar noivos... — comecei a degustar o prato dela. E na primeira garfada já fiquei com água na boca, aquilo era bem simples e tão... requintado!

Até parecia que eu havia retornado para a casa dos meus pais.

— Você cozinha bem pra caralho! — tive de falar de boca cheia.

— Obrigada! — Anne pareceu menos tensa. — Como está a comida, Nicolas?

Nicolas não a ouviu ou a ignorou. Estava comendo as cenouras e ervilhas, mas ainda estava desconfiado do outro prato, e a mistura de comida em purê e carne lhe pareceu bastante estranha.

— Ele adorou — falei por ele. A julgar por ele comer alguma coisa, ele devia ter gostado mesmo.

— *Bem...* — Anne sorriu sem graça e evitou me olhar. — Não, não é um hobbie destruir casamentos, nem assustar noivos. Só esse em especial. Samuel brincou comigo e com os meus sentimentos e eu quero dar-lhe uma lição.

— Me levando para o casamento? — Não escondi o riso.

— Como você se sentiria ao ver a pessoa que um dia amou, fez tudo por você e te apoiou em tudo, feliz e desfilando na sua frente com outro? Um cara bem mais interessante que você? É o que eu quero que ele sinta.

Afastei o prato para frente e coloquei os cotovelos na mesa, o que fugia completamente da etiqueta. Mas realmente precisei pousar o queixo nas mãos fechadas para assisti-la se explicar e entender um pouco do que se passava na cabeça de Anne.

— *Eu não sei se um dia ele me amou, para falar a verdade...* — dessa vez ela ficou completamente sem graça, deu para perceber. — Precisamos mesmo falar disso?

— Se eu preciso ir, é bom saber no que estou me metendo — retruquei.

Anne respirou fundo e fechou os olhos.

— Eu era a garota feia do colégio, sabe? Gordinha, sem autoestima, sem graça, um tanto *nerd* e estranha, sem senso de moda, sem sorte com os rapazes, enfim, um verdadeiro desastre. Homem nenhum olhava para mim.

Deitei o braço esquerdo na mesa e pousei a cabeça nele. Estiquei a outra mão por debaixo da mesa e encontrei a dela.



Anne pareceu se assustar com aquilo. Estava tremendo, claramente ansiosa. Afastou a mão de súbito e em seguida deixou ela por cima da minha, pronta para afastá-la de novo.

— E ele era o capitão do time de futebol americano. Um colírio para os olhos. Todas as meninas o queriam... e... ele me dava bola. Bom... ele me dava alguma atenção. Ele era bonito, atlético e desejado, mas era um tanto que burro...

Não segurei o riso.

— Não era um pacote completo, como você.

— *Como eu?* — levantei a sobrancelha.

— Você é mais do que um vizinho bonito, Kaleb. Você tem... algo diferente. Você é estranho. Parece tão *verdadeiro e cheio de vida*...

— Obrigado pelo elogio.

— Disponha — respondi e continuei: — E eu me... contentava... com a atenção dele quando o ajudava, sabe?

— Sei. Umas migalhas para se sentir bem...

Anne abaixou o rosto e eu deixei sua mão sair de cima da minha para segurá-la e apertá-la.

— Está tudo bem. Eu sei como é esse sentimento — murmurei.

— *Você sabe?* — ela se mostrou surpresa. — *Como um cara como você sabe que sentimento é esse?*

— Depois eu conto — respirei fundo e dei a deixa para ela terminar.

— Bom, daí que a fase da adolescência acabou, junto com o inferno do colegial... meu corpo mudou, eu mudei, eu me transformei nessa mulher que você está vendo.

E, devo admitir que era uma excelente vista.

— Samuel foi para a faculdade, se formou e trabalha desde então para os Farrah. Eles são os donos de Miami, controlam o mercado imobiliário aqui.

Arqueei a sobrancelha e concordei.

— Ele vai se casar com a herdeira dos Farrah. Acho que só assim vai conseguir um cargo bem alto e realizar o sonho de estar entre os ricos e poderosos de Miami. Eu não posso dar nada disso para ele. Eu não tenho um sobrenome de rico, eu apenas trabalho para mim mesma e ainda me preocupo com a hipoteca...

— *Você gosta dele?* — perguntei isso, mas me senti estranho.

Um tanto tenso na espera da resposta e ansioso ao acompanhar as feições dela.

Anne riu, abaixou o rosto, o levantou, secou as lágrimas, desviou o olhar e olhou para mim.

*É, ela gostava do cara. Ele ainda mexia com ela.*

— Não precisa responder.

*Mas por que eu me sentia tão tenso com isso?*

— Quando nos reencontramos há alguns anos e passamos a sair e depois... bem... criar mais intimidade... eu senti que ia encontrar a felicidade, sabe? Que enfim eu poderia ser feliz de verdade e corrigir todos os meus traumas de infância em me sentir rejeitada e usada...

— *Eu sei como é isso* — repeti.

Até pareceu que tirei um pouco do peso das costas dela.

— Não consigo imaginar um cara como você passando por nada disso! Você está falando tudo isso só para me fazer sentir bem?

— De forma alguma. Eu também tenho os meus esqueletos no armário, Anne. Todos nós temos.

— E é por isso que vai me ajudar? Por que seus esqueletos no armário se parecem com os meus?

Não me contive e ri ao tentar imaginar o que se passava na cabeça daquela mulher estranhamente interessante.

— E se o Samuel desistir de se casar com a herdeira dos Farrah e quiser ficar com você? — a provoquei.

Anne tentou esconder o interesse, mas dava para ver em seus olhos que esse era o plano dela. Ela queria medir forças para provar a Samuel que ainda valia à pena.

— Você acha que isso pode acontecer, Kaleb? — ela me devolveu com uma pergunta.

Olhei para Nicolas que havia revirado o escondidinho de frango, deixando a carne por cima e o purê por baixo. Ao perceber que eu estava atento nele, o pequeno murmurou: *“agora ela não precisa se esconder mais, tadinha”*.

— Aqui é Miami, *baby*. Tudo pode acontecer — soltei a mão dela e sorri.

# Capítulo 7

## *Anne Moore*

Tudo *havia* voltado ao normal e eu pensei que as coisas seriam mais fáceis agora.

“*Havia*” do verbo conjugado no passado mesmo, porque eu acordei e a vida voltou ao caos.

Acordei com a ligação de um número desconhecido e optei por atender. Algo dentro de mim queria que fosse Samuel para que eu fizesse a sonsa e seguisse atuando como se não soubesse de nada. Mas não. Quem me ligou foi a única e a própria *oficial* Sabrina Farrah.

— Falo com Anne Moore? — ela perguntou, bem educada. Dava para perceber que era uma mulher de outra classe mesmo, a voz, o tom, tudo nela soava como *um milhão de dólares*. Ou talvez um bilhão.

— Oi, ela mesma!

— Oi, querida! Eu tomei a liberdade de ligar para o seu escritório e eles me passaram o seu número particular — ela explicou.

— Tudo bem, senhorita Farrah.... pode falar — comecei a ficar tensa. Sem motivo algum.

— Anne, queria muito *experimentar* a sua cozinha. *Hoje*. Minhas amigas de Nova York vieram e acho que seria uma excelente oportunidade para degustarmos o seu menu e já opinar no que serviremos nos dias que antecedem o casamento, que tal?

— *Ah, senhorita Farrah, você me pegou de surpresa...*

— Acha que 25 mil dólares cobre seu expediente e de sua equipe hoje? Sei que está em cima da hora, então ofereço 30.

— *Dólares?* — pergunto surpresa.

— *Mil* — ela se diverte do outro lado.

*Gente rica é fogo, né?* Eles simplesmente acham que podem te ligar às seis da manhã, quando o sol nem resolveu aparecer, e te fazem propostas de trabalho. *Por trinta mil dólares!*

Quem Sabrina Farrah acha que é? Ela acha que eu sou uma qualquer? Que eu não tenho nada para fazer? Que eu posso riscar todos os meus compromissos e ir servi-la?

— Estarei aí às 9:00 em ponto, senhorita Farrah — afirmo.

— Certo. Quero você aqui o dia todo, sim? Almoço, chá da tarde, jantar e petiscos.

— Não se preocupe, senhorita Farrah, receba suas convidadas e deixe a cozinha comigo!

— Você é um anjo, Anne. Nos vemos mais tarde! — Ela desliga.

Deslizo o celular pelo rosto e pisco os olhos. Agora sim eu acordei. *Literalmente.* Para a vida, para o trabalho e para o meu pesadelo: eu irei conhecer *a outra* do Samuel. *Quer dizer, eu sou a outra, eu irei conhecer a oficial.*

*Meu Deus, o que eu vou fazer?*

***Kaleb Petterson***

Estava começando a me vestir quando algo bateu no vidro da minha janela.

Deixei a camisa de lado e olhei por fora dela até encontrar a minha doce e talentosa vizinha.

— Agora você destrói patrimônio alheio? — Olho para a janela para ver se ela teve algum estrago e depois retorno a ela, com um sorriso no rosto.

— Você está livre hoje? Preciso de você.

*Precisa de mim? Então deve ser algo importante.*

Debruço-me sobre a janela e a encaro lá embaixo.

— Você quer que eu jogue meus cabelos para você subir? — começo a rir e ela também.

Coloco a cabeça para fora da janela e abaixo o rosto. Anne, lá embaixo, finge segurar em algo e imita o esforço de escalar. No fim, acabamos nas gargalhadas, como dois idiotas.

— Você não existe! — Ela segura nos joelhos. — Quero que vá comigo hoje me dar uma força. Vou conhecer a noiva do Samuel. Está livre?

— Vou ver o que posso fazer no seu caso — tiro o celular de cima da cômoda e disco um número. — Em trinta minutos vou em sua casa, ok?

— Ok, obrigada! — E ela sai correndo pelo gramado feito uma criança feliz e entra em casa, não sem antes comemorar.

— Fala, irmão — ouço no celular.

— Noah, tive um imprevisto. Será que você pode vir mais cedo? Talvez tenha de ficar com o Nicolas mais tempo que o esperado.

— O quanto mais cedo?

— Tipo *agora*.

— Chego aí em uma hora, segura as pontas.

— Seguro. E muito obrigado — agradeço e espero ele desligar.

Ando até o quarto de Nicolas e percebo que ele ainda está dormindo. Então preparo tudo para quando ele acordar e desisto de me vestir casualmente. Se iremos visitar os Farrah, é melhor que eu vá minimamente elegante.

Quando o café da manhã já está posto na mesa, vejo Nicolas aparecer pelo corredor, já com o rosto lavado, mas ainda de pijamas. Ele traz consigo o abafador de ouvidos e se senta em sua cadeira e me olha.

— Bom dia, príncipezinho das formigas. Já acordou?

— É óvio, papai — o pequeno revira os olhos.

— O papai vai ficar fora o dia todo. Hoje quem vai cuidar de você é o tio Noah Evans, se comporte!

— E o outro não vem? — ele começa a mexer nas torradas e nos ovos mexidos para se distrair.

— Não, o Enzo não vem. Mas você gosta muito do tio Noah, lembra? Ele te deixa à vontade e ele gosta de jogar com você.

— Para onde você vai, papai?

— Vou fazer companhia para a Anne.

Nicolas que antes parecia desconfiado e desconfortável, agora aparenta uma expressão mais serena e começa a colocar os ovos mexidos em seu próprio prato. Ele toma todo o cuidado do mundo para não derramar na mesa.

— Será que a galinha tava escondida por que mexeram nos ovos dela? — ele pergunta antes de começar a comer.

## ***Anne Moore***

Kaleb foi um anjo salvador! Ele deu um jeito de ir comigo para a mansão dos Farrah.

Infelizmente Emmanuelle precisava gerenciar o escritório hoje e Luna estava ocupada organizando uma formatura, então só iríamos eu e algumas funcionárias da cozinha. E Kaleb, é claro. Isso já me deixava mais confortável de encarar a noiva e Samuel.

Quando o vi sair de casa fiquei com o queixo caído.

Parecia um desses caras que saem na *Forbes*.

Abaixei os óculos escuros e desliguei o carro enquanto o vi caminhar em minha direção. O terno parecia desenhado para aquele corpo e seus músculos. Os óculos escuros davam uma expressão de *bad boy* do ramo imobiliário, capaz de comprar, vender e alugar qualquer pedaço de terra.

Já vi Kaleb nu e é um show. Mas assim, vestido de homem de negócios, dono de Miami, o cara é um espetáculo.

Ele abre a porta do carro e se senta ao meu lado. Abre um sorriso de canto e tira os óculos escuros para ficar me fitando.

Tiro a mão das marchas do carro e me encolho na poltrona quando sua mão vem devagar em minha direção e limpa ao redor da boca. *Meu Deus, acho que estou perdendo o controle do meu corpo.*



Palpitação? *Check*. Incapaz de olhá-lo diretamente nos olhos? *Check*. Mãos trêmulas? *Check*.

Vontade de tê-lo em cima de mim no banco de trás?

*Que tal se desistirmos disso dos Farrah e aproveitarmos esse delicioso dia ensolarado em Miami?*

— Você está bem? — A voz dele me tira do transe e me obriga a pousar os pés no chão.

— Estou ótima. E você também, ao que parece. — Deixo meus olhos descerem por aquela obra de arte.

— *Ah, essa coisa velha?* — Kaleb se diverte. — Anne, eu estive pensando...

*Meu Deus... meu nome saindo da boca dele... dá vontade, não de passar o dedo na boca dele, mas de deixar ele conhecer a minha geografia todinha até conseguir um diploma.*

— Diga, senhor de negócios — o provoco e ligo o carro de novo.

— Você não vai levar isso a sério se não houver uma condição.

Dou a partida e deixo que o GPS me guie.

— O que você quer dizer?

— Eu vou fingir ser seu namorado, sim — ele garante. — Mas em troca, eu quero uma coisa.

— *Qualquer coisa, senhor de negócios* — me divirto.

— Eu quero você.

É o que ele diz. Assim, como quem dá bom dia e segue a vida, como se nunca mais fosse ver a pessoa.

*O quê? O que esse homem quer?*

— Por um dia inteiro — ele completa. — Eu quero a real Anne Moore. Sem as máscaras, sem os adjetivos, sem os pesos do passado e as ansiedades do futuro. Eu quero conhecer a Anne Moore do agora, do momento. E quero que você me conheça também.

Um carro buzina freneticamente lá atrás, porque eu freei com força e não paro de encarar esse homem como se ele fosse a equação mais difícil que encarei na vida. O que ele quer dizer com tudo isso?

— *Como assim?* — o coração bate forte no peito. — *Como assim “a verdadeira eu”?*

— Eu te quero nua.

Pronto. Eu já tinha dado a partida de novo. E o carro deu um sobressalto e morreu.

As buzinas continuam lá atrás.

— Figurativamente, você diz... — limpo os lábios e tento dar a partida pela terceira vez.

— Não. Eu te quero nua, literalmente, só para mim. Por um dia.

Engulo em seco e tento dar a partida. *As mãos trêmulas?* É apenas um detalhe. Eu estou me tremendo toda. As placas tectônicas dentro de mim se chocaram.

E não é sobre o perfume forte desse homem que invadiu meu carro e me cobriu com seu frescor. Também não é sobre sua presença imponente e seu ar de *“eu compro, não importa o valor”*. É o jeito que ele olha para mim e se dirige a mim.

Me faz sentir... *estranha*. Como se eu valesse muito mais do que eu sei que valho.

No colégio os meninos diziam que eu era uma 3. Eu cresci e nesse momento da vida tentei garantir que pelo menos eu fosse uma 7. Mas do jeito que Kaleb me olha, até parece que eu valho...

Quer dizer, esqueça a porra dos números! Esqueça como os caras babacas te numeravam entre 0 a 10. E esqueça o modo como o cara que partiu seu coração te fez desperdiçar as lágrimas.

*Esse cara me faz sentir única e exclusiva.*

Sendo que quem é único e exclusivo aqui é ele!!! Olha só para ele!

— E quando você quer isso? — a minha voz sai com dificuldade.

— A julgar que preciso fingir que te conheço e te amo... *o mais urgente possível.*

Freio o carro com toda a força do mundo.

Após muitas freadas, buzinas e um trânsito irritante, chegamos à mansão dos Farrah. Ao redor de uma área gigantesca onde poderiam construir vários estádios de futebol, aqui estamos nós. Vi pelo menos três piscinas, dois bosques gigantes e um estacionamento de dar inveja à shoppings.

Carros entravam e saíam. Na porta de visitantes parei o carro em frente à guarita e quatro seguranças mal-encarados me pediram para sair do carro.

— Eu sou a chefe de cozinha para o casamento — expliquei. — Anne Mo...

Nem precisei falar o meu nome.

Assim que abri a porta do carro e os seguranças espiaram dentro, imediatamente me liberaram. Não pediram identificação nem nada, só me

deixaram entrar.

Achei estranho.

Dirigi até um dos quatro salões de festa, o que tinha a cozinha maior, e fui recebida por ninguém mais, ninguém menos, que Sabrina Farrah!

Uma mulher alta e de olhar poderoso. Os olhos azuis brilhavam feito safiras ao sol e seu rosto parecia ter sido desenhado por um artista muito apaixonado. A mulher era deslumbrante, devo admitir, entendendo Samuel. Eu também me trocaria por essa mulher.

— Olá, senhorita Farrah. Eu sou Anne Moore — me apresento.

Sabrina Farrah abre o maior sorriso do mundo e me abraça. Eu me sinto uma formiguinha em seus braços, tão minúscula e desconcertada que até evito encará-la.

— Anne! Estou confiando em você para fazer o meu casamento dos sonhos! — ela diz em êxtase.

— Prometo que darei o meu melhor — é o que digo.

Talvez eu dê o meu melhor para destruir esse casamento, é o que eu queria ter dito.

— Ah, eu trouxe o meu namorado. Espero que não se importe — estendo a mão para apresentar Kaleb.

Kaleb acena com a cabeça e Sabrina Farrah empina o nariz e o avalia dos pés à cabeça.

— Pode entrar, querida, conheça a cozinha! A sua equipe já chegou e eles são tão organizados! — ela diz animada.

Só sorrio e entro.

— Kaleb, você vem?

— Já vou, amor — ele diz e olha ao redor, parece distraído olhando tudo ao redor.

Eu sei. Dá pra acreditar que tudo isso, maior que três ou cinco bairros, é a humilde propriedade da família Farrah? Sigo para a cozinha para ver o que as minhas meninas já fizeram.

## ***Kaleb Petterson***

Anne some no meio do grande salão, indo em direção à cozinha.

Não tiro os olhos dos passos dela até vê-la desaparecer. E rio sozinho só de lembrar a expressão dela quando conversamos há pouco no carro.

— Não mudou quase nada desde que você decidiu nos deixar — Sabrina diz num tom fúnebre.

Viro o rosto devagar e o sorriso só aumenta quando a vejo. Coloco as duas mãos nas laterais do seu rosto e me aproximo devagar até que nossas testas se encostem.

— Eu também senti a sua falta — é tudo o que digo.

— *Sentiu?* Não minta para mim. Quando você decidiu abandonar tudo, sequer olhou para trás. Eu que preciso ir até você, nunca o contrário.

— Senti a sua falta, do meu jeito.

— Ok. Como está o meu sobrinho?

— Está bem, estou dando tudo para que o Nicolas tenha uma boa vida. Longe de todo esse inferno.

— *Inferno?* — Sabrina ergue a sobrancelha.

— Um dia eu cheguei a pensar que era o paraíso. Mas sempre me senti *um estranho* nesse Éden. Até descobrir que, para mim, esse lugar não passava de um inferno.

Ela concorda devagar e me avalia, da cabeça aos pés.

— Você está bem, irmãozão? Até parece que abandonar o sobrenome Farrah e o cargo de CEO da empresa da família te fez bem.

Encaro-a também, da cabeça aos pés. Sabrina parece meio abatida por detrás daquele sorriso falso e dissimulado.

— Fez melhor do que eu poderia imaginar — suspiro.

# Capítulo 8

## *Kaleb Petterson*

Ao entrar na cozinha eu vejo uma Anne Moore *fardada*, preparada para a batalha: ela usa um avental branco e um lenço na cabeça para cobrir seus cabelos. Desinibida e comunicativa ela vai dando as instruções para suas funcionárias e só para de falar quando me vê chegar.

— Ainda não tinha visto esse seu lado — tento segurar o riso, mas é difícil demais não olhar para essa mulher e ficar sério. Ela desperta algo em mim, e parece ser o melhor.

— *Que lado?* — ela abaixa o rosto e tenta mexer no lenço que cobre seus cabelos, acaba tirando-o e procura agora um reflexo para recolocá-lo.

— Deixa que eu te ajudo. — Vou em sua direção e tomo o lenço de suas mãos. — *Assim, mandona, brava, dando ordens* — vou comentando enquanto a vejo paralisada em minha frente.

Asseio seus cabelos sedosos devagar para trás das orelhas e ela me entrega um prendedor que eu coloco, sem pressa, tendo tempo o suficiente para encostar meu nariz em sua testa e sentir o cheiro delicado da sua pele. Novamente o sorriso brota, mas preciso me concentrar.

Coloco o lenço devagar e ela me encara, assustada e surpresa, continua com essa mesma expressão quando termino, mas não me afasto.

— Estou parecendo uma vovó, não é? — ela ri de nervoso. — *Deve ter sido por isso que ele me trocou por ela* — Anne entorta a boca.

— Você gosta do que faz? — eu pergunto.

— *O quê?* — ela se mostra surpresa e ao julgar por seu olhar, ofendida. — *Eu adoro o que faço. É o que eu sempre quis ser!*

Toco seu rosto com os polegares, deixando-os ao lado de seus lábios, o restante da mão entre seu pescoço e nuca.

Olho Anne no fundo dos olhos e me aproximo devagar, enquanto vejo suas pupilas se dilatarem e ela erguer a sobrancelha.

— *Você parece uma mulher bem-sucedida e feliz que ama o que faz e se entrega de corpo e alma ao que se propõe. Se um babaca não consegue reconhecer isso, o problema é dele e não seu.*

Não sei se Anne me ouviu. Mas ela assente, devagar. Fricciona os dedos em seu pescoço e nuca, onde acabei de soltá-la.

— Não vou te pagar adicional pela bajulação — ela entorta a boca e só falta me bater com uma colher de pau.

— Na verdade você não está me pagando nada — assisto a equipe de sete mulheres correr pela cozinha, fazendo mil serviços em um minuto. — Estou aqui pela diversão.

— E o que tem de tão divertido? — ela bufa, encarando-me nervosa.

Aproximo-me novamente, parece que é a única coisa que a cala. E é exatamente isso o que ocorre. Coloco o dedo polegar no lábio inferior dela e o desço devagar, fazendo-a entreabrir a boca com o leve puxão.

— *Mais tarde eu te mostro a diversão* — sorrio e me afasto.

— O que tem mais tarde? — ela pergunta preocupada.

— *Só faça a sua mágica, senhorita Moore!* — me despeço.

***Anne Moore***



Em partes, não sei se trazer Kaleb foi uma boa opção.

Ele é sim um apoio moral indispensável, já que não tenho Emmanuele ou Luna aqui, apenas minhas funcionárias que, a todo custo, evito que conversem, senão atrasaremos muitos procedimentos.

Kaleb é um excelente suporte, é atencioso e parece que lê o meu pensamento. Quando me encontro perdida pela cozinha, em busca de algo e não lembro o quê e começo a andar em círculos, ele magicamente aparece com o que procuro em mãos. Até parece que conhece o lugar.

Mas esse vizinho gostoso e atencioso é mais do que uma tentação; ele é uma distração.

É mais forte do que eu. A cada cinco minutos, pelo menos, eu me pego pensando nele. Paro de vigiar as meninas batendo as claras em neve ou o processo do chantilly, preciso espiá-lo.

E lá está ele. De braços cruzados, em completo silêncio, encarando-me de volta.

E a expressão em seu rosto mostra que ele admira o que estou fazendo. Diferente de Samuel que sempre me disse que servir os ricos nunca me levaria a canto algum, que eu sempre seria conhecida como *empregadinha*, que eu precisava de ambições maiores.

Ora, estou aqui porque essa foi minha ambição há anos. A Anne do passado *ambicionou* estar aqui. E quando paro eu mesma para bater as claras em neve ou controlar o processo do chantilly, é porque me dá prazer.

Eu vejo a comida como poesia que deve soar perfeita e eu estudei, me qualifiquei e cheguei até aqui com muito esforço, suor e lágrimas.

E muita paixão também.

Por que Samuel nunca conseguiu enxergar isso?

— *O que foi?* — rosno para Kaleb, que parece se entreter mais do que deveria.

Ele aponta para si, como se tivesse sido pego no flagra.

— É, você mesmo. O que foi?

— Só gosto de te ver fazer as coisas que gosta. Não parece a pessoa que vejo pela janela da minha casa, triste e desencantada com a vida... — ele diz ao se aproximar, não deixa mais ninguém ouvir isso.

— *Você me espiona?* — pergunto horrorizada.

*Quem faria uma coisa dessas? E a privacidade? E os bons modos e costumes?*

— Você tem gritado muito, ultimamente. Fico meio preocupado.

Imediatamente me recordo das minhas cenas de crise, gritando que Samuel é um desgraçado, um canalha, um desalmado, um filho da p...

— Foi só uma vez.

— Uma vez a cada duas horas, você diz — ele se diverte. — Precisa de ajuda?

— Não, não, obrigada, senhor prestativo. Mas já que está aqui, vamos conversar.

— Estou aqui para você, bebê. Diga-me o que quer conversar.

— Eu preciso saber sobre você, assim como você precisa saber sobre mim. Vamos cair na real, e quando alguém nos encontrar e eu disser que somos namorados?

— Alguém você diz o Samuel?

Levanto as sobrancelhas. Ele se lembra do nome do cafajeste! Que atencioso, ele realmente me escuta, até quando falo de outro homem.

Já o Samuel...

— Ele e qualquer outro. Namorados sabem tudo sobre o outro. Então enquanto termino esses preparos e a *mise en plase*, vamos papear.

— Adoro jogar conversa fora — ele diz e sorri feito o cafajeste que é. — *E jogar fora a conversa* — ele se aproxima e não para de rir.

Meu Deus! Por que tão tentador? Não sei se consigo resistir assim.

— Qual a sua coisa favorita no mundo? — pergunto, para tentar afastar os pensamentos impuros e deliciosos.

— O meu filho — ele me examina mexer na bancada, arrumar as coisas e voltar a bater as claras.

— Que resposta clichê! — o repreendo com o olhar.

— É clichê, mas não deixa de ser verdade — ele rebate.

— Certo. Se você, Kaleb... qual o seu sobrenome mesmo?

— *Petterson*.

— Kaleb Petterson, se você morasse em um lugar assim, quem você seria? Quais seriam seus filmes favoritos? Quais livros você teria lido nos últimos anos e que tenham te marcado? Que música você colocaria no som milionário até ser ouvido do outro lado da cidade? — o provoco.

Foi a primeira vez que vi Kaleb parar no tempo e encarar fixamente uma das janelas abertas.

— Para ser sincero, acho a vida de pessoas ricas bem superestimada. Se eu nascesse em um berço de ouro? Bem, provavelmente eu teria tido tudo nas mãos e não teria aprendido a conquistar as coisas sozinho, só com

a ajuda dos meus pais. E, talvez, eles tivessem sido controladores e exigido que eu vivesse o tipo de vida que eles achavam ideal...

— Mas você tem cara de ser rebelde.

— *Acertou* — ele olhou para mim e abriu aquele sorriso mágico, capaz de me fazer ficar presa no tempo, com ele. — E eles teriam me deserdado.

— *Triste fim de Kaleb Petterson* — lamento. — E pelo quê eles te deserdariam?

— Por ser autêntico, no meio de tantas cópias — ele diz sério e coloca as mãos em cima da bancada, se curva levemente em minha direção. — *E você? Me conte tudo sobre Anne Moore.*

— Um filme? *Uma Linda Mulher.*

— Que antigo isso!

— Um clássico! Ai, o meu sonho achar um ricão bonito, charmoso e interessante que queira mais do que sexo. Que queira me ouvir... e... *Por que você está rindo, Kaleb Petterson?*

— Desculpa. Continue — ele colocou a mão em frente à boca, mas os olhos continuavam fazendo aquela curva perigosa.

Perigosa demais para o meu coração, quando menos percebi, lá estava eu, com ele acelerado.

— *Sem graça... não quero mais conversar com você!*

— *Pretty woman, walking down the street* — ele começou a cantar baixinho para mim.

Abaixei o rosto e continuei a fazer meu serviço.

— *Pretty woman, the kind i like to meet* — ele continuou.

— Tá, chega — ergui o rosto e o encarei, brava.

*Mas como?*

Kaleb e sua mão que sempre vinha até meu rosto e me afagava, me deixando arrepiada e desconcertada! No fim ele segurou em minha mão, mesmo ela um tanto suja.

— Quer ser a minha *Julia Roberts*? — ele perguntou.

— Se ao menos você fosse rico, Kaleb... dois pobres não rola, né? E você deve ser o *pretty man* das senhoras ricas.

— O que você quer dizer?

— Do seu trabalho.

— *Meu trabalho*? — ele pareceu confuso.

Talvez fosse um assunto delicado demais para tratar no momento.

— Deixa para lá. Mas você está certo.

— *Sobre?*

— Se eu tivesse nascido nesse lugar... — olho ao redor.

É assustador de tão grande. Tudo parece caro e valioso. Eu tenho medo de encostar em qualquer coisa e ela quebrar, não terei dinheiro para pagar! E mesmo sem o uniforme, do modo que cheguei, nenhuma das pessoas lá fora olhou para mim.

Eu não pertencia a esse mundo. O meu único *link* com tudo isso era o traidor do Samuel. Que encontrou sua mulher rica e me trocou por ela.

Ele foi esperto, devo admitir. Mas me machucou profundamente.

—... e se eu tivesse tido tudo com tanta facilidade... *eu não seria eu*. Quero dizer eu não teria os mesmos sonhos e ambições que a Anne que eu conheço.

— *Uh, falando de si mesma em terceira pessoa* — ele apontou para mim.

— Eu gosto de como sou. Só não gosto dos homens babacas com quem me relaciono.

— E quais foram os homens babacas da sua vida?

— Só o Samuel, é claro. Não namorei com outros. Olhe para mim.

— *Estou olhando.*

— Então olha direito — insisto.

Kaleb andou alguns passos para a direita e me fitou. Depois foi para a esquerda. Deu a volta na mesa, esticou os pés e me olhou bem de cima. Depois abaixou e me olhou lá de baixo, sempre curioso.

— Não vejo nada de errado.

— Eu nunca poderia competir com uma Sabrina Farrah, Kaleb.

— E por que você teria de competir com ela? — Ele ficou ainda mais interessado.

— Para ser boa o suficiente — Levantei os ombros, começando a ficar cansada da conversa. Não da conversa em si, mas de como eu estava me sentindo com ela.

— *Boa o suficiente para quem?* — Ele insistiu. Sem alterar a voz ou o jeito com que me olhava.

Kaleb era de uma *finesse* que estava em falta nos dias atuais. Parecia perfeitamente equilibrado e me tratava de um jeito atencioso que nunca fui tratada. Não me lembro de uma só vez que alguém tenha parado para me ouvir tão atentamente e se preocupar comigo... a não ser meus pais, Emmanuele ou Luna.

— Para quem você acha que eu deveria ser boa o suficiente?

Mal perguntei, ele pegou uma panela pelo cabo e a levantou.

Até fechei os olhos e me afastei, assustada. Mas não senti nada.

Passado o medo, abri o olho esquerdo um pouquinho. Depois os dois. Vi meu reflexo no fundo da panela que ele levantou.

— *Que susto* — levei a mão ao peito. — *Por um momento pensei que...*

Kaleb suspirou.

— *Ele já te bateu?* — Kaleb murmurou.

— Não quero falar sobre isso — dei o assunto como encerrado, tomei a panela de suas mãos e a abaixei.

Pelo pouco que conhecia do meu ilustre vizinho, acho que ele estava decepcionado. Rapidamente o clima mudou, tudo pareceu vir abaixo e ele ficou menos radiante do que era.

— Ele não te merece, Anne.

— Estou aqui para me vingar — me justifiquei.

— Para se vingar ou para reconquistá-lo? — foi a vez dele provocar.

— Chega de joguinhos. Só vamos fazer o que viemos aqui fazer, ok?

Kaleb sacudiu os ombros e se afastou devagar, para retornar para o lugar onde estivera parado antes.

—... o que eu estava dizendo antes era que... concordo com você. Se eu não pudesse viver meus sonhos e tomar as minhas escolhas... e o preço fosse estar presa à fortuna da família...

Nitidamente roubei um pouco da atenção do vizinho charmoso, porém decepcionado, Kaleb Petterson. Fiquei triste de ver aquele rostinho cabisbaixo, parecendo um cachorrinho perdido na chuva, mesmo que eu fosse a chuva. *Ou a tempestade.*

—... *eu também fugiria.*

— Para morar perto de mim? — Kaleb riu. Nesse momento minhas esperanças retornaram, principalmente do medo dele decidir ir embora e deixar essa louca aqui se virar sozinha.

— Ninguém tem tanta sorte assim, Kaleb — ri junto com ele.



# Capítulo 9

*Anne Moore*

Assisto Sabrina Farrah e suas inúmeras convidadas dispostas em sete mesas fechando os olhos e gemendo em alto e bom som após provar a última refeição do dia.

— Anne Moore, você tem mãos mágicas! Acho que nunca comi tão bem em toda a minha vida! — Sabrina diz.

Se a *dona* da festa me elogiou, então ganhei o dia. Balanço a cabeça em um aceno positivo e assisto as outras garotas devorarem os petiscos que preparei.

— O almoço foi sublime, o café da tarde estava formidável, mas esse jantar e petiscos... nunca comi algo assim — Sabrina limpa os lábios e me encara com seus olhos gigantes e pidões. — *Seria demais pedir que você nunca vá embora?*

As amigas da noiva riem e eu as acompanho, mas com um sorriso mais tímido.

— Obrigado, senhorita Farrah. É muito bom ouvir isso, as minhas meninas e eu trabalhamos duro para te entregar tudo em perfeito estado. Uma pequena amostra, é claro, para os dias que se seguirão, se você permitir.

— *Permitir?* Está contratada. *Oficialmente.* Feche sua loja e venha cozinhar para mim! — Sabrina diz animada.

Agradeço o gracejo, mas isso está realmente fora de cogitação. Trabalhar em tempo integral para os Farrah e me ver obrigada a estar perto do meu ex todos os dias? *Jamais*.

— Estou ansiosa para ver o que você irá nos trazer na semana do casamento! Acho que toda elite de Miami vai contratar o *Sweet Show* para seus eventos. Está tudo impecável. — Sabrina agradece e se levanta.

Algumas de suas companheiras demoram a segui-la, ainda devoram os petiscos, mas no fim, todas elas saem do salão, entre risadas e conversa alta e se dirigem à mansão toda iluminada em contraste com a noite que deitou sobre nós.

— E aí, o que disseram? — Kaleb pergunta.

Não o vi sair dos *bastidores*, levo um grande susto quando o vejo atrás de mim.

— Ela aprovou. Acho que agora preciso dobrar a equipe para dar conta de tudo isso — abro as duas mãos para indicar tudo ao redor.

— Que exagero, né? — ele me espeta com o dedo indicador.

— *Dobrar a equipe?*

— Quatro salões enormes de festas, um bosque gigantesco, várias piscinas... e ainda tem academia, salas de jogos, muitos quartos e... — Kaleb para instantaneamente quando percebe o meu olhar de surpresa. —... *foi o que eu ouvi, é claro*.

— Sim — balanço a cabeça. — Acho um exagero. Mas eles são ricos e podem, nós não, nós só ficamos aqui chupando o dedo.

— E o que você faria com um lugar desses? — Kaleb começou a juntar os pratos na mesa e depois pegou a pilha com uma mão e se dirigiu a outra.

— O que foi? Vai virar garçom agora, senhor Petterson?

— Tenho prazer em ser útil e em te ajudar — ele responde prontamente.

— Sei lá o que eu faria num lugar desses... — digo e vou recolhendo alguns pratos também, bem menos que ele, não sou tão forte. — Imagina só a hipoteca...

As covinhas do rosto de Kaleb ficam salientes enquanto ele ri. Vamos à cozinha e deixamos os pratos lá, depois retornamos e pegamos o que sobrou. Toda a minha equipe já foi embora, está bem tarde e eu estou exausta. Preciso muito voltar para casa e relaxar.

— Obrigada por hoje, Kaleb.

— *Por quê?* — ele termina de deixar os pratos na pia e se volta a mim.

— Você foi *contratado* para estar aqui ao meu lado, sorrir e acenar. Só isso. Não precisava ajudar nos procedimentos, nem na recolha dos pratos...

— Já disse, eu tenho prazer em ser útil e em te ajudar. *Anne Moore*.

Volto a me arrepiar ao ouvir o meu nome sair daqueles lábios. Parece até algum tipo de encantamento secreto que faz minhas orelhas queimarem, minha nuca fumegar e minha cabeça rodar. E isso só atenua quando Kaleb sai do lugar e vem em minha direção, bem devagar, sem tirar os olhos de mim.

Até mesmo no simples andar esse homem espalha um charme que me impressiona e devo admitir que estou ficando sem ar... *e excitada*.

— Tudo bem contigo? — ele pergunta, nossos narizes perto um do outro.

— Você sempre conversa assim? Quase colado na pessoa? — pergunto ofegante.

— Se a pessoa for você, *sim* — ele diz, bem sério. — *Se acostume.*

O arrepio percorre minha espinha e sinto chegar aos meus cabelos. Chacoalho a cabeça e encaro o chão.

— Vem comigo.

— *Para onde? Eu preciso... espera...*

— Confie em mim, Anne Moore — ele diz, sedutor.

Kaleb me leva para a parte de trás desse salão, onde há uma piscina gigantesca, toda iluminada. Os seguranças estão bem longe daqui, rodeiam a mansão. E a equipe de limpeza está chegando para pôr ordem no salão.

— Essa gente rica é muito exagerada — coço a ponta do nariz com o dedo indicador. — Mas eles têm bom gosto, preciso admitir.

— É. É um acerto para cada cem erros — Kaleb balança os ombros.

— Quando eu vim morar em Miami, queria estar perto da praia. Eu gosto, sabe? Da água, do mar, das ondas, do calor, de pessoas felizes, jogando, correndo, nadando, pegando um bronze... — disparo a falar.

E ele não me cala. Está ao meu lado, o rosto voltado para mim. Tenho até a ilusão de que minhas bobagens são interessantes, porque esse homem me dá uma atenção que me assusta.

— *Moro aqui há dois anos. Eu nunca vi o mar.*

— Não?! — ele diz, completamente surpreso.

— Não, Kaleb. Eu tenho contas a pagar, funcionários e famílias que dependem de mim, e morar naquela casa custa caro. Não lembro a última

vez que tirei folga e pude me divertir... normalmente eu só durmo... ou fico em casa testando receitas novas para impressionar os clientes.

— Você impressionou a Farrah. E não tenho dúvida de que impressiona tudo e todos que entram pelo seu caminho.

— Só não o babaca do meu ex, né? — resmungo. — Ele nunca... *me enxerga*, sabe? Parece que... sei lá... falta algo...

Kaleb continua a me fitar atentamente. Quando paro de falar ele vira os olhos e faz um sinal de tédio, que me deixa levemente constrangida, mas acabo rindo da expressão dele.

— Você é um idiota! — dou um tapa no ombro dele.

— Quero te levar para ver o mar — ele diz.

*Que merda!* Me sinto como uma adolescente agora. Sorriso fácil, as bochechas ardendo, as mãos teimando a ficarem guardadas no bolso e o olhar bobo e distraído. *Eu senti falta de me sentir assim.* E também é assustador me sentir assim.

Mas Kaleb me tenta a me permitir ser uma menina sonhadora de novo.

— O Nicolas gosta de ir à praia? — pergunto.

— Ele detesta — Kaleb responde prontamente.

— *Sério?*

— Bem sério. Mas ele aceita ir se ficar dentro de uma bolha de plástico grande e não ter contato com a areia. A não ser que ele veja formigas. Enfim, é melhor não tentar entender...

— *Ah...* ele parece ser um garotinho bem exigente.

— É claro que ele é. Ele é um *Fa...* um garotinho muito aficionado naquilo que quer e que faça sentido para ele.

— Entendo.

Kaleb balança a cabeça sutilmente em sinal positivo e dá um passo para perto de mim. Devo ficar nervosa agora ou deixo para depois?

— Escuta, Kaleb, acho que devemos conversar alguns outros assuntos para nos inteirarmos mais um sobre o outro... — tento puxar conversa, porque o silêncio e aquele olhar de caçador, me indicam que eu sou a presa.

E sou presa fácil. *Dando sopa de colher na boca de quem quiser.*

De difícil já basta a vida, para esse homem eu sou *fácil fácil.*

Mas é errado. Não deveríamos. Mas seria incrivelmente bom. Não é apropriado. Mas não tem ninguém olhando...

— Estou sem ar — solto, quase desesperada, encarando-o no fundo dos olhos.

Se ele chegar mais perto que isso eu vou ter uma síncope.

— *Respira* — ele diz suavemente. Passa as mãos fortes pelos meus ombros e desce pelos meus braços até segurar em minhas mãos. — *Está tudo bem...*

Por fora, digamos que sim. *Por dentro?* Não está nada bem. Não estou nada bem. Agora é uma boa hora para ligar para o hospital.

Respiro devagar como ele orienta e me sinto melhor.

— Acho que consegui.

— *Boa menina* — ele diz e sorri. Seu sorriso, assim de perto, brilha mais que as estrelas. — *Agora prende a respiração* — ele diz.

*Pra quê?*

— *Kaleb!* — digo desesperada.

Mas é tarde demais. Ele me empurra para dentro da piscina e eu caio, balançando os braços, no mínimo parecendo uma rã tentando escapar de um balde d'água.

— *Kaleb Petterson!* — grito irritada o nome dele.

Ele pula dentro da piscina, que preciso admitir, está deliciosa, a água está refrescante e no ponto certo para me fazer passar mais umas horas aqui dentro.

— *Fala de novo* — ele vem em minha direção e eu levo os braços para trás para tentar encontrar a parede.

— *O quê?* — pergunto desnorteada.

— *Meu nome. Fala de novo* — ele se diverte e continua a vir, feito um tubarão, para a presa fácil.

— Não vou gritar. Você quer o quê? Que os seguranças venham aqui nos retirar à força? — bato a mão na água, espirrando-a para tudo que é lado, inclusive no rosto dele.

Kaleb não se importa. Avança e me prende na parede. O seu corpo grande e musculoso pressiona o meu e me deixa sem ar, cega, surda e muda, vendo estrelas girando ao meu redor.

— *Quem disse que você precisa gritar?* — ele murmura e sorri feito o cafajeste que é.

Esse homem vai me deixar *desgraçada da cabeça*. Vou daqui direto para o sanatório! Eu pensei que era doida, mas esse cara? *Será que alguém pode ir na farmácia buscar o rivotril dele?*

Kaleb abaixa o rosto e deixa a barba passar pelo meu pescoço. Ele sobe tão devagar e suas mãos são tão convidativas que quando menos percebo, estou com as pernas ao redor da sua cintura. *Mas que diabos?*

Sinto sua respiração forte em minha nuca e seus dedos passeando por dentro do meu avental, acariciando a minha cintura, tocando tão delicadamente de início e depois *me pegando de jeito*, sem medo de me deixar ainda mais sem ar.

Ele age assim, decidido. Não pensa duas vezes em retornar os lábios para o meu busto e com os dentes começa a afastar e morder por cima do meu sutiã a região dos meus mamilos que está erigida.

— *Não vai dizer meu nome?* — ele pergunta, olhando para mim, mas não para de morder e isso me deixa ofegante.

— *Kaleb Petterson!* — digo, num tom de advertência e de súplica.

— *Boa menina* — sua língua sobe pelo meu busto até encontrar meus lábios.

O beijo me esquentava e me faz passar as mãos por seu corpo forte, sentindo-o me apertar e tomar para si. Ele não se importa de simplesmente rasgar a camisa social branca e me deixar sem palavras com aquele peitoral desenhado, o abdômen definido e o bronzeado de dar inveja a qualquer um.

Seu perfume diz muito sobre sua personalidade. Ele é selvagem, não obedece regras, ele é refrescante e vai me queimar por inteira se eu continuar em seus braços.

E eu não tenho como resistir. Eu estou pegando fogo, dentro da água, e ele é o motivo de todo esse incêndio.

Os lábios carnudos desse homem me levam à loucura. Seu beijo é intenso e me puxa para si, me faz sentir conectada a ele e importante demais



para correr o risco de sermos pegos. A língua passeia pela minha boca, é lenta, parece querer me degustar até que não sobre mais nada.

E eu estou derretendo em seus braços, e preciso dar um jeito nisso antes que cometamos uma loucura e eu seja demitida.

Mas antes mesmo de tomar uma ação, ele sela nossos lábios e se afasta devagar, como se soubesse minhas ações. Kaleb é muito atento em tudo, ao que percebo. E realmente tenho a impressão de que tivemos uma conexão. Uma conexão que vai além do beijo, dos corpos em fricção e dos olhares que estamos trocando agora.

— *Casa* — tento explicar. Tipo o ET do filme ET, que é monossilábico e assertivo ao indicar para onde quer ir.

— *Para minha ou para a sua?* — ele provoca.

*Que diabo de homem!*

Eu não estava preparada para essas novas sensações... eu só tinha em mente uma vingança e destruir a reputação do meu ex, só isso. E talvez, sei lá, reconquistá-lo.

Mas Kaleb quer adicionar seu corpo, sua boca, sua tentação para cima de mim! E ele sabe muito bem como me fazer esquecer tudo por um segundo e viver o momento com ele.

Será que é disso o que preciso?

— *Como vamos voltar para casa agora, ensopados?*

— Tenho certeza de que você vai dar um jeito — Kaleb diz e sai da piscina, rindo feito um cretino.

— *Preciso de tempo...* — começo a tatear as paredes para me levantar.

Ele estende a mão e me puxa num movimento só para fora da piscina.

— Então é bom que seu tempo seja *agora*. Os seguranças estão vindo!

# Capítulo 10

*Anne Moore*

*Cinco anos atrás*

— Por que essa cara? O que houve? — a indiferença de Samuel me fere e isso é terrível.

Achei que estávamos avançado, mas... sempre há algo no caminho. E eu sempre peço que não seja eu.

— Problemas no trabalho, só isso — ele me tranquiliza. Seu olhar ainda é distante e meio vago, mas ele segura em minha mão e a beija. — Estou ansioso para te ver com mais frequência e ficar mais próximo de você. Quando você vai para Miami?

— Calma, apressadinho! Emmanuelle e eu ainda estamos juntando dinheiro.

— Só quero te ter por perto — Samuel me beija, dentro do carro. — Você vai amar ser a sua própria chefe. Eu não suporto o meu. O cara é simplesmente um Deus, o CEO indestrutível, fecha qualquer contrato, faz o que quer...

— Estou sentindo um *ciuminho* no seu tom de voz — brinco.

Samuel rapidamente se afasta e apresenta um pouco de seu desprezo no olhar. Parece que toquei em um ponto frágil dele. *Que estúpida!* Devo tomar mais cuidado com a minha boca!

— Eu? Com inveja de *Kaleb Farrah*? — ele desdenha em um sorriso maquiavélico, ou algo do tipo. — Ele é só um *playboyzinho bilionário*, metido a CEO. Eu jamais teria inveja dele! Mas me escute: um dia *eu serei o CEO* — Samuel diz com tanta certeza que me assusta. — *Nem que eu precise vender a minha alma para isso e desbancar aquele playboy de merda!*

— Por que você não abre a sua própria empresa?

— Ficou louca? — ele ri. — Eu trabalho para os Farrah! Em Miami! Estou a um passo de ser promovido, só preciso derrubar aquele mauricinho de merda! Francamente, Anne — Samuel segura em meu queixo, faz de um jeito meio agressivo, que eu não gosto, mas se corrigi-lo, ele ficará sem me ligar por semanas. — Isso é coisa de homem. Essa disputa por poder. Uma mulher não entenderia...

### **Atualmente**

— Você é tão idiota! — bato com as mãos no volante e abaixo o rosto.

O silêncio ocupa o espaço entre nós, até que eu comece a rir sem parar, feito uma louca. Kaleb me acompanha, mas leva sua mão até meu queixo com sutileza e o levanta. Agora ele ri menos, fica me assistindo rir como uma adolescente tresloucada.

— O que foi agora? — tento me mostrar irritada. *Mas como?*

— Eu gosto quando você sorri. Parece que segurou esses risos a vida toda e agora os solta sem parar...

Umedeço os lábios com calma e o analiso, o cabelo já está seco, mas as roupas... definitivamente...

Ele foi gentil em me ceder o seu terno feito sob medida para que eu não sentisse frio e começou a soprar a minha cabeça quando falei que iria ficar gripada com aquele cabelo molhado. *Que figura esse vizinho!*

— Apesar dos pesares, Kaleb Petterson, hoje foi um bom dia.

Ele faz sinal positivo com os dois polegares, levantando-os ao lado do rosto.

— Mas da próxima... não me jogue na piscina! — o repreendo.

— Na cama, talvez? Ou você prefere o bosque? — ele provoca.

— Chega! — preciso detê-lo para não cair na gargalhada ou cair de boca no seu... bocão todo vermelho e sedutor, com sorriso delinquente e ar de cafajeste. — Eu separei isso para o Nicolas e para você. Espero que ele goste — apanho duas sacolas no banco detrás e entrego a ele.

— Não precisava.

— É o mínimo que posso fazer por ter você o dia inteiro ao meu lado, não? Muito obrigada, de verdade, por estar lá comigo.

— Disponha — ele tira o cinto e abre a porta do carro.

Kaleb balança os cabelos e segue para sua mansão, a maioria das luzes já estão desligadas. Espero que Nicolas esteja bem e que tenha se divertido hoje. Por que eu me diverti muito com o pai dele de um jeito que não esperava...

Kaleb subiu alguns degraus. De vizinho gostosão e atencioso para um cara prestativo, educado e bastante impulsivo.

Que preciosidade o ter conhecido!

— Amiga, você está molhada! — Emmanuelle anuncia para mim, para a vizinhança e quem sabe para a cidade inteira, pelo tom que usa.

— Isso, acorda todo mundo, sua louca! — a repreendo e jogo as sacolas com marmitas para as famintas em cima da mesa e corro para o banheiro para terminar de secar meus cabelos.

— Aonde você pensa que vai? Volta aqui e conta tudo! Encontrou o Samuel? Ele tentou te afogar, não foi? Vamos dar parte na polícia! — Emmanuelle vem em meu encalço. Com a marmita aberta na mão, comendo sem parar.

— Não tive o azar de encontrar aquele imbecil hoje. Mas espero vê-lo logo e espero que ele me veja *bem acompanhada*.

— Ah... então isso tudo foi...

— *Sim* — digo e ligo o secador.

Emmanuelle diz algo que eu não entendo. Depois ela diz mais alto e eu continuo a fitá-la sem compreender. Ela está tentando me dizer algo, mas está de boca cheia e isso não vai dar certo.

Desligo o secador e ela termina de engolir e grita:

— *O vizinho que te deixou molhada assim?*

Até Luna solta um grito, de lá do quarto e vem correndo.

— *Gente? A essa hora? Vocês não querem anunciar no rádio não? Pelo menos só escuta quem está com ele ligado, não Miami inteira!* — ela nos repreende.

Em seguida Luna me olha dos pés à cabeça.

— Amiga, você está molhada — ela constata.

— Junta essa aqui com o Nicolas e temos a capitã óbvia e o maior argumentador de Miami — volto a ligar o secador de cabelos e só o desligo quando termino meu trabalho.

— Conta! Vamos, bonitona! Acha que é assim? Volta encharcada e pensa que pode fugir da gente? — Luna me persegue até a cozinha, Emmanuelle vem depois.

— *Sopa ou chá?* — pergunto em voz alta para mim mesma e olho para o fogão, tentando decidir.

— Vamos, garota! O que houve? O que aconteceu?

— Fui mostrar à noiva meus talentos e eles foram aprovados. Estamos contratadas e vamos receber um dinheirão — digo sem muita empolgação e procuro alguma sopa industrializada no armário.

— Não quero saber isso! Quero saber porque você está nesse estado! — Luna insiste.

— Porque aquele imbecil — aponto para fora da janela. — Me jogou dentro da piscina em frente ao salão de festas, depois se jogou, me apertou contra a parede, me deixou pegando fogo dentro da água e me tascou um beijão! — digo e aproveito para balançar o cabelo de um lado para o outro feito uma maluca.

— Nossa, amiga... — Luna suspira. — E foi tão ruim assim?

— *Foi ótimo* — abro um sorriso de orelha a orelha.

***Kaleb Petterson***

Assim que entro em casa vejo Noah Evans deitado no sofá, mexendo em seu celular gigantesco. Assim que me aproximo ele me passa o relatório de como foi o dia com Nicolas:

— Nada fora dos padrões. Ele ficou no jardim, depois saímos para caminhar no fim da tarde e ele jogou vários chocolates quentes fora e pedia que eu fizesse direito.

— Desculpa aí por todo esse trabalho.

— Não se preocupe, eu gosto muito do Nicolas. E ele me ajuda bastante nos jogos que eu desenvolvo para crianças especiais, então praticamente trabalho e me divirto. É como uma pesquisa de campo, mas divertida — Noah garante.

— Fique à vontade, a casa é sua, irmão — aperto a mão dele.

— Por que você parece um cachorro molhado? — Noah não esconde a estranheza em me ver daquele jeito.

— Cara... às vezes as coisas saem do controle e...

— *O vizinho que te deixou molhada assim?* — ouvimos o grito vindo da casa ao lado.

Aponto para a janela.

— Acho que não tenho muito a explicar, como pode ver. A vizinhança agora toda já está a par — bato no ombro de Noah e coloco as sacolas na bancada. — Tem comida aqui!

— Valeu, irmão. Boa noite! — Noah volta a se concentrar em seu celular, parece realmente muito ocupado em algo que está fazendo.

Subo para o quarto de Nicolas e acendo a luz no corredor, para não precisar fazê-la no quarto do pequeno. Entro devagar, na ponta dos pés e o



observo dormir. Parece esgotado, o que é ótimo, isso indica dias agitados, onde ele foi produtivo e fez o máximo de coisas diferentes que conseguiu.

Às vezes quando uma coisa prende a atenção dele, ele é capaz de ficar horas... dias... semanas... *meses* apenas naquilo. E dorme irritado, ansioso, agitado, não para de se mexer na cama. Mas em dias como os que Noah vem visitá-lo e propõe múltiplas atividades, Nicolas sai da zona de conforto e faz tudo o que está ao seu alcance e acaba assim: num sono profundo, calmo e de dar inveja no próprio pai.

Levanto a mão dele e o cubro até a altura da axila e deito a mão do lado de fora, do jeito que ele sempre dorme. E acaricio os cabelos dele e abro um sorriso bobo enquanto sinto o cheiro de banho tomado, menino limpinho e imerso em um bom sonho recompensador após um dia exaustivo.

— Te amo, filhote — beijo sua testa. — Durma bem, protegido e amado. Seu pai vai estar sempre aqui para tudo o que você precisar. É difícil passar um dia longe de você, espero que tenha sentido minha falta, porque eu senti a sua — beijo sua mão.

Deixo o meu pequeno dormir em paz e vou para o banheiro, tomar um bom banho demorado para me limpar das peripécias, do cansaço e das lembranças do passado.

Eu sei que em breve tem mais.

## ***Anne Moore***

— Então quer dizer que por detrás daquela cara de mau, tem esse cara? — Luna se impressiona após ouvir minha história.

— Você está supervalorizando a maturidade dos homens, Luna — Emmanuelle debocha. — Eles param de crescer mentalmente depois dos dezessete. Eu sei, é triste. Depois disso são só... homens com trinta anos... quarenta anos... sessenta anos... com a mente de um adolescente de dezessete. Esse pelo menos parece ser bem ajustado.

— Ele é bem maduro, pelo menos, das vezes que o vi cuidando do Nicolas ..., mas ele também tem esse ar rebelde, sabe? Mas não um rebelde sem causa. Parece que tem algo ali, uma ferida, um passado... eu não sei — termino de tomar minha sopa e coloco o prato na pia.

— Ele pode ser do jeito que for. Maduro, rebelde, descolado, controlador... só espero que não tenha ejaculação precoce e me dê um atestado médico! *Cadeira de rodas aí vou eu!* — Emmanuelle comemora e beija nossas testas e se despede, indo em direção ao seu quarto.

Luna me mostra o braço e eu fico alguns segundos olhando, sem entender.

— Estou toda arrepiada. Sei lá, esse cara mexe comigo.

— Mexe com todo mundo — preciso admitir.

— E pelo que você disse, ele deve ser um acompanhante de luxo de alto padrão. O cara é educado, gentil, um pai zeloso, habilidoso com as mãos... com a língua... Temos aí um *show de vizinho* — Luna levanta as sobrancelhas. — Qualquer dia desses eu vou lá pedir açúcar. Quem sabe ele não me dá isso e *outras coisitas mais...*

— Vocês duas... francamente! — dou um tapa na mão dela. — Dá para não ficar falando assim dele enquanto ele estiver me ajudando?

— Não fica ciumenta não, amiga. Ele é seu enquanto esse casamento durar. Depois ele é do mundo. As vizinhas todas e eu vamos

fazer fila! — ela celebra e sai saltitando para o quarto.

*Essas duas...*

Eu estou perdida se depender delas... estou conhecendo Kaleb agora e já dão sinal de que irei perdê-lo em breve.

*Isso não é justo!*

Após lavar os pratos e tomar um banho para tirar o cansaço, subo para o quarto, desligo as luzes e tiro o roupão.

Enfim livre das roupas! Agora posso descansar após um bom e longo dia de trabalho!

Assim que desligo o celular e me preparo para dormir, abro as cortinas da janela para dar uma espiada. *E lá está ele!* Quer me tentar até na hora do sono.

Está com um roupão azul marinho e anda pelo quarto enquanto arruma algumas coisas. Assisto-o, atenta e calada e vejo-o descer o roupão até ficar completamente nu.

*Foi esse cara que me beijou.*

Foi esse cara que passou o dia inteiro comigo, riu diversas vezes comigo e ainda me jogou na piscina para me beijar.

Agora eu sei que a pele dele é quente e bem perfumada, e em contato com a minha, mesmo por cima das roupas, me deixa ofegante e perdida em meus próprios pensamentos.

Aproveito para pegar o terno que ele deixou comigo e sinto o cheiro da roupa.

*É como se ele estivesse aqui, comigo.*

Kaleb não olha em direção à janela, mas fica diante dela e perambula pelo quarto, completamente nu, exibindo toda aquela gostosura em forma de músculos, tanquinho, um sorriso sedutor e uma personalidade encantadora.

*É impressão minha ou ele acabou de rir?*

Devo estar ficando louca! E sei com certeza que ficarei *piradinha* da cabeça se continuar a espioná-lo. É tentador, eu sei. Mas o meu pobre coração não vai aguentar.

Ele desliga as luzes do quarto, menos uma. E vejo sua silhueta de porte atlético desfilar pela última vez, até que não há mais sinal dele.

— Você perdeu o juízo, Anne — digo para mim mesma. — Vai mesmo dormir cheirando esse terno, mulher? — me repreendo.

Fecho as cortinas e me jogo na cama abraçada com a indumentária masculina. O cheiro dele aqui comigo me faz pensar como seria tê-lo em minha cama...

E antes de dormir penso, por um instante, que é uma pena.

É uma pena que o que Kaleb e eu temos seja apenas... *mentirinha*.

# Capítulo 11

## *Kaleb Petterson*

— Olha só quem acordou! O meu príncipe! — Assim que Nicolas aparece na cozinha eu comemoro.

Ele não esboça nenhuma reação, além da cara amassada e um certo desinteresse em minhas palavras. Senta-se na mesa e olha a comida.

— Sentiu falta do seu papai ontem, filho? — pergunto.

— Não — ele responde com simplicidade.

— O papai passou o dia todo fora e você não sentiu a minha falta? — coloco a mão na cintura e me aproximo para dar uma cheirada no cabelo dele.

— Não percebi — Nicolas diz com tranquilidade e leva alguns segundos até virar o rosto em minha direção e passa suas mãozinhas de uma forma meio brusca, dando tapinhas em meu rosto. — Toma carinho — ele diz e depois passa a mão pela minha barba.

— Que carinho gostoso! — encho-o de cócegas, o que só o faz se contorcer e mostrar-se irritado. — Eu quero um sorriso hoje, hein!

Nicolas abre um sorriso que lembra o de um dinossauro carnívoro encarando sua presa.

— Menos que isso, filho.

Agora ele sorri feito um rotweiler, pronto para arrancar a perna do invasor da casa.

— Vamos diminuir esse sorriso? Só um pouco mais. Não precisa mostrar os dentinhos — eu mostro como se faz. Pouso os cotovelos na mesa e abaixo o rosto na altura dele e com os lábios cerrados, sorrio de canto.

Ele tenta imitar, mas ainda parece irritado.

— Está perfeito! Você aprende rápido — sento-me para tomar café com ele. — Você sabe que dia é hoje?

— Quarta-feira — ele diz de forma monótona, um minuto depois de eu perguntar. Estava ocupado demais colocando o mingau no prato.

— Mas você sabe o que vai fazer hoje? — insisto.

Nicolas levanta os olhinhos, quase em súplica. Seu olhar ainda carrega certa indiferença, algo marcante da personalidade dele, mas lá no fundo há um pedido de socorro.

— Não gosto daquelas crianças — ele resmunga, olhando para o prato. — Elas não gostam de *fomigas*. Não confio em quem não gosta de *fomigas*.

— Você pode apresentá-las às suas formigas, certo? Toda semana temos reunião em uma casa diferente, dessa vez é na nossa — me refiro a respeito do grupo de crianças autistas e com *asperger*.

— Não — ele diz com simplicidade e começa a comer.

— O que fazemos antes de comer? Agradecemos. Feche os olhos.

— *Mingau, fomigas, papai, tomara que Vincent esteja doente e não venha, Anne. Jesus. Amém* — ele diz de boca cheia e assim que termina, coloca mais uma colherada na boca.

***Anne Moore***

Passei o dia entrevistando novas funcionárias para o evento dos Farrah.

Eu precisava de gente habilidosa, ágil e que tivesse foco. Consegui cinco entre trinta candidatas, o que pareceu ser muito produtivo.

Passei uma lista de coisas que precisaríamos para os almoços, jantares e petiscos que se seguiriam na próxima semana no casamento da noiva, para Emmanuelle, que garantiu que arrumaria todo.

Cheguei em casa, tomei um bom banho e fui ver como o meu vizinho estava.

Já achei estranho, de início, ver tantos carros estacionados do lado de fora da mansão de Kaleb. Será que ele estava ocupado demais para me receber?

Bom, não custa nada tentar.

Fui em direção à porta e toquei a campainha. Não fui atendida de primeira, então me distraí olhando a paisagem: o jardim bem cuidado, o canteiro para as flores e formigas, o balanço, a pequena bicicleta e a grama verde... aquele homem era prendado mesmo, tudo dele parecia sempre no ponto certo.

— Oi! — falei entusiasmada assim que a porta se abriu.

Precisei abaixar o rosto para encontrar o pequeno anfitrião, Nicolas Petterson, com cara de tédio.

— Você não é o Vincent — ele me olhou, dos saltos até os cabelos amarrados.

— Acho que não — me agachei para vê-lo. — Eu moro ali do lado. Você foi lá recentemente, lembra? Eu me chamo Anne.

— *Graças a Deus* — ele pareceu ignorar tudo o que eu disse, deu meia volta e saiu andando, um tanto feliz.

Levantei-me e coloquei a cabeça para dentro da casa e de cara já vi algumas crianças, algumas nos cantos, isoladas. Uma brincava com carrinhos, outro com dinossauros, tinha uma menina com a tabela periódica, e Nicolas, perto do aquário de areia da sala cheio de formigas, como um guarda-costas.

Fechei a porta e fui em sua direção. Ele estava uma gracinha.

De jardineira, camisa xadrez e gravata borboleta. O cabelo penteado para o lado e aquela expressão de poucos amigos, transmitido pelos seus grandes olhos azuis.

— Que legal que seus amiguinhos vieram te ver! — falo com ele.

— Não são meus amigos — Nicolas encara, especialmente, a menina com a tabela periódica. Depois se volta para o aquário e assiste atentamente as formigas fazendo seu trabalho, pelos túneis que são aparentes.

— E onde está o seu papai?

— Anne! — ouço a voz forte de Kaleb atrás de mim e me viro de supetão. Nos cumprimentamos com dois beijos no rosto e ele segura a minha mão. — Vamos deixar as crianças *socializando*, vamos para a ala dos adultos — ele me tira dali o mais rápido possível.

*Socializando?* Aquelas crianças estão fazendo tudo, menos socializando.

Kaleb me leva para sua biblioteca. Um lugar encantador, com várias estantes altas de madeira nobre, encadernados de couro bem antigos, uma



parte generosa sobre livros de finanças, administração e investimentos e tem até uma prateleira aos fundos, quase escondida, com romances.

Também vejo um bar com uma coleção admirável de toda sorte de bebidas, um balde cheio de gelo e um barril, onde deve ter *chopp*. Esse cara tem tudo isso dentro de casa? *Uau!*

— Anne, esses são os pais e as mães das crianças que você viu lá na sala — ele me apresenta os adultos. — Pessoal, essa é a Anne... *a minha... vizinha* — ele demora de dizer a última parte.

Kaleb me olha de lado, assim bem de perto, a ponto de me fazer sentir sua respiração. “*Anne... a minha...*” e nesse espaço entre seu silêncio e os batimentos do meu coração, fico até arrepiada ao imaginar o que ele pode falar.

— Oi, Anne — os pais e mães dizem em coro, parecem super gentis. Depois retornam para suas conversas paralelas e enfim tenho a atenção de Kaleb só para mim.

— Como foi o seu dia? — Kaleb pergunta.

— Normal, e o seu? — devolvo.

— Está sendo tranquilo, até então. Como pode ver, a minha casa está cheia de crianças que não conversam umas com as outras e o Nicolas fica uma bomba relógio em atividades assim, mas a cada reunião dessa, parece que ele fica menos tenso. Até chegar um menininho que o irrita demais...

— Imagino... o meu dia foi normal, entrevistei novas funcionárias para dar conta de servir tanta gente naquela mansão. Farei um trabalho impecável e vou atazanar o desgraçado do noivo. E farei tudo bem feito.

— Tenho certeza disso — Kaleb fica parado diante de mim, encarando-me.

Eu nunca estou preparada para esse momento, o silêncio se torna angustiante.

— Dormiu bem?

— Dormi sim. Ontem foi um grande dia, novamente, obrigada.

— Acordou gripada?

— Na verdade... dormi e acordei muito bem. Melhor do que poderia esperar.

— Eu sei que seus planos vão se realizar e você terá sucesso no que pretende — ele diz e caminha em direção ao bar, me puxa consigo. — Você tem garra, corre atrás do que quer. As pessoas fracassam mais por desistência do que por tentativa, e você é essa pessoa. A que tenta — ele aponta o indicador para mim, sorri com os olhos e me deixa em um silêncio contemplativo.

Já conversei com diversos caras.

Mas eu sempre tive a impressão de que, eles e eu, fazíamos monólogos. Ou seja, conversávamos, mas não havia real interesse no que estávamos dizendo. Mas esse cara... ele parece interessado.

*E eu não sei se estou preparada para isso.*

— O que quer beber?

— Pode ser uma soda? Água com limão? Não costumo beber álcool.

— Por quê? Religião?

— Não... eu só... saio um pouco do controle, sabe?

E aí se passa um filme em minha cabeça do que é *sair do controle*. Correr nua no *Campus* da faculdade; invadir a moradia de um professor para roubar as provas; ficar gritando e acordar a vizinhança; e rir feito uma hiena desengonçada. É sério, de todas essas coisas, a minha risada é a pior. Parece uma motosserra tendo soluço.

— *E qual o problema de perder o controle?* — Kaleb sussurra em meu ouvido.

Ok, eu já decidi, esse cara é o diabo. E agora está me tentando a libertar a louca que há dentro de mim.

— Não quero te assustar — levanto a sobrancelha e pego a soda que ele tira de um frigobar.

— Eu já sou grandinho. Não me assusto facilmente — sinto o dedo indicador dele pelo dorso de minha mão, subindo pelo meu braço.

Sinto um calafrio estranho e recolho minha mão e o encaro.

— *Nós estamos flertando?* — murmuro.

— *Será?* — ele devolve, murmura também. É engraçado o jeito que faz, me mostra que é bem esquisito ficar murmurando perto um do outro assim.

— *Eu nunca tive sorte com caras, só com um canalha desgraçado. Não sei flertar, eu nunca aprendi* — murmuro e vejo o rosto dele se aproximando, feito um asteroide que vai se chocar com a terra.

E essa terra talvez não suporte o impacto; mas o deseja, secretamente.

Kaleb abre a minha soda e se afasta só um pouquinho.

— *Você é muito bonita.*

— *Qual é, Kaleb, não precisa fingir. Acho que já conseguimos mostrar que temos química, não precisamos mais fingir um pro outro, só precisamos fazer isso na frente do meu ex imbecil.*

— *Fingir?* — ele me pergunta.

*Não estamos fingindo? Quero dizer... ele não está fingindo?*

*E por que até nos meus pensamentos eu estou murmurando?*

— *Então estamos flertando? Pra valer? Eu não sei.*

— *Aquele beijo ontem foi um fingimento para você?* — ele provoca.

Ele murmura bem sedutor, rouco, me arrepia. E eu murmuro igual uma louca que parece que está gritando, mas perdeu a voz.

— Não quero atrapalhar — uma mulher passa por nós e abre o frigobar, pega uma cerveja e se afasta. — Já que você nos deu a liberdade, vou esvaziar o seu bar.

— Fique à vontade — Kaleb sorri, mas é de um jeito diferente. É gentil, cortês, educado.

Mas quando vira para mim, me olha no fundo dos olhos e sorri, é diferente. Nem estamos nos tocando, mas sinto como se seus braços estivessem me puxando. Seus lábios se tornam ímã e o meu corpo quer sentir de novo como é ser pressionado pelo dele... debaixo d'água... contra a bancada da cozinha... onde ele quiser.

— *Acha que vamos conseguir convencer que somos um casal?* — tento afastar os meus instintos por um instante, senão farei besteira.

— *Acha que consegue se convencer realmente de que estamos fingindo?* — ele retruca.

Desculpe-me, Nicolas, temos um novo campeão de refutação na cidade. O superpai, o show de vizinho, ele, o único e inigualável, Kaleb

Petterson!

Estremeço ao sentir a mão pesada dele em minha cintura e seu corpo se aproximar do meu, em um abraço apertado, deliciosamente quente e seu cheiro envolvente me deixando desnorreada.

*Esse cheiro...* foi tão bom dormir sentindo ele. E agora, nesse abraço, peço para que o cheiro fique em mim.

— *Isso é fingimento, para você?* — sua mão passa por cima do meu coração.

Que parece tambores, batendo freneticamente, numa dança da chuva para trazer o oceano e a vida marinha de volta ao deserto. Esse homem não cansa de me deixar molhada. Parece que se diverte em me tentar, ainda mais na frente de tantas pessoas.

— *Parece fingimento, para você?* — ele tira a soda das minhas mãos e as leva para dentro de sua camisa, onde sinto seu peito macio, musculoso e seu coração.

Isso dura apenas um segundo, para mim, como prendo a respiração e me perco em pensamentos, sinto como se ficássemos nessa posição por horas.

Mordisco os lábios ao descer as mãos por aquele corpo delicioso, mal consigo conceber que acabei de realizar o sonho proibido de sentir o tanquinho desse homem!

E ele está aqui, diante de mim, o rosto tão próximo que me deixa eriçada e constrangida, não solta as minhas mãos e eu quase fujo quando ele as desce um pouco mais, quase para dentro da calça.

— *Meu Deus!* — murmuro, bem alto. Estou falando, estou praticamente gritando, só que sem voz.

Todo mundo olha para nós dois.

— *Você está fingendo, Anne Moore?* — esse demônio lambe os lábios e passa pelo meu lado, para fora do bar.

Primeiro fico paralisada, tentando entender o que acabou de ocorrer. Depois, vou atrás dele, de volta para o corredor e depois para a sala, onde Kaleb vai em direção ao filho, que está fazendo um barulho, o mesmo que fez em minha casa.

A televisão está ligada e passa um vídeo de música. Todas as crianças parecem irritadas, menos uma. Um garotinho que está sentado, extremamente atento à dança e a música.

Kaleb põe o abafador de ouvidos no pequeno, que imediatamente para o que estava fazendo e olha para o pai.

— Será que tem abafador para as *fomigas*? — o pequeno pergunta.

— Elas não se incomodam, filho. Mas vou providenciar um abafador gigante para o aquário — o adulto garante.

E ao fundo, a sala é embalada pela música que, ao que parece, o tal Vincent, gosta muito e não para de ouvir, novamente, ao que parece, em todas as reuniões dessas crianças, já que todas estão extremamente incomodadas:

*Baby shark doo-doo-doo-doo-do.*

# Capítulo 12

*Kaleb Farrah*

*Cinco anos atrás*

A porta do elevador se abre no último andar do glorioso prédio da *Farrah*, a maior empresa do ramo de construção e imobiliário de Miami. Saio dele, mantenho as mãos no bolso e sigo para a minha sala, após mais um contrato milionário fechado.

Eu trouxe essa empresa para o século XXI. Tornei-a ágil, única, não há mais competição. Matei todos os tubarões do mercado ao nosso redor e agora o foco era expandir para o país, quem sabe, para a América Latina, o que seria uma aventura perigosa, já que a LEÃO&DOURADO domina absoluta tudo do México para baixo no mapa.

Mas preciso ser ousado, sei que sou capaz. Sonhar pequeno e sonhar grande dá no mesmo, então, o que me custa tornar a *Farrah* maior, mais influente e poderosa do que a lendária L&D?

Antes de chegar à minha sala presidencial, Lety, minha secretária, murmura:

— O seu pai veio vê-lo, senhor — ela avisa sem fazer alardes e mantém o rosto abaixado, mexendo nos papeis.

Não tenho tempo de agradecer. Entro no espaçoso escritório e o vejo sentado em minha cadeira.

— Aproveitando a vista, eu suponho — desabotoo o terno e ando até ele.

Albert Farrah, o meu pai, é muitas coisas. Um homem com sede de poder, certamente; um controlador nato, é claro; e alguém que não sabe contornar assuntos ou abordar temas com calma, isso é nítido. Ele gosta de ir direto ao ponto.

— Por quanto tempo você acha que podia esconder isso de mim? — ele rosna.

— Esconder o quê? Que sou mais talentoso do que pensei? — fecho o punho e o deslizo para cima e para baixo no terno, me gabando. — Ou que eu poderia levar essa empresa familiar para outro patamar? Estamos expandindo, pai! Somos a droga do Império Romano, nesse momento!

Não parece que é sobre esse assunto que iremos tratar e isso me desestimula. *Não iremos comemorar os louros da vitória?*

— Eu pensei que você me daria algum orgulho, mas...

— Do que o senhor está falando? — pouso a mão na mesa de mogno escuro e o encaro, preocupado.

— Você pensou mesmo que poderia mentir para mim? Que poderia esconder seus segredinhos e me olhar, dia e noite, com a cara lavada? Você é uma decepção, Kaleb.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — procuro as câmeras. Só pode ser uma daquelas pegadinhas, não é possível.

— Graças a Deus, você tem um pai que sabe dar cabo dos assuntos. Então está resolvido.

— Podemos ir direto ao ponto?

— *Você não pode ser pai!* — ele diz colérico, explode sem avisar. — *Eu aqui, tentando construir laços, praticamente estou te dando de bandeja para a filha do governador ou até me dê tempo para conseguir*



*uma mulher adequada, filha de político, de gente que pode contribuir com a nossa causa.*

Sem palavras, é como eu fico. Não pensei que conseguiria esconder isso para sempre, mas... *como ele descobriu?*

— Você tem duas opções — ele retorna ao estado normal, passa a mão nos cabelos, asseando-os para trás e olha para a janela. — Aborto ou destruir a vida dessa desgraçada.

— Pai...

— Não há problemas em ter bastardos. *Você acha que não tive os meus, porra?* Todo homem tem segredos para guardar e é bom que a maioria deles esteja a sete palmos do chão. Olhe só para você, Kaleb. Jovem, promissor, inteligente, um bom arguidor. É bonito! De boa família!

— Eu não acho que... — tento construir um argumento, mas ele não me permite.

— *A porra da filha de uma professora, Kaleb? Que futuro uma mulher dessas pode te dar? Vai construir o seu Império Romano com o quê? A plebe? Água e óleo não se misturam.*

— Como o senhor descobriu?

— Eu tenho os meus modos e não serei questionado — ele é resoluto. — Não me faça tomar *tudo o que eu te dei!* Você não existe sem mim! Você é o meu filho, o meu herdeiro e eu te criei para ser o dono do trono. Mas o que você vai? Procriar com *gentezinha*. *Meu Deus... onde errei?*

— Pai.

— Não me dirija a palavra! — ele diz. — A não ser que tenha escolhido entre o aborto ou destruir a vida dessa desgraçada. Não terei netos

que fujam dos altos padrões que temos, Kaleb! Pense bem! Engravidasse a porra da filha do presidente! Do governador! De um bilionário! Mas não a de uma professorazinha! — ele vocifera.

— É a sua palavra final? — tento segurar a emoção. Sou bom nisso. Mas não o suficiente quando o meu pai diz:

— Se tomar a decisão errada, você não será mais o meu filho. E eu vou tomar tudo o que te dei e irei destruir a sua vida.

Isso doeu. Mais do que eu poderia imaginar que palavras pudessem doer.

— Você é o rosto do Império, filho. Você é a Farrah. Você é o CEO que comanda tudo isso e eu estou orgulhoso do seu trabalho — ele me acaricia com as palavras agora, mas sei que em seguida terei seu golpe de misericórdia: — Mas terá de escolher entre ter a merda desse bastardo ou continuar a ser o dono do Império.

Ele respira fundo como se isso pudesse apagar seus gritos e acusações, suas ordens insanas e suas palavras que acabam comigo.

— *Essa é a minha palavra final* — ele diz calmo, como se tudo estivesse bem agora.

### **Atualmente**

Com o abafador de som na orelha, Nicolas volta a ficar equilibrado e quase que de imediato *abstrai* que Vincent está ali, que o odeia com força e odeia ainda mais aquela música. Assim como metade daquelas crianças também odeiam.

Tem sido desafiador ser pai desse rapazinho.

E eu não sou de fugir de desafios, tenho buscado ser o melhor pai do mundo que ele poderia ter.

Crianças como Nicolas demoram até apresentar interesse por alguma coisa. Ele não é como qualquer garoto que vê uma bola ou algo brilhante e imediatamente fica encantado. Ele se encanta por coisas específicas, assim como todas essas crianças.

Nicolas tem muito interesse pelas formigas. Assim como seus coleguinhas tem interesses pela tabela periódica, por dinossauros ou carrinhos...

Vincent tem interesse nessa música. Em específico. Ele não para de escutá-la. E isso atormenta todo mundo.

O que nós, como pais de crianças assim tentamos fazer é tentar aproximá-los, mostrar desde cedo que existem outras crianças como eles, para que no futuro ou em algum momento eles possam desabafar, ajudar ou criar alguma empatia pelos coleguinhas.

Nicolas até consegue, com alguns. Com Vincent não, ele o odeia.

— Agora está melhor, filho? — me ajoelho ao lado dele e vejo se os abafadores estão bem colocados e se está tudo bem.

Nicolas toca o vidro do aquário de formigas e acompanha com os olhos os trajetos que elas fazem.

— Filho? — continuo ao lado dele, encarando-o.

Mas Nicolas me ignora. Às vezes é assim, é como se eu não estivesse ali.

No início eu pensava que era *desinteressante*. Que nem mesmo o meu filho me dava bola, não ligava para a minha presença...

Nicolas “fugiu” de casa várias vezes. Não porque ele é rebelde ou não se sinta confortável... ele só não sentia que *pertencia*.

*Pertencer* é uma coisa importante e bem difícil.

E crianças como Nicolas às vezes dissociam completamente identidades ou importâncias e se concentram no que lhes desperta interesse.

E esse menino é o meu maior interesse. Eu sinto, dentro de mim, que de alguma forma eu *pertenço* a ele.

A casa não seria a mesma sem Nicolas, a minha vida não seria a mesma sem ele e quem eu sou e me tornei não existiria sem ele.

Pode ser, sim, que para Nicolas eu não esteja aqui, agora.

Mas para mim, ele sempre estará aqui e eu sempre me dedicarei a ser o melhor para ele. Infelizmente eu sou tudo o que ele tem, então preciso me esforçar de verdade.

— Ainda estou aqui — beijo o ombro dele. — E sempre que precisar de mim, eu vou vir e vamos resolver tudo, absolutamente tudo juntos — não sei quantas vezes já disse isso, mas repito.

Direi quantas vezes forem suficientes até que ele se lembre ou aprenda.

Nicolas vira o rosto devagar para mim e aparenta surpresa ao perceber que *ainda estou aqui*. O surto de raiva passou, ele já está mais tranquilo e já pode retornar para o que estava fazendo.

E eu vou estar ao lado dele, antes do surto, no surto, depois do surto.

Enquanto eu estiver vivo.

— *Toma carinho* — ele passa a palma da mão aberta no meu nariz umas duas vezes e sai andando para a cozinha.

## *Anne Moore*

Kaleb abaixa o volume da televisão, o que faz com que o tal menino Vincent fique agitado. Daí ele desaparece pelo corredor por alguns segundos e retorna com um celular e fones de ouvido, coloca no menino e desliga a TV. O menino continua olhando para o eletrodoméstico desligado, mas continua se divertindo.

— *Uau* — é tudo o que consigo dizer quando Kaleb está de volta ao meu lado.

— O que foi? — ele se diverte.

— Imagino que... todos eles têm gostos únicos e algumas vezes entram em choque, como o garoto que gosta de ouvir o *Baby Shark*.

— Pois é — ele assente.

— Desculpe-me se eu estiver sendo indelicada ou fazendo as perguntas erradas, mas... não te cansa? Eu já teria surtado, de verdade. Você foi bem inteligente de ter colocado a música nos fones de ouvido para ele, acho que foi isso que fez, certo?

Kaleb respira demoradamente e me olha da mesma forma, parece que está apreciando meu rosto ou algo assim.

— Cansa, é claro — ele diz. — Principalmente depois de umas cinquenta quartas-feiras o Vincent ficar horas e horas seguidas ouvindo a música favorita dele. *Mas quer saber?*

— *Hum.*

— Eu também tenho os meus gostos estranhos. E você deve ter os seus. Mas o Nicolas me ensinou algo muito precioso. Algo que se eu aprendi na escola ou em qualquer outro lugar, não dei valor como dei ao que ele me ensinou.

— *E o que ele te ensinou?* — pergunto, não consigo conter a curiosidade.

— Um momento — ele pede. — Vamos ver se ele está disposto a nos ensinar.

Kaleb chama Nicolas, mas ele não vem. Então ele pega o aquário de formigas de onde está e traz para perto de mim, coloca em cima da mesa.

O pequeno instantaneamente vem e fica entre nós, apreensivo, ao que parece, para tentar entender o que o pai quer tirando o aquário do lugar onde ele deveria estar.

— Nicolas — ele mexe nos abafadores de ouvido e os afasta um pouco. — Conta pro papai, por que você gosta de formigas?

— *Mas eu já te falei!* — ele cruza os braços, aparentemente ofendido.

— Eu sei, eu sei que você me falou e eu lembro de cada palavra que você disse — Kaleb sorri de um modo angelical que é diferente de todos os sorrisos que trocamos até agora.

Parece que a sua criança interior está conversando com o filho e isso é fascinante.

— Mas a Anne... — ele segura a minha mão e me puxa para perto. — Ela quer saber porque você gosta de formigas. A Anne gosta muito de formigas.

Nicolas se vira para mim, de supetão.

— Gosta?

— É claro que gosto — me agacho para encará-lo. Não sei se tocá-lo é uma boa ideia, então me contenho a abrir o meu melhor sorriso.

— *Fomigas* — ele começa assim, enche bem os peitos para começar a falar, parece que tem muito a me dizer. — As *fomigas* vivem em colônias, assim ó — ele faz o sinal de “muito” com os dedinhos. — Elas são fortes e sabem se comunicar sem precisar fazer barulho.

*Que menino inteligente! No início era monossilábico, agora está me dando uma aula!*

— As *fomigas* são fortes e conseguem carregar coisas muito mais pesadas que elas mesmas — ele abre as duas mãos e as joga para os lados. — E o mais importante! — ele aponta o indicador para mim.

— Estou ansiosa para ouvir — me aproximo dele.

— Quando uma *fomiga* encontra algo que é muito, muito, muito pesado de carregar... ela chama as outras amigas, as *fomigas* da colônia. Elas fazem pontes, com os próprios corpos. E se juntam para carregar qualquer peso, porque elas sabem que se uma *fomiga* não for forte para suportar... — ele faz uma pausa. — Ela tem toda a colônia para ajudar.

Não sei se sou boba ou o quê, mas... acho que tem um olho nas minhas lágrimas.

Parada, do jeito em que estou, continuo a encará-lo, enquanto sinto uma lágrima escorrer do meu olho. Esse menino talvez não tenha ideia do que ele acabou de me dizer... do subjetivo da coisa... é tão precioso que... não sei se um dia ele, na sua condição, irá alcançar o que isso significa.

Nicolas é muito mais inteligente do que aparenta ser. Talvez seja mais inteligente que muitos adultos que conheci.

E com essa simplicidade e esse jeito de gostar das formigas, ele dá uma lição muito importante.

— Anne gosta de *fomigas* — Nicolas diz para o pai.

Kaleb agradece ao filho e me olha, como se um dia seus olhos tivessem brilhado, como os meus. E as lágrimas tivessem sido suas. E a sensação de que aquele menino era um pequeno gênio, em sua simplicidade, fosse antiga e verdadeira.

— Você me fez gostar muito mais das *fomigas* agora, Nicolas — digo a ele, emocionada.

Tenho sua atenção por cinco segundos inteiros. Ele não esboça nenhum sorriso ou qualquer outro tipo de reação.

Vê o pai pegar o aquário para devolver ao lugar de origem e vira o corpo nessa direção e sai andando do seu jeito caricato, como se não tivesse me dito nada.

Mas ele me disse tudo.



# Capítulo 13

*Anne Moore*

O céu noturno de Miami começou a se apresentar aos poucos e pais e crianças deixaram a mansão dos Petterson, um a um. Agradeceram, elogiaram aquele local gigantesco e bem arrumado, e um dos tios de Nicolas veio buscá-lo.

Fui apresentada rapidamente a Noah e Enzo Evans, irmãos gêmeos, amigos de longa data de Kaleb. *Talvez strippers ou acompanhantes de luxo?* Ao considerar pelo corpo, talvez sim.

— Dê tchau para a Anne, filho, você só a verá daqui há uns dias agora — Kaleb asseou os cabelos do filho e beijou o topo de sua cabeça.

O pequeno nem me olhou, ficou bastante entretido com o celular que um dos gêmeos lhe entregou.

— Ele não estranha ao ficar longe de você? — perguntei, após ver o carro partir.

Kaleb colocou as mãos no bolso e sorriu, voltando para sua casa. Eu o acompanhei.

— Não, quem estranha sou eu. Ele gosta muito dos irmãos Evans e ir para Nova York é sempre uma aventura para ele. O padrinho dele, o Ethan, pai dos gêmeos, deixa todas as paredes do prédio em holograma para parecer um gigantesco aquário de formigas. Esse menino pira, não quer mais voltar para casa.

*Uau!* Paredes de prédio? Holograma? Deve ser gente envolvida com tecnologia de ponta, então!

— Pode ficar à vontade, agora preciso limpar essa bagunça — Kaleb diz e nós dois encaramos o rastro deixado pela reunião.

É, tem muita coisa a se fazer.

— Quer a minha ajuda? — pergunto.

— Não, você precisa se concentrar para a *grande semana da noiva*. Acho que ela vai exigir muito de você, então fique descansada.

— Eu estou ótima — balancei os ombros e já me adiantei catando os brinquedos espalhados pelo lugar. — Kaleb, onde eu devo por...?

*Onde está esse homem?*

Olhei de um lado para o outro e não o vi. Tomei a liberdade de perambular pela casa e entrei na biblioteca, em um escritório bastante luxuoso, mas não me demorei ali. Na porta ao lado estava a sala de brinquedos, então retornei para a sala e levei toda a bagunça para lá, isso levou um tempo.

— *Kaleb?* — saí pelos corredores em busca dele. Essa casa é gigante mesmo e parece um labirinto.

No andar de cima, quase no fim do corredor, ouvi barulho de chuveiro. *Ah, pelo visto ele já foi se banhar para poder descansar. Tudo bem.*

A decoração da casa é simples e de muito bom gosto. Vejo diversos quadros com fotos do Nicolas, na maioria delas está o pai. Segurando-o, quando ele era bebê. Acompanhando os primeiros passos do filho. O primeiro sorriso sem os dentes da frente do pequeno com o pai gargalhando

ao lado dele. São excelentes memórias para se expor, mantém aquele corredor com a sensação de um lugar convidativo e quentinho.

Entro no quarto de Nicolas e vejo o maior aquário de formigas que vi até agora. E a cama do menino é simplesmente a moldura do carro do ano com um colchão que deve ser melhor que desses de hotéis.

*Esse cara tem dinheiro, não é possível. Ele deve ganhar muito bem seduzindo as mulheres...*

Deixo tudo em ordem e entro no quarto de Kaleb. Rapidamente o reconheço porque vejo a janela do meu quarto assim que entro pela porta.

O quanto é extenso, deve ser maior que a minha cozinha acoplada à sala. A cama é o meu sonho de consumo, é gigantesca, não me contenho e sento nela.

*Sentar?*

Deito nela. Abro bem os braços, feito uma borboleta.

*Borboleta não, uma mariposa, né? Me remexo toda naquele colchão dos deuses, o verdadeiro sonho de consumo, se eu dormisse nessa cama, eu nunca acordaria irritada!*

Agora entendo porque esse gostoso está sempre sorridente e de bom humor. Se eu dormisse aqui, também acordaria.

Ele parece um verdadeiro campeão. Tem duas estantes imensas, cheias de medalhas e troféus, parece que foi jogador também. Tem de tudo, desde coisas do colegial e faculdade, até prêmios a nível econômico e administrativo!

*Ah, ele deve ser formado em finanças e... espera... esse cara já saiu na Forbes?*

Volto correndo para a cama e me sento ao ouvir o barulho de uma porta batendo. *Droga! Eu vou ser pega no flagra! Invadi o quarto do cara, e agora?*

Quando Kaleb entra no quarto, eu já solto:

— *Eu posso explicar.*

Ele fecha a porta e se vira, um tanto assustado e no impulso deixa a toalha azul marinho cair.

*Bom... eu poderia explicar... mas acho que não vai dar tempo não.*

Kaleb se abaixa calmamente, pega a toalha do chão e seca os cabelos. Parece que não liga de estar nu. E sinceramente? Se eu tivesse esse corpo e esse... meu Deus... estou ficando sem ar.

— *Você está bem?* — ele pergunta. Pela minha cara, dá para perceber que não estou não.

Me jogo para trás na cama e fecho os olhos. É agora que eu fico de quatro, de oito e faço origami?

Tento me levantar, num sobressalto, mas acabo batendo com a testa na dele.

— *Au!* — dizemos juntos.

— *Você está bem?* — ele repete, dá alguns passos até o canto do quarto, onde tinha examinado e retorna com dois pedaços de gelo. Coloca um na testa e me entrega o outro.

— *Só fiquei um pouco zonza, mas já me sinto melhor* — minto.

Agora Kaleb está diante de mim, o seu corpo praticamente nu, apenas a cintura está coberta pela toalha. Seu corpo continua úmido, pelo

visto ele passou algum óleo corporal bem perfumado, após o banho. Seus músculos estão em evidência e não sei porque isso me deixa com água na boca.

*Será que essa é a hora? Por que eu ao mesmo tempo quero e ao mesmo tempo tenho medo?*

Esse homem mexe comigo de um jeito que não me recordo de ter me sentido.

Não consigo raciocinar, não consigo desgrudar meus olhos desse deus grego e também não consigo fazer o que acho que tenho vontade. Me dá um frio na barriga, e eu me sinto assustada. Mas definitivamente estou tentada.

— Isso é... meio gelado... — Kaleb ri.

Só então percebo que estou passando o cubo de gelo pelo abdômen dele e quase subindo para os mamilos.

— *Desculpa!* — quase solto um grito e seguro o riso. — *Eu estava distraída...* — abaixo os olhos.

Sou puxada pelo braço para fora da cama, num impulso só. Fico de pé, diante dele, seu rosto se aproxima lentamente e eu só penso em me afastar. Mas o corpo não obedece mais ao cérebro e fica ali, parado, esperando o bote.

— *Eu também me distraio às vezes* — ele murmura e segura com as mãos geladas em minha cintura. Um calafrio sobe pela minha espinha.

Mas ao mesmo tempo que aquele toque pode ser congelante, ele me deixa pegando fogo. Os dedos de Kaleb apertam a minha pele e me empurram de volta para cama.

Agora sim eu caí deitada feito uma borboleta, toda aberta, prontinha para bater as asas.

E ele vem para cima de mim, deixa a toalha cair, limpa suas mãos na cama e ao senti-las novamente em meu corpo, elas estão em uma temperatura agradável. E me tocam de um jeito delicioso. E me fazem sentir que talvez eu estivesse no lugar certo e na hora certa, pela primeira vez na vida.

Kaleb segura em minha nuca e me encara com demora antes de me beijar. Já fico sem ar antes mesmo de nossos lábios se tocarem, e quando nossos rostos se aproximam, eu suspiro e o abraço.

Dessa vez eu não estou sendo pressionada contra a parede, mas contra essa cama gigantesca. Sinto que poderia passar dias aqui, com esse pedaço de mau caminho arrancando as minhas roupas, sua pele perfumando a minha e suas mãos fortes apertando-me.

Eu tenho inseguranças, admito.

Será que estou com um cheiro agradável? A minha depilação está realmente em dia? Ao me ver nua ele vai continuar excitado?

Eu não sei. Sinceramente não sei, me sinto preocupada agora.

Mas não me sinto desconfortável. Não há como ficar. Kaleb chupa meus lábios e nos levanta, fica sentado na cama e me obriga a sentar no colo dele.

Eu não tinha nem roupa para um evento assim, ainda bem que faremos isso pelados.

— *Meu Deus, estou sem ar* — deixo escapar meu pensamento pelos lábios.

— É só respirar — ele massageia minhas têmporas, roça a barba pela minha pele sensível, me deixando eriçada.

Quanto mais esse homem avança, mais eu me agarro a ele.

*Eu deveria fugir? Se eu tivesse um pingo de juízo, sim, eu deveria.*

Mas sou esperta demais para deixar essa oportunidade passar.

— *Ou você quer que eu pare?* — ele murmura, rouco, ao pé do meu ouvido.

*Eu quero que você pare dentro de mim, seu gostoso.*

— *Nem pense nisso* — digo feito uma lady.

Kaleb praticamente arranca a minha camisa e agora sim consigo sentir seu cheiro delicioso em mim, quase por completo. Sua língua sobe pelo meu pescoço bem devagar e arrepio-me ao sentir os beijos em minha nuca, as mãos desabotoando a minha calça e seu corpo obrigando-me a rebolar em cima dele.

Se eu soubesse que ia ser assim, já teria invadido a casa do vizinho há muito tempo.

— *Eu quero você, agora* — ele diz.

Isso afasta imediatamente qualquer insegurança.

— *Eu... eu também quero...*

*Quero? Acho que não inventaram uma palavra mais adequada ainda. Talvez um “moço, por favor, eu nunca te pedi nada, você poderia me fornecer um atestado médico? De trinta dias?”*

— *Isso é bom* — ele sussurra. — *Por que eu não consigo mais me controlar.*

— *Se controlar?* — mordo o lábio dele.

— *Você me tira do sério* — ele diz.

Não há como responder isso sem que seja:

— *Não se controle, Kaleb* — peço e nos encaramos por um longo segundo. — *Acaba comigo, bebê.*

Kaleb desce pelo meu corpo, sua barba me eriça, minha pele reage instantaneamente. Seguro os lençóis da cama e me contorço em leves espasmos, introduzida pela sensação da boca carnuda desse deus em meus mamilos, tão suavemente, e depois lambendo-me de um jeito que só me faz imaginar se ele mostrará todo esse talento *mais abaixo*.

Sua barba me atíça ao descer por minha pele, no início sinto um misto de cócegas e frio na barriga, mas quando chega em minha pelves e agarra as minhas coxas com *aquela pegada* que eu sonhei e imaginei em meus sonhos mais secretos, eu sinto, definitivamente, que será muito melhor do que cogitei.

— *Você vai me deixar louca* — deixo o pensamento escapar, mais uma vez, mas tomo cuidado para que saia bem baixinho, para ele não ouvir.

*Me deixar? Já me deixou!*

A língua de Kaleb desce até chegar no proibido. Prendo a respiração e solto um leve gemido ao assisti-lo beijar a parte interna das minhas coxas.

Lentamente Kaleb levanta as minhas duas pernas, deixando-me empinada, coloca um travesseiro debaixo do meu cóccix.

Dessa vez eu não vou assistir o show de vizinho. *Eu farei parte dele.*

— *Kaleb!* — quase grito ao sentir sua língua subir da coxa até a minha boceta.



Eu pensei que esse homem era uma delícia beijando os meus lábios. É porque eu não tinha experimentado nas outras partes do corpo.

É simplesmente mágico. Não tem nem comparação.

Kaleb os beija devagar, suas mãos ainda seguram minhas coxas e sua língua é mágica. Ele a movimenta sutilmente justamente nas regiões mais sensíveis e fricciona ali em movimentos circulares, bem devagar, fazendo-me agarrar à cama e pedir por mais.

Pedir, não, porque não consigo abrir a boca a não ser para gemer.

— *Você é deliciosa* — ele diz.

Agora o arrepio vem junto e eu me desmancho em sua boca.

Ele me beija como se tivéssemos toda a noite, semana, meses e um ano inteiro para me deixar louca de tesão.

Kaleb sabe que não precisa me deixar molhada. Eu já estava molhada esse tempo todo. *Ele quer me deixar o próprio dilúvio. Encharcada..*

— *Meu. Deus. Do. Céu* — eu digo pausadamente.

— *O que foi?* — ele ri.

Esse diabo desgraçado! *Ele sabe onde fica o clitóris.*

Uma de suas mãos com o dedo indicador e do meio me deixa bem aberta e com a outra agora, ele movimenta sutilmente o dedo polegar em mim. A língua o acompanha e a velocidade com que faz é mágica.

Agarro-me à cama. *Com força.* Eu quero, mais do que nunca, ficar aqui.

É a hora do meu show pessoal! Eu esperei muito por isso.

— *Você é ainda melhor do que eu esperei* — suas palavras me arrepiam.

Mas é a língua com os movimentos circulares e o polegar que me fazem contorcer pela calma, prender o gemido e respiração.

É realmente tão bom que eu tenho quase certeza que *não precisarei fingir. Nada.*

*E eu não sei nem como que não finge, porque acabei de perceber que passei a vida toda fingindo.*

— *Você não pode ser real...* — murmuro.

Sinto meus lábios contornados pelos dele e uma lambida caprichada para me tirar o resto de juízo que sobra e sinto sua língua retornar para o meu corpo, subindo em minha direção. Suas mãos me agarram, a pegada é forte e sinto-me massageada pelas laterais do corpo, até chegar aos seios.

Quando abro os olhos, lá está ele, com seus grandes olhos azuis. A cara de safado só piorou e algo me diz que o melhor está por vir.

— *Eu estou pronto para você, agora* — ele dá ênfase no “agora”.

*Amor, o que você quer de mim? Eu já estou deitada, arreganhada, esperando você me jogar na parede e me chamar de lagartixa!*

— *O que...* — tento dizer, não consigo raciocinar.

Mas sou interrompida por aquele pau.

Senhoras e senhores, conhecemos a língua de Kaleb. Um beijinho de cada lado dela, foi um prazer. *Agora vem a melhor parte.*

Eu o sinto em mim. Passando pelos meus grandes lábios, tão duro e grosso. Engulo em seco e já me sinto desmontada.

— *Calma, bebê, eu vou cuidar de você.*

*Ok, só porque ele disse isso, eu vou deixar ele me destruir mesmo. Como pode ser tão fofo e safado e cafajeste e tentador, esse vizinho?*

— *Vem cá, vem* — ele segura com o indicador em meu queixo e me faz levantar da cama.

Fico de quatro e de cara com aquele caralho. *O senhor caralho*. A glândula é grande e rosada, as veias pelo pau terminam de me deixar louca. *Não vai caber na boca*, mas quem disse que eu queria que coubesse?

Eu já disse: juízo não tenho. Mas as melhores mulheres são assim.

Passo a língua pela glândula e vejo o caralho balançar. Não há outra forma de pegá-lo, senão com as duas mãos. Consigo colocá-lo na boca, ao menos a cabeça, e fecho os olhos por puro prazer e tesão.

*É melhor do que eu esperei.*

Tão cheiroso e quente, macio em minha língua e ao mesmo tempo duro.

*Foda-se, eu quero esse homem já, eu não consigo esperar mais.*

*Eu estou pegando fogo e se eu esperar mais um segundo eu vou surtar, mais do que já estou surtada!*

Kaleb e eu temos uma sincronia que me assusta. Ou ele entende os meus olhos ou meu corpo, porque quando afasto a boca, ele põe a camisinha e agarra a minha cintura, puxa-me para o seu colo e esfrega mais uma vez esse pau em mim.

*Eu estou pronta. E mais do que pronta, eu quero.*

E parece que o olhar dele tomou um ar diferente, bem mais envolvente e chamejante...

Kaleb me prende em seu beijo molhado e quente enquanto suas mãos me levantam em seu colo. Quando me abaixa, devagar, sinto seu pau

fazer pressão em mim e por fim eu vou ao paraíso.

*Está doendo mais do que eu me lembrava.*

— *Vai melhorar, eu prometo* — ele diz, quase que um telepata esse homem.

E assim ele me devora, começa devagar e não poderia ser mais envolvente. Agarro-me em seus braços e sinto sua glândula entrar em mim, sinto-a pulsar dentro de mim e a mágica que Kaleb faz com seus beijos e seu toque me relaxa e tranquiliza.

Sou deitada na cama com cuidado, mas nossos corpos não se desconectam. Sou tomada pelo prazer do homem que tanto espiei e desejei e não podia imaginar que seria tão bom estar em seus braços.

Kaleb me envolve e atíça, suga meus lábios enquanto me castiga com uma palmada, uma mistura interessante e que me deixa sedenta por um pouco mais.

Abro bem as pernas e deixo-o fazer de mim o que quiser. O que é perigoso, mas eu não tenho medo.

Meu desejo só aumenta ao senti-lo tirar o pau completamente de mim e depois pressionar a minha entrada para retornar. *Tenho vontade de xingá-lo, obviamente.* Porque fazendo isso, Kaleb avança um pouco mais e devo admitir que esse é o meu limite, por enquanto.

Seu dedo polegar retorna para o meu ponto mais sensível e o massageia, sem cansar. E seu pau duro e pulsante entra e sai de mim até onde consigo aguentar.

Em cada estocada eu sinto ver estrelas, e aquela barba pela minha barriga, entre meus seios e nuca me despertam sensações que eu nunca senti antes.

Eu tenho sede de bebê-lo. E tenho fome, verdadeira gula, de seu corpo.

Tudo em mim queima, tudo em mim parece magnético e eu estou, de verdade, prestes a explodir.

A sensação é tão boa que me perco em meus pensamentos e minhas mãos se perdem naqueles ombros musculosos, no peitoral voluptuoso, no abdômen tão trabalhado.

Esse cara é um show.

E pelo visto eu faço parte do seu espetáculo.

— *Você não vai gozar?* — pergunto.

É estranho, porque... ele já está há minutos assim. E não deixa de ser viril, duro, gostoso, meu Deus, do jeito que ele entra em mim e seu corpo levemente se contorce, parece algum tipo de obra proibida.

— *Gozar?* — seu rosto retorna para perto de mim, ele parece se divertir.

Não tenho tréplica. Só a lembrança de que todas as minhas experiências em sexo sempre foram bem curtas.

— *Mas eu nem comecei ainda, bebê.*

— *Nem começou?* — solto mais alto e mais intenso do que gostaria.

Kaleb ri e sai de dentro de mim. Segura em minhas duas mãos e me puxa para o seu peitoral, onde eu me derreto, me esfrego, me amasso. *Queria poder ficar assim pra sempre.*

Ele é fofo. *Fofo até me virar de costas e me deixar de quatro.*

Que cara sedento! E eu pensando que já tínhamos terminado!

Ele me penetra novamente e eu percebo que estou ainda mais molhada, ele avança um pouco mais que antes e... *é delicioso.*

Consigo sentir meu corpo fumegar e minha cabeça parece que vai sair do lugar. Novamente sinto uma pressão estranha, algo que quase me deixa *aérea*, com os pensamentos soltos, aproveitando o vai e vem dentro de mim.

— *Eu vou gozar quando você gozar* — ele apalpa os meus seios e cola minhas costas com seu tronco.

É gostoso senti-lo assim, suas mãos descem pela minha cintura e deixam um rastro que formiga em minha pele. Depois ele volta a me tocar levemente em minhas zonas erógenas e eu não consigo me controlar.

— *Gozar?* — pergunto.

*Não me lembro exatamente dessa situação.*

*Como disse, sempre fui boa em fingir orgasmos e...*

Enquanto Kaleb vai ainda mais intenso em mim e seus braços me envolvem, seus dedos beliscam os meus mamilos e todas as zonas do meu corpo que despertam algo em mim.

Quando penso que não...

*Oh, droga!*

*Eu estou muito constrangida.*

*Eu acho que acabei de fazer xixi na roupa, mas no caso, não tem a roupa.*

*Então eu acabei de fazer xixi na cama de Kaleb.*

Sua mão em mim deve sentir o líquido e por isso ele me vira. Fecho os olhos esperando a bronca. *Como que eu não segurei isso? Eu sou o quê? Uma criança de novo? Mijando na cama... dos outros?*

Então sou pega de surpresa por Kaleb virando-me e deitando-me na cama.

Ele se inclina em minha direção e lambe todo o meu corpo e *me limpa*, o que me deixa ainda mais tensa. E anestesiada, com certeza, estou nas nuvens.

— *Tudo bem aí?* — ele me pergunta.

*Não. Não está nada bem. Eu quero fazer igual um avestruz e enfiar minha cabeça debaixo da terra.*

— *Estou ótima* — digo.

— *Quer tomar um banho comigo? Quero te mostrar minha banheira.*

— *Banheira?*

— É. Ela é bem espaçosa, acho que você vai gostar — ele diz.

— Ok...

— *E nós ainda não terminamos* — ele sussurra em meu ouvido.

# Capítulo 14

*Anne Moore*

Dou um salto da cama quando vejo Emmanuelle parada, de braços cruzados, em frente à porta do meu quarto.

— *Acordou, não foi, Bela Adormecida?* — ela desdenha.

— *Aonde estou? O que houve? O que você está fazendo aqui?* — olho ao redor.

*Será que a noite anterior não passou de um sonho?*

— Ah, eu que gostaria de saber — Emms pega uma lixa de unha e começa o serviço. — Não vi a hora que a princesa voltou para casa ontem. Tudo bem? Onde esteve?

— Eu... estive... — pelo visto não foi um sonho. *Não mesmo.*

*Cadê a droga dos meus atestados?*

Tento me levantar, mas minhas coxas doem. E eu estou menos tensa do que de costume, Emmanuelle não esconde o riso e me acompanha com o olhar.

— Emms do céu! — me jogo em cima dela, com cara de horrorizada.

— Fala, amiga, me conte tudo e não me esconda nada. Nem os detalhes mais sórdidos — ela lambe os beijos.

— Amiga... que vergonha...

— *O que foi?*



— Emms... — respiro fundo e tapo o rosto. — Eu acho que fiz xixi na cama do Kaleb.

— *Como assim, Annelise?* — ela prende o riso.

— Eu não sei... ele estava dentro de mim e parecia que ele tinha meu manual, ele me tocava em todos os cantos e eu ficava louca... me segurei até onde deu, mas quando menos percebi... acho que... eu fiz...

— Mas tinha cheiro?

— Não — afirmo. Meu Deus, seria um mico maior se tivesse.

— E tipo, saiu tudo de uma vez em um longo fluxo ou foi pausadamente, como vários jatos?

— *Vários jatos* — aperto as mãos contra o rosto com mais força.

— Annelise, meu amor, você *esguichou*. Você teve um orgasmo — ela me abraça e comemora, feito uma doida.

— *Quê? Como assim?* — tento acompanhar o raciocínio, mas fico até zonha.

— Você soltou *jatos de prazer, meu amor*. Não era xixi!

Céus... isso explica muita coisa... principalmente a cara de safado do Kaleb depois de ver aquilo, eu sei que ele viu. E ele ficou todo manhoso e me tratou de um jeito tão fofo...

— Vai, garota! Me diz tudo logo de uma vez! Que horas você voltou ontem?

— Tarde da noite, acho que umas três da manhã.

— *Três?*

— Três. Da manhã.

— Agora me dê uma notícia boa, Annelise. Me faça ter orgulho de você.

— Eu estava no vizinho — jogo no ar e vejo-a girar onde está, ela abre os braços e abre bem a boca.

— *Não?!*

— *Sim.*

— *E aí? Não me decepcione, Annelise. Vinte e cinco anos nessa fuça, me dá orgulho, garota!*

— Nós transamos — revelo.

A louca solta um grito e começa a bater com os pés no chão.

— *Espera* — ela põe a mão no peito e respira fundo.

Um segundo de silêncio para expandir a tensão.

— *Foi bom?* — ela pergunta.

A pergunta que vale um milhão de dólares.

— *As quatro vezes.*

— *As...?* — ela precisa fazer uma pausa. De verdade. Ela arregala os olhos e encara meu corpo, sobe o meu pijama e fica vendo umas marcas de chupões e tapas e apertos que não saíram até agora. — *Amiga... vou até te levar na delegacia para fazer exame de agressão, o que que foi isso?*

— Isso foi o paraíso — preciso dizer.

— Ele pelo menos *durou? Ou é borracha fraca também? Goza rápido? Ai amiga, não me diga que foram 3 minutinhos...* — ela está buscando algum defeito, porque deve estar com inveja, a coitada.

— E eu lá tenho cara de que cronometrei o sexo, menina? Eu tenho cara de quê? De protagonista de livro erótico que tem a régua na língua e

quando vê o *negócio* do boy já diz: dezoito centímetros? Eu não cronometrei nada não. *Mas a propósito, 24.*

— *Annelise...* — ela diz horrorizada, essa palhaça.

— Só sei que quando entrei no quarto dele, era fim de tarde. Quando saímos do banho, depois dele me... *you know*, na banheira, já era meia noite.

— *Annelise do céu...* — ela tapa a boca.

— Não me arrependo de nada. Só do fato de não conseguir andar direito. Será que esse tempo que fiquei sem... *you know*... eu fiquei virgem de novo?

— Só se for virgem psicologicamente, né? — ela me dá um tapa. — Amiga, estou feliz por você! O vizinho é um partidão.

— Eu sei — afasto a cortina para ver se o encontro por ali, dando sopa, naquele quarto maravilhoso, mas nenhum sinal.

— *Falando em partidão... acho melhor você descer...* — ela sorri de um jeito malévolo.

— *O que foi? Samuel está aqui?*

— Só por cima do meu cadáver! — ela torce o nariz. — Amiga, veste uma roupa e desce. É sério.

— O que houve? — começo a ficar aflita.

— Só faz o que estou te mandando — ela arregala os olhos de um jeito imperativo.

Asseio os cabelos e vou até o banheiro para fazer minha higiene matinal. Visto uma roupa bem básica, de ficar dentro de casa mesmo, não estou com cabeça para vestir a roupa do trabalho.

Ao descer...

*Ué? Será que eu desci no lugar errado? Essa é mesmo a minha casa?*

Tem um monte de gente aqui. Não, espera, não é só *um monte de gente*. Tem manequins, araras abarrotadas de roupas, caixas gigantes e pequenas, um biombo no canto da sala e Luna, perplexa, tentando dizer para as pessoas onde elas devem ficar. Não há tanto espaço assim para tudo e todos ali embaixo.

— Ela acordou — Emmanuelle anuncia.

*O que está havendo, meu Deus do céu?*

— O que é tudo isso? — pergunto.

— Ainda estou me fazendo a mesma pergunta, mas na dúvida, boba, *aceita* — ela diz.

— Aceitar o quê, maluca? — olho ao redor. — *O que é tudo isso?* — repito, aflita.

— Bom, acho que você arranhou um anjo da guarda — Luna diz e segura minha mão. Ao chegar na sala vejo caixas luxuosas de marcas caríssimas.

*Agora é sério, o que é tudo isso e se for uma pegadinha eu ficarei muito irritada!*

— Quem são vocês? — pergunto para toda aquela gente.

— Estilistas, é claro — o careca com óculos redondo, cruza os braços. — Agora, vamos! Não temos o dia todo, vamos tirar suas medidas!

— *Mas de onde vocês vieram?*

— Da Prada?! — a moça com ar de modelo de passarela pergunta, ofendidíssima.

— *Gucci?* — ouço outro. — *Armani? Givenchy? Chanel?* — cada um vai dizendo, como se fossem seus nomes.

— *Que piada é essa?*

— Vamos, docinho, não temos o dia todo. Você tem uma semana de casamento para ir e nós precisamos deixar sua indumentária impecável — o homem de terno xadrez e óculos redondo vem em minha direção.

— Mas não sou eu quem vou casar... — olho tudo aquilo, desesperada.

Definitivamente eu não tenho como pagar nada disso, nem mesmo se eu trabalhar a vida inteira e reencarnar e quem sabe reencarnar mais sete vezes só pra dirimir o *karma* e os juros dessas roupas de alto padrão.

— Mas é você quem vai destruir o casamento — ele mexe nos óculos. — Jimmy, a propósito.

— Annelise — fico tão desnorteada que dou meu nome. — *Mas ninguém me chama assim... Só... Anne.*

— *Certo, Anne* — Jimmy sorri. — Precisamos tirar suas medidas para ajustar as roupas, depois confira se as bolsas são de seu agrado, são as melhores da última e nova coleção. Tem até coisa que ainda não foi apresentada, uns sapatos de salto alto exclusivos que talvez não cheguem esse ano às lojas... — ele começa a dizer sem parar, o que me deixa ainda mais zozna.

*Será que eu fiquei bêbada ontem e banquei a rica para comprar tudo isso?*

*Não faz parte do meu feitio.*

— Moço, eu não tenho como pagar — digo desesperada.

— Ainda bem que já estão pagas — ele diz, tão suave que parece que flutua.

— *Mas por quem?*

Teria sido Samuel? Não faz sentido algum isso!

— Estamos no endereço certo? — a azeda com cara de top model pergunta.

— *Anne Moore, é o número... bom... é, estamos no endereço certo*

— Jimmy confere.

— Tá, mas quem pagou por tudo isso?

— Kaleb Petterson... — Jimmy pisca os olhos com demora. — *É claro.*

Tive até a impressão de ver o desgraçado pela janela da cozinha.

Saí de casa deixando um rastro de fogo e fui até a mansão do vizinho gostosão. Sim, aquele que fez um *show particular* para mim ontem e me deixou assim, nesse estado, em que não consigo nem chegar na voadora. Eu queria. Dar uma chave de perna nesse desgraçado!

*Isso é algum tipo de piada?*

Bato bem forte na porta da casa dele. Ou ele abre isso ou eu coloco abaixo!

Na segunda vez que pego impulso para bater mais forte, a porta se abre. E eu, é claro, pendo para frente, dou um soco na direção do abdômen dele e quase caio. Kaleb me segura, mas leva a pancada na barriga.

— *Nossa, desculpa, não foi a intenção* — tento massagear no lugar.

Na verdade, era a intenção até metade do caminho. Depois eu pensei: será mesmo que a melhor forma de agradecer alguém que te dá tantos presentes é com um soco no estômago? E cá estamos nós.

E esse cretino está incrivelmente lindo. Usa uma camisa social branca de mangas compridas, ressaltando os atributos do seu corpo tão grande e suculento. *Espera. Eu disse suculento?*

*O que está havendo comigo?*

E calça azul marinho, sapatos italianos finíssimos e um cinto que deve ter custado metade do meu guarda-roupa. O relógio no pulso deve custar apenas uns dez anos do meu trabalho, acho. Coisa pouca.

— *Uau.*

— *O que foi?* — ele pousa uma das mãos no abdômen e me afasta com a outra.

— Kaleb Petterson, você pode me dizer o que é isso? — pego a bolsa na outra mão e quase bato na cara dele.

— *É uma Prada* — ele se desvia, o que me faz querer rir.

— Desculpa, os golpes não estão sendo intencionais. Só estou um pouco alterada.

— *Um pouco?!*

— Kaleb, o que significa tudo isso? — fecho a porta e o empurro para dentro da própria casa.

— *Ah... eles chegaram...* — ele levanta a sobrancelha. — *Te acordaram? Pedi que não a incomodassem, mas...*

— Me responde! O que é tudo aquilo?

Kaleb respira fundo e me olha no fundo dos olhos. Pousa as duas mãos em meus ombros. *Esse é o momento em que ele me chacoalha e pede para eu parar de ser louca, tipo a Emmanuelle?*

— Você quer chamar a atenção do seu ex. E eu vou te ensinar, passo a passo, como destruir o coração de um homem. Então, aproveite, bebê.

— Você... — digo no automático, irritada. Mas depois processo o que ele disse. — *Espera. Você fez isso por mim? Para a minha ideia louca de atazanar o meu ex?*

— É o que parece — ele anui com calma.

— *Mas... como você vai pagar? Kaleb, você sabe quanto custa uma bolsa dessa?* — puxo o objeto com tanta intensidade que quase acerto o rosto dele de novo.

— Na verdade, eu sei — ele desvia, toma a bolsa das minhas mãos e não me devolve até que eu recobre o mínimo de juízo.

— *Isso... Essa bolsa, só essa maldita bolsa deve custar, sei lá, mais do que eu ganho por ano?*

— Nossa — ele suspira. — *Você ganha tão mal assim?* — ele lamenta.

— Seu idiota! — dou um tapa no ombro dele. — Como você vai pagar por isso?

Kaleb parece estar se divertindo com a minha cara, esse cretino. Esse delicioso e cremoso cretino, suculento e crocante. Vontade de morder o ombro dele, igual ontem à noite. Eu sei, eu sou muito carnívora. Minhas ancestrais não aprimoraram a lança e arco e flecha para ir caçar qualquer carne. *Só a de primeira linha.*



Kaleb segura a minha mão e me leva mais adentro da sua casa, me senta no sofá e se senta na poltrona à frente.

— Anne...

— Meu Deus. Esse é o momento — me arrepio toda.

— *Que momento?* — ele pergunta, confuso.

— *Aquele. Você sabe.*

Kaleb arqueia a sobrancelha e eu aponto o indicador para ele.

— *Eu sei. Eu sei o que você é* — tapo a boca.

— *Pois é... eu...*

— Não. Você precisa dizer: “*diga. Diga em voz alta*”.

— Espera. Isso parece muito confuso para mim, não sei do que estamos falando — ele coça a ponta do nariz.

— *Você é um... vampiro* — arregalo os olhos.

Kaleb olha ao redor, em completo silêncio. Depois seu olhar retorna para mim, completamente intrigado. Ele permanece em silêncio por mais algum tempo e eu espero que ele me diga a verdade.

— *Desculpa, eu sempre quis ser a Bella Sw...*

— Eu sou bilionário — ele diz.

*Caralho. Era mais fácil ele ser vampiro! Como assim?*

— *Quê?*

— É. Muitos zeros na conta em frente a um número. É isso. Esse é o meu segredo. *Tcharam!* — ele abre as mãos na última palavra e abre um sorriso de “surpresa!”.

E eu estou mesmo surpresa. De verdade. Então acho que esse é outro filme.

— Meu Deus...  *você tem gostos peculiares...* — tapo a boca.

— *Ok, vamos retornar para o papo real, porque você está me deixando confuso, eu não entendo o que você está falando.*

— Você se chama Christian, na verdade?

— Kaleb — ele responde. — Petterson.

— Tá — tento acompanhar. Mas está difícil. — Espera, você ganhou um bilhão de dólares sendo *stripper*? *Então está valendo mesmo a pena vender o corpo!*

Agora ele realmente ficou curioso. Kaleb cruzou as pernas e uniu as duas mãos em cima do colo e me analisou dos pés à cabeça.

— Você não faz mesmo ideia de quem eu sou — ele levanta a sobrancelha.

— Kaleb Petterson — digo. *Ou não? Será que o nome dele é Christian mesmo?*

— *Espera, você disse que eu era o quê?*

— *Stripper. Acompanhante de luxo... você sabe, garoto de... não? NÃO!?*

Eu estou passada, engomada, colocada no cabide, retirada, usada e jogada no balde de roupa suja. O mundo deu tantas voltas aqui que eu acho que o meu ponto passou e eu não desci do ônibus. *O que está acontecendo?* Não, é sério, essa pergunta resume a minha existência: *o que está acontecendo?*

— O que te faz pensar que eu seja stripper?

— O seu corpo. *Delicioso, por sinal* — preciso pontuar, com um sorriso que chega a queimar minhas bochechas.

— Quê isso, você que é, bebê — ele pisca.

— Mas... você não é... ou é?! Por que se for... acho que estou no ramo errado — começo a coçar o queixo. — *Mas se não estavam me comendo nem de graça...* — murmuro para mim mesma, pensativa.

— Eu não sou stripper. Nem acompanhante de luxo. Nem garoto de programa — ele diz com tanta firmeza que ou ele realmente é e quer esconder a identidade secreta ou ele... *não é*.

*Como assim ele não é?*

— O que você é então? — pergunto, temerosa.

Será que ele sequestra pessoas e vende os órgãos delas? Meu Deus do céu, isso explica a banheira tão grande! Ou será que ele é tipo o cara por detrás do tráfico em Miami? Meu Deus, será que ainda dá para chamar a polícia?

— Eu sou um investidor.

*Nossa. Que sem graça.*

— Já fui CEO de uma grande empresa, mas o dono dela e eu tivemos choques de interesse. Então passei a usar o meu dinheiro para investir em empresas, projetos, pessoas... e os zeros continuam aumentando na conta. É isso.

*Ok, ele é mesmo o Christian Grey.*

# Capítulo 15

*Anne Moore*

Levanto-me de supetão e começo a vasculhar a casa, dessa vez com fúria e mais concentração. Kaleb de início fica parado, ainda com seu semblante *blasé*, mas não demora em seguir o meu rastro.

— *O que foi?* — ele pergunta, atrás de mim.

— *Onde está?* — eu devolvo e saio abrindo as portas.

— *Onde está o quê, Anne?* — ele retorque.

— *O seu quarto vermelho! Onde está?* — continuo caçando, avidamente.

Kaleb me puxa pelo braço e não precisa de muito esforço para trazer-me para seu corpo. Me encara com demora e levanta bem as sobrancelhas.

É agora. Ele vai dizer a verdade. Eu estou preparada. Esse é o meu momento.

— *O que diabos é um quarto vermelho?* — ele franze a testa.

— *Tá...* — respiro, ainda suspeitando de algo, porque alguma peça definitivamente não se encaixa. Mas talvez não seja o fato dele ser o Grey. O que é uma pena. — *Desculpa... eu não acordei bem hoje, foi só isso.*

— *Só?*

— *Mas que raio de história é essa? Como assim você não é stripper, Kaleb?*

Como ele pode me enganar assim? Se bem que, ele não disse nada, fui eu que teorizei tudo. Ainda assim, ele deveria ter lido meus pensamentos e os corrigido! *Eu hein...* Agora eu vou ficar parecendo a maluca só porque tirei suposições do que as coisas aparentavam?

*Ele também é culpado! Quem manda ficar trazendo tanta mulher para dentro de casa e apresentando seu show maravilhoso para elas?*

Cruzo os braços e solto fogo pelas ventas, retorno para a sala e me jogo no sofá.

— *Tá. Vamos do começo, acho que me perdi.*

— Tudo bem. O que você quer saber?

— *Como assim você é rico? Então você não mora nessa casa de aluguel?* — fico boquiaberta, olhando tudo aquilo.

— Não — ele diz com simplicidade, sequer pisca.

— *Nossa... então você tem algum dinheiro mesmo* — avalio.

— Sou dono de todas as casas desse bairro. Bom, não todas, na verdade, uma ou outra não me pertence. Minha avó me deixou esse pequeno presente.

*Pequeno? Presente? Sua avó? Quer dizer que ele nem gastou dinheiro do próprio bolso para ter aquilo tudo?*

— Espera. Você é dono da casa que eu moro? — pergunto.

Ele acena positivamente com a cabeça e prende o riso quando eu arregalo os olhos e me jogo nele.

— *Ok, podemos falar do aluguel?* — me aproveito logo. Porque de boba eu não tenho nada, só a cara.

— Vou pensar no seu caso — Kaleb faz um bico e cruza as pernas.  
— O que mais quer saber?

— *Por quê?*

— Por que o quê?

— Exatamente — pisco meus olhos com demora. — *Por quê?*

— Você tomou seu café da manhã hoje? — Kaleb se aproxima e examina o meu rosto.

— Não, desculpe-me senhor bilionário, eu não tive tempo, minha casa foi invadida por umas pessoas esnobes e fashionistas com bolsas, roupas e sapatos.

Kaleb ri. *O que é tão engraçado, seu cavalo?*

— Você não disse que gostava de “*Uma Linda Mulher*”, Anne?

*Espera. Ele realmente ouviu tudo o que eu disse? E se lembra de nossas conversas?* Agora realmente estou surpresa. Kaleb tem muitos atributos, mas de longe, ser atencioso dispara na frente.

— Mas eu não deveria ir nas lojas? — é a minha vez de fazer um bico.

— Eu sou rico o suficiente para trazer as lojas até você. Mas se faz tanta questão de ir nos lugares mais caros comprar o que quiser...

Aponto para ele.

— É isso — aponto o indicador. — *Por quê? Por que você está me dando tudo isso? Por que quer me levar nos lugares mais caros para eu comprar o que quiser, Kaleb?*

Não sei se me agradarei com a resposta. Talvez ela seja ríspida demais ou Kaleb zombe de mim. Até fecho os olhos para absorver o

impacto.

— *Porque você é a minha linda mulher.*

Eu senti o impacto daqui. E ao sentir sua mão quente e macia por cima da minha, abro bem os olhos e fico em estado de alerta.

*Eu vim parar em outra dimensão? Gostaria de avisar a todos os envolvidos que não aceito retornar, hein?*

— *E porque, obviamente, eu tenho prazer em te ajudar. Acho que já disse isso.*

— Acho — olho-o, desconfiada.

— Pois muito bem. Agora volte para casa porque eles precisam tirar as suas medidas para ajustar todas as roupas.

— Você me quer bonita no casamento do Samuel, é isso — penso alto.

— *Eu não te quero bonita, bebê. Você é bonita. Você é deslumbrante.* Eu te quero pronta para arrancar o coração dele. Deixar aquele homem na sua mão. Fazê-lo se arrepender de ter se metido com você. E para isso, precisamos admitir que Samuel é um homem que vive de aparências.

É. É verdade, resumiu o cara em um *tweet* na última frase, gostei.

— E vamos construir ao seu redor a aparência da mulher perfeita que ele perdeu. Não que precise de muito, mas faltavam as roupas caras, as bolsas de grife, os sapatos, e é claro, as joias e o celular do ano.

— Eu não recebi nenhum celular.

— Eu queria te entregar pessoalmente — ele anda até o lado do aquário e traz uma caixa. — *Surpresa.*

— Estou com medo de você.

— Eu sou o tipo de cara que move mundos e fundos para conseguir o que quero. E dessa vez eu farei isso por você.

*Mas por que meu Deus? Por que eu?*

*Não que eu esteja negando. Obrigada pelos diamantes, Kaleb. Obrigada pelas bolsas, eu vou me sentir um nojo com elas. Agora as pessoas vão discutir com a minha Prada e não comigo. Mas... por que... eu?*

— Ok. Preciso de tempo para digerir isso.

— Novamente, o tempo não está em seu favor. Acho que você começa a trabalhar na semana do casamento... *Depois de amanhã?*

— *Depois de amanhã* — repito alto e divago em meus pensamentos.

*Céus, o tempo correu!*

— Então é bom que digira todas essas coisas o mais rápido possível. E se prepare para ser levada para o mundo dos ricos de Miami, porque eu vou te ensinar, passo a passo, a como destruir o coração do Samuel. E para isso você vai precisar dar um salto na vida.

— O que quer dizer?

— É um mundo de aparências, Anne. Um mundo de contatos, de fotos, de marcar presença nos lugares mais luxuosos e bem frequentados.

— Eu não tenho dinheiro, nem perfil e nem roupa para uns eventos assim.

Kaleb levanta a sobancelha bem alto.

— Por isso eu te dei de presente um novo guarda-roupa. E relaxe, senhorita Moore. A partir de hoje *eu sou o seu cartão de crédito. Dinheiro*



*não será problema.* E sobre o perfil... eu cuido disso.

Fico parada olhando para ele. Kaleb meneia a cabeça e me examina, percebe que eu não me movo nem um centímetro e volta a franzir a testa.

— *Está tudo bem por aí?* — ele pergunta.

— Acho que sim — pisco os olhos devagar —, mas você ainda me assusta.

— Que bom que estamos no mesmo time, então...

## ***Kaleb Petterson***

Acompanho Anne até a sua casa para garantir que ela chegue sã e salva.

Ela parece estar aérea, perdida em seus próprios pensamentos, e a julgar que ela não viu a cerca, tropeçou e caiu, na primeira vez que esteve aqui, é melhor que evitemos novos constrangimentos.

Acabo me perguntando se fiz o certo em contar-lhe sobre eu ser rico, mas acho que isso pode evitar que ela pesquise mais a fundo sobre meus antecedentes e descubra que na verdade eu sou um Farrah.

Ainda estou surpreso que ela não descobriu. Sabrina e eu não somos idênticos, mas temos semelhanças muito claras.

A diferença entre o Kaleb do passado e o de agora é, certamente, a barba, o cabelo um tanto maior e o corpo mais bem cuidado. E é claro, os sinais de expressão no rosto de tanta preocupação com o Nicolas.

— Foi um prazer vê-la tão cedo, o dia começou bem hoje — comento.

Anne me encara como se quisesse me matar.

— Não quer entrar?

— Não irei atrapalhá-la, divirta-se!

— Não, você vai entrar sim, eu não vou deixar que você faça isso comigo e fique rindo sozinho da minha cara lá na sua mansão! — ela me segura pelo braço com as duas mãos e tenta me arremessar para dentro da casa.

Mas quem acaba se desequilibrando e se jogando, é ela mesma. Eu fico no lugar em que estou, não me movo um centímetro.

— Você primeiro — conserto a postura dela assim que ela se ajeita e entro em seguida.

*Os bons modos em primeiro lugar, é claro.*

— *Você vai se sentir em casa, é claro* — ela rosna em um sussurro.  
— *Porque a casa é sua.*

— Não vejo porque não me sentiria bem em um lugar em que você está — retruco e a encaro bem no fundo dos olhos.

*É, ela quer mesmo me matar. Dá para ver em seus olhos pegando fogo.*

Espero que um dia ela me entenda, a minha intenção foi das melhores. E, claro, eu poderia ter feito tudo isso sem que ela soubesse que tivesse sido eu.

Eu poderia buscar um nome no passado dela e dizer que esse cara era um admirador secreto e estava disposto a presenteá-la... ou, na pior das hipóteses, deixá-la pensar que o próprio Samuel havia lhe comprado tudo aquilo.

*Seria divertido, quando eles se encontrassem, a confusão seria inevitável...*

Mas eu realmente quero ajudá-la. E mais do que isso, preciso preparar Anne para enfrentar esse mundo desconhecido em que ela pensa que pode se meter.

*Não, ela não pode. Não sem se disfarçar, não sem vestir a máscara e a pele de quem está nele. Senão outros tubarões irão arrastá-la para longe de seu objetivo.*

— Oi, vizinho — a loira vem para cima de mim.

Aperto a mão dela e beijo seu rosto, ela parece ser bem simpática. E não para de chacoalhar os peitos. *Legal.*

— Kaleb, essas são Emmanuelle — Anne apresenta a loira, que vem bem para perto de mim. — E essa é a Luna — ela apresenta sua outra amiga, uma linda morena.

— É um prazer conhecê-las. Eu sou o Kaleb — me apresento.

— Nós sabemos quem você é, vizinho. Assistimos todos os seus *shows*.

— *Shows?* — arqueio a sobrancelha.

Eu virei o que agora, estrela da *Netflix*? Fiz algum filme e não me lembro? Estou na Tv?

As três trocam risadinhas e eu as encaro, confuso. Primeiro Luna sai, depois Emmanuelle, mas não tira os olhos de mim enquanto se afasta. E sobra Anne.

— Nossa, essa sala é realmente pequena — avalio pelo pouco espaço que sobrou.

*Ou será que eu exagerei e comprei coisas demais?*

Não. A sala que é pequena.

— E fica ainda menor com todas essas araras e caixas e manequins — Anne rosna.

— Preciso conseguir uma casa maior para vocês — digo e tiro o celular do bolso para acionar Jacob.

— *Não!* — as três gritam em uníssono. E pela primeira vez na vida eu dou um passo para trás, arregalo os olhos e tento me recuperar daquele susto.

— *Nós gostamos daqui...* — Luna diz.

— *E a vista é tão bonita...* — Emmanuelle começa a dedilhar o cabelo.

— *E é o que podemos pagar.*

— Cinco anos de aluguel de graça em um lugar mais apropriado, não seria melhor? — olho ao redor.

Como essas três conseguem viver aqui? Nem me lembrava que a antiga casa dos meus avós era tão pequena! Por isso eles construíram a do lado, para ser mais espaçosa, abrigar os filhos e netos... e bisnetos, quem sabe...

— Do que o gostosão do nosso vizinho está falando, Anne? — Emmanuelle volta para perto dela.

— Ele é o dono dessa casa — ela murmura.

— *Não?!*

— Da vizinhança toda. Ele é rico. Podre de rico. Investidor, pelo que disse. O cara foi CEO de uma das maiores empresas de Miami. E os avós dele deixaram quase o bairro inteiro para ele... — ela diz em um tom quase amargo, o que me preocupa.

— Ok — Emmanuelle respira profundamente. — Annelise, você vem aqui — ela a agarra pelo braço, pelo visto isso é um hábito delas. — Reunião de garotas, *agora!* — ela berra.

Luna sai correndo ao seu encontro.

— *Com licença, senhor vizinho gostosão bilionário* — Emmanuelle se despede e some com as duas após subirem as escadas.

Quando menos percebo, vejo um dos caras que contratei especificamente para ajustar as roupas em Anne. O melhor alfaiate de Miami.

— Pensei que tivesse mandado você trazer *tudo*, isso não é nem um quarto — cruzo os braços.

— Ficou tudo dentro do caminhão, senhor. Elas não permitiram que colocássemos mais do que isso — ele se justifica.

Não gosto de justificativas. Gosto de atitude e ação.

— Leve o resto para a minha mansão — jogo a chave na mão dele.

— Sim, senhor — ele diz e continua no mesmo lugar.

Acho que ele não entendeu que eu quero isso...

— *Agora!* — rosno no ouvido dele.

## ***Anne Moore***

— Não me chame de Annelise na frente dele! — me solto do aperto de Emmanuelle.

— *Como assim ele é dono do bairro inteiro? Esse cara então é muito rico!* — Luna diz desesperada.

— E você querendo oferecer 10 mil dólares para passar uma semana com ele... — Emmanuelle desdenha.

— Eu não sabia que ele era tão rico — digo de forma expressiva.

— Gente, é sério que esse cara é nosso vizinho? Como que eu não percebi ele antes? — Luna asseia os cabelos.

— Porque vivemos para o trabalho e nunca ficamos em casa, só para dormir — digo, tendo uma leve sensação de que já disse isso antes. — Por que me puxou aqui?

— Amiga, faz as contas — Emmanuelle pede.

— Emms, eu não sou de exatas, nem de humanas. *Eu sou de comidas*, minha flor. Fazer as contas de quê?

— O cara é um deus grego, te levou nas nuvens, é dono de mais da metade desse bairro e é bilionário? *Amiga? Você não está entendendo?*

— O que preciso entender?

— Eu não acredito que ela ainda está pensando no Samuel nessa altura do campeonato — Luna diz.

— O que tem? É por isso que Kaleb está me ajudando, para pirar a cabeça do meu ex desgraçado! Qual é o problema?

— Eu não sei você — Emms segura na mão de Luna. — Mas eu já teria dado essa história por encerrada e ficava com o vizinho.

— *Ah, isso era opção? Eu pensei que esse era o único objetivo da vida* — Luna acrescenta.

— Meninas, eu já falei. O Kaleb só quer me ajudar. E o que ele e eu temos é apenas... *mentirinha*. Tudo isso faz parte da mentirinha.

— Caralho, então eu quero bolsas de cem mil dólares para um relacionamento de mentirinha também — Luna murmura.

— Se você não ficar com esse homem, Annelise, eu vou ficar — Emmanuelle garante com uma segurança que eu nunca vi.

— Tá, já tivemos essa conversa. Depois ele pode ser todo seu.

— *Essa garota só pode estar brincando* — Luna balança a cabeça negativamente e desce as escadas.

— Você não é nem de exatas, nem de humanas e nem de comidas, Annelise. Você é de *burrices mesmo* — é o que Emmanuelle diz.

# Capítulo 16

*Anne Moore*

Retorno para a sala com Emmanuelle e Luna.

Kaleb está lá, com um olhar nostálgico olhando para um canto da cozinha. Dou uma tossida para chamar sua atenção e quando ele vem em minha direção, eu digo o que deveria ter dito desde o início:

— *Obrigada.*

— Me agradeça vestindo essas roupas. Elas são só bonitas. Mas em você vão ficar *esplendorosas*.

Que palavra é essa? Subo a sobancelha o mais alto que posso.

— E você vai ficar aqui me vendo trocar de roupa?

— *Ah, já que você insiste, vou sim* — ele se diverte e passa por mim. — *Não que eu já não tenha te visto sem roupa* — ele diz ao pé do meu ouvido. — *Se sem roupa você é memorável, com essas roupas pode entrar para a história* — ele dá uma piscadela.

Não sem antes apertar um botão no celular e fazer tocar a música *Pretty Woman*.

Esse Kaleb é um completo sem juízo mesmo, é pior do que eu.

*Bem... por onde devo começar?*

Levo várias peças para detrás do biombo e começo a me trocar. Primeiro tento um vestido branco com chapéu da mesma cor, a fashionista



azedada coloca óculos escuros em meu rosto e me pede para calçar uns saltos que vão me matar, eu vou andar toda torta com isso!

— Está confortável? — Kaleb pergunta.

Será que algum dia ele já tentou andar de salto alto?

— *Não?* — tento me manter de pé com aquela arma apertando meus dedos e me deixando mais desequilibrada que eu sou.

Estou acostumada a ser desequilibrada é da cabeça, não do pé.

— Vamos achar um estilo que te deixe confortável — ele assegura e indica para a moça que pegue outro sapato.

Testo mais uns três e meu desespero só aumenta. Daí surge Kaleb, após revirar tantas caixas e me obriga a sentar no sofá e coloca o sapato perfeito no meu pé.

*É esse, esse é confortável e bonito.*

Levanto-me e consigo andar. O que é ótimo, não é mesmo? Quem diria que uma moça adulta consegue andar com um salto relativamente alto?

— *Próxima roupa* — ele faz um sinal positivo com o polegar.

Emmanuelle e Luna vão testando casacos e joias, e eu me mantenho concentrada em colocar esse sutiã estranho.

Solto um grito quando Kaleb coloca a cabeça dentro do biombo. Estou toda descabelada e pareço uma contorcionista tentando colocar isso.

— As meninas do cabelo e maquiagem chegaram — ele avisa.

— Eu estou pelada! — rosno, indignada.

— Está sim. E nunca estive tão bonita — ele dá um tapa na minha bunda e some.

— Como assim “*as meninas do cabelo e maquiagem chegaram*”?  
— grito.

E lá vamos nós. Na minha casa não cabe mais nada, então tive de ir para a mansão de Kaleb, onde a biblioteca dele se tornou praticamente um salão de beleza de luxo.

— *Você é estranhamente exagerado.*

— Qual a graça em ter dinheiro e não ser exagerado? — ele folheia Bukowski enquanto anda em círculos.

— Como você costuma fazer sua maquiagem, Anne? — a moça que vai cuidar da minha pele, pergunta.

— Eu sou um desastre com isso. Só sei passar batom e disfarçar olheiras.

— Alguma preferência sobre o que devo fazer com seu rosto?

— Sei lá, me deixa irreconhecível, eu odeio meu rosto. Me deixa com cara de palhaça, bota muita cor, eu vou ficar ótima — começo a rir de nervoso.

— Suave e destacando os olhos dela. São lindos — Kaleb coloca a fuça bem de frente da minha, naquele espaço incômodo que eu consigo sentir sua respiração.

Que delícia.

— *Eu tenho olhos lindos?* — murmuro.

— Felizmente tem muito mais do que isso — ele já retornou à leitura e volta a andar em círculos.

O cabelo é a parte mais difícil, é claro.

Eu tenho certa dificuldade com grandes mudanças. Eu gosto do que é seguro, do que conheço, o desconhecido me deixa intimidada demais. Eu demoro a abandonar comportamentos, gostos e jamais me desfazo de roupas, devo ter coisa da faculdade ainda...

E falando em roupas...

— O que eu vou fazer com todas aquelas roupas? Não tenho espaço — chamo Kaleb.

— Compre um guarda-roupas maior. Já pensou em ter um *closet*?

*Ah, sim. O senhor riquinho tem resposta para tudo.*

— A casa em que eu moro não tem espaço para isso — cruzo os braços.

— Posso arranjar um *closet* aqui na mansão — ele responde com simplicidade.

— Você é sempre assim, prático? Porque tenho a impressão de que nada é impossível para você e que você tem tudo o que quer! — resmungo.

Tomo um susto quando vejo seus olhos azuis bem próximos do meu rosto, concentrados em meus olhos, sem piscar.

— Sim, eu sou sempre prático. Nada é impossível para mim. E eu tenho absolutamente tudo o que quero — ele responde prontamente e se afasta. — Às vezes... *não tudo...* — ele murmura, mas consigo ouvir.

*Ué, o que será que é tão difícil assim para o senhor rico?*

— *Prontinho* — a moça termina de fazer a mudança em meu cabelo. E não me deixou ver nada.

Eu estou pronta.

*Pronta para ter uma síncope!*

## ***Kaleb Petterson***

Convidei Anne, Emmanuelle e Luna para irem à *Night Light*, a balada mais conceituada de Miami, onde apenas os herdeiros das elites locais e nacionais vão. Todas estavam especialmente bonitas, mas Anne estava um arraso. Assim que saiu da limusine chamou todos os olhares para si.

— Não ande como se estivesse com medo — aconselho.

— Se você estivesse com esses saltos, você andaria assim — ela retruca, ríspida.

Está assim, arisca desde de manhã. Para o azar dela, eu não tenho medo de mulheres perigosas e ignorantes, são as minhas favoritas, na verdade.

— Precisa andar como se tivesse um segredo — aconselho novamente.

— O meu segredo é que eu estou com medo de cair — ela diz e se desequilibra.

Eu a seguro de imediato e não permito que se machuque. E ela levanta o rosto bem devagar, tenta não encarar as pessoas na porta do *clube*, talvez com alguma vergonha.

— Espero que tenha uma boa memória, porque eu não direi duas vezes — coloco-me na frente dela, para que ninguém mais veja e a levanto até que Anne esteja em perfeito estado.

— *Está tudo bem? Por que vocês ainda estão aqui?* — Emmanuelle pergunta.

— Já vamos entrar. Só diga na porta que veio com Kaleb Petterson, ele vai deixá-las entrar — dou uma piscadela e as duas amigas se dirigem à entrada do *clube*.

— Estou atenta — Anne segura a bolsa.

— *Segredo número um: quem não é visto, não é lembrado*. Então evite que vejam seus defeitos e gafes. E se você quer que eles se lembrem de você, cause a melhor opção. Nesse mundo não há outra maneira de viver a não ser sendo *única*. Com o que você trabalha?

— Você sabe, Kaleb, eu sou *Chef* do *Sweet Show* — respondo.

— Comum — digo e imito o barulho de uma buzina. — Você dirige uma equipe para dar às pessoas a melhor experiência da vida delas com a gastronomia.

— Tipo uma CEO da cozinha?

— *Gostei, mas vamos melhorar isso* — tiro o meu celular do bolso e a puxo contra o meu corpo.

— *Calma, senão eu vou desmontar!* — ela ri.

— Confie em mim.

A abraço contra o meu corpo e encosto sua cabeça em meu peito e registro o momento com uma foto.

— Pronto — envio para ela. — Agora é só postar.

— *Postar?*

— *Postar, é. Qualquer rede social* — sigo meu caminho e com dois passos percebo que ela não me acompanhou. — *O que foi?*

— Não tenho redes sociais — ela diz.

— *Quê? Em pleno século 21 e você não tem redes sociais?*

— Não tenho. Algum problema?

— Nenhum, no século 14 — respondo. — *Se você quer ser vista, precisa ir para a vitrine. Só não passe muito tempo nela, entre apenas para atualizar com fotos e suas conquistas. Isso drena a sanidade das pessoas, foi projetado para te fazer se sentir inferior, causar ansiedade e depressão. Além de esfregar na cara das pessoas o quanto a vida delas é medíocre comparada à sua.*

— Exatamente por isso que não tenho — ela diz. Mas eu já tive conversas proveitosas com Anne e eu sei quando ela está mentindo ou omitindo algo de mim.

— Exatamente por isso você precisa ter. Espera atormentar seu ex apenas quando ele for vê-la? Anne, você vai fazer esse cara visitar seu perfil 24 horas por dia. Você vai perturbá-lo quando presencialmente não estiver mais lá. Irá deixá-lo pensando em você, perguntando-se em que festa você está, com quem está e para onde irá viajar.

Os olhos dela brilham. Parece que pelo ex ela está disposta a fazer isso.

— Mas o Samuel não tem redes sociais, ele me garantiu que...

Deixo ela falando e abro uma aleatoriamente e mostro o perfil dele.

— Achei que já tinha ficado claro que ele era mentiroso — comento.

— *Que bastardo filho de uma meretriz!* — ela grita e chama a atenção de todo mundo que está na entrada do clube.

— Assim nem eu vou conseguir te fazer entrar, bebê.

— Não acredito! Ele me convenceu que o melhor para nós dois era não termos esse tipo de coisa! Que ele era tão ocupado e... — ela vai dizendo, e embora eu ame ouvir essa mulher falar, porque tudo na boca dela fica interessante, não estou disposto a ouvir ladainha.

— Se vingue. *Agora*. Crie uma rede, poste sua melhor foto no perfil e vamos fazer a mágica acontecer.

Anne está tão furiosa que não demora cinco minutos.

— Tá. E agora?

— Vem comigo — seguro em sua mão e juntos entramos no *clube*.

A música é agradável e os ambientes são diversos. Levo Anne para a melhor ala, onde só entram realmente aqueles que fazem parte da nata social.

Dentre todas as mulheres ali, avisto três homens. Um não se encaixa nos padrões que precisamos estipular, o outro está xavecando a filha de um grande político e o outro está de braços cruzados fazendo cara de mau.

Tá, vou dar meu jeito.

— Rapazes — cumprimento-os assim que chego e pela expressão deles, parece que viram um morto.

— Kaleb! — todos dizem.

— Vou precisar de você — aponto para o xavequeiro. — E você — aponto para o que tem cara de mau.

Eles vêm até mim e eu reviro os olhos quando começam a perguntar onde eu me meti. Me meti em tanto lugar que deveriam me perguntar onde eu não me meti, mais fácil responder.

— Sorria — digo para Anne.

Ela sorri, meio assustada, mas sorri e isso a deixa muito mais bonita.

— Quando eu soube que a Annelise estava aqui hoje — aponto para ela. — Precisei vir. Não é todo dia que você se depara com uma das herdeiras do petróleo desse país, cara.

Foi vista. E de um jeito memorável.

O rapaz que estava paquerando há alguns segundos já passa o braço pelo ombro dela e o outro se aproxima também. *Predadores despertados* e tudo o que Anne precisa fazer para sair bem nessa foto é... *sorrir*.

Puxo-a com a mão para perto de mim.

— Talvez mais tarde, rapazes, eu vou pagar a primeira bebida.

— Eu pago as próximas três — o paquerador ri.

— Eu pago as próximas trinta — o outro dá um lance.

*Perfeito.*

— O *segundo segredo* é: *sempre tem alguém melhor do que você*. Isso significa que, primeiro: não surta; não se compare com os outros; não comece a medir sua vida a partir da deles — digo com calma. — Mas isso também significa que tem caras mais bonitos, ricos e interessantes que Samuel — mostro a foto para ela.

— Meu Deus! Olha a minha cara! Parece até que estou tendo um orgasmo! — ela põe a mão sobre a boca.

— O que é ótimo — concluo. — Homens são competitivos. Então mostrar que você tem opções melhores e ser *escorregadia* irá deixá-lo vidrado em você. Quando ele sentir que não pode te ter, isso vai despertar um interesse estranho nele, para conquistá-la. Ou melhor, reconquistá-la.

— Você entende muito de homens — ela coça o queixo.



— Só tem uma coisa pior do que um homem, bebê — tiro a mão dela do queixo e começo a andar com ela, pela pista de dança.

— *O quê?*

Passo a mão pelo meu corpo, me indicando.

— *Outro homem.*

Anne ri e tenta se mover no ritmo da música e eu me mantenho atento para não deixá-la escorregar, tropeçar ou cair.

— E o que é ser *escorregadia*? — ela pergunta, próximo do meu ouvido, porque aqui o som é mais alto.

— *Segredo número três: deixe-o confuso.* Não tente se explicar, não conte nada a ele, deixe que ele mesmo crie suas teorias mirabolantes sobre a nova Anne. Se ele não precisa te desvendar, ele não vai gastar tempo pensando em você quando não estiver te vendo. Então ele vai gastar tempo pensando em outras.

— E o que ele teria para desvendar? — ela pergunta.

— *Por que você mudou o cabelo? Por que essas roupas novas? Por que criou essa rede social? Por que não responde minhas mensagens? Por que de repente ela ficou diferente comigo? O que ela está fazendo aqui?* — pergunto a ela.

O olhar de Anne me diz que ela entendeu.

— Deixa ele descobrir sozinho — pisco para ela. — Quanto mais tempo esse homem pensar em você, melhor. A ciência funciona assim: as pessoas se empenham a desvendar uma lacuna, algo que ainda não foi preenchido. Respostas preenchem perguntas. Então, se você quer esse homem, deixe que ele seja seu cientista. Que ele te estude. Que ele busque desvendar você e tentar preencher as lacunas dentro dele.

Ela balança a cabeça.

— *Como assim ela de repente consegue ser fofa e depois safada? Por que ela riu para aquele cara? Por que ela está online e não me responde?*

Anne entendeu. Perfeito.

— *Quarto segredo: ele precisa querer mais, então entregue-se aos poucos.*

— O que isso quer dizer?

— Quem quer, quer por inteiro — digo.

— Concordo — ela se aproxima mais para poder me ouvir melhor.

— Mas você precisa fazer com que o cérebro dele se vicie em você, feito uma droga. E você é muito valiosa, seu valor não pode ser pago, nem mesmo por um grande investidor.

Ela ri. Essa maldita vizinha sexy e atrevida que não consegue sair dos meus pensamentos.

— Não pule etapas. Faça passo a passo, bem devagar, valorizando cada pequena conquista que tiver. Quando ele quiser mais do que um beijo, você acertou. Ele quer mais. E se ele quer mais, ele vai ter de andar mais casas nesse tabuleiro.

— Tá. E o quê mais? — ela pergunta.

— *Esses são os segredos.*

— Os segredos de quê? — ela pergunta.

Pensei que não fosse perguntar o mais importante.

— De como conquistar e destruir o coração de um homem — respondo.

Seguro nas duas mãos dela e a trago para bem perto de mim e encosto os lábios em sua orelha:

— Mas o segredo mais importante de todos é que só serve para você é: *you need to learn to leave the table when the love has already been served* — parafraseio Nina Simone.

— E o que isso quer dizer? — ela pergunta.

— Quer dizer que quando a música para... a festa acaba.

# Capítulo 17

*Anne Moore*

Fazendo sua voz sobressair à música, o DJ anuncia que “*o que acontece na Night Light, fica na Night Light*”. E é respondido com um coro animado, garrafas de bebidas sendo levantadas e agitação fora do comum.

Os ricos de Miami não são nada diferentes das outras pessoas. Só fazem suas algazaras com os seus iguais, porque de resto, eles bebem, brigam, alguns não conseguem se manter de pé de tão chapados que estão.

Três caras levantam uma mulher e fazem com que o líquido de champanhe desça por seu corpo, vários outros se aproximam para beber cada gota em sua pele.

Agora esse mundo me parece um tanto que despido da sua glória. Eu não sou a pessoa mais espiritualizada do mundo, mas consigo ver que há um certo desespero em sobressair e uma mania de chamar atenção por todo canto. Quando não estão brigando, estão quebrando coisas, ou disputando mulheres.

Não era exatamente o que eu tinha em mente da elite de Miami.

— Se divertindo? — Kaleb pergunta.

— Eu queria que a música acabasse — fico próxima a ele, não tenho dúvida que nada vai acontecer comigo se eu o mantiver por perto.

— Acho que você não entendeu o segredo — ele suspira. — *Você pode dizer quando a música acaba*. Não precisa ficar aqui se não quiser, acho que... já temos material o suficiente — ele ri.

— Samuel vai ficar uma fera quando vir meu perfil.

— *Só uma fera? Vamos lá, quero aquele cara tendo uma parada cardíaca* — Kaleb ri. — Olhe à sua volta — ele pede.

Imediatamente volto a vigiar o espaço.

— Escolha um cara, qualquer cara — ele diz.

— Para quê? — encosto nele para evitar que alguém esbarre em mim, e sou abraçada de um jeito que os suspiros se tornam outros. A pele parece que reconhece o toque de Kaleb, instantaneamente.

— Para beijar. Quero tirar uma foto sua beijando alguém, vamos postar isso.

Ainda tento, por alguns segundos, olhar ao redor. Mas sinceramente? Todos esses homens são bonitos, sem dúvidas. E ricos, certamente. Mas Kaleb tem um brilho diferente.

— Você é o homem mais interessante daqui — digo friamente, para não levantar muito a autoestima dele.

— O lugar deve estar caindo aos pedaços então — ele mexe no cabelo e olha distraído ao redor. — Se eu sou o melhor que você tem, porra... — ele ri.

— Você é o meu *namorado de mentirinha*. O cara que irei levar ao casamento. Se eu deveria beijar alguém, esse cara deveria ser você, não?

— *Currículo* — ele diz meio avoado. — *São novas figurinhas no seu álbum. Acho que deveria tentar com outras pessoas, sabe? Só no caso de... aproveitar esse momento.*

— Você está falando nada com coisa nenhuma, Kaleb — cruzo os braços.

— *Hein?*

— Tá nervoso? — o provoco. — *Eu te deixo nervoso?*

Kaleb sopra forte enquanto tenta rir, depois coloca as duas mãos na cintura e fita-me com uma seriedade estranha.

— *Não.*

— Não o quê?

— Eu não estou nervoso.

— Ah, admita Kaleb, está sim. Faz tempo que mulheres não te deixam nervoso? — passo os dedos pela mão dele e vou subindo lentamente, como se estivesse escalando seu braço.

— Estamos na fase de tirar fotos, se lembra? *Mostrar, ser vista.* Se nos beijarmos, quem vai tirar uma foto? — ele balança os ombros.

*Não seja por isso.*

Dou uns cutuques na primeira mulher que passa, ela já vem se jogando para cima de mim e eu só tento garantir que minha mão a pare antes que uma cabeçada a pare.

— Pode tirar uma foto nossa?

Claramente ela fica desanimada, mas pega o meu celular.

Retorno para Kaleb e levanto o rosto para poder fitá-lo.

— A hora é agora — provoco.

— Não saio bem em fotos — ele dá essa desculpa esfarrapada.

— Eu vi vários quadros com fotos suas e o Nicolas, em sua casa. Você sai bem em fotos sim. Alguém deve ter inventado a máquina fotográfica no passado só para registrar um Kaleb da vida, porque depender da memória... — paro de rir ao finalizar a frase.

*Que merda estou dizendo? Eu sabia que não deveria ter bebido.*

— Vocês vão tirar a foto ou não? — a moça pergunta.

— Vamos — bato o pé no chão.

— Não, eu... eu não quero tirar foto.

A moça me devolve o celular, mas não vai embora. Encara Kaleb por tanto tempo que até eu fico constrangida.

— *Ele é meu* — aviso logo e volto para ele.

— *Ele é meu?* — ele se diverte.

— Qual o seu problema? Não quer me beijar ou só não quer tirar a foto?

— A foto — ele pisca os olhos.

*Então ele quer me beijar? Isso parece interessante.*

Posiciono-me bem perto de Kaleb e não paro de encará-lo, do mesmo jeito que ele faz comigo. Normalmente fico constrangida e sem ar, vamos ver como ele vai reagir.

*Bem...* isso talvez surtiria efeito, caso eu fosse mais alta. Só sinto que terei dores no pescoço mais tarde.

Então ele abaixa o rosto e começa a me encarar daquele jeito, bem feroz e intenso. Quando ele faz, dá super certo.

*Também... se eu tivesse quase dois metros de altura, isso funcionaria...*

— Eu estava pensando... — tento introduzir um assunto para não me sentir tão constrangida. — Você está me ajudando mesmo com a ideia de mexer com o psicológico do Samuel. Sinto até que... está mais interessado do que eu.

— *É?* — ele ri.

Esse desgraçado, só sabe fazer isso.

E quando ri e mostra seus dentes, os caninos tão afiados e as covinhas no rosto, eu quase me esqueço o que quero dizer.

— Todo mundo quer que eu o supere e encontre um cara melhor...

— Não seria má ideia.

— Mas você quer me ajudar. Por quê?

— Porque eu acredito na sua vontade — ele suspira e põe as mãos em meu ombro. — E se é o que você quer e sente que vai te fazer feliz, eu vou te ajudar.

— No fim das contas você só quer me ver feliz?

— Se acabar com o cara vai te deixar feliz, eu topo. Você não para de me perguntar: *por quê?* Tudo o que consigo pensar é: *por que não?*

— Acho que você gosta de ser o meu namorado de *mentirinha*, Kaleb Petterson.

Agora sim ele mostrou o que eu queria. Seus olhos se desconectam dos meus por um segundo, é rápido demais para perceber, mas eu consigo ver as muralhas ruindo. *Ele gosta*. Eu sei que ele gosta. Não tem outra explicação.

*Mas por quê? Um cara desses devia estar com qualquer mulher daqui, as herdeiras de Miami e não comigo.*

— *Mentirinha?* — suas mãos começam a ficar mais intensas em meu ombro.

— *Tudo acaba semana que vem* — o provoco. — *E talvez... quem sabe... eu volte para Nova York, sabe? Acho que Miami já deu para mim.*

— Você não existe — Kaleb balança a cabeça num sinal negativo.



Encosto na parede e não apenas o olhar dele, mas o corpo me acompanha.

Vou tentar escapar pelos dedos desse homem... vamos ver se esses segredos que ele me contou tem algum efeito mesmo ou é só frase decorada para impressionar.

Quanto mais eu me afasto, mas ele tenta se aproximar. Encurrala-me na parede e eu já não consigo nem segurar as risadas, parece que algo magnético o atrai em minha direção.

— *Para onde você pensa que vai?*

— Tive vontade de ir procurar alguém para me beijar e tirar uma foto. Não é isso o que você quer?

— *Quero.*

— O beijo ou a foto? — levanto a sobrancelha.

— *Você é impossível.*

— Tudo bem, eu acho alguém que queira os dois.

Não preciso dizer mais nada.

Kaleb segura em minha nuca e me traz ao seu corpo, onde sou envolvida por seus braços e sinto uma sensação que não tive antes em momento algum.

Mesmo com tanto barulho, com a dança, o calor dos corpos que se unem, que é extremamente natural e a música, sinto como se o corpo de Kaleb vibrasse. Ele está quente, mas é como se eu pudesse ouvir seus batimentos passando por suas veias.

E o rastro da sua mão e seus dedos pelo meu corpo fazem-me sentir cada vez mais quente e inebriada por seu perfume, sua boca e sua língua

que devagar passeiam dos meus lábios até encontrar a minha língua. Essa sensação é gostosa e devo admitir que ela é ainda melhor lá embaixo.

Se tento me afastar...

Não tem mais como me afastar. Não tem mais como resistir.

O corpo dele praticamente me imobiliza, suas mãos me obrigam a permanecer no aqui e no agora que é essa tentação.

A música de fundo até para...

Mas a festa não acaba.

Nós encontramos o nosso jeito de sentir um ao outro sem precisar de barulhos de fundo.

Os nossos corpos se guiam sozinhos, se encontram e mesmo que entre tropeços ou pelo fato de eu ser estabaneada nos desequilibremos, ele nos mantém onde estamos. No aqui e agora que é só nosso.

E tudo gira ao nosso redor.

*Flash.*

Kaleb afasta o rosto e aperta os olhos. E eu confiro se a foto ficou boa. *Ficou. Ficou ótima, vou guardar essa recordação com muito carinho.*

— *Você está me... usando?* — ele passa as mãos no cabelo e sorri daquele jeito cafajeste.

Kaleb é mau. Mas eu consigo ser pior, se eu quiser. E eu quero. *Ah, se eu quero!*

— Pode apostar que sim — dou um selinho nele e corro para encontrar minhas amigas.

***Kaleb Petterson***

Anne Moore é a mistura de tudo o que me irrita.

Ela consegue ser dissimulada, mexer comigo e ainda ir embora de modo inesperado, deixando-me com dúvidas.

*Porra, eu nunca fico com dúvidas!*

E é exatamente essa mistura que me irrita, que me deixa intrigado.

Não consigo ficar irritado com ela. Só estico o pescoço para ver aonde ela vai e se está bem, e rapidamente ela se encontra com Emmanuelle e Luna, mostra algo no celular, deve ser a foto.

Passo a mão pelo rosto e respiro fundo, tento me concentrar.

Não é possível que eu esteja me sentindo *assim*.

*Por que não consigo ficar irritado e ir embora? A música meio que parou mesmo... Eu só deveria ir...*

*Mas não consigo. Algo em mim diz que eu devo ficar aqui. Mas por quê?*

— Não, não me enganei — ouço uma voz feminina, mas não consigo tirar os olhos de Anne. — *É você mesmo... Kaleb Farrah.*

Ao ouvir isso, procuro quem foi que disse, de imediato.

— Tsc.

— Tsc? — ela joga o cabelo para o lado. — Minha presença não te agrada?

— Gabriela — é tudo o que consigo dizer agora.

— *Ah, ele se lembra do meu nome... depois de cinco anos.*

— Todo mundo conhece a filha do governador — se eu tivesse um copo na mão, essa seria a hora perfeita de levantá-lo. E sair.

Então eu só saí.

— *Espera aí* — ela me alcança e se põe em minha frente. — Não sabia que havia retornado. Você voltou pelo casamento da sua irmã, é isso?

Se eu tenho a opção de ficar calado é assim que permaneço.

— Então ainda vamos nos ver muito — ela passa a mão pelo meu braço. — Sabrina me convidou, é claro. Vai ser uma semana intensa!

Concordo com a cabeça, para não a deixar sem resposta.

— Precisamos recuperar o tempo perdido, Kaleb. Não te vejo há tanto tempo... você deve ter tantas histórias interessantes para contar...

... e pessoas mais interessantes para ouvi-las, obviamente.

— Você está sabendo que o meu pai sai do mandato de governador direto para a Casa Branca, não é?

*Se sustentando em cima do poder do pai.*

Eu gostaria, de coração, de tecer palavras sobre Gabriela Weiss. Mas o que falar *dela*? Além do poder e a influência do pai... além das escapadas da mãe... dos irmãos delinquentes e drogados... e seu péssimo hábito de se sustentar em cima do feito dos outros?

Bom, é só isso que eu tenho a tecer sobre Gabriela.

A pessoa com quem meu pai queria me casar e por isso me deserdou.

— Você está muito calado hoje. *Bancando o misterioso? Ficou tão impactado assim de me ver? Eu sei, Kaleb, eu sei, esses olhos verdes não se encontram em qualquer lugar* — ela joga o cabelo de novo.

Pelo menos ela se sustentou em algo que *é dela*. Tecnicamente foi passado pelo DNA de seus ancestrais, então... *é isso*.

— Gosto disso em você. Sempre tão fechado e misterioso. Nunca diz nada, ri das minhas conversas... *por que ainda não aceitou que somos o casal perfeito?*

Ah! Outra piada!

Ela é boa. Devia trabalhar no circo, acho que faria sucesso.

— O seu sorriso é lindo — ela diz.

Eu sempre pensei que não tinha sentimentos ou coisa do tipo, até conhecer a mãe do Nicolas. Ela era simples, mas era autêntica. Tão autêntica que eu me sentia alguém que me sustentava nos feitos do meu pai.

E então Gabriela retorna... e o que eu sentia por ela antes, é o que sinto agora: *nada*.

E ainda assim, eu tenho em mim, a mesma sensação que já tive um dia. E é bem diferente. Tudo em Anne me deixa intrigado e é só isso o que eu preciso, não quero pedir mais que isso.

*Mentira.*

Eu quero mais. Eu quero muito mais. *Eu quero tudo.*

*Até que dentro de mim eu sinta que não sobrou nada.*

Com um sorriso *simpático* eu dou meia volta e vou embora, em busca de Anne. Esse encontro inusitado foi... *produtivo*.

Uma pena que Gabriela estava nele.

— Foi ótimo te ver também! — ela diz, em minhas costas.

# Capítulo 18

*Anne Moore*

Emmanuelle e Luna não queriam ir embora, estavam conhecendo dois caras muito gatos e pediram para que eu esperasse. E eu sabia que essa espera ia durar até o sol chegar.

Acabei esbarrando em Kaleb sem querer.

— *Que cara é essa?* — perguntamos um ao outro. — *Nada* — respondemos juntos novamente.

— Meus pés estão doendo — comento.

— Então tira os saltos — ele diz.

Ele é mesmo muito prático, não deve viver nenhum drama na vida, porque resolve tudo com simplicidade.

— E estou cansada. Já tiramos as fotos, já fizemos todo o trabalho que podíamos aqui. Quero ir embora.

— *Mas já?*

— Até você? O que foi, está conhecendo alguém para querer ficar? — cruzo os braços.

Kaleb mantém seu olhar de mistério. Agora está escondendo seus sentimentos, seus olhos me fitam fixamente.

— *Vem comigo* — ele estende a mão.

Nem pergunto para onde vamos, só seguro e vou com ele.

Sáímos da *Night Light* e preciso dizer: o ar aqui fora é bem diferente do de lá de dentro. *Ok, lá dentro parece que uma respirada vale mil dólares.* Mas aqui fora parece que respirar *não tem preço.*

Sinto a brisa em meus cabelos e acabo tirando os saltos, como Kaleb me aconselhou. Ele também tira os sapatos dele e joga atrás de uma árvore.

— *Você é rico o suficiente para comprar novos pares? Ou simplesmente não se importa em descartar as coisas?* — pergunto.

— Um pouco dos dois — ele diz e se curva, na minha frente.

— *O que é isso?*

— Sobe aí.

— Nas suas costas?

— Vamos! Não vamos ter a madrugada toda! — ele resmunga.

Tá, já que ele pediu... monto nesse cavalo puro sangue e quando passo os braços pelo seu pescoço e as pernas por sua cintura, Kaleb dá meia volta e começa a correr, como se eu não pesasse nada em suas costas.

Atravessamos a rua com uma porção de carros buzinando freneticamente e freando a ponto de rasgar o asfalto e tudo isso me mantém alerta e entretida. Esse cara é meio louco e eu gosto disso.

— *Para onde estamos indo?* — grito, tentando competir com o vento.

Mas não preciso de uma resposta dele.

Assim que atravessamos uma parte da rua e chegamos a uma calçada, consigo ver. Não apenas ver, mas ouvir e até mesmo sentir um cheiro diferente.

— *Estamos na praia? Aquele é o mar?* — aponto.

Kaleb olha para o lado em que os carros vêm, mas nem sei porque faz isso, já que dispara a correr de novo e eu me agarro com todas as forças em suas costas.

Não tenho palavras para descrever a sensação de ver a praia assim de pertinho. Nas fotos e em vídeos não tive o impacto que tive agora.

Na areia, um grupo de pessoas está ao redor de uma fogueira, tocando canções e comendo guloseimas. Não muito longe tem outro grupo.

Kaleb me desce quando chegamos, enfim, na areia e sinto um calafrio subir pelos meus pés.

— Não sabia que a areia conseguia ser tão gelada — pulo de volta nos braços dele.

Kaleb é aquele tipo de homem que não desvia o olhar, então quando me lanço em seus braços, novamente ficamos naquela distância incômoda – ou não tão incômoda – em que sentimos a respiração um do outro.

— Você sabe que ela fica quente por causa do sol, não é? — ele ri.

— É claro que eu sei! — dou um tapa no ombro dele. — É... surrealmente lindo.

— Eu te disse que ia te trazer na praia — ele desabotoa toda a camisa branca social de mangas longas e me estende a mão. — Vem comigo.

Não tenho opção a não ser ir. O cansaço parece que me deixou. É como se aquele lugar drenasse, lentamente, minhas forças. E só de estar aqui me sinto renovada.

Devo confessar que sinto bastante frio com os sopros repentinos de ar e também não estou com as roupas adequadas. Mas existem momentos, como ver o mar à primeira vez, que quebram com esses paradigmas.



— Só cuidado com os tubarões — ele diz.

Imediatamente solto a mão dele vou fazendo o caminho de volta.

— *Ei!* — Kaleb corre em minha direção e me arranca do chão.

— Você vai me levar de comida para os tubarões, é isso? — não escondo o desespero.

— *Relaxa, confia em mim.*

Mais alguns passos e o som das ondas em movimento se tornam o meu som favorito naquele lugar. Kaleb me pousa no chão e eu sinto a água fresca e levemente fria em meus pés. Agarro-me ao corpo quente dele e olho para o céu.

A visão das estrelas e da lua é outra coisa vista daqui. O mar parece algum tipo de segundo céu e a movimentação da água é hipnotizante. *É linda.*

— Tira uma foto — ele sugere.

*Mas quer saber?*

— Não.

— *Não?* — ele ri, interessado.

— Acho que esse é um daqueles momentos que quero manter só para mim — penso alto. — Eu quis tanto vir conhecer a praia... — olho ao redor. — E até mesmo uma foto não registraria o que estou sentindo. Prefiro confiar em minha memória.

Kaleb me encara de um jeito como se de todas as coisas que eu poderia dizer, naquele instante, aquela era a coisa certa.

Fecho os olhos para aproveitar o som. A mistura do silêncio do céu com o vibrar da rebentação é excitante. E mesmo que de início eu me

arrepie e comece a bater o queixo pelo frio, ele para quando Kaleb se põe de frente à corrente e ameniza o impacto do vento.

— *Uma formiguinha ajuda a outra?* — pergunto, ainda de olhos fechados, aproveitando a sensação.

Sei que deveria olhar ao redor, procurar para ver se acho conchas ou algo para levar para casa. Mas a sensação que tenho em permanecer parada só ouvindo a natureza do lugar já me parece o suficiente. Eu nunca senti algo assim antes, é quase libertador.

— É por isso que elas vivem em colônia — Kaleb responde.

— Está com saudades do Nicolas?

— É claro que sim. Por muito tempo fomos apenas ele e eu... — ele respira fundo. — E muitas vezes eu cheguei a pensar e sentir como se fôssemos uma coisa só. Não quero que me entenda errado, eu amo descobrir quem eu sou, sem o Nicolas por perto. Mas ao mesmo tempo, em cada ocasião que eu esteja sem ele, falta algo importante.

— *Que bonito.*

— O amor também é um pouco de ausência — abro os olhos e o vejo de braços cruzados, olhando para o horizonte. — Você nunca sabe realmente se está saciado, até que passe fome. Assim como você nunca dá valor à felicidade, se nunca foi triste. Existe uma simetria no universo e na natureza... uma coisa ímpar e envolvente, que nos faz absorver de fato um sentimento quando conhecemos o outro.

Em um momento de silêncio, em que decido não respondê-lo, Kaleb vira o rosto e olha para mim.

— *Ficou confuso de entender?*

Não. Na verdade, ficou muito claro.

Kaleb e seu filho Nicolas me trouxeram dois ensinamentos valiosos quando eu sequer esperei.

Na vida é assim, você estuda, aprende, tenta desvendar o mundo e ainda morre burro.

Ainda há tanto para explorar. E tanto a descobrir. E eu que passei os últimos anos batendo o pé para exigir que me enxergassem como alguém que tinha domínio sobre tudo, acabei de aprender que ainda sou uma mera aprendiz.

E essa sensação é libertadora.

— *Quer dar um mergulho?* — pergunto.

— E os tubarões? — Kaleb provoca.

*Ele respeita o meu tempo. Ele não me força à nada. Ele deixa que eu aprenda sozinha para que eu mostre que posso tomar a iniciativa.*

Até agora eu não havia descoberto, ou não queria aceitar... *eu estou apaixonada por Kaleb. De verdade.*

— Eu confio em você — é o que respondo.

### ***Kaleb Petterson***

Preciso admitir que jamais pensei que um banho gelado, ainda mais naquela hora da madrugada e em excelente companhia, poderia me deixar mais leve.

Pensando bem, era assim que eu me sentia com Anne, em qualquer ocasião.

O mar era mais pretexto do que a causa. E às vezes são nesses pretextos da vida em que o sorriso fica frouxo e o mundo parece girar em

sintonia conosco.

Anne bateu os braços na água, parecia uma criança descobrindo o dileto prazer de se divertir com coisas tão simples.

Não me afastei dela em nenhum instante, deixei que se divertisse e se jogasse contra as ondas e mergulhasse, mas sempre atento a qualquer coisa.

— Agora já chega, você vai ficar gripada — tive de arrastá-la para fora do mar, senão ela ficaria até o dia amanhecer.

— Mas eu quero mais! — ela fez um bico.

— Vamos voltar quando o clima estiver mais agradável e os riscos de pegar uma gripe sejam quase nulas.

— *Promete?* — ela me estendeu o dedo mindinho.

— O que é isso?

— Ah, você nunca jurou com o dedo mindinho?

Fiz que não.

— Promessas muito sérias são feitas com o dedo mindinho. Não podem ser quebradas — ela disse, séria. Mas não sei dizer se o álcool já tinha feito efeito – e também por isso minha preocupação de deixá-la no mar – ou se ela só estava fingindo que o álcool não tinha feito efeito.

— Por que nunca assinaram a paz mundial com o dedo mindinho então? — coço o queixo.

— Pois é, coisas tão simples podem ser extremamente eficazes. Vai ver a paz mundial nunca chegou porque ninguém quis fazer promessa com o dedo mindinho — ela insistiu com o dedo em minha direção, quase na minha cara.

Entrelacei nossos dedos sem demora e a levei para longe da água.

— Você foi bem corajoso em abrir a sua vida para mim, assim. Revelando os seus segredos...

— O que quer dizer? — passei as mãos pelo cabelo com força para tirar o excesso da umidade.

— O Nicolas... o fato de ser tão rico... e querer me ajudar nisso. Sinto como se não estivesse em um jogo, pela primeira vez na vida.

— *Um jogo?*

— É. Cheio de segredos e mentiras, sabe? Tipo: *não faça redes sociais porque só pessoas desocupadas estão nela...* — ela claramente estava se referindo a Samuel. — *E não venha à praia sem mim... e... lá está o Night Light.* Tipo, será que ele não queria que eu viesse à praia para não correr o risco de eu vê-lo por aqui?

Cruzei os braços e me mantive em silêncio, enquanto caminhava ao lado dela.

— *E... você precisa de sonhos maiores... cozinhar para gente poderosa não te torna importante...* — ela fez um bico e cruzou os braços também. — Eu meio que me esgotei nessa relação. Eu não podia fazer muitas coisas sem que ele me desse o aval ou sinal de que isso faria bem a nós dois. *Mas só eu estava pensando em nós dois... não havia nós dois.*

— *Aham.*

— Você não se sente mal quando falo dele? — ela parou e não saiu do lugar até que nossos olhos se encontrassem.

— Não.

— *Sério?*

— Anne, não me importa o quanto você fale desse cara. No fim do dia, eu que te trouxe à praia, pela primeira vez. Eu não estou competindo com o Samuel — me calo antes que fale qualquer besteira.

— Mas ele se importava... por tudo... se eu falasse de outras pessoas... e se eu pensasse em outras pessoas, ou ir à lugares que ele não queria que eu fosse... *Por que continuo tão vidrada nele, Kaleb?*

Suspirei. Chamei-a com as minhas e me sentei na areia, coloquei-a sentada entre minhas pernas.

— Vejamos... por onde podemos começar... — massageei seus ombros de leve. — O *luto* que é o sentimento profundo de perda, tem diversos estágios.

— Mas ele não está morto — ela contrapôs.

— Mas você o perdeu, Anne — sei que é triste dizer isso e pode machucar, mas chegou a hora de dizer. — E esse sentimento de perda é o luto. E o luto tem muitos estágios. Um deles é a negação e você está em negação.

— Eu não estou...

— *Está tudo bem* — a abracei com sutileza, mas deixei o abraço mais forte com o tempo. — *Eu te garanto, está tudo bem.* Algo em você não consegue admitir que o perdeu. Uma parte sua quer recuperá-lo. Outra parte quer destruí-lo. Uma parte quer só chorar e comer besteiras até perder a noção do tempo. Mas há uma parte, aí dentro, em algum lugar, que quer se reconstruir.

— *Quantas partes as pessoas têm?* — ela ri.

— As melhores pessoas, *muitas*. E tudo bem estar em conflito consigo mesma... tudo bem amá-lo e odiá-lo... tudo bem precisar do *seu*

*tempo* para se recuperar e colocar a vida em ordem.

— *Sim...* — ela lamenta.

— Não foram cinco dias ou cinco meses. Foram mais de cinco anos.

— *Sim.*

— Ele deixou raízes profundas em você. E agora algo dentro de você está tentando descobrir se arranca as raízes... as deixa crescer... ou se acaba com só metade delas.

Anne ficou em silêncio por alguns segundos, mas suspirou dizendo:

— *Você entende muito de luto.*

— Eu entendo muito sobre *perder*. Eu perdi muitas coisas em minha vida, mas quer saber? Eu tenho um segredo para te contar. Não é nada sobre jogos de sedução.

— Diga.

— Todo encontro é, de certa forma, um presente. E também, uma troca. Quando Samuel entrou em sua vida, você absorveu coisas dele que te prepararam para ser essa mulher de hoje.

— *Frágil emocionalmente e louca por vingança?*

Aperto meus braços um pouco mais em seu corpo.

— *Também.* Mas a Anne que bebeu um pouco do veneno e sobreviveu. Mesmo quando ele desdenhou dos seus sonhos, você foi lá e construiu a *Sweet Show*. E quando ele te disse que você não deveria ir a determinados lugares, você foi leal ao pedido dele, embora esse comportamento vindo de alguém é inaceitável. E você, no fim de tudo, encontrou forças para lutar.

— Você tem um olhar bem positivo da vida, né?

Rimos juntos.

— *Você nunca mais vai ser a Anne Moore de antes do Samuel. E nunca mais vai ser a Anne Moore durante o Samuel. Agora você é uma desconhecida para si mesma. Precisa reaprender seus gostos, suas taras, suas vontades e incertezas. E está tudo bem, ok?*

— Eu já não sou adolescente, Kaleb.

— Não importa. Qualquer hora é a hora de reaprender sobre si. Aos trinta, quarenta, sessenta ou oitenta. Sabe o que eu aprendi com a vida?

— *O quê? Senhor dos segredos.*

— Toda relação é um *contrato*.

— Poxa, agora sim eu enxerguei o CEO em você — ela riu.

— E todo contrato tem regras. Mas com o tempo os contratos precisam ser revistos. Digamos, por exemplo, um namoro. Um namoro é um contrato social. E ele têm regras. Mas às vezes, depois de três meses, aquele contrato precisa ser atualizado.

— *Como assim?*

— Porque conforme as pessoas vão se conhecendo, elas precisam ampliar e encurtar limites entre elas. Quando eu aprendo mais sobre você, eu sei o que quero de você agora e o que não quero também. E daqui seis meses, talvez seja o contrário. Talvez eu queira aquele seu lado que eu nunca tive e deixemos o outro para lá.

— Tá, continue...

— Viver consigo mesmo é um contrato vitalício. E esse contrato precisa ser atualizado sempre. *Quem eu sou agora? Quem eu quero ser daqui três meses? E daqui seis? Quem eu quero ser daqui trinta anos? O que eu amo em mim agora? O que devo desenvolver em mim?*



Anne pende a cabeça para trás e assim vamos deitando lentamente, deixando que o céu noturno iluminado por estrelas seja a nossa atração principal.

— Você e Samuel não renovaram o contrato por muito tempo e ele se tornou desgastante para vocês dois. Mas você não pode permitir que o contrato consigo mesma se desgaste. *Você é tudo o que tem.* E por isso esse contrato precisa valer à pena.

— E agora eu sou só uma louca em busca de vingança porque não consegue aceitar que foi superada.

— *E está tudo bem com isso* — passo as mãos por seus braços ao perceber que ela sente frio. — *Talvez esse momento seja o momento crucial para você descobrir a nova Anne. E renovar o contrato consigo mesma, para seguir para o futuro.*

— Obrigada, Kaleb.

— Não precisa agradecer.

Essas eram as palavras que eu queria que alguém tivesse dito para mim, quando meu mundo caiu. Eu também perdi tudo, mas ganhei o Nicolas. E tive de reaprender quem eu era e quem eu queria ser após ter tudo que eu ajudei a construir tomado de minhas mãos.

Anne e eu não éramos tão diferentes nesse aspecto.

Eu também demorei para aceitar o luto e tive alguma ajuda pelo caminho. Agora era a minha vez de ajudar alguém.

— O céu é muito bonito aqui — ela suspira, a voz sonolenta.

A afago em meus braços e encosto o queixo ao lado de seu rosto.

— O céu é bonito em qualquer lugar, desde que você consiga enxergar beleza nele.

— Você é bem filosófico... — a voz dela vai diminuindo.

— *É que nós não vemos o mundo como ele é, pequena. Nós vemos o mundo como nós somos.*

# Capítulo 19

*Kaleb Petterson*

A primeira coisa que faço pela manhã, após chegar em casa e deixar as vizinhas sãs e salvas em sua residência, é fazer uma chamada de vídeo com Nicolas.

Ele mantém o celular bem perto do rosto, exibindo seus olhos azuis expressivos. Suas pupilas se concentram na tela ao me ver.

— *Oi Nicolas! É o papai.*

— Eu sei — ele aponta o dedo para a tela e começa a tocar nela.

— Me conte tudo sobre Nova York!

— Liga no jornal — ele faz uma careta e me deixa bobo com isso.

— Como é estar na casa dos seus tios sem o papai?

Nicolas demora um pouco para responder. Continua olhando para a tela, sequer pisca os olhos, parece que está tentando se concentrar.

— Nova York é frio — por fim, ele diz.

— *Ah, e você gosta do frio?*

Ele pisca os olhos devagar e muda de posição. Parece que deita, mas mantém o aparelho em suas mãos.

— Papai, Nova York não tem *fomigas*?

— Essa é uma boa pergunta, Nicolas! Formigas são animais. E animais vivem na natureza. Parques são natureza. Talvez você encontre as

formigas lá — digo as frases de forma curta e pausadas para que ele entenda.

— Parques — ele diz.

— É! Você pode achar formigas por lá!

Ele volta a se mexer. Agora se levantou e sai balançando o celular enquanto corre.

— *Filho?* — o chamo e vou acompanhando as imagens da residência dos Evans. — *Nicolas?*

— Eu quero mostrar meu presente — ele diz para alguém.

— Para quem você quer mostrar? — é a voz de Ethan Evans.

— Para o meu papai — ele entrega o celular para Ethan.

— Ótimo! Vá pegar o seu presente — ele diz com calma e vejo Nicolas correndo para outro canto da casa.

Assim que Ethan coloca o celular de frente para o rosto, de um jeito meio torto, devo salientar, ele diz:

— *Ah, olha só você! Essa sua barba é realmente impressionante.*

— Como você sabe que estou de barba? — passo a mão por cima dela. Ethan ainda me assusta com esses comentários aleatórios sobre o que diz ver, uma vez que é cego.

— *Nicolas gosta da sua barba* — ele sussurra. — *Mas não diga a ele que eu te disse.*

— Qual é o presente dessa vez? — pergunto.

— O Noah e Anthony finalizaram a parte beta do projeto. Eles modelaram o robô em forma de formiga, para o Nicolas. Ele gostou muito,

acho que terá mais avanços agora, não apenas na comunicação, mas ao lidar com tecnologia e ser mais assertivo em escolhas e palavras.

— Muito obrigado, tio Ethan.

— Você financiou parte do projeto, não tem pelo que agradecer. E o casamento da sua irmã?

— A semana intensa vai começar por agora.

— E o seu pai? — Ethan faz uma feição séria, mais do que já apresenta. Seus cabelos e barba branca já dão um ar todo pomposo para o homem que nunca tira os óculos escuros.

— Não o vi. E não sei se quero vê-lo. Nem me lembro a última vez que nos encontramos.

Ethan anui devagar e abaixa o celular quando Nicolas vem correndo com o presente em mãos.

— Ele consegue ver? — Nicolas pergunta para Ethan.

— Sim, sim, pode mostrar!

— Olha, papai. *Fomiga* — ele mostra o robô que cabe em suas mãos.

— Que legal, filho! Você mostrou ele para a sua terapeuta?

Nicolas pega o celular das mãos do tio e se senta no chão, posiciona-o em cima do presente. Fica quieto e começa a olhar para os cantos.

— Você mostrou o seu presente para a Beatriz? — pergunto de novo.

— Beatriz — ele diz. — Ela gosta de *fomiga*.

— Ah, que legal, filho! E você vai voltar pra casa quando? As formigas sentem falta de você. E o papai também.

— Você cuidou delas? — ele instantaneamente pergunta.

Levo o celular até o quarto dele e Nicolas mostra pequenas expressões no rosto enquanto vê a nossa casa pela tela do celular. Ao entrar no quarto dele, posiciono a câmera no aquário gigante.

— Eu vou voltar para casa — ele fala.

— Ah, que bom! As formigas querem muito ver você. E o papai também.

— Você não me vê? — ele começa a passar o dedo pela câmera do celular.

— Eu vejo, sim. Mas eu quero você aqui pertinho de mim.

Nicolas encosta o celular bem próximo do rosto.

— Pertinho? — ele pergunta.

— É, tipo assim. Se comporte, obedeça aos seus tios e tenha uma boa terapia com a Dra. Mitchell, ok? O papai não vê a hora de te ver.

Nicolas abaixa o celular e se volta para Ethan.

— O papai perdeu o relógio — ele lamenta.

## ***Anne Moore***

“Por que você sumiu? Sinto a sua falta” é o que diz a mensagem de Samuel para mim, hoje de manhã.

“Nos veremos em breve” é o que envio para ele.

“Não vejo a hora” é sua resposta.

*Não vê a hora mesmo, seu desgraçado. Eu vou fazer picadinho de você!*

— Olha só a minha amiga com cara de psicopata logo de manhã — Emmanuelle aparece deslumbrante pela escada, já espalhando seu bom humor.

— Bom dia para você também, Emms. Que roupa bonita, hein? Onde comprou? — provoco.

— Ainda bem que temos a sorte de vestir o mesmo número. O vizinho rico deu tantas peças para você, será que essa mixaria vai fazer falta? — ela se senta à mesa.

— Estou de olho em você, dona Emmanuelle — aponto os dois dedos para os meus olhos e depois para ela.

— Acho que todas nós deveríamos ir deslumbrantes, não? Somos donas da *Sweet Show*, uma empresa de sucesso. Ou só você vai aparecer glamorosa? — ela provoca.

Suspiro alto e jogo o celular nas mãos dela.

— *Ah, agora entendi seu bom humor, Annelise* — ela coloca chá na xícara e bebe devagar. — A minha opinião você já tem. Annelise, não tem nem comparação. Você antes e depois do vizinho... *cara...* essa é a minha amiga que eu conheci em Nova York!

— Você acha?

— Porra! Parece que Samuel te castrou para a vida, menina. E mesmo recebendo mensagens desse maldito, tem um brilhinho em seus olhos. E eu aposto todas as minhas fichas que tem a ver com o gostosão que

mora ao lado — ela aponta para a janela e vemos Kaleb andando pela casa, parece estar falando com alguém.

— Aceitei ontem que estou em conflito. Ao mesmo tempo que quero acabar com a raça dele, também tenho, lá no fundo, alguma esperança.

— *Esperança? Com aquele Chernobyl?* — Emmanuelle se levanta e esbanja o vestido longo de seda *azul royal*, tão soltinho e leve que me dá inveja. — Esperança eu tenho é que a minha b-o-c-e-t-a — ela soletra. — ou seja, a minha *beleza* conquistou um cara podre de rico, ou bonitão, ou velho pronto para bater as botas. Aquele traste eu só quero que mandem enterrar, porque *jazeu!* — ela acena e começa a arrumar a bolsa.

Apresso meu passo e termino de tomar meu café, deixo todas as coisas na pia e subo para me vestir.

Só vou usar um vestido preto básico que exalta minhas curvas. *Pronta para ir ao velório do meu ex?* Estou. Espero que já tenham comprado o caixão, porque senão estão perdendo tempo.

Passo maquiagem como se estivesse indo para a guerra, me pinto toda, tipo uma índia arqueira para caçar um animal muito comum na selva de pedra: o *babacus mentirosoum traidor*. E como a espécie não está em extinção, pode e *deve* ser caçada.

Quando desço, toda elegante e fina, Emmanuelle e Luna me aguardam no *hall de entrada*. Dou uma última olhada no espelho e não escondo o sorriso: *eu estou gata*.

— Ok, *Mortícia Addams*, você já está pronta? — Emmanuelle pergunta. — Vamos chegar lá mais tarde, então muita calma e não mate ninguém até que eu esteja filmando com o celular — ela orienta.



— Pode deixar.

Alguns segundos depois, a campainha toca.

Luna escancara a porta e deixa Kaleb Petterson, em seu melhor *smoking* azul marinho e ar de que é dono de Miami inteira, entrar. Eu estico o pescoço para espiar por cima dele e acho que vi o carro do ano. Não pode ser. Ninguém simplesmente acorda e diz: *acho que vou comprar o carro do ano só para ir ali fazer ciúme em alguém*.

— Comprei um carro — Kaleb aponta para trás de si.

— Você é muito exagerado.

— Mas no dia do casamento, nós vamos de helicóptero — ele olha o relógio e sorri feito o diabo. — As meninas estão prontas?

— Pensei que nunca ia perguntar! — Emmanuelle passa a mão pelo peitoral dele e sai em direção ao carro.

“O que você vai fazer hoje? Tem tempo para mim?”

Samuel é um babaca. Mas um babaca de um nível que eu sequer imaginei que poderia existir.

Antes disso tudo começar, tivemos um excelente final de semana. Ele reconheceu que estava errando e prometeu que dali para frente tudo iria melhorar. Que nos veríamos mais vezes, que ele tinha chances de se tornar seu próprio chefe e eu receberia a atenção que merecia.

*Bem...* aqui estamos nós. Algumas semanas depois. E o cretino só me manda mensagens que reforçam o quanto ele é um imbecil.

“Manda foto de agora. Quero ver como você está. Saudades”.

A vontade que eu tenho é de jogar o celular pela janela. Mas sou salva pelo gongo, Kaleb deixa Emms e Luna no *Sweet Show* e agora vamos em direção à mansão dos Farrah.

— Em que momento você decidiu comprar um carro novo? — tento quebrar o silêncio que há entre nós.

— Hoje de manhã, quando acordei, o meu primeiro pensamento foi: *por que não?* — é como ele me responde.

— Você acordou e decidiu comprar esse carro que deve valer parte da vizinhança — olho ao redor.

É luxuoso, sem dúvidas e confortável também. Me sinto quase que abraçada, ninada e paparicada pelo banco confortável em que estou e o painel extremamente moderno parece quase uma inteligência artificial.

— Foi exatamente isso o que eu fiz — Kaleb diz com serenidade.

Não precisa expor, esfregar ou se vangloriar. Dá para perceber que aquilo é bem simples para ele de acordo com a naturalidade que age.

— Dormiu bem? — ele tira as mãos do volante e eu quase tenho uma parada cardíaca e me jogo em cima do volante. — *Calma. Deixa ele ir sozinho, tadinho* — Kaleb ri e vira o corpo em minha direção.

— O carro dirige sozinho — penso alto ao ver o veículo virar uma rua, com muito trânsito, e tudo na velocidade perfeita, parando no espaço correto atrás do veículo na frente e depois seguindo com toda a naturalidade do mundo.

E as mãos de Kaleb estão ajeitando seu *smoking* caro.

— Dormi, sim. Nem vi a hora que cheguei em casa.

— Eu sei. Preferi não te acordar, você parecia estar bem serena dormindo.

— Obrigada — continuo olhando fixamente para aquele painel do demônio.

“Poxa, eu tenho um tempinho de folga e você não me responde? Pensei que nós dois faríamos isso dar certo” é o que diz a nova mensagem de Samuel.

Bufo e reviro os olhos. Assisto as paisagens ficarem para trás conforme avançamos para o nosso destino.

— Vai cozinhar hoje? — Kaleb quebra o silêncio.

— Só irei supervisionar. Se precisarem da minha ajuda, sim. Mas acho que contratei gente o suficiente para dar conta e me deixar com o trabalho estressante de manter tudo no mais alto padrão.

— Desisto da ideia de guerra de comida?

Viro o rosto com força e o julgo com o olhar.

— Não no meu turno.

— Poxa, seria tão interessante ver toda aquela gente chique jogando comida uns nos outros. Só para lembrar o quão primatas ainda são.

Não contengo as risadas e me jogo para trás, o banco se inclina conforme o meu corpo desce, e mesmo em meio ao susto, não paro de rir.

— Só você mesmo para aliviar a minha tensão — suspiro.

— Creio que é o mínimo que um *namorado de mentira* faria — Kaleb toma controle do volante e assume a direção.

*Chegamos.*

Sabrina Farrah havia me dito que a semana que antecedia seu casamento seria um momento intimista para receber velhas amigas,

parentes distantes e antigos colegas.

*Bom...* Se esse batalhão de gente chique metido a besta é algo intimista, quero ver só a festa de casamento! Terei de triplicar as minhas ajudantes, pois as que contratei e trabalham comigo, não darão conta.

— Me atualizem de tudo — peço assim que chego na grande cozinha e vejo todo mundo trabalhando.

Coloco a *doma* e amarro os cabelos com um laço, prendo-os e coloco uma touca por cima.

— Tudo sob controle — a minha segunda no comando diz. — Café da manhã foi servido e elogiado, o próprio noivo veio aqui.

— *Ele veio?* — rio de nervoso e começo a coçar meu pescoço.

— Sim. Agora a maioria das meninas estão ocupadas com o almoço, mas três estão concentradas na sobremesa. Assim que tudo estiver encaminhado já começaremos os preparos para o chá da tarde e jantar, como você pediu.

Examino as bancadas e as pias e está tudo impecável, do jeito que eu gosto de ver a cozinha em que trabalho.

— Parabéns, senhoritas! Mas não diminuam o ritmo, continuem assim. E se precisarem de uma força, eu já cheguei, só me procurarem, ok?

— Sim, chef! — todas dizem juntas.

Viro-me para Kaleb e o agarro pelo braço para tirá-lo da cozinha.

— Eu realmente sou a CEO dos fogões — comento.

Enquanto andamos pela área da piscina e trocamos olhares tensos e confidentes, vejo um garçom vir de longe com uma bandeja, parece estar praguejando.

Peço um minuto para Kaleb e vou ao seu encontro.

— *Pois não?*

— O prato voltou — ele praticamente joga a bandeja em minhas mãos. — O café não está tão quente e os biscoitos estão murchos.

— *Ah, mas se o café sai daqui na xícara e vai para lá* — aponto com o dedo. — *É óbvio que vai chegar frio* — reclamo. — *Quem foi o gênio?* — viro-me para Kaleb que só sabe rir. — *Pode deixar, eu mesma levo.*

O garçom sai apressado e eu retorno para a cozinha.

— Coloquem os biscoitos no forno novamente, vou preparar o café — coloco a touca na cabeça de novo e começo a trabalhar.

Faço tudo o mais rápido que posso, limpo a bandeja e coloco os biscoitos recém-saídos do forno e levo o café em uma garrafa térmica.

— Você me acompanha? — pergunto a Kaleb.

Ele só agradece com as mãos, mas prefere ficar ali.

Tudo bem, vou eu mesma. Ele me ajuda a tirar a touca e daí sigo meu caminho.

Levo quase que cinco minutos para chegar no outro salão. *Por que esses ricos têm tantos salões, meu Deus?*

— Para quem é o café? — pergunto ao garçom que vi retornar com a bandeja.

Ele me aponta um homem sentado de pernas cruzadas, balançando o pé freneticamente. Seus cabelos loiros são inconfundíveis e a sua postura nem por um momento me intimida.

— O seu café e biscoitos, senhor — anuncio, nas costas dele.

— Já estava na hora! — ele rosna, áspero e bate a mão na mesa.

Pouso a bandeja com os biscoitos com todo o cuidado do mundo, ao abrir a cloche o homem vê a xícara vazia.

— Não tem café aqui! — ele se vira bruscamente para me xingar.

Mas ou esqueceu as palavras ou ficou mudo.

— *Anne?* — Samuel recolhe as mãos e fica engessado na cadeira.

— O seu café, senhor — abro a garrafa térmica e encho a xícara. —  
*Já estava na hora.*

# Capítulo 20

*Anne Moore*

Esse é um daqueles momentos maravilhosos em que me sinto, finalmente, em *Game of Thrones*. Só não estou com a taça de vinho em mãos para fazer tudo explodir aos ares; ou, quem sabe, ter um momento *Quentin Tarantino*. Longos diálogos para anteceder a *porradaria*.

A minha vontade é arrancar duas espadas gigantescas das costas e quebrar aquela xícara de forma bem dramática, subir na mesa e dizer:

“Já estava na hora de nos encontrarmos, Samuel”.

Se no fundo tocasse uma música de velho oeste, seria o suprasumo!

“Eu senti a sua falta, Anne” era o que ele diria, certamente.

“Pois eu estou aqui, baby. *Todinha para você*” seria minha frase final.

Com duas espadas em mãos, explodindo uma catedral inteira, tomando *meus bons drinks* e assistindo as amigas da noiva e os velhotes ricos correndo de um lado para o outro em desespero.

Mas esse momento maravilhoso fica para outro instante.

— Espero que agora esteja do seu agrado — olho Samuel com firmeza. Não tenho mais tempo de abaixar a cabeça e expor meus olhos tristes. Eu estou pronta para ser o vendaval nesse coração.

— *Está...* — ele pisca os olhos, está claramente mais branco do que o normal.

— Estava impecável — Sabrina, a noiva, diz. Só então a vejo.

Trocamos sorrisos bastante sinceros.

— O Samuel que é muito exigente e quer pegar no pé das suas cozinheiras, para que tudo saia perfeito para o *nosso casamento* — ela enche a boca para dizer e o abraça pelo ombro.

*Constrangido?* Por falta de palavra melhor, digamos que Samuel está assim, constrangido. E mijando nas calças, é óbvio.

Ele está bonito e galante, devo ressaltar. Seu cabelo loiro se eleva num topete curto, seus olhos verdes ainda são tentadores e seus lábios finos ficam entreabertos, não sei se para respirar ou se simplesmente ele não consegue dizer alguma coisa.

— Eu estou aqui, pessoalmente, para dizer que o seu casamento será perfeito, senhorita Farrah — eu garanto com firmeza. Nunca fui tão firme em toda a minha vida.

Samuel ainda parece que recebeu uma pancada na cabeça e está desnorteadado tentando se localizar.

Pois deixe-me ser sua bússola, baby: você está no meio do olho do furacão *Anne Moore*. É bom que tenha protegido janelas e portas, porque eu vou quebrar tudo.

— Obrigada, Anne — Sabrina diz, muito simpática. Quando pisca seus olhos azuis para mim, com uma doçura tão familiar, tenho a triste certeza de que não conseguirei ter raiva dessa mulher. — E seu cabelo está maravilhoso — ela comenta.

— Obrigada — jogo-os bem na cara de Samuel.

Meus cabelos estão bem mais volumosos e sedosos, parecem cabelos de comercial de televisão. E estão num tom de mel que combina



com a minha pele, luzes bem sutis e o caimento que eu sempre quis: lisos na raiz e descendo com volume em leves ondas até as pontas.

— Quero o número da sua cabelereira para o meu grande dia! — ela passa a mão na coxa de Samuel.

E o meu ex lindo, porém imbecil, olha dela para mim, abobalhado.

*Sabrina, meu anjo, por que nós duas não fazemos igual a Beyoncé, pegamos um taco de beisebol e começamos a quebrar tudo? A começar pela cabeça desse crápula.*

*Eu bato em uma, você bate na outra, amor. E ainda fazemos um álbum de sucesso.*

— *Você é a noiva* — tiro a cloche de cima da mesa, ficando bem próxima de Samuel, agora dá para perceber que ele está mesmo nervoso, pois está tremendo a perna. — *Você terá tudo o que quiser* — pisco para Sabrina.

Viro-me com força e jogo os cabelos na cara do paspalho e saio rebolando, de volta para o salão de eventos onde está a cozinha que chefiou para esse evento.

Mas antes mesmo de sair do lugar em que estou, Samuel passa pela minha frente. Cobre a boca com a mão direita, depois a sobe para os olhos, até chegar na testa, onde limpa o suor e suspira bem forte.

— *Anne.*

Ele diz o meu nome.

É algo excelente para quem pode perder a língua a qualquer momento.

— *Samuel* — uso um tom de deboche. — *Ou devo chamá-lo a partir de agora de “Senhor Farrah”* — abro um sorriso de canto.

— *Eu posso explicar* — é o que ele diz. A merda que todo homem diz quando é pego numa merda gigantesca e ele sabe que não pode explicar, mas precisa de tempo.

E esse tempo é entre meu nariz soltando fogo e a minha decisão demorada se quero mesmo ouvir explicações.

— *Não é nada do que você está pensando* — ele continua.

*Oh, o show de clichês.* Vamos ver o que mais sai daí.

— *Eu posso explicar* — ele repete.

— Tá, você já disse isso — cruzo os braços. — Encurta o disco e explica.

Silêncio.

Nossos olhares se encontram só por um segundo, depois ele desvia e olha ao redor.

Se apurar bem os ouvidos, concentrar na paisagem e ignorar a conversa animada da noiva e suas amigas na mesa ao centro, dá para ouvir os grilos.

*Cri. Cri. Cri.* É como soa.

— Não posso explicar aqui — ele me olha de um jeito imperativo, como se estivesse muito ofendido. — Te encontro mais tarde e explico tudo.

*É claro. Que conveniente. Ele precisa de mais tempo para poder me explicar toda a situação.*

— Não sei se tenho tempo para você e suas explicações, Samuel — dou-lhe as costas.

Mas percebo que foi pouco dramático. Me viro de novo e de um rosto ansioso, ele passa a ter um filete de esperança.

Jogo bem minha cabeça para ele e faço os cabelos baterem na cara dele. De novo. Terceira vez. Estou quase no *touch down*, seu desgraçado.

— *Quem foi que te contratou?* — ele me segura pelo braço e tenta me puxar em sua direção.

Viro-me, mas não o encaro. Dirijo meus olhos com os cílios bem grandes em direção à mãozinha dele, que se ele não tirar em 3, 2, 1... *ah, que ótimo, ele tirou.*

Porque eu ia arrancá-la no dente, já que não trouxe uma faca ou serrote.

— *Você me contratou* — bufo.

Agora é assim? Além de me fazer de palhaça e querer que eu o sirva feito um rei, vai se fazer de desentendido? Corta essa, Samuel!

— *Eu?* — ele aumenta a voz, mas ao perceber que fez isso, abaixa o rosto e encosta em mim.

Só estendo a mão para que mantenhamos uma distância segura.

*Para ele.*

Meus dentes são realmente muito afiados. E se acham que só o Michael Jackson ficou famoso por perder partes do nariz, aguardem só o que vai acontecer com esse cretino se ele tentar encostar em mim.

— E está pagando muito bem — preciso ressaltar.

Jogo o cabelo de novo, com mais força que das três primeiras vezes e sigo meu caminho.

*Fim do primeiro tempo.* Vitória da moça traída, que vai acabar com essa festa.

Kaleb me assiste marchar em sua direção, quase deixando um rastro de fogo por onde passo, de tão nervosa que estou.

— Me conta — ele desvia o olhar para encarar a piscina.

— Encontrei o idiota. Pensei que minhas pernas iriam tremer e eu ia ficar extremamente nervosa, mas tirei de letra.

— Estou orgulhoso de você — ele diz. E essas palavras aquecem um pouco o meu coração.

— Joguei o cabelo na cara dele umas quatro vezes — olho para o chão.

— Acho que essa é a função de um cabelo tão bonito — ele ri e se vira em minha direção.

Suas mãos tocam meu pescoço e sobem até minhas bochechas. Ele ergue meu rosto com calma até que nossos olhares se cruzem.

— *Está tudo bem* — ele sorri com gentileza.

— Eu não sei se está, Kaleb.

— Não, não foi uma pergunta — ele diz de uma forma polida e suave. — *Está tudo bem* — ele reafirma. Passa uma das mãos pelas minhas costas e me abraça pelo ombro. — A dor, o medo, a aflição e a tremedeira fazem parte do processo.

— *Processo?*

— Sabe quando você está doente? — ele respira fundo. — E seu corpo sente dor? Ele está lutando. Ele quer se recuperar. Ele sabe que é capaz de ficar resistente e expulsar o invasor. A dor, a febre, a tremedeira... são sintomas de que o corpo está lutando para se manter vivo e bem.

— Mas isso me faz sentir frágil — desabafei.

Nunca fui de abrir minhas emoções, muito menos com um homem. Mas Kaleb era diferente de todos os que eu já conheci. Ele não apenas me escutava e dividia alguns de seus segredos comigo. *Ele realmente se importava.*

— Sentir-se frágil faz parte do processo — ele garantiu. — E cá está você, inteira, após reencontrá-lo.

— Mas agora as minhas pernas estão tremendo.

— Eu sei — ele diz. E só então percebo que ele está meio que me apoiando. — *Relaxa.* Você está lutando e é isso o que importa.

*Lutando pelo quê, eu me pergunto.*

— Ah, eu me esqueci de uma coisa!

— *Mais segredos?* — passo a mão pelos meus cabelos e os ajeito para um lado.

— Na verdade, não — Kaleb solta seu braço de mim e só então percebo o quão *quentinho* e confortável estava seu aconchego. — Eu comprei mais uma coisa.

— Você realmente gosta de comprar coisas!

— É. É um péssimo hábito, eu sei. Mas é tudo por um bem maior — ele enfia a mão direita no bolso e tira dela uma caixinha muito luxuosa.

— *Meu Deus! Isso não é...?! Kaleb!* — arregalo os olhos.

— Agora você sabe que dinheiro não é um problema para mim, na verdade, ele é meio que solução. E pensei: se vou ser um namorado falso, que eu seja pelo menos a porra do *melhor namorado falso* que já existiu nessa merda de cidade!

*Ah, sem dúvidas ele era...*

— Mas como você sabia o meu tamanho? — ele me entrega a caixinha.

Não se ajoelha, não faz cerimônias e nem torna aquele momento piegas.

Quando estou prestes a pegá-la, ele subitamente afasta a mão.

— *Ops* — ele ri.

— *Kaleb!*

— Será que você consegue pegar? — ele começa a jogar a caixinha de uma mão para a outra.

Até tento avançar e tomar dele, mas é em vão.

— Você está mais lenta do que eu me lembro! — ele goza da minha cara e eu avanço em seu corpo para tomar o objeto.

— *Não faz isso!*

Ele levanta bem a mão, bem acima de seu corpo. Mesmo que eu não consiga alcançar, me aproximo dele até que estejamos praticamente colados e fico nas pontas dos pés enquanto tento tomar a caixinha de suas mãos.

— *Kaleb!* — resmungo mais uma vez.

Ele só sabe rir. E eu estou afoita para ver. Ninguém nunca me deu um anel antes e vindo de Kaleb, mesmo que seja de *mentirinha*, significa alguma coisa para mim.

Quando pulo e tento capturar o meu presente, ele abaixa o rosto com sutileza. Me inclino para trás, para nossos rostos não se chocarem, mas não tem como.

Nossos lábios chegam a se tocar e eu piso firme no chão, cambaleando para trás, começo a balançar as mãos freneticamente para

tentar me equilibrar, mas aqui está ele, com suas mãos em minha cintura, seu olhar que não se desconecta do meu e sua respiração bem próxima.

Mas continuo a bater as mãos, feito uma libélula maluca.

— Você está segura, relaxa — ele sussurra.

— Tá — paro de fazer os movimentos. E aproveito que ele está distraído com algo na minha cara e tomo o objeto de suas mãos e o abro.

Não tenho palavras.

Tudo bem que ele me deu um guarda-roupa novo, gigantesco, com roupas caríssimas, mas isso aqui, de longe, deve ser a coisa mais cara que ele me deu. *Se é que ele me deu mesmo.*

— Pra fazer ciúmes nele — Kaleb sussurra, seu rosto ainda está perto do meu. — Um presente singelo.

*Singelo?* Singelo é o meu novo cabelo dando na cara daquele desgraçado.

Isso aqui é...

— *Não precisa devolver* — ele sorri. — É um presente de verdade. Para você. Pedi que ajustassem o tamanho e aumentassem o tamanho do diamante, mas de resto, ainda é um dos tesouros da minha família.

— Não posso aceitar — olho para ele. — *É da sua família. E eu...*

— Nicolas talvez nunca case — ele suspira. — E não sei se quero ter outros filhos, quero cuidar *de tudo o que já tenho agora*. Fique. Estou começando uma nova tradição em minha família: aprender o que realmente importa.

— E te importa dar esse tesouro de família para mim?

— Me importa que você se lembre — ele segura em meu queixo. — Que você lutou bravamente, Anne Moore. Que você não desistiu de si. E que você se entregou de verdade em busca dessa nova mulher que está aí dentro. Espero que tenha orgulho de si mesma quando isso tudo terminar. Por que eu já tenho orgulho de você desde já.

*Que cretino! Querendo me fazer chorar para eu ficar horrorosa!*

— *Para quê inimigos quando se tem um Kaleb Petterson para te fazer chorar?* — reclamo baixinho.

— Não chore — ele encosta a testa na minha. — Você tem a chance que eu não tive. De enfrentar seus medos e fraquezas *agora*. Então que essa aliança, não seja pura e simplesmente uma aliança entre você e eu. Mas uma aliança entre você mesma e o que você deseja para si. Seja fiel ao seu próprio *contrato*. Seja feliz consigo mesma.

— *Para!* — dou um tapa no ombro dele.

— *E quando precisar de mim... para te ajudar, te socorrer, fingir que sou seu namorado de mentirinha e precisar de alguém para te ouvir... ou te contar uns segredos... você sabe que eu estou na mansão ao lado.*

— Você não existe, seu idiota! — dou outro tapa no ombro dele.

— Não chora — ele me abraça forte. — Agora coloca isso no dedo e quando vir Samuel novamente, só exponha na cara dele, como se dissesse “*fala aqui com minha mão*”.

Ah, é exatamente isso o que eu iria fazer mesmo! Isso sem o anel.

Com o anel, eu vou é dar um soco bem forte na cara dele para ver o buraco do diamante naquela testa.

— Você não quer colocar? — entrego o anel para ele.



Kaleb arqueia a sobrancelha em espanto, mas decide colocar o anel em meu dedo. E cabe direitinho.

— *Mas como pode ser do meu tamanho exato?*

— Eu sou bem observador — ele murmura e se afasta devagar. — E acho que é isso o que você aprender de agora em diante. Chega das migalhas. Você *merece*, Anne Moore, só coisas feitas *do seu tamanho*. E se elas não estiverem, que se adequem.

— Você não existe — aceno negativamente. — E não sei como devolver todos esses presentes extremamente caros que você me deu...

— Você já devolveu — ele dá uma piscada e sorri. Igual a um cafajeste.

# Capítulo 21

*Anne Moore*

O almoço seguiu tranquilo. Fizemos comida para um batalhão, esse evento estava ficando maior do que eu podia esperar.

No breve descanso que tivemos para organizar a cozinha e começar os preparativos do jantar, já que o café da tarde seria servido em breve, Kaleb precisou deixar a mansão dos Farrah, ele disse que tinha algo a fazer.

Quando peguei o meu celular dentro da bolsa para ver se tinha alguma novidade, o aparelho estava pegando fogo. Dezenas de ligações perdidas e uma centena de mensagens.

Tomara que não seja... tomara que não seja... *é. É ele mesmo.*

— *Falando no diabo...* — resmungo ao ver a ligação.

Ficou esse tempo todo sem me ligar e agora não para, Samuel? Que evolução, hein?

— Concentrem-se no jantar, vamos fechar esse dia com chave de ouro! — jogo o celular dentro da bolsa e retorno para as meninas. — Logo, logo esse pesadelo acaba!

— *Tomara!* — ouço a voz de Luna.

— Ah, olha quem chegou! — me jogo nos braços dela.

— Espera, o que é isso? — ela ignora o meu abraço e segura direto na minha mão, quase quebra meu dedo anelar e o levanta contra a luz. — *Uau!*

— É bom te ver também, Luna.

Ela concorda, ainda hipnotizada com o anel.

— Depois você vai me contar tudo sobre isso — ela solta minha mão e ajeita os cabelos. — Vim conferir se tudo está em ordem em quesito de ornamentação, luzes e se os violinistas têm tudo o que precisam.

— *Violinistas?* — cruzo os braços.

— Foi o que eu disse. Eles estão no contrato, não sei se você o leu. Depois das 18 até as 23, o som ambiente fica por conta de violinistas — Luna vigia toda a cozinha. — Nossa, isso está impecável. Parabéns!

— É só o meu trabalho — balanço os ombros. — E a Emms?

— Ficou no escritório para resolver algumas coisas, disse que talvez não chegue aqui hoje. Mas nos vemos em casa, é claro.

— Certo. Não vou te atrapalhar com seus violinistas e tudo mais — a enxoto com as mãos.

— E o projeto de fantasma mal sepultado, onde está?

— Por aí. Boa sorte ao esbarrar com ele — ajeito o avental e volto a gerenciar o trabalho das minhas habilidosas cozinheiras, dando-lhes suporte em tudo o que precisam.

## ***Kaleb Petterson***

A campainha tocou.

Saí da biblioteca, o celular em mãos para conferir por quantas andava o novo projeto e abri a porta sem prestar muita atenção.

— Você chegou rápido, Jacob. Entre, temos alguns detalhes a acertar — retorno para a sala.

Mas não sou acompanhado.

Viro-me devagar e abaixo o celular. Não é Jacob, definitivamente. É a amiga de Anne, sua colega de casa. Emmanuelle deve ser o seu nome, se não me engano.

Aceno para a loira e ela sorri enquanto balança os braços na frente do corpo.

— Estava esperando alguém? — ela levanta a sobrancelha e só depois que entra eu entendo que esse foi o gesto para “eu posso?”

— Na verdade, sim. Jacob, um amigo — escoro-me na parede e a assisto fechar a porta e vir até mim. — A que devo a honra?

Emmanuelle caminha devagar e assim que chega diante de mim, levanta a mão com o celular. Fico imóvel, vendo a tela do aparelho do lado do meu rosto.

— *O que é isso? Jeito novo de fazer tomografia?*

— Eu sabia que seu rosto me era familiar — ela sorri.

— *Familiar?*

A loira vira o celular em minha direção e mostra uma foto. Uma foto minha, pelo menos seis ou sete anos atrás, ao lado do meu pai.

— Vocês têm os mesmos olhos — ela analisa. — É claro, nessa época você não usava barba, nem tinha o cabelo tão comprido. E também não era tão... — ela passa a mão pelo meu ombro. — *musculoso* — ela sacode os ombros.

Preciso anuir com cuidado e examinar bem o que ela quer com tudo aquilo.

Não irei mentir, não é do meu feitio. E surpreendo-me que não fui descoberto antes.

— *Kaleb Farrah* — ela me chama.

— Eu não uso mais esse nome.

— Mas ainda é o seu nome — ela me analisa. — Agora eu entendo tudo. *Ou quase tudo*. Você ser rico... morar aqui do lado... esse bairro todo ser praticamente seu... *seu interesse em destruir o casamento da sua irmã...*

Um pouco mais sério do que de costume, mas interessado pelo que Emmanuelle tem a dizer, indico o sofá para que ela se sente. E ela não espera nem mesmo mais um segundo, anda toda reboiativa e senta devagar, ainda me examinando.

— Você está enganando a Anne? — ela pisca os olhos com demora.

— *Enganando? Em que sentido?*

— Está se aproveitando dela? — ela é bem mais enérgica e seu olhar é desafiador.

— Anne e eu temos interesses em comum. E ela me chamou para destruir esse casamento, independente de quem eu sou ou dos meus interesses pessoais. E aceitei. Isso é tudo.

Emmanuelle passa a língua pelos lábios e confere algo no celular.

— Você era o rosto da Farrah. Como fui tola! Pesquisei tudo sobre essa empresa e sua família, mas você me passou despercebido... também... — ela me olha dos pés à cabeça. — Não tem como não ficar hipnotizada, se é que você me entende.

Aceno sutilmente com a cabeça e me sento na poltrona, de frente para ela.

— E o rosto da Farrah... O homem que erigiu o império... foi destituído. E substituído pelo menos umas quinze vezes nos últimos cinco anos e... ao que tudo indica, chegou a vez do Samuel. Foi você quem derrubou todos os anteriores, não foi? Pode dizer para mim, Kaleb.

Sorrio e cruzo as pernas.

— Olha só para você... você é ardiloso. Gosto disso.

— Metade deles não caíram — a informo. — Saíram de livre vontade, porque não queriam fazer o jogo sujo que o meu pai lhes ordenou. E a outra metade se sujou a ponto de precisar sumir do mapa — é o que digo. — Não tenho nada a ver com isso. No passado eu estive sim, obcecado pela empresa, porque eu fui responsável pela ascensão dela. Mas hoje...

— *Kaleb...* — ela parece desconfiar da minha versão.

Mas é a verdade.

— Eu estive em Nova York, a maior parte do tempo. Mas era um lugar muito caótico para o Nicolas, então resolvi retornar para as minhas origens — abro os braços e indico a casa. — O casamento da minha irmã foi um dos motivos que me fez ficar em Miami de vez. E recentemente, quando Anne me pediu para destruir o casamento de Samuel e Sabrina, eu pensei: *espera. Eu conheço esses nomes...*

Emmanuelle concordou.

— Mas você ainda está omitindo alguma coisa — ela volta a me analisar. — Não me entenda mal, Kaleb. Eu só quero saber se você está aqui para machucar a minha amiga, e... — ela pousa o celular no colo e passa as mãos pelo vestido. — Eu juro por Deus, se mais um homem ousar fragilizar a Annelise, eu sou capaz de mata-lo com as próprias mãos.

Concordo com ela. Temos algo em comum, pelo visto.

— Não me entenda mal, Emmanuelle. As minhas intenções para com a Anne são as mesmas que as dela para comigo. Eu sou recíproco e verdadeiro. O que ela quer, eu quero em dobro.

— É que... — Emmanuelle cruza as pernas. — Você tem muito dinheiro e é bastante misterioso. Mas eu moro ali do lado e sou louca, o que não tenho em dinheiro, compenso com o ódio que nasce de mim nos dias da TPM.

— O que isso quer dizer? — seguro o riso.

— Não tente nada contra ela e estaremos bem. Só não a machuque e eu não irei aparecer na sua porta com um machado — ela sorri docemente.

— Já disse que a minha intenção não é machucá-la.

Emmanuelle se levanta com o mesmo sorriso que vi quando a conheci em sua casa e anda em direção à porta.

— Desculpe-me por tudo isso... — ela limpa as mãos no vestido. — É que me disseram que você é perigoso.

— Obrigado por sua sinceridade — abro a porta para ela. — *Mas a pessoa que te contou isso, estava certa* — encaro-a no fundo dos olhos. — *Eu sou mesmo, muito perigoso. Para ela e para a família dela.* E por isso ela fez a sua cabeça para que você viesse até mim, é como um recado, e eu recebi.

Emmanuelle sabe bem do que estou falando e eu não precisarei explicar mais do que isso.

Gabriela acha que pode me enfrentar?

— Ela vai receber o meu recado em breve também — me despeço da vizinha.

## ***Anne Moore***

— Você não vai mesmo atender às minhas ligações? — Samuel rosna em minhas costas.

Não vou mentir, levei um susto. Mas pensei que ficaria arrepiada ou até mesmo apreensiva com a situação..., mas não. Parece só uma mosca chata azucrinando em meu ouvido.

— Vai me ignorar agora pessoalmente também?

— Você não pode entrar na cozinha sem uma touca — é o que digo, sem sequer olhar para trás.

Em resposta ele me tira do lugar. Agarra meu braço com força e me arrasta para fora da cozinha, no grande salão de eventos vazio.

Quando Samuel solta o meu braço, vejo a marca vermelha de suas mãos nele.

— O que aconteceu com você? Perdeu a cabeça?

*Eu não vou te dar as respostas, querido. Encontre-as sozinho, você é um homem crescido e já não precisa de alguém para trocar as suas fraldas.*

— *Não vai me responder?* — ele rosna.

— Se você não tirar esses dedinhos de mim, eu irei tirá-los de você — digo pacientemente, olhando-o no fundo dos olhos.

Samuel respira fundo, mas seus olhos ainda estão vermelhos. Ainda assim, ele me solta e se afasta um pouco.

— *O que você está fazendo aqui?*



Bufo, estressada.

— Eu já te disse. Estou trabalhando para o casamento! — digo com simplicidade.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro, desgostoso.

— *É assim que me agradece?* — ele rosna e avança com o rosto para cima de mim.

— *Pelo quê?*

— *Tivemos o melhor final de semana da sua vida! Foi isso o que você disse! E aí você decide simplesmente invadir o meu mundo e a minha privacidade? Você não faz ideia do que está acontecendo aqui!*

— Um casamento — pisco os olhos, devagar.

— É. É um casamento — ele suspira. — Mas eu não a amo. Eu amo você! — ele segura nas laterais do meu rosto e me olha com demora. — Você não entende? Como pode ser tão burra? Estou fazendo isso por nós dois, Anne. Esse é o nosso passaporte para o mundo dos ricos. Depois disso, você nunca mais vai precisar trabalhar!

— Eu gosto de trabalhar — me desvencilho do toque dele.

— Você acha que mulheres com a Sabrina trabalham com isso? Na cozinha? *Servindo?*

— É o que eu amo fazer.

— E eu te amo, porra! Mesmo assim, não dá para viver de amor. Às vezes é preciso sacrificar o amor para ter sucesso e é isso o que estou fazendo. *Por você, por mim, por nós dois, Anne.* Depois desse casamento, as nossas vidas não serão mais as mesmas...

— *Não mesmo.*

— Você vai viver bem, como uma rainha. Sem precisar trabalhar um dia sequer em uma pequena empresa que vive para dar felicidade e satisfação. *E a sua felicidade e satisfação?* É nisso o que estou pensando. Eu te prometi, você se lembra? Eu vou te dar o mundo.

— *Eu não quero o mundo, obrigada. E eu mesma posso me preocupar com a minha felicidade e satisfação, Samuel, novamente, obrigada. Agora, se isso é tudo...* — me despeço dele.

Tipo: “fala aqui com a minha mão, seu babaca”.

— Eu entendi — ele balança a cabeça num gesto positivo. — *Você tem outro* — ele comprime os lábios e no avanço que faz em minha direção, eu dou uma joelhada na virilha dele.

— *Eu posso explicar* — é a minha vez de dizer. Dou um passinho para o lado e deixo ele se contorcer o quanto quiser de dor.

— *Eu não acredito que você é uma puta egoísta que só pensa em você. Não acredito que estou perdendo tempo vindo aqui explicar...*

— Se já acabou, *a puta egoísta* precisa trabalhar.

Samuel levanta a cabeça, furioso. E, bebê, não importa quantas vezes ele vai se levantar, mas quantas vezes eu irei derrubá-lo.

Acho que essa era uma frase de autoajuda, mas acabei de deturpá-la em graus que a vã filosofia não alcança.

— Depois que tudo isso acabar, Anne, você vai entender. E vai voltar para mim. Vai perceber que nada vai mudar, vamos continuar os mesmos e vamos ser os mesmos.

*Agora ele me assustou com essa ameaça.*

*Não. Não! Mil vezes não!*

Se nada vai mudar... se vamos continuar e ser os mesmos... eu prefiro é morrer. Se fosse para ser a mesma, sempre, eu tinha nascido estátua de gesso ou pintura em tela. Eu quero é mudar, aprender, quebrar a cara e nunca mais errar.

— Você sabe disso, estou vendo em seus olhos — ele afirma com alguma serenidade que lhe resta após ter um dos ovos feito de omelete. — Eu te conheço, Anne. *Eu* te conheço. Eu estive com você nos bons e nos maus momentos. Eu gostei de você quando ninguém mais gostava, porque você não era bonita — ele se ergue, tentando uma pose majestosa, mas a dor no saco vai impedi-lo por mais alguns minutos.

— Você é um babaca — concluo.

Não posso esconder de mim mesma que me sinto acuada e até violada ao ouvir ele dizer isso. Mas não darei o gostinho de que ele perceba.

— Não importa se você está com uma roupa bonita ou cabelo diferente... se está com uma maquiagem melhor ou tira foto com caras boa pinta — ele me julga com o olhar. — Você ainda é aquela menina que eu conheci. Quase uma caipira, que precisa de ajuda, de alguém para te guiar nesse mundo dos tubarões, onde os maiores comem os pequenos. E você sabe que esse cara sou eu.

— Ok — é o que digo.

— *Ok?* — ele pergunta, confuso.

Já repararam que “*ok?*” responde basicamente a qualquer pergunta ou afirmação? Seja uma ofensa ou elogio, seja um comentário ácido ou provocativo. “*Ok*” responde.

Seria um sim? Seria um não? Seria um talvez?

O “ok”, na verdade, quando bem usado, e isso depende muito da entonação da voz e do balanço da cabeça, tem um propósito pedagógico muito importante para os tempos atuais.

Onde somos absolutamente digitais e vivemos à mercê de comentários que não pedimos, seja em nossas fotos, nossas opiniões ou em qualquer divagação que cause estranheza para pessoas que não aceitam uma visão contrária à delas.

*O-k-a-y.*

Também conhecido na vida real como: *visualizado e não respondido.*

# Capítulo 22

*Anne Moore*

Kaleb não retornou para me buscar, mas enviou seu amigo Jacob no lugar.

Luna e eu voltamos para casa e por todo o caminho o celular não parava de tocar. Acabei desligando e cochilei no ombro de Luna, só acordei quando já havíamos chegado.

— Conte-me tudo sobre o primeiro dia — Emms me recebe na porta, animada. — Ao julgar por essa cara, você viu o Samuel.

— Vi — entro em casa e vou direto para o banheiro, para tomar um banho relaxante e me ocupar pensando em qualquer coisa. Mesmo cansada, eu sei que não conseguiria dormir, a minha mente estava bem agitada.

— *Tudo sob controle? Ou já posso chamar o psiquiatra?* — Emms conversa comigo com a porta do banheiro entre nós e o chuveiro ligado.

— É bom deixar a funerária em alerta — a relembro, aos gritos.

Acabo tomando um banho bem rápido, só para tirar o suor do corpo, coloco meu pijama e me joga na cama.

— Quer conversar? — Emms coloca a cabeça para dentro do meu quarto.

— Vai ficar me perseguindo ou o quê?

— *O quê* — ela responde. — Só quero garantir que você esteja bem.

— Eu estou, eu juro. Só estou cansada mentalmente. O Samuel infernizou a minha vida, deu o maior trabalho para a cozinha e ainda me fez ouvir bastante.

— *Tipo...*

—... tipo que ele me amava. Que mesmo se casando com outra ainda seríamos os mesmos e que nada mudaria. Ele deu a entender que era um casamento de fachada e que com isso ele conseguiria muito dinheiro para *nós dois* — reviro os olhos.

— E aí você arrancou as bolas dele com a boca antes ou depois de tudo isso? — ela se sentou na calma.

— Não arranquei — peguei o travesseiro e coloquei em cima do meu rosto e o apertei com muita força.

— *Que linda a minha amiga, virou vegetariana* — Emmanuelle se diverte, mas também se compadece pelo meu estado e chega mais perto. — *E o que isso muda?*

— Eu não sei, Emms... eu me sinto traída, diminuída e provocada a um nível que nunca pensei que sentiria. Você espera qualquer golpe vindo de um inimigo, mas não do cara que você sempre amou desde o colégio e fez de tudo para tentar construir uma vida estável e perfeita a ponto de ser uma opção para ele.

Ela concorda.

— Para no fim, perceber que você é só isso: *uma opção*.

— Ainda não entendi porque você não arrancou as bolas dele. *No dente* — ela comenta.

— Mas chutei o saco.

Emmanuelle imediatamente aplaude e faz uma festa, bate a bunda contra a cama e fica pulando freneticamente.

— É disso que eu estou falando! Essa é a minha amiga!

— Eu só quero... *sabe?* Sumir. Mas amanhã estarei lá, mais uma vez — bato com o travesseiro contra meu rosto. — Me sinto estúpida!

— A maioria de nós se sente assim — ela analisa. — A parte da humanidade que tem o bom senso, é claro.

Ouvimos a campainha tocar, mas Emms e eu não nos levantamos. Esperamos que Luna atenda.

— *Anne!* — ela grita lá de baixo.

— Olha a outra, tentando acordar a vizinhança! — Emmanuelle pragueja e se levanta. — Sai dessa cama e desce!

— *Não quero!* — faço um bico.

— Vai fazer o que então? Ficar aqui deitada até essa autopiedade te destruir?

— *Ah, para de palhaçada Annelise!* — ela me agarra pelas pernas e começa a me puxar para fora da cama, algo que certamente me faz ter um *dèjà-vu*.

— Você ainda vai quebrar a minha cama! — me agarro com todas as forças, mas a maluca me joga no chão.

— Que vida triste a sua, hein, *Annelise*. A sua amiga quebrar a cama e não um macho gostoso!

Levanto-me e ouço Luna me chamar novamente pelo nome.

— Se pelo menos algum macho gostoso quisesse quebrar a minha cama... — praguejo e desço para ver o que Luna quer.

*E falando no diabo...*

Ao descer as escadas, vejo Kaleb escorado na parede, conversando com Luna. Está vestido com uma camisa azul, as mangas dobradas até o meio do seu braço. A calça é preta, a barra bem feita e sapatos caros. Está impecavelmente bonito e eu já vou dando meia volta, porque estou com meu pijama rosa com vários porquinhos com asas.

— *Por que você não me respondeu?* — ele eleva a voz em minha direção.

*Merda! Ele me viu!*

*Com esse maldito pijama. Por que ainda o tenho?*

*Mas ele é tão confortável...*

— *Respondi?* — pergunto, ainda de costas.

Até esqueço, por um instante, que a droga do pijama tem uma espécie de rabinho de porco no fundo. Quando penso nisso, imediatamente me viro, os olhos arregalados.

— *Respondi o quê?* — pergunto desnorteada.

— Minhas mensagens — ele diz com calma e me analisa devagar.  
— Você está bem?

— *Pronta pro abate* — desço as mãos do pescoço até a cintura, apresentando esse *presentão* que eu sou, embalada em um pijama de porquinho cor de rosa. Com rabo e tudo.

— Legal — Kaleb anui devagar. — *Vamos?*

— *Vamos? Para onde?* — olho de Luna para Emmanuelle e só no fim para Kaleb. *Tínhamos outro compromisso essa noite? Eu não me lembro.*



— Você não leu as minhas mensagens — ele conclui e cruza os braços.

— É que... o meu celular descarregou — dou a primeira justificativa que me vem à mente.

— Certo. Mas você está ocupada? Porque quero te mostrar uma coisa.

— Kaleb, eu não sei. O dia foi cheio e eu tenho tanta coisa para fazer... — suspiro.

— Ela vai — Emmanuelle quase me empurra da escada.

— *O que você está fazendo, sua doida?* — murmuro, furiosa.

Será que ela percebeu que ele está vestido como um cara rico, chique e bonito e eu estou vestida como uma... mulher que ainda dorme de pijamas quando fica triste? E também porque é confortável, precisamos ressaltar isso.

— *Salvando sua noite* — ela murmura, furiosa, de volta.

— Eu estava pronta para dormir — é a desculpa que dou, após ser jogada contra Kaleb pela psicopata da minha amiga e ele ver de perto o meu estado.

— Legal a roupa — ele aponta para mim. — Será que onde você comprou essa, tem de formiga? O Nicolas iria adorar!

Pisco os olhos e ainda espero as risadas dele. Mas Kaleb é esse desgraçado gentil que mesmo quando estou desconfortável, me faz sentir confortável. E não me julga.

— Não sei — pisco os olhos.

— Ah, eu mando para algum alfaiate fazer — nossos olhos se encontram e ele sorri daquele jeito galante. — Quer sair assim? Ou vai

trocar de roupa?

— Vou trocar de roupa — afirmo e dou meia volta, sequer pergunto para onde vamos, só ando rapidamente em direção às escadas e subo para o quarto, para bater com o travesseiro mais algumas vezes na cara, antes de me trocar.

## ***Kaleb Petterson***

Anne demora para descer, mas quando vem, faz cada segundo de espera ter valido à pena.

Ela desce devagar, parece que quer prender a minha atenção em cada movimento que faz. Usa uma camisa preta por debaixo da jaqueta de couro e shorts jeans curtos. Os tênis estão surrados, o cabelo está amarrado em um rabo de cavalo e o rosto está limpo de toda aquela maquiagem.

Ela está perfeita.

— *O que foi?* — ela arqueia a sobrancelha.

— Você está linda — estendo a mão.

— Cala a boca — ela passa por mim, de braços cruzados e arreganha a porta quando sai.

— Não precisam esperá-la por hoje — aviso Emmanuelle e Luna e fecho a porta quando saio.

Anne bate o pé no chão, como um tique nervoso. Quando passo por ela, toco em seus ombros.

— Você está realmente linda — insisto.

— Não quero que deboche de mim, o meu dia já foi estressante o suficiente — ela resmunga enquanto a direciono para a porta do carro e abro.

— Não estou debochando — digo ao entrar e coloco o cinto. — Você está deslumbrante.

— Mas não estou vestindo nenhuma das suas roupas caras. Essas são as minhas roupas comuns! — ela cruza os braços.

Preciso me esticar o quanto posso na poltrona e me aproximo dela, agarro a fivela do cinto e passo pelo seu corpo, mas não desvio os meus olhos dos dela. Anne sempre fica muito apreensiva quando chego tão perto.

E quer saber? *Eu também fico.*

E é por isso que eu repito, faço de novo e insisto em chegar perto. Achei que uma hora esse sentimento ia acabar, mas ele vai num tom crescente, como uma cantora de ópera que conhece o clímax da música.

— Só use suas roupas comuns quando estiver comigo, então — comento e dou a partida. No início eu mesmo dirijo, mas depois dou as coordenadas para que o veículo vá sozinho.

— Que espírito é esse que entra dentro do seu carro e faz ele andar sozinho? — ela quebra o gelo, após um minuto de silêncio.

— O espírito da tecnologia — respondo de bom humor e me viro em sua direção. — Perdoe-me por não ter voltado, tive uns imprevistos e estava preparando uma surpresa agora à noite.

— Tudo bem — ela vira o rosto.

— Não quer saber o que preparei?

— Não. Você é o mestre das surpresas, então, me surpreenda.

— Pode deixar.

## *Anne Moore*

Para onde Kaleb está me levando é uma incógnita. Vejo os bairros glamorosos ficarem para trás e logo à frente já é possível ver a praia, mas o carro segue mais adiante.

Ver a costa é simplesmente lindo. A lua grade e reluzente nas águas, as pessoas andando por ali, mesmo tão tarde da noite... essa Miami parece ser outra, onde reina a paz, segurança e tranquilidade.

Eu jamais cogitaria sair de casa uma hora dessas, muito menos para vir à praia. Mas com Kaleb me sinto mais segura.

— *Pronta?*

— Não sei se estou, mas quero estar — suspiro, menos tensa do que antes e saio do carro assim que ele o estaciona. — Para onde estamos indo?

— Vem comigo — ele estende a mão e eu a seguro.

Andamos por um porto luxuoso e não acredito quando vejo tantos iates maravilhosos.

— Depois de me levar à praia seu objetivo é me levar para o mar? — rio.

— O objetivo é sempre ir além — ele se posiciona atrás de mim e segura em meus ombros, começa a me girar devagar. — Escolha um.

— Escolher um o quê?

— Um iate. Escolha um — ele vai me movimentando devagar, para que eu consiga vê-los. E mesmo que eu andasse por minutos e olhasse tudo, talvez não conseguiria ver todos.

— *Pode ser esse?* — aponto para um, branco e espaçoso, parece ser extremamente moderno.

— Excelente escolha — ele diz e tira o celular do bolso, faz uma ligação. — Só um minuto.

— Todos os minutos que precisar — suspiro e chego perto do iate. É bem lindo, e pelo que posso espiar ao esticar o pescoço, é praticamente um apartamento de luxo lá dentro.

Parece ter banheira, um bar, cadeiras inclinadas com almofadas bem macias... é assim que é o meu sonho de princesa de como acaba um dia duro de trabalho.

— Não vai entrar? — Kaleb guarda o celular e aponta para o iate.

— Você tem a chave? — arregalo os olhos.

— De todos eles, é claro — ele estende a mão e eu a seguro. — E sei pilotar também, embora esse seja bem moderno, como o carro.

— O que afinal de contas você não sabe pilotar, Kaleb?

Ele gargalha enquanto me leva para dentro do iate cinco estrelas. Ele é quase do tamanho da minha casa, e Kaleb explica que tem mais coisas embaixo.

Entramos na cabine de comando e Kaleb me explica como funciona o *piloto automático*, tanto do carro quanto dessa embarcação. Ele ri ao colocar um quepe de marinheiro em minha cabeça e guia minhas mãos pelo volante.

— *Podemos partir?*

— Você tem certeza...? — tento perguntar.

Mas no menor sinal da minha dúvida ele liga tudo e não demoramos em estar em movimento. Seguro firme no volante e começo a tremer na

base. E ainda escuto, bem em minha nuca, as risadas dele, assim como sua respiração quente.

— Você tem medo de dirigir?

— Eu nunca dirigi algo assim antes — digo aflita, tento olhar para trás, mas começo a ficar tensa só de pensar que por qualquer descuido vamos bater em algo e começar a afundar, tipo o *Titanic*.

— Sempre tem a primeira vez — como sempre, sua voz é forte e denota segurança.

Kaleb passa suas mãos pelos meus braços até encontrar as minhas. Segura com sutileza e as movimenta devagar para que possamos avançar.

— Mas o mar... — sinto meus lábios tremerem. — *O mar é o desconhecido...*

— O que não é a vida senão dirigir em um mar desconhecido? — ele parece ter resposta para tudo.

Consigo ver pelos retrovisores que a terra firme está ficando para trás. Nos afastamos a uma distância considerável para me fazer ter uma síncope e ao mesmo tempo flutuar numa parte da imensidão das águas para contemplar o céu noturno.

Eu achei que na praia o céu noturno era a coisa mais linda que já vi. Mas ali, no meio das águas, era ainda mais impressionante.

— Vamos lá fora.

— E quem vai ficar dirigindo isso aqui? — pergunto, aflita.

— A tecnologia faz a parte dela — ele segura em minhas mãos e as afasta do volante. — *Vem comigo.*

Ao sair da cabine de comando e me dirigir para a parte externa do iate, deixo as preocupações de lado só por um instante e vou para a ponta da

embarcação e fito o céu... o mar... as águas se movendo serenamente... *é tudo muito lindo.*

— *É bem estranho, você não acha?* — Kaleb me chamou a atenção.  
— *Uma embarcação assim, tão grande, com móveis e com um peso considerável, simplesmente... flutuar em cima das águas.*

— Não é estranho. Alguma área da ciência deve explicar isso com tranquilidade — retruco.

— *Ciência* — ele desdenha. — Essa palavra é bem recente e o seu entendimento também. Duzentos anos atrás as pessoas não tinham a mesma concepção de *ciência* como nós temos — ele fica ao meu lado, olhando para o horizonte. — *Mas alguém sonhou com uma embarcação que pudesse ficar acima das águas.*

— Imagino que desde o Egito?

— Bem antes... — Kaleb virou-se para mim, as mãos encostadas no suporte. — Alguém pensou: “*por que não?*” quando todos diziam: “*porque não*”. Uma interrogação muda tudo. Assim como um sonho, um desejo, uma força que habita dentro de você, pode mudar tudo.

Comecei a concordar. Agora eu já conseguia ter dimensão do que ele queria dizer com aquelas palavras.

— Para aqueles que não pretendiam sair da terra firme... um barco era bobagem. Era tempo, trabalho e sonho desperdiçado. Mas para aquele que sonhou e projetou a primeira embarcação, era *propósito, força motriz e as suas pegadas no mundo.*

— Você acha que cada um de nós veio ao mundo para fazer algo único, Kaleb?

— Eu acho que você tem direito a ter os seus sonhos. E mesmo quando alguém desdenha deles, porque não os compreende, você precisa se lembrar que foi *você* quem sonhou. E só depende de *você* realizá-los.

— Que bonito — toquei meus dedos nas mãos dele. Ouvir aquilo, após aquele dia que me esgotou, foi um bálsamo. — Qual sempre foi o seu grande sonho, Kaleb? E você o realizou?

— *Humm...* — ele fez um bico charmoso e depois mordeu o lábio inferior. — *Realizei.*

— E pode me contar?

— Será que devo? — ele começou a coçar a barba e terminou rindo, voltou a olhar para o horizonte. — Eu sempre quis ter uma família.

— *Ah! Você é órfão? Eu não... me desculpe...*

— Eu não sou órfão — ele me tranquiliza. — Sempre quis ter *a minha família*. O meu filho. A minha mulher.

— *A sua casa...* — suponho.

— Você não precisa de muito para ter uma família. Só as pessoas mesmo. O resto você dá um jeito — ele pisca para mim.

— Para mim, você meio que precisa. Eu nasci em uma família modesta, então ter uma casa é um luxo. Um luxo necessário para poder dizer: *“eu pertencço a esse lugar”*.

Kaleb concorda, mas continua a rir.

— O que é tão engraçado?

— Olhando da sua perspectiva, você está certa, sim. É importante sentir que *pertence a algum lugar...*

— *Mas...?*



— *Olhe à sua volta* — ele se afasta um pouco e vai para o meu outro lado. — *Nós pertencemos a todos os lugares, Anne. E principalmente ao desconhecido. É para lá que estamos dirigindo, desde o dia do nosso nascimento.*

—... em direção à morte — suponho que é isso o que ele quer dizer.

— Que trágica, você. A morte é a única certeza que temos da vida, é claro. Mas o resto... o resto é *você*. Suas escolhas, suas aventuras, suas renúncias. Não há opção, o motor está sempre em movimento. E mesmo quando ficamos parados, ele está consumindo energia. No fim, você pode pertencer a todos os lugares que quiser. Mas sempre terá o *desconhecido* ao seu redor.

— Não sei se te entendi, perdão.

— Retornar para Samuel é o mais seguro. Você sabe quem ele é, como ele é e o que ele faz. E mesmo que isso te machuque, algo em você diz que ainda dá para tentar, porque dentro de nós há um mecanismo biológico que nos faz *temer* o desconhecido. E você não sabe quem você é, sem ele.

— Certo.

— Eu não acho que você sente falta dele.

— *Não?* — levanto a sobrancelha.

— Você sente falta de ser desejada por ele — Kaleb começou a andar ao meu redor. — E sente falta dos momentos felizes que teve com ele. Também sente falta do frio na barriga que ele te causava e da tensão na espera das respostas que ele não te dava. Você sente falta de se sentir especial quando estava com ele. E também sente falta de dormir pensando nele.

Suspiro alto.

*É. No fundo, é meio que isso.*

— Mas não é *ele*, Anne — Kaleb segura em minhas mãos.

*Então quem é? Você? Porque também me sinto assim com você, principalmente nas últimas semanas...*

— *É você* — ele diz, bem perto dos meus lábios. — Você sente falta da Anne que pode ser desejada. E da Anne que têm momentos felizes. Também sente falta da Anne com frio na barriga e a tensão da espera de respostas da vida. Você, Anne, sente falta de se sentir especial. E de dormir pensando que amanhã vai ser incrível pra caralho!

Só consegui piscar os olhos enquanto o ouvia dizer tudo isso. Faltaram-me palavras no vocabulário.

— E agora que você pode dirigir, em direção ao desconhecido — Kaleb toca a minha cintura *daquele jeito*, com *aquela pegada*, que faz com que nossos corpos pareçam ímãs, um indo em direção ao outro. — Você pode sentir tudo isso de novo. Por quem você quiser, até mesmo por ele, mas acima de tudo...

*Por você, Kaleb?*

— Por você mesma, *Annelise* — Kaleb diz com tanta doçura que pela primeira vez na vida não me irrita de ter o meu nome sendo dito dessa forma.

E sem ter exatamente o que responder ou como responder, eu o agarro pelo pescoço e o beijo como se tivesse necessidade disso.

E no balanço leve das águas, começamos a nos despir.

# Capítulo 23

*Anne Moore*

Conforme o nosso beijo foi ficando cada vez mais intenso, Kaleb direcionou o nosso corpo para andar alguns passos até a banheira retangular de hidromassagem.

Nossas roupas já haviam ficado como rastros desde que começamos a nos despir e enquanto a banheira enchia, Kaleb enchia-me de beijos. Seus lábios eram cuidadosos ao sugar os meus e sua língua ao passear pela minha boca, dava-me mais arrepios do que a brisa noturna.

O clima estava extremamente agradável e, enfim, o dia ia terminar da melhor forma possível.

Quando entramos na banheira, não escondi o prazer de sentir a água morna relaxando o meu corpo e os jatos, definitivamente, eram caprichados.

Para além da água e dos jatos da banheira, eu tinha as mãos habilidosas de Kaleb em mim, tocando-me com as pontas dos dedos enquanto subia pela minha pele e massageando com intensidade ao descer, como se tirasse de mim o peso do dia.

Primeiro ele começou a tocar-me no pescoço, arrepiando-me desde já. Com leves beliscões e apertões, Kaleb conseguiu me deixar eriçada e quando menos percebi, já estava em seu colo, ronronando.

Ao sentir a pressão de seus punhos em minhas costas ao mesmo tempo que a água lambia a minha pele com força, soltei leves gemidos e passei a tocá-lo também.

Já tinha até me esquecido que esse corpo era todo durinho e macio.

*Mentira. Não esqueci nada.*

Fiquei deitada de costas, apenas a cabeça para fora da banheira e as mãos em suas laterais, o corpo praticamente flutuando. Kaleb veio por cima de mim e abraçou-me contra seu corpo tão forte que algo ferveu dentro de mim.

— *Isso é tão gostoso e relaxante* — murmurei.

Com beijos lentos ele subiu do meu cóccix, passando pela linha da minha coluna, sua barba me despertando novas sensações e arrepios, até chegar em minha nuca.

— Está curtindo a massagem? — ele provoca em meu ouvido.

Esse maldito sabe que cada ato dele é perfeito e ainda por cima pergunta e ri baixinho.

Suas mãos ficam ainda mais ousadas. Contornam a minha cintura e sobem pelo meu ventre, alcançam os meus seios e os apalpa devagar. Belisca-os entre seus dedos, de um jeito que me excita e me relaxa.

Sinto sua língua pelas minhas costas, em alguns lugares deposita beijos, mas ainda desce.

Em um segundo seu toque aumenta a intensidade e ele sobe minhas pernas até ficar entre elas e agora a sua língua percorre as minhas nádegas, sinto um chupão demorado nelas, em sequência ele toca seus lábios com os meus.

Seus dedos me abrem com meticulosidade e com o polegar ele faz aquela *magia profana* que é capaz de arrancar-me o fôlego e um pouco da sanidade.

— Pode ir mais rápido, se quiser.

Sua boca avança e seu beijo me suga com cuidado, sua mão que me mantém empinada aperta minha bunda e sua língua contorna a minha boceta, obrigando-me a apertar as mãos nas bordas da banheira e encarar a bela vista da noite iluminada em busca de fôlego.

Eu preciso respirar.

Assim como preciso dele dentro de mim. Mas Kaleb gosta de brincar comigo e sua boca sabe me tirar do sério como eu nunca senti em minha vida. E seu dedo polegar é habilidoso de uma forma que nunca senti.

Sinto que meu corpo treme e sei que ele nem começou.

Dividida entre os espasmos e a preocupação de me manter imóvel, ele me tira da zona de conforto e me vira inteira, fazendo-me repousar as costas na parede da banheira.

Ele levanta minhas pernas e coxas, pouisa a última em seus ombros e passa a barba pela parte interna da minha coxa, fazendo-me esticar o pescoço e pedir por mais.

— Você é deliciosa — ele sorri feito o cafajeste que é.

Não sei se tenho resposta para isso além de: *obrigada, volte sempre*.

Ele dá uma piscada e beija ao redor dos meus lábios, antes que eu me sinta preparada, volta a lambe meu ponto mais sensível e quando o meu corpo reage, ele sabe que é hora. Pressiona o polegar em mim até que eu me abra naturalmente, pois estou molhada e louca por ele, eu o quero dentro de mim.

Mas Kaleb gosta de me torturar. Ele me assiste apertar os olhos, esticar o pescoço, quase gritar.

E ele ri, porque está se divertindo. E está se divertindo porque ele gosta de apresentar o *show*. Esse cara é um *show*.

Subitamente ele avança até mim e nossos lábios se tocam por um segundo.

Em seguida sinto sua mão forte em meu pescoço e seus dedos acariciando meus lábios.

— Abre a boca, bebê — ele pede.

*Como recusar?*

Sugo seu dedo indicador enquanto o assisto. Estou meio nervosa, como da primeira vez e tenho medo de estar fazendo papel de boba. Mas do jeito que ele me encara... acho que estou fazendo isso certo.

— *Isso, deixa ele bem molhadinho, porque eu quero colocá-lo em você* — ele murmura em meu ouvido e me obriga a chupar aquele dedo com ainda mais força.

Quando Kaleb está satisfeito, mas ainda não se divertiu totalmente, ele volta a descer e não demora a me penetrar com o dedo indicador.

Enquanto eu o sinto vir dentro de mim, sua língua toca o meu interior e me obriga, dessa vez, não a me segurar nas paredes da banheira, mas em seus cabelos.

Ele é bom. E sabe o que está fazendo. E ter a visão dos céus aqui é ainda melhor: *estou me sentindo nas alturas*.

Kaleb parece que compreende o meu gemido. Sabe até onde deve ir com o dedo, mas a sua língua avança até o fim, dentro de mim, deixando-me louca.

— *Eu quero você* — ele diz quando tem a oportunidade.

E assim que diz, enfia dois dedos e volta a lambar ao redor.

— *Eu estou pronta* — é a minha resposta.

Eu estou pegando fogo, pulsando por ele, preciso que ele esteja em mim e me faça sentir ainda mais *alto*. Rumo ao desconhecido.

Ele tira os dois dedos e começa a me massagear lentamente com a mão, numa vibração deliciosa que acompanhada do olhar dele me faz ver estrelas. *Literalmente*.

E como sacana que é, ele aumenta o ritmo enquanto em encara de um jeito marrento, a sensação me faz sentir fora de controle, simplesmente não sinto minhas pernas e tento mexê-las de um jeito desengonçado, até perceber que estou quase gritando.

Kaleb me puxa para o seu colo e o nosso encaixe é arrebatador.

Sinto a glândula inchada friccionar com força em minha pelve e todo o seu pau entra em contato com a minha pele. Ele só se esfregou em mim e já estou para lá de ouriçada.

— Você tem um brilho no olhar apaixonante — ele diz e me levanta com suas mãos como se eu fosse a coisa mais leve do mundo.

— Deve ser as estrelas — digo com o pouco que consigo raciocinar.

— Não, bebê — ele ri. — *Você que é uma estrela*.

*Eu já estou entregue*. É como se o cérebro desligasse lentamente e os meus pensamentos se ocupassem apenas no som do mar, na luz da lua e nos toques que Kaleb me proporciona.

Ele é cuidadoso, assim como é atencioso. Seu pau entra em mim devagar até que eu me sinta confortável e isso não demora muito.

Só de sentir a glândula dele pulsando e seu pau latejando, eu fico ainda mais louca. Para completar, sinto massagem de todos os lados advindos dos jatos de água quente. *Estou no paraíso*.

O abraço com força assim que nossos corpos se conectam e eu o sinto avançar em mim. É tão delicioso que preciso aproveitar cada segundo.

É como se o meu corpo reconhecesse o dele e não tarda até que estejamos em um ritmo gostoso, quase que girando na banheira, sentindo o prazer que podemos dar um ao outro.

Kaleb me apoia em um canto e sua boca sobe pelo meu baixo ventre, obrigando-me a ter arrepios. As estocadas que me dá aumentam conforme ele percebe que estou relaxada e ele é mestre nessa arte.

O rastro da sua boca deixa um frio na barriga e um calor em todas as minhas zonas erógenas. Seus lábios contornam meus mamilos com lentidão até que a sua boca avança, sinto seu chupão me fazer ferver e me desmanchar, de tanto tesão.

— *Você é má* — ele diz.

— *Má?*

— Fica mexendo com a minha cabeça — ele murmura e passa a barba pelo meu pescoço e ombro, depois sobe pelo canto, quase na nuca, até que estejamos olhando um para o outro.

— Você também mexe com a minha — levanto o ombro e abaixo.

E o pior é que ele sabe mexer mesmo, não apenas com a minha cabeça, mas com todo o meu corpo.

Com uma palmada na bunda e o corpo empinado para cima, Kaleb me devora e me assiste, como se *eu* fosse o seu *show particular*.

Ele gosta de me ver gemer e ter espasmos. *Mas como não os terei?* Ele avança em mim de um jeito único, massageia o meu corpo com sua mão e me abraça até que seu perfume registre o momento e a minha pele com um pouco do seu sabor.



Ele usa as duas mãos para afastar as minhas nádegas e me faz sentir toda a sua pressão, e se diverte bastante quando tira o caralho de mim e fricciona a glândula pelos meus lábios, como fez anteriormente com os dedos. Massageando-me na minha parte mais sensível, fazendo-me quase subir pelas paredes, pelo teto do iate, para o céu, o infinito e *além*.

Ele se levanta e me vira mais uma vez, de costas para ele e me inclina para baixo, empina a minha bunda e volta a me comer, mais voraz dessa vez.

Segura os meus braços para trás com uma de suas mãos e sustenta o peso do meu corpo com a outra.

Obriga-me ao fardo e único dever de sentir prazer. De senti-lo vir em mim até que minha bunda bata com força em sua virilha e depois me afasta até repetir o movimento de novo.

Eu sou tentada, tocada e transmutada. Meus gemidos e o prazer se tornam envolventes demais e eu sinto aquela sensação estranha que senti pela primeira vez na casa do meu vizinho.

O corpo chega a ficar dormente e lento, a cabeça deu *tilt* de vez, com certeza.

E ainda continuo a sentir ele vir forte em mim, seu pau avança em minhas carnes, eu o sinto latejar dentro de mim de um jeito prazeroso e potente.

E sou levada às nuvens.

\*

Kaleb ensaboia o meu corpo e me surpreende quando coloca um líquido na água para fazer espuma e bolhas. Acho um tanto inusitado e divertido.

Ficamos os dois deitados na deliciosa água quente enquanto assistimos o brilho das águas e o movimento do céu.

— Há quanto tempo você não vê a sua família, Anne?

— Há muito tempo — suspiro.

Eu não me orgulho disso. Na verdade, sinto bastante falta da minha mãe, minha avó e meus irmãos. Mas o trabalho me chama aqui.

Ninguém disse que seria fácil ser a sua própria chefe. E isso significa, nesse início de carreira, trabalhar todos os dias, principalmente em épocas que todo mundo descansa: finais de semana e feriados — justamente nessa época que *o bicho pega*.

— Por quê?

— *Eu sei, são apenas três horas de voo* — explico, devido a cara que ele faz. — *Mas as meninas precisam de mim por aqui. E eu preciso delas.*

— Você não tira folgas?

— *Folgas?* — preciso rir. — *A única vez que eu tirei folga foi recentemente, para ficar vendo vo...* — paro imediatamente o que estou falando e volto a olhar para o céu. — *Por quê?* — devolvo a pergunta a ele.

— Ah, é que eu quero buscar o Nicolas em Nova York. Talvez eu o leve ao parque para mostrar que existem formigas em Nova York.

— Nossa! Na minha casa tinha um monte! — começo a rir.

— Você poderia ir comigo. Vamos e voltamos no mais tardar no dia seguinte. *O que acha?*

— Durante essa semana do casamento? Kaleb, acho que não dá...

— *Será que eles não vão sobreviver um dia sem você?*

— Você está brincando? Se eu sumo por trinta minutos todos ficam perdidos!

Kaleb massageia os meus ombros após me consertar em seu colo e pende a cabeça para trás.

— Se mudar de ideia, me avise, que compro a sua passagem.

# Capítulo 24

*Kaleb Petterson*

Infelizmente Anne não pode me acompanhar na viagem para Nova York. O que era uma pena, queria que ela pudesse rever sua família e passar um tempo com ela, mesmo que curto.

Assim que o avião pousou, peguei um carro que me aguardava e fui direto para a *Trojan Horse Security*, a lendária empresa de Ethan Evans, hoje sob as mãos do CEO Anthony Mitchell, um cara extremamente habilidoso e inteligente e que ampliou o catálogo da empresa para inserir robótica.

Assim que o carro chega na avenida mais movimentada de prédios comerciais, vejo um que é recoberto por um material estilo espelho, que reflete tudo o que vem de fora. E por dentro, assim que entro, vejo as paredes de vidro.

Aqui não é apenas a empresa de Ethan, mas a sua casa. Ele e sua família moram numa incrível mansão no subsolo, que aliás, é cheio de conexões com toda a cidade.

Ajeito o sobretudo no corpo por causa do frio e dou alguns passos até o elevador que é reservado apenas para a *família*. Não preciso mostrar identidade nem nada, sou rapidamente reconhecido e entro nele.

Em seguida, duas pessoas entram também.

— Anthony? — pergunto ao apontar para o homem de olhos azuis bem expressivos e a face lânguida. — Você deixou o cabelo crescer. Legal.

Anthony aperta a minha mão, mas não sorri, sempre mantém aquela expressão séria e impenetrável.

— Tio Ethan me disse que você vinha hoje, então fiquei de tocaia para recebê-lo. Você vai ter tempo para ver os projetos que andamos criando? — Anthony não perde tempo. Não é apenas um gênio da robótica, é curto e grosso, um bom negociador e profissional ao extremo.

— Sim, sim. Na verdade, se eu tiver tempo após ver a sua mãe, quero ver tudo — aceno para ele e viro o rosto para o outro lado, onde vejo uma moça.

Seu rosto é bem bonito e seus cabelos pretos descem em caracóis. Mas o que chama a minha atenção são os seus olhos: um é verde e o outro é azul.

— Essa é Victória Leão — Anthony a apresenta, mas em sua voz há um quê de embargo. — Imagino que você esperava encontrar a Maria Eduarda Dourado hoje, mas a Victória é a futura CEO da LEÃO&DOURADO e tem tomado a frente das coisas da empresa.

— Senhorita Leão — aperto a mão de Victória.

— Vai ficar muito tempo conosco, senhor Petterson? Gostaria de ver umas minúcias do seu acordo com a L&D.

— Só por hoje. Preciso voltar para Miami, mas podemos conversar no jantar ou até mesmo por chamada de vídeo depois, sem problemas.

Victória faz que sim, passa a mão pelos cabelos e olha para Anthony de esguelha. Ele olha para ela de esguelha. Tenho a leve sensação de que estou no meio de um tiroteio, como naqueles filmes do *velho oeste*.

— Vocês parecem tensos — coço a ponta do nariz.

— *Não* — os dois dizem juntos e se encaram. Consigo até ver os raios saindo de seus olhos.

— É que tivemos... bem... uns enganos — Anthony tenta se explicar, mas não é bom com isso.

— Eu não me enganei com nada — Victória diz com um semblante leve e pleno. — Vim fazer o meu trabalho e estou fazendo — ela sacode os ombros. — Mas alguém não é atencioso o suficiente.

— *Atencioso? Eu sou extremamente atencioso* — Anthony rosna e a encara com ódio.

— Atencioso até demais. Cuidado com a atenção dele — Victória se vira para mim. — Ele pode acabar tirando a roupa... *por ser atencioso demais* — ela provoca.

— Você não me impediu e *gostou* — ele rosna.

*Tá. O que está acontecendo aqui?*

— Eu fiquei surpresa e fui na sua onda. Tinha negócios a resolver e pensei que essa era a sua forma de lidar com eles — ela move a cabeça sutilmente.

— *Eu tinha negócios aquele dia com uma acompanhante de luxo e você chegou, sem avisar, não disse do que se tratava e eu resolvi os “meus” negócios. Me desculpe* — ele cruza os braços e a encara com ódio.

— Está desculpado — ela também cruza os braços e o encara com ódio.

— Acreditem, quando eu digo isso — passo a mão pelo ombro de Anthony e pelo de Victória e os aproximo do meu corpo. — No mundo animal eles têm a *dança do acasalamento*. E nós, meus caros, temos isso.

— *Isso o quê?* — os dois perguntam juntos, furiosos.

— *Exatamente isso* — dou uns tapinhas nas costas deles. — *Façam o que tiverem de fazer, mas arrumem um quarto. Por favor.*

Salvo pelo gongo ou pelo elevador, vejo a passagem se abrir e sigo meu destino, deixando-os discutir animosamente sobre *arrumarem um quarto* ou coisa do tipo.

Diferente da empresa, a parte do subsolo possui paredes normais, então caminho pelo corredor sem ver quem está nos cômodos. E antes que eu chegue na sala de estar, sou abordado por Beatriz Mitchell.

— Dra. Mitchell! É bom vê-la, estou ansioso para ouvir o seu *feedback*.

— Olá, Kaleb! Como foi a viagem?

— Já me acostumei com esses *bate-volta* de Miami para Nova York, então estou bem.

— Ótimo! — Beatriz ajeita os óculos com hastes douradas e me aponta a porta à esquerda. — Nicolas está com o Noah e o Allen na sala de estar, então podemos conversar reservadamente aqui.

— É claro — a sigo até a sala de jogos, onde já vejo de cara uma mesa de sinuca e vários aparelhos antigos de jogos.

Beatriz ajeita a saia branca antes de se sentar na poltrona e coloca as mãos no colo. Pega um celular grande e começa a abrir arquivos, talvez em busca de suas anotações.

Sento-me na poltrona preta diante dela e olho ao redor. A sala é cheia de relíquias.

— Primeiramente, eu estou feliz e surpresa de ver que o Nicolas teve um avanço muito grande.

— Eu também — digo imediatamente.

— Ele tinha dificuldades no início para falar e depois para pronunciar as palavras, mas desde que descobrimos no que ele realmente tem interesse, pudemos trabalhar com tudo isso. Preciso parabenizá-lo, Kaleb. Estou realmente surpresa que você fez todo o trabalho sozinho!

— Você é mãe e pode me entender — cruzo as pernas. — Eu não queria perder nenhum momento dele, sabe? Eu o vi andar pela primeira vez. E aprendi com o tempo o que cada gesto e barulho que ele fazia significavam... e fiquei preocupado no início com medo de que Nicolas nunca fosse falar...

— Sua próxima missão é fazê-lo *parar* de falar — ela ri e acaba me contagiando. — *Brincadeira.*

Beatriz estende seu celular para mim e consigo ver suas anotações.

— Nas últimas semanas temos exercitado com o Nicolas o fato dele criar *empatia* e demonstrar que se importa e está interessado com o mundo ao seu redor. E ele está. Só que tem interesses específicos. Agora que demos esse passo, preciso que treine com o Nicolas os sentimentos, necessidades e vontades dele. Pedi que ele começasse a dizer o que quer, objetivamente.

— Aham.

— Isso vai facilitar muito a sua vida. Não vai mais precisar ficar 24h o observando, tentando entender qual sinal é o de dor, o de fome, o de medo, o de desejo... Nicolas está aprendendo que precisa se comunicar abertamente com as pessoas.

— Logo agora que estava me tornando expert em expressões faciais e gestos? — me divirto.



— Você vai continuar a aprender sobre isso, mas fará bem, tanto a ele, quanto a relação de vocês dois que vocês se comuniquem com franqueza. Nicolas está aprendendo que a empatia é uma via de mão dupla: quando ele se importa com os outros, os outros também se importam com ele. E o que é necessário que ele absorva nesse momento é que ele precisa externar o que está em sua cabeça. É claro, aquilo que for importante transmitir. Tem coisas que não precisam ser ditas, e confio que você o ajude nessa tarefa.

— É claro.

— Dito isso, Nicolas evoluiu bastante e eu estou feliz que vocês dois estejam em sintonia.

— Ouvir isso significa muito para mim, obrigado.

Devolvo o celular para Beatriz.

— Você acha que... o Nicolas um dia vai conseguir ter uma vida normal? — pergunto.

— Quem de nós vive *uma vida normal*? — ela retruca e ri.

*Pensando por esse lado...*

— O Nicolas não é diferente das outras pessoas. Todos nós vivemos, construímos e nos comunicamos de acordo com os nossos gostos. O detalhe é que temos muitos gostos e nos comunicamos com rapidez, o que é, afinal de contas, uma exigência do mundo moderno.

— Sim — concordo com a senhora Mitchell.

— Até agora só descobrimos um gosto do Nicolas, que é pelas formigas. E apenas com isso, ele aprendeu diversas palavras, além de que você sabia que ele sabe falar “formiga” em vinte idiomas?

— *Sério?* — junto as mãos e me inclino.

— Pedi que o Noah pesquisasse historinhas sobre formigas em diversas línguas e ele comprou diversos livros, cheios de ilustrações, de dez idiomas diferentes. Acredite, Nicolas têm cinco anos e imagino que em menos de três meses ele vai saber cada palavra daqueles livros. *Entende onde quero chegar?*

— Acho que sim.

— Nicolas tem o seu próprio *tempo* e o seu próprio *espaço*, Kaleb. E ele está ansioso para conhecer o mundo, mas para isso ficar mais atrativo, ele se concentra nas formigas. Talvez esse seja o único interesse dele... talvez você descubra cinco, dez, cem ou mil outros interesses... o importante é que você trabalhe esse tema. Por que é isso que prende a atenção dele. E a partir desse tema você expanda tudo: vocabulário, conhecimento, regras sociais e de etiqueta, valores, moral...

— Compreendi, parece tudo mais claro agora. Obrigado.

— No Brasil houve um educador chamado Paulo Freire. O método do Freire é muito famoso, principalmente em países na Europa. Basicamente, o que podemos usar no Nicolas, é a compreensão do Paulo Freire que a alfabetização e o conhecimento são construídos a partir de interesses. Ele ensinava construtores a ler e escrever, por exemplo, incentivando-os a ler e escrever coisas que tinham a ver com seu dia a dia. Tijolo, cimento, arame, pedra, areia... *sabe?*

Concordo de imediato.

— Nos dias modernos, principalmente, em que somos bombardeados com tantas informações e conteúdo verídico e duvidoso, nós nos debruçamos ao que *nos interessa*. E é uma bênção que descobrimos que o Nicolas se interessa por formigas. E que ele consegue compreender a noção de colônia, mútua ajuda, esforço, dedicação, trabalho, união.

— Consegui captar, parece ótimo!

— O meu prognóstico é que Nicolas está pronto para aprender a ler e escrever, por isso indico que procure alguém que use o método do Freire. E depois... ele vai conhecer vários amiguinhos no infantil. Vai para o colegial. Para o ginásio. E vai para Harvard estudar as formigas! — ela faz sinal de vitória.

E eu faço junto, muito feliz em ouvir tudo isso.

— Isso!

— A parte mais difícil nisso tudo — Beatriz diz de um jeito mais sóbrio. — É que o Nicolas certamente vai fugir das expectativas que você tem para com ele. O que você quer para ele, talvez não signifique nada para ele. Para o desenvolvimento do seu filho, você precisa deixá-lo aprender quais são seus interesses e permitir que ele os desenvolva. Mas é claro, sempre cuidando e zelando para que ele não corra perigo, não fique vulnerável demais e esteja sempre no caminho adequado, mas seguro.

— Posso fazer isso com tranquilidade.

— Ótimo! Então nos veremos daqui um mês? Estou ansiosa para ver o desenvolvimento do Nicolas.

— Também estou — me levanto e aperto a mão dela.

— Ah, uma coisa! — Beatriz diz antes de sairmos. — O Nicolas me contou que se sentiu bem ao ver que você conheceu uma nova amiga, chamada Anne.

— Ah, sim... acho que ele e eu nos sentimos bem por isso...

— Imagino que sim. Já é um avanço que Nicolas se sinta confortável em meio aos primos que ganhou quando esteve aqui em Nova York. É o que ele tem de mais próximo como referencial de família, e eu

sinceramente me sinto honrada — ela leva a mão ao peito. — E ele também se sentiu confortável ao ver que você se aproximou da Anne, primeiro porque ela gosta de formigas, é claro.

— É, tivemos um incidente com elas — coço o cabelo.

— Sim... e também porque ela é bonita, e principalmente: *ela não é o Vincent*.

— Ah, *graças a Deus* que ela não é o Vincent — faço uma careta.

— Nessa nova fase em que vocês vão treinar os sentimentos, desejos e as necessidades do Nicolas, talvez seja importante salientar que nós, assim como as formigas, precisamos de amigos ao nosso redor, para nos sentirmos bem. E ensinar a ele como se conhece pessoas... como as cumprimentar... perguntar sobre os interesses delas... aprender a dizer seus próprios interesses...

— Mês que vem voltaremos com muitas novidades para você, prometo.

— Eu espero que sim. E a minha sugestão é que a Anne possa estar com vocês em alguns desses momentos. É natural que o Nicolas queira expressar coisas com você, o pai, primeiro. E também conosco, sua família. Mas desde já é bom que ele também faça isso com pessoas com quem simpatizou. Quem sabe em um momento desses ele não descobre mais um interesse? Seria um avanço e tanto!

Antes da Dra. Beatriz Mitchell eu me sentia bem inseguro a respeito de como lidar com o Nicolas. Ele era um completo mistério para mim.

Mas ela tornou tudo mais fácil, ela não apenas ajudou o meu filho, mas me ajudou a entender não só como cuidar e tratar o Nicolas, mas também, a vida em geral.

Foi difícil ouvir que eu não pertencia mais à minha família original por decidir que meu emprego, em tempo integral, seria cuidar do meu pequeno.

Mas eu ganhei uma nova família no lugar, que não apenas me deu suporte e me apoiou, mas amou o Nicolas e o trouxe para seu seio.

— Vou levar à cabo tudo isso. Nos vemos no próximo mês — me despeço dela e retorno para o corredor.

Dirijo-me à sala de estar, onde encontro Nicolas e Ethan Evans, o robô em forma de formiga está entre eles.

— Olha só quem chegou! — anuncio assim que entro.

Nicolas não se vira, continua olhando para a formiga e parece animado:

—... elas constroem casas dentro da terra para se sentirem bem. Fazem vários túneis. E quando elas... — deixo ele concentrado no que está dizendo e me posiciono ao lado de Ethan.

— Muito obrigado por cuidar dele — seguro em seu ombro.

— Estou prestes a raptá-lo. O menino é o maior especialista em formigas que existe.

— Imagino que sim. Espero que ele não tenha dado muito trabalho.

— Bobagem! — Ethan segura em meu braço. — Uma criança que não dá trabalho, não está aproveitando a vida!

Quando Nicolas termina de falar, há um breve silêncio. Daí o robô responde tudo o que ele disse, acrescentando informações e dando dados científicos de uma forma simples e como saber mais sobre aquele tema.

— Oi, filho! Cheguei para te buscar!

— Eu vi — Nicolas pega o presente e o levanta em minha direção, para que eu veja.

— Que lindo! Eu amei o seu presente! *Mas como você está?*

— Sentado.

# Capítulo 25

*Anne Moore*

Samuel e Sabrina, o lindo e feliz casal, está ensaiando sua entrada triunfal no salão de festas e os pontos em que precisam tirar as fotos.

O ambiente já está todo ornamentado e as flores que ocupam os grandes vasos dourados e de porcelana com pinturas serão substituídas no dia do casamento. Eles parecem ter uma boa sintonia, para o meu completo desagrado.

Conforme oriento os garçons a como servir as mesas e os convidados no dia da festa, percebo que Samuel não tira os olhos de mim.

Entre cada *flash* da câmera e cada pose, seus olhos encontram os meus.

Quando meu trabalho de orientá-los termina, retorno à cozinha e ajudo no que posso para deixar o jantar pronto logo. E ele vem em meu encalço quando todos saem do salão.

— *Está se divertindo?* — Samuel cruza os braços e anda devagar até mim.

— Estou trabalhando. É diferente.

— Você pensou no que eu te disse? — ele encosta seu corpo no meu, mas não me toca, porque estamos sendo vistos. E fala baixo também.

— O que há para pensar sobre o que você disse?

Samuel ri baixinho e aproxima seu nariz da minha nuca, sobe o rosto devagar até alcançar a minha orelha.

— Você está incrivelmente linda, Anne.

— Obrigada. Agora, se não se importa, você precisa ensaiar para não fazer feio no dia do seu casamento e eu preciso preparar o que falta para manter esse povo todo de barriga cheia e feliz — o empurro e vou para outra bancada.

O desgraçado, filho de uma mãe, me segue.

— Eu não queria que fosse assim.

*Queria que fosse como então, seu animal?*

— Quando você pensou em me dizer que iria se casar? — suspiro e continuo a fazer as coisas, aleatoriamente, só para não mostrar que dou tanta importância assim para ele.

— Se eu não te disse, é porque não importa.

— *Importa, sim* — viro-me subitamente, com uma faca na mão.

A abaixo com calma e coloco na bancada e cruzo os braços.

— Você me enganou, Samuel. Me fez ser “*a outra*”, quando eu me sentia “*a única*”. Eu pensei que você realmente gostava de mim, mas agora me pergunto se eu sou uma piada para você!

Samuel concorda e me olha com muita calma. Seu olhar parece até abatido por um instante.

— Eu deveria ter contado.

— Deveria, sim. Seria justo com você, com a sua noiva e comigo.

— Mas é impossível ficar longe de você — ele se aproxima perigosamente, deixando o rosto quase colado no meu. — Estar com você me faz sentir vivo e eu gosto de quem eu sou quando estou junto de você.



— *Pegue a merda das suas frases clichês e enfie elas no seu rabo, seu arrombado* — Emmanuelle encosta a frigideira bem quente no paletó dele e Samuel dá um grito de dor e se afasta.

— Você me queimou! — ele vocifera e arranca o paletó de um jeito desajeitado.

— Não quer se queimar, não entra na cozinha, porra! — Emmanuelle diz com tanta calma que fico até hipnotizada. — E vá falar frase copiada e colada da internet no Sarau do “*ninguém se importa*” — ela completa e joga a frigideira na bancada.

— Você é minha heroína — sussurro.

— Vou reportar isso. E vocês serão demitidas! — Samuel avança contra Emmanuelle.

Ela, minha super amiga carnívora, dá uma boa pegada nos ovos dele e aperta, fazendo-o quase se contorcer.

— Você conta a sua versão e eu conto a minha. Com a gravação da sua voz — ela o enxota. — Tá achando que tenho medo de palhaço? Eu sangro uma vez por mês, babaca, eu não tenho medo de pouca coisa não!

O noivo, mais conhecido como o meu ex cretino babaca e desgraçado, sai o mais rápido que pode, isto é, com as pernas bem juntas uma da outra, curvado para a frente e com um braço balançando sem parar.

— Obrigada por vir. Kaleb não pode estar aqui hoje, porque foi para Nova York buscar o Nicolas. E eu não sei como me viraria sem você...

— Imagina — ela balança o ombro, sorridente. — O natal é minha época favorita porque eu adoro *quebrar umas nozes*. Esse foi meu natal adiantado — ela me abraça e diz o que é mais importante: — Vai ficar tudo bem!

Eu espero que sim.

Mesmo que eu saiba que Samuel está apenas tentando me encurralar e anular meus passos, suas palavras ainda mexem comigo. Mesmo que, como Emmanuelle disse, sejam falsas.

— Agora, vamos! Que esse jantar não vai ficar pronto sozinho! — ela me solta e começa a bater com o rolo de massa na bancada.

### ***Kaleb Petterson***

— E como vai a sua vida em Miami? — Valentina Evans, a mulher de Ethan, me pergunta, enquanto me serve chá.

— Nunca pensei que voltaria para aquele lugar. Porque eu gosto de Nova York, mas... em Miami eu me sinto em casa. Gosto do clima, gosto das pessoas e das praias... todos esses prédios me atraem porque quando venho para cá eu tenho a melhor visão da cidade — preciso pontuar.

— E certamente pode ter a melhor visão da cidade quando quiser — Ethan pontua. E quando Valentina se senta ao seu lado, ele segura sua mão e a traz para perto de si.

— Sim. Mas o meu coração não parece estar aqui.

— *“Aonde estiver o teu tesouro, ali estará o teu coração”* — Ethan diz enquanto aponta o rosto para cima. — *O que há em Miami de tão valioso, Kaleb?*

Preciso meditar sobre isso por um momento, mas não encontro a resposta. E talvez por não tê-la, eu saiba o que ela significa.

— *Como você sabe que ama alguém?* — retruco.

Valentina levanta a sobrancelha e Ethan abaixa o rosto, move os lábios de um lado para o outro.

— Mesmo que busque respostas... nunca há uma concreta. Basicamente você alcança momentos, ações ou características que te levaram a sentir afeição, empatia e talvez o amor. Mas não necessariamente você ama por esses motivos.

— Eu te entendo — Valentina assegura.

— Miami me dá o seu melhor e pior. Ela me machuca e me cura. Ela me dá medo e coragem. Agora que estou menos confuso e sei o que quero da minha vida, posso lidar com qualquer coisa. Inclusive com os perigos de viver em Miami. E do meu pai tentando tirar a guarda do Nicolas de mim.

— Você está amando — Ethan por fim diz, após seu longo período de silêncio e análise.

— É o que te parece? — bebo um pouco do chá de maçã com canela.

— O amor é uma coisa bela e terrível. Acrescenta em nós o melhor e tira de nós o pior — ele conserta os óculos do rosto e pega sua xícara. — Quem busca o amor atrás das delícias, não quer o amor. Quer a ilusão, quer a aparência, quer a fotografia do que parece ser o amor e não a realidade dele.

*Era basicamente assim que eu estava me sentindo mesmo, nessa altura da vida.*

— Amar é mergulhar de cabeça no desconhecido a ponto de se afogar. E descobrir, no último segundo, que você consegue nadar. Ele te

deixa vulnerável e a mercê dos predadores mais perigosos. Mas também, diante do maior tesouro que um ser humano pode alcançar em vida.

— *Que seria?*

— Conhecer a si mesmo — Ethan termina e volta a beber o seu chá.

— Você tem uma visão muito interessante sobre o amor, tio Ethan.

Ethan agradece o elogio com um aceno de cabeça.

— Eu sou observador porque sou cego e preciso entender o mundo ao meu redor. Você é observador porque precisa entender o seu filho. E no meio disso, nós encontramos alguém que vale à pena se concentrar e observar bem de perto.

— O nome dela é Anne — confesso.

— É um bom nome para uma destruidora de corações — ele pontua.

Não me contenho e preciso rir disso. Ethan termina de beber o seu chá e abraça a sua esposa pelo ombro.

— As melhores são as que têm nome de destruidora de corações

## ***Anne Moore***

Samuel não me incomodou pelo resto do dia. Também, com Emmanuelle sempre ao meu lado, ele não seria maluco de se aproximar.

Isso não quer dizer que ele fingiu que eu não estava mais lá, porque cada vez que nos encontrávamos, ele não parava de me olhar.

E como “quem não é visto não é lembrado”, garanti que ele me visse em cada canto. Até o momento em que fui embora.

— A melhor decisão que tomei nesse alvoroço todo foi ter contratado os serviços de vocês — Sabrina veio se despedir.

Ela era a simpatia em pessoa.

Devo admitir que estava disposta a transformar esse casamento em um verdadeiro inferno, mas só por ela ser a noiva, desisti. Gentil, educada, tão atenciosa e prestativa.

Diferente das noivas que surtam e brigam com tudo e todos, Sabrina estava sempre um poço de calma e tranquilidade, e em tudo ela mostrava o quanto estava grata com cada pessoa que estava ajudando naquele casamento.

— É uma honra, senhorita Farrah — eu disse e ela segurou em minhas mãos.

— Todos estão elogiando a sua comida. Estou triste porque não te pedi para fazer o meu bolo, mas cada elemento do seu cardápio, do café da manhã até os petiscos no fim da noite, vale à pena!

— Estou dando o meu melhor, eu garanto. Vamos tornar o seu casamento o seu grande momento!

*Eu digo ou não digo?*

Me sinto desconfortável em não ser franca com ela e desabafar: *“nós duas temos um dedo podre para homens. Esse cara não te merece, você é incrível e perfeita – e eu não me sinto nem um pouco mal em admitir isso –, mas esse cara não vale à pena”*.

Mas não quero passar por invejosa. E já que ela está elogiando tanto, não quero ser eu a parecer a primeira a querer jogar pedras nessa união.

— Não vi o seu namorado por aqui, algum problema? — Sabrina perguntou antes de se despedir.

— O Kaleb precisou viajar, mas amanhã ele estará de volta.

— Ótimo! — ela diz e aponta o indicador para mim. — Vocês ficam muito bem, juntos — e após esse elogio inesperado, vejo-a voltar em direção à mansão.

— Temo em concordar com a noiva, vocês ficam bem juntos mesmo — Emmanuelle põe o cinto de segurança e bate a mão na porta do carro. — Agora leve essa carroça para casa, porque eu preciso descansar!

— Sim, senhora.

— Que pesadelo ficar o dia todo de touca e no meio daquela cozinha quente, não sei como você suporta... — ela bufa.

— *Ah... eu gosto.*

De volta ao meu lar, doce lar, fiquei eufórica ao perceber que Kaleb havia acabado de chegar também. Estacionei o carro e deixei Emms para levar a chave para dentro de casa e fui ao seu encontro.

Ele saiu do carro, deu a volta até o banco de trás e pegou o filho, dorminhoco, no colo.

— Oi, vizinho — acenei.

Kaleb fez um aceno com a cabeça e bateu a porta do carro com a perna, andou em minha direção com Nicolas em seus braços, certamente num sono bem gostoso, a cabeça encostada no ombro do pai e as mãos no pescoço dele.

— Como foi a viagem?

— Muito boa, na verdade. Meus momentos em Nova York sempre são bons porque são curtos.

— Que horror! — faço uma careta. — Desdenhando do meu lar e na minha cara!

—... E por serem curtos me deixam morrendo de saudade e vontade de voltar — ele completa.

— Queria ter ido, mas eu tinha trabalho.

— Não se preocupe, teremos outras oportunidades.

— E o que você fez em Nova York?

— Ah, conversei com a terapeuta do Nicolas, depois o levei ao Central Park, jantei com a família e eles me paparicaram muito, com palavras e presentes. E me mandaram de volta em um jatinho.

— Que legal! Não sabia que a sua família morava em Nova York. Mas eles nasceram aqui em Miami, certo?

Kaleb fez uma careta, em seguida limpou os lábios com a língua.

— É difícil de explicar, mas digamos que *sim*.

— Certo. Precisa de ajuda?

— Não quero incomodá-la, você está com cara de que trabalhou bastante hoje.

— Besteira, eu ainda aguento carregar umas malas e o aquário do Nicolas! — não sei de onde eu iria tirar energia, mas eu sabia que valeria à pena.

A minha energia, a minha cabeça, as sensações que eu tinha, eram outras quando eu estava perto de Kaleb. E eu queria poder sentir isso mais, mesmo exausta.

— Já que insiste... — ele aponta a cabeça para a porta do banco de trás. — O aquário está ali, pegue ele primeiro.

— Ok.

— Como foi o seu dia? — ele pergunta e ajeita a pegada de como está segurando Nicolas e me espera pegar o aquário.

— Muito produtivo. A cada dia parece que chega mais gente... aquilo não é uma mansão, né? Parece um hotel!

Kaleb se diverte, mas ri baixinho.

— E o idiota te importunou?

— Sim, porque ele é um idiota — concluo.

— Tenho certeza que ele está aos seus pés, do jeito que você queria — ele começa a andar em direção à mansão.

— Sim, ele está — penso alto e o acompanho.

Era o que eu queria, sim.

Que Samuel atendesse às minhas ligações, respondesse às minhas mensagens e me desse um pingão de atenção. Fizesse o mínimo para mostrar que meus esforços valiam à pena.

Mas agora, tendo tudo isso, percebo que não é o que eu quero. Não mais. Não nesse instante. Samuel, mesmo mexendo com algo dentro de mim – e talvez seja assim por um longo tempo, já que não são dez dias, dez semanas ou dez meses, são dez anos...

Uma sensação ofusca o que sinto por Samuel.

É como um eclipse que apaga o sol por um instante e contorna o céu com novas cores.



Eu não sou mais a mesma. Mesmo com as mesmas inseguranças e as mesmas vontades, acho que descobri algumas coisas novas sobre mim que eu não me permiti por estar tão concentrada em querer o Samuel.

Não me importo mais com esse casamento ou com Samuel. Eu o tenho aos meus pés, mas isso não me deixa feliz, nem satisfeita.

*Eu quero você, Kaleb.*

# Capítulo 26

## *Kaleb Petterson*

Anne e eu passamos a noite anterior conversando coisas triviais – o que eu realmente detesto, mas tudo o que ela dizia parecia ser interessante.

Quando percebi, estávamos caindo de sono e eu a convidei para passar a noite, mas ela preferiu voltar para casa. *Tudo bem*. Eu a levei até a porta e ainda a vi uma última vez pela janela do meu quarto, acenei, apaguei as luzes e fui dormir.

O dia seguinte começou agitado. Pedi que Jacob entrevistasse as melhores pedagogas de Miami. Afinal de contas, quem melhor que ele, o CEO Jacob, praticamente um inquisidor católico, para interrogar mulheres sobre seu conhecimento e formação? Desconheço alguém mais apto.

Deixei Nicolas com Jacob, que o levou para sua empresa e fui com Anne para a mansão dos Farrah.

Fiquei surpreso ao perceber que tudo parecia adiantado por ali e desde cedo muita gente estava naquele lugar. Até porque, comida de graça, naquele ambiente agradável, era realmente um chamariz.

A cozinha já tinha pegado o pique e Anne não precisava mais se estressar com nada. Ainda assim ela ajudava as meninas, não tinha medo de ir pegar no pesado, carregar saco de farinha, até, e ainda assim, continuar com um grande sorriso no rosto.

Fiquei o tempo todo na passagem entre a cozinha e o salão, até que uma conhecida esbarrou em mim.

— Kaleb! De todos os lugares do mundo em que poderíamos nos encontrar, esse era o último da minha lista! — Gabriela jogou os cabelos para trás e sorriu do jeito indecente que sabia fazer.

— O banheiro fica do outro lado, aqui é a cozinha — aponto para a direção dos sanitários.

— Na verdade eu vim pegar mais dessa geleia. É sério que foi feita aqui? Não é industrial? Eu estou... nas nuvens!

— Ah. É, foi feita aqui, sim — perco o foco e volto a olhar Anne trabalhar.

— E o que você está fazendo na cozinha? Nem sabia que você tinha coragem de voltar para a mansão.

— A minha irmã está se casando e a minha mãe ainda mora aqui — informo.

— Eu sei. Mas do jeito que o seu pai te expulsou...

Seguro Gabriela pelo braço e a tiro dali imediatamente. Ela me indica onde está sentada e eu a levo.

— A minha geleia! — ela reclama.

Pego o primeiro garçom que passa por nós e ordeno que não demore um minuto até trazer o pote todo de geleia, para que eu mesmo enfie na goela dela. *O pote. Inteiro.*

— Qual o seu problema, Gabriela?

— Eu só quero a minha geleia! — ela se senta e coloca o guardanapo no colo.

— Você? Indo na cozinha? Qual é... — reviro os olhos.

— Algum problema? — ouço a voz de Sabrina e me viro para ela.

— Nenhum problema. E... *wow, você está muito linda!* — toco em seu colar de pérolas e seus brincos de diamante.

Sabrina me abraça com demora e puxa uma cadeira para se sentar. Eu sei que deveria retornar para a cozinha, para ficar longe dos holofotes, mas pelo olhar e insistência dela, acabo me sentando.

— Pelo visto, se reencontraram...

— Sim — Gabriela anui.

— *Infelizmente* — balbucio e fico atento, olhando ao redor.

A mesa está cheia de mulheres e nenhuma delas me é desconhecida. E todas me encaram como se eu fosse o próprio café da manhã servido em suas bandejas.

— Do que estavam falando? — Sabrina pega seu espumante e as torradas com queijo de cabra e começa a enfeitar seu prato. Porque comer mesmo, ela não vai.

— Do retorno triunfal do Kaleb Farrah para a nata de Miami. Quem diria, hein? Durou o quê? Cinco anos? — Gabriela provoca.

— *Durou cinco anos o quê?* — continuo assistindo Sabrina colocar coisas no prato. No fim, eu sei que ela não vai comer nada, mesmo assim ela monta uma refeição de saltar os olhos.

— Que você bancou o rebelde e peitou todo mundo, inclusive o seu pai, dizendo que não precisava de nada disso aqui. E que iria se virar sozinho.

*Nossa. Eu disse isso mesmo? É... tem cara de que fui eu que disse.*

— E vejam só... — Gabriela diz de um jeito triunfante. — *Você voltou.*

— Para o casamento da Sabrina — pontuo.

— *Mas voltou. Está começando a ceder... quem sabe com o tempo, com a cabeça em seu devido lugar, você não ceda a outras coisas.*

Tá, talvez esse seja o momento adequado para falarmos algo realmente importante sobre Gabriela: “ ”.

*Era isso mesmo. Nada.* Obrigado pela atenção, senhoras e senhores;

— E o seu neném com retardo mental? Ele não vem? Não gosta de multidões?

Ah, eu deveria mesmo trazer o Nicolas. Ele, melhor do que ninguém, trataria Gabriela como ela deve ser tratada: como alguém que não é digna de atenção nenhuma.

Infelizmente ele faz isso com a maioria das pessoas, então não seria tão impactante.

— O meu sobrinho não tem retardo mental — Sabrina pousa as mãos na mesa e alisa a toalha com delicadeza. — Esse é o meu casamento, Gabriela. *O meu momento.* Se você vai bancar a vadia má, eu vou te mostrar como vadias más acabam.

Gabriela cruza os braços e se encolhe na cadeira.

A geleia chegou. E quem a traz é... a própria Anne.

— Ouvi que estavam elogiando a geleia — ela aguarda para ver quem foi que elogiou.

— Sim! Nossa, extremamente saborosa! Preciso que passe a receita para as minhas empregadas! — Gabriela diz eufórica.

— É segredo de família, a minha avó me ensinou sob a jura de que nunca iria ensinar ninguém — Anne é de uma *finese* que me impressiona. — A boa notícia é que contratando a *Sweet Show*, você pode ter quanta geleia quiser — ela olha para mim e dá uma piscada.

— Eu amo essa mulher — Sabrina lambe os dedos como se tivesse experimentado um pouco de cada. Seu prato continua cheio e tudo nele está intacto.

— Ela é fenomenal, sim — cruzo as pernas e recolho a mão para o colo.

Gabriela analisa Anne da cabeça aos pés e depois me fita com demora.

— Mas todo segredo tem um preço, não é? Eu posso pagar caro pelo seu segredo — ela sorri como se pudesse ter tudo o que quisesse. Com o sorriso ou com birra. O que condiz muito com a idade *mental* dela.

— Este segredo não — Anne se afasta e me encara com surpresa. — *Por que está sentado aí?* — ela move os lábios.

— *Eu não sei* — eu movo os meus.

— Você não respondeu, Kaleb. Você voltou definitivamente ou o quê? — Gabriela inquire em um tom bem áspero.

É o suficiente para Anne levantar a sobrancelha e mostrar que está ainda mais surpresa.

— Se as senhoritas me dão licença, retornarei para a cozinha — me levanto, passo a mão pelas costas de Anne e a levo para longe dali.

*Estou salvo pelo gongo. Por enquanto.*

— Quem eram aquelas pessoas? — ela me pergunta quando estamos de volta aos bastidores.

— É uma excelente pergunta — pego uma torrada e coloco o queijo de cabra para experimentar. — *Isso é muito ruim, mas você faz ficar bom* — saboreio e limpo as mãos.

— É a magia da cozinha — ela pisca e vasculha com o olhar todos os elementos do cardápio. — *Manteiga líquida, pão rústico com gergelim, salada, creme de ricota...* — ela deixa de falar e só move os lábios enquanto aponta tudo o que preparou para o café da manhã. — *Certo. Tudo em ordem.*

Anne me dá as costas e retorna para suas cozinheiras para já discutir o café da tarde, porque o almoço está a todo vapor.

Anne se ocupou, então tive tempo de chamar Sabrina quando ela estava livre.

— Como foi o seu café da manhã? — a levei para um lugar que não estivesse sob as vistas da cozinha ou das amigas dela.

— Foi ótimo. E o seu?

— Comeu tudo?

Ela fez que sim e ficou sorridente, mostrando a imagem *perfeita* de pessoa feliz e satisfeita.

— Você não comeu nada — falo bem sério e a puxo para um canto ainda mais discreto. — Está cuidando da bulimia? Tem feito acompanhamento? Estou te achando mais magra do que o comum.

Sabrina empina o nariz e morde o lábio inferior enquanto me julga com o olhar.

— Não estou te vigiando e não quero te punir. Só estou preocupado com você. Eu me importo.

— *Se importa?*

— Eu me importo, Sabrina.

— *Você some por anos... eu que sempre preciso ir até você... e tive de implorar para que você viesse ao meu casamento, ainda assim você negou* — vejo uma lágrima descer pelo seu rosto. — *E apareceu repentinamente... após indicar a Sweet Show para organizar a minha semana. Você se importa, Kaleb?*

Precisamos sair do salão. Em silêncio e com cuidado vamos para a parte externa, onde ficamos diante da grande piscina.

— Mas nos encontramos com frequência, você sabe que me importo. Eu só não vim aqui, e você parece que não gosta de sair dessa redoma de vidro — olho ao redor. — Quero saber se está bem. Não te vi comer nada e você está mais magra do que me lembro.

— *Eu estou ótima.*

Dá para sentir que essas palavras são carregadas de muito peso.

— *Está ótima?* — a encaro, de perto. — Sabrina, eu consigo ver seus ossos.

Após relutar e olhar para todos os cantos possíveis para entender que não dá pra fugir do meu olhar, ela diz:

— Samuel disse que estou gorda e não vou entrar no vestido. E que não estou atraente como antes.

Não digo nada, para deixar que ela desabafe tudo, até onde aguentar.

— *O que você quer, Kaleb? Que eu coma aquele prato todo e depois vomite? É isso o que você quer? Por que você sabe que é isso o que eu costumo fazer!*

— Bri — pego suas mãos e as levanto até meu peito. — Se você comer *um pouquinho*, a quantidade certa para se sentir satisfeita, você não



vai precisar vomitar ou se preocupar com seu corpo. O corpo é uma máquina que precisa de combustível. E comida é combustível.

— Mas quando eu como... eu como sem parar... — ela tenta afastar as mãos, mas eu as mantenho seguras em mim.

— Porque você fica longos períodos sem comer e a sua mente tem essa reação — a puxo devagar até mim. — Você já havia resolvido isso. A terapia já havia ajudado.

— Eu sei... mas o casamento...

— *Brina* — chacoalho ela. — *Foda-se o casamento.*

Não sei se são as melhores palavras a serem ditas para a noite, mas preciso dizê-las.

— A sua saúde vem em primeiro lugar. O seu bem-estar deve vir em primeiro lugar. Tudo ao seu tempo. Você está ótima, na verdade, está magra demais. Precisa se alimentar direito, senão vai começar a ter desmaios.

— *Por que você acha que eu tenho estado mais tempo longe das vistas de todos?* — ela murmura.

Preciso abraçá-la.

Sabrina não é mais uma criança, ainda assim sinto que preciso cuidar dela. Não quero que ela se machuque, assim como não quero que ela venda sua vida a troco de dinheiro só para manter as aparências.

— Você sabe onde me encontrar. E sabe que sempre estarei lá por você. Não tenha medo de...

— *Fugir?* — ela murmura e se afasta devagar. — *Eu não tenho a sua coragem, Kaleb. Eu não sou você. Depois que você decidiu tomar as rédeas da sua vida, o nosso pai focou em mim. Apenas em mim. E agora eu faço todas as vontades dele.*

— Foda-se as vontades dele!

— Ele não para de dizer que não quer que eu seja uma decepção, como você.

Aquelas palavras poderiam me afetar, no passado. Mas agora...

— Enquanto ele está ocupado dizendo que fui uma decepção, eu estou vivendo a vida que eu sempre quis, Brina. A vida que eu mereço. *Você merece.*

— Sem dinheiro? — ela desdenha.

— Eu tenho dinheiro agora — garanto. — Não importa quantos advogados ele tenha, não importa o quanto impeça que nossa herança, deixada pelos nossos avós, demore a chegar. Não importa as medidas que ele toma para tentar tirar o Nicolas de mim. *Eu luto, Brina.* E se eu posso, você pode!

— Você é um gênio, Kaleb. Do dinheiro, das pessoas, do poder. Você soube se reerguer, eu não conseguirei.

— Mas você tentou? — levanto o rosto dela. — *Você não pode ter medo do abismo se quiser voar, Brina.* Voar é se jogar contra o chão, mas ter fé de que suas asas não permitirão a queda. Você tem a mim, eu não vou te deixar cair.

Antes que Sabrina se afaste eu beijo sua testa e a abraço, com cuidado, e não consigo soltá-la. Eu não quero soltá-la.

Eu não quero que ela viva com medo e amargurada, dando tudo de si para receber migalhas, lutando em busca de um amor que não será devolvido.

Eu vivi tudo isso. Me libertar foi a coisa mais difícil do mundo. Eu pensei que não haveria vida sem o dinheiro, sem o poder e influência que

meu pai controlava.

Mas eu me lancei no chão e no momento derradeiro as minhas asas abriram. E eu descobri que podia voar. Voar, inclusive, bem mais alto do que um dia voei como CEO da Farrah.

— Assim como eu vim aqui por você, *Brina*, eu vou estar lá, no dia do seu primeiro voo solo. *Por você* — garanto e só assim consigo deixá-la ir.

## ***Anne Moore***

Termino de almoçar e organizo o descanso das meninas para que elas tenham seu tempo de almoço e tempo para se recuperarem para as próximas etapas.

Com a cozinha vazia, retiro o que restou do café da manhã que não foi utilizado e coloco em vasilhas para doar aos desabrigados e orfanatos, minha política pessoal é: *sem desperdício*. E enquanto esvazio as panelas ouço uma voz de choro.

Me aproximo devagar até a janela para espiar e ver o que está acontecendo e vejo a noiva.

*Cedo demais para chorar, não?*

Se bem que... ela deve estar uma pilha de nervos, coitada!

Mas espera aí... *o que o Kaleb está fazendo com ela?*

Assisto o Kaleb segurar em suas mãos e levar até o seu peito enquanto ele conversa sério com ela. Ele tenta aproximá-la, mas ela abaixa o rosto e não contém as lágrimas. *O que está havendo?*

— *Oi?* — ouço uma voz do outro lado da cozinha.

— Oi! — aceno para a moça que elogiou a minha geleia.

— Será que... sobrou um pouco daquela geleia? — ela passa os olhos pelas vasilhas e panelas.

Faço que sim e peço que ela aguarde, faço questão de colocar em uma vasilha para ela.

— Não vai me passar a receita mesmo? *Poxa!* Você não faria isso pela filha do governador? — ela tenta jogar uma simpatia que, claramente, ela não tem.

Essa garota pode ser tudo, menos simpática. E quando força... fica estranho.

— *Filha do governador?* — meus olhos quase saltam.

— Gabriela Weiss — ela joga o cabelo para o lado.

Bem... não sou muito ligada em política e nem gosto. E como sou de Nova York, não sou antenada nas coisas de Miami.

— *Wow...* — abro bem a boca. — Bom... não posso dar a receita, até mesmo para a filha do governador, mas posso te dar mais geleia — procuro uma vasilha maior.

Enquanto faço isso, Gabriela vai se distanciando cada vez mais até chegar próximo da janela e espiar.

— Ei! Espera! Não faça isso... — vou atrás dela, mas já é tarde demais.

Gabriela assiste toda a cena e eu também, mesmo que não consigamos escutar nada.

— Meu Deus... você pode fingir que não viu isso? — afastou da janela quando Kaleb e Sabrina saem dali.

— *Por quê?* — Gabriela se mostra interessada.

— É que a noiva... bem... seria estranho, não é?! — não sei o que dizer.

*Será que Kaleb tem um caso com a noiva? Por que ele foi tão carinhoso com ela?*

— O que seria estranho? — Gabriela cruza os braços.

— Não sei... deixa para lá... — colocou a vasilha em uma sacola e entregou a ela.

— Pode deixar por aqui mesmo, eu peço para que um dos meus empregados venha buscar — ela diz e vai em direção à saída. — A propósito...

— *Sim?!*

— De onde você conhece o irmão da noiva?

*Irmão da noiva?* Vi muita gente nessa semana *pré-casamento*, mas não vi os pais da noiva e definitivamente não vi irmão algum.

— *Quem é o irmão da noiva?* — pergunto, interessada.

Gabriela revira os olhos, claramente a falsa simpatia foi embora, já que ela conseguiu o que queria. Bom, menos a receita...

— *Kaleb Farrah, o irmão da noiva.*

— *Kaleb?* — quase gaguejou ao dizer o nome dele.

— *Farrah* — ela diz sem paciência, joga o cabelo na minha cara e vai embora.

# Capítulo 27

## *Kaleb Petterson*

Levo Sabrina de volta à sua mesa e tenho uma surpresa – não tão grata assim – quando chego lá. Eis o noivo. *Não esperava a hora de poder reencontrá-lo.*

— Te procurei por toda parte, mas você desapareceu... — Samuel vem em nossa direção, mas não tira os olhos dela.

— Eu estou bem — Sabrina assente e se senta após ele puxar a cadeira.

Eu também me sento, ao lado dela e continuo a fitá-lo, com interesse.

— Onde você estava?

— Tomando um ar fresco — Sabrina demonstra gentileza no olhar e depois olha suas amigas de longa data ao redor da mesa, que não tiram os olhos de mim.

— E quem estava... — Samuel inclina a cabeça para me ver.

De primeira ele não me reconhece. Pudera eu ter a sorte de que isso durasse mais tempo, mas ele não para de piscar os olhos e quanto mais os pisca, mais arregala, quase aponta o dedo para mim. Deveria pôr logo um letreiro em neon em cima da minha cabeça, talvez fosse mais sutil.

— Kaleb! — ele se levanta, abismado.

É, o desgraçado ainda sabe o meu nome.

— *O que você está fazendo aqui?* — ele permanece de pé, claramente alterado. — *Pensei que houvesse sido expulso dessa família!*

— Eu que decidi abandonar o circo — digo em minha defesa, em completa calma e mais preocupado com a comida do que com os berros de Samuel.

— Você não pode simplesmente voltar — Samuel é categórico.

Então me levanto. E ele se senta. Imediatamente.

Deveria ter ficado de pé, ainda assim teria que estender a cabeça para me encarar nos olhos, agora vai ficar com um torcicolo pior.

— E tem algum homem de verdade aqui capaz de me tirar? — cruzo os braços.

Samuel se vira para o seu prato e começa a mexer com o garfo.

— *Foi o que eu pensei* — sento e antes de ouvir qualquer outra baboseira de Samuel, vejo uma senhora simpática se aproximar.

Ela usa um chapéu rosa bem grande com uma margarida nele e carrega sua bolsa pequena no braço.

— Eu sabia que era você! — ela fica ao meu lado e não penso duas vezes em me levantar. — Olha como está bonito e charmoso!

— Obrigado, senhora Warren — beijo suas mãos.

— Parece que os anos de exílio fizeram bem ao *pequeno Kaleb* — ela segura em minhas mãos.

A senhora Warren é uma das grandes amigas da minha mãe, quase que uma segunda mãe para mim. E, usando a palavra que saiu de seus lábios, o *exílio* causou o nosso afastamento. Não apenas esse, mas muitos outros.

Eu jamais estaria aqui de volta se não fosse por Sabrina ou por Anne. Por mim eu não colocaria os pés aqui novamente.

— Como estão as suas flores?

— Sendo muito bem cuidadas — ela bate a mão livre em cima da minha. — O Jacob havia pedido uma remessa bonita de flores e disse que era para você. Para o seu jardim. Ele disse que seu filho gosta muito de cuidar das flores — ela diz toda orgulhosa.

— Ele gosta de formigas. Mas jardim e formigas têm muito em comum, senhora Warren. E como ele dedica muito tempo aos cuidados das formigas, que seja em um jardim bonito, com as melhores flores de Miami.

— Ele ainda continua galanteador — Melina Warren se volta para todos na mesa, com um grande sorriso. — Eu estou fora das pistas, meu rapaz, não me tente!

— Prometo que vou me segurar — pisco para ela. — Você não quer se sentar conosco?

— Adoraria. Aliás, gostaria de ouvir da noiva o que achou das flores de teste que ofereci. Diga-me, Sabrina, quem organizou esses arranjos tão bonitos?

— *Eu* — Anne diz, logo atrás de mim.

Não a vi chegar. E pelo seu olhar, parece que tem alguma coisa errada.

***Anne Moore***

*Enganada.*



É isso o que eu fui.

Onde em mil anos eu poderia desconfiar de que Kaleb era um Farrah? *Como fui idiota!* A tensão e apreensão de não querer saber muito sobre a família da noiva, me deixou às cegas.

*Mas qual a probabilidade, meu Deus? Ele é apenas o meu vizinho! Como isso tudo foi acontecer? Será que... Será que a Sabrina mandou o irmão para me vigiar? Será que ela sempre soube, desde o início, que Samuel tinha uma amante?*

Entrei em crise, de verdade.

Todo o meu plano estava indo por água abaixo. E sinceramente: *para o inferno com esse plano todo!*

Eu achei que o que Kaleb e eu estávamos construindo era genuíno. Que tínhamos realmente coisas em comum e que ele estava, de alguma forma, tentando me conquistar, para além das nossas farsas e mentiras.

Pelo visto, éramos só isso, um para o outro. Farsas e mentiras.

E quando por fim esse casamento chegasse ao fim, provavelmente ele desapareceria e eu nunca mais ouviria falar dele ou o veria novamente.

*Como pude ser tão burra?*

Eles têm os mesmos olhos.

E agora tudo faz muito sentido! É claro que Kaleb é dono de praticamente todo o bairro: a Farrah é dona de metade de Miami! Ele é o herdeiro, o legítimo herdeiro dos Farrah!

Então porque toda essa história de *fugir* da família? Será que ele mentiu nisso também?

Assisti Kaleb e Sabrina retornarem para o salão, mas para acrescentar uma dose de drama nisso tudo, Samuel também estava lá.

*Ótimo.* Era tudo o que eu queria. Estão todos ali, só faltam os pais da noiva. E aí eu faço o meu *show*.

Será que eu devo? Algo em mim diz que eu devo ir lá; mas outra parte de mim diz que é melhor eu ficar aqui e resguardar a minha sanidade mental e o meu *réu primário*, é claro.

São 10 naquela mesa. Com a senhorinha que acabou de chegar, 11. Pronto, são 11 na conta do réu primário. Acho que o juiz não vai ficar muito feliz com essa história não.

— *Quem organizou esses arranjos tão bonitos?* — cheguei a tempo de ouvir a senhorinha simpática perguntar isso.

— *Eu* — respondi, elevando minha voz para chamar atenção.

Todos se viraram e me encararam com curiosidade. A senhorinha principalmente. Até soltou as mãos de Kaleb para vir me abraçar.

— Ficou esplêndido! — ela diz.

— Quero dizer... — tento me soltar do abraço, mas ela realmente é bem simpática e tem cheiro de gente muito rica e gentil. Gostei dela, todo rico que conheci era um esnobe e babaca.

E Kaleb não devia fugir da lista...

— *A Sweet Show* fez isso. E eu sou uma das donas — ela me solta devagar e me encara com admiração. — Sou Anne Moore, prazer.

Samuel tapa o rosto e quase enfia a cara no prato.

— Sou muito ciumenta com as minhas flores. E estou feliz com toda a ornamentação de teste. Imagina no dia do casamento?! Será tão requintado!

Aceno em concordância.

— Bom, acho que todos já conhecem a Anne, ela é responsável pelo *menu*, então se estão comendo bem, agradeçam a ela — Sabrina levanta sua taça em minha direção e faz com que todos na mesa façam o mesmo.

Uma noiva não: *um anjo*.

Eu jamais me perdoaria por tentar estragar o casamento dessa mulher.

— Além de ser a responsável pelo *menu* e pela geleia mais saborosa que comemos em toda a nossa vida... — Kaleb começa a dizer.

— A geleia... esplêndida! — a senhora Warren se agarra ao meu braço. — Você precisa me vender um barril! — ela murmura.

— Anne Moore e eu... — ele vai dizer... *meu Deus... não... não diga...* — Estamos juntos.

Kaleb sai de onde está e estende a mão em minha direção.

Eu não deveria segurar, nem me aproximar.

O certo a se fazer em um momento assim é gritar sem parar que foi enganada por dois homens cafajestes, derrubar a mesa e sair correndo.

Mas por impulso eu segurei na mão de Kaleb e deixei que ele me puxasse.

— Eu tive a sorte de conhecer essa mulher incrível, antes de todos vocês — sinto seu braço ao redor da minha cintura. — Tudo o que ela faz... tudo o que ela diz... Anne Moore é a minha pessoa favorita, desde o momento em que a vi pela primeira vez.

Vejo Samuel mover os lábios para mim: “*vocês estão juntos?*”

Essa cara! Era essa cara que eu queria ver! Um pouco de espanto e horror. Uma dose de *eu perdi esse mulherão e o que eu fiz da minha vida?* Samuel fica ainda mais branco do que já é e nos fita incrédulo.

— Estou ansiosa para ouvir como se conheceram — a senhora Warren olha de um lado para o outro na mesa, mas não há mais cadeiras vazias.

Então ela bate com a bolsa na cabeça de Samuel que se levanta, a mão nas têmporas e o olhar perdido só aumenta.

— Obrigada, querido, muito gentil — a senhorinha diz de um jeito meigo e se senta. — Contem-me tudo, adoro ouvir histórias de amor.

— Er... *bem... eu acho que deveria retornar à cozinha e...* — tento escapar disso, não estou pronta para ser desmascarada.

Na verdade, eu que quero desmascarar!

Primeiro o Samuel, é claro. Passei do estado de estar ofendida por ser a outra para o estado “*como ele pode fazer isso com a Sabrina?*”

E depois, obviamente, o Kaleb. Como assim ele me enganou esse tempo todo? E me fez acreditar que estávamos sentindo algo um pelo outro?

Kaleb puxa a cadeira e indica que eu me sente.

— *Não é bem uma história de...* — começo a rosnar.

— *Desde o primeiro momento em que a vi, pela janela da minha cozinha, eu sabia que era ela.*

Sinto o arrepio percorrer meus braços e tomar conta de todo o corpo. Até chacoalho os ombros e a cabeça. Sinto a respiração de Kaleb em minha nuca. Seus braços me envolvem de um jeito doce e ele beija o meu rosto.

Samuel saiu do estado de horrorizado para aflito. *Ok, eu posso continuar encenando até ele ter um ataque epilético no chão.*

— São vizinhos? — a mulher com chapéu de flor segura no braço de Sabrina. — George e eu éramos vizinhos, quando crianças. E nos

odiávamos tanto!

— O ódio às vezes é uma máscara para o amor, nesses casos —  
Sabrina reflete.

— Totalmente! Eu me lembro de invadir o quintal da casa dele e cortar todas as suas camisas e calças, no primeiro dia dele da faculdade. Ele só faltou explodir de raiva!

— O que ele fez? — Sabrina e todas as mulheres da mesa se voltam para a simpática senhora.

— Gritou bastante comigo, é claro.

— E o que a senhora fez?

— Eu disse que ele ficava um charme com aquela camisa de mangas longas e os mamilos de fora! — ela termina de dizer e começa a rir sem parar.

E todas nós acabamos sendo contagiadas pelo seu riso e a acompanhamos nesse momento divertido.

— Mas não falemos do ranzinza do George e eu... falemos de vocês! — ela até segura o chapéu enquanto se balança toda.

O que eu devo dizer? A verdade? Invento uma história para impressioná-los? A minha cabeça simplesmente não consegue formular nada, eu só quero brigar com Samuel e Kaleb!

— Ela canta enquanto cozinha — Kaleb diz. — E também dança enquanto espera a comida ficar pronta. Eu a vigiava pela janela, pensando... *por que essa maluca canta e dança para a comida? Será que ela é algum tipo de descendente indígena?*

Todos na mesa riem, menos eu.

Não porque estou brava com isso, mas porquê... *é verdade.*

*Mas quando ele me viu fazer isso? Eu tenho me contido todo esse tempo, perto dele, para parecer a pessoa mais normal do mundo.*

— E mesmo que ela não tenha a voz mais doce do mundo... — o desgraçado diz e eu piso bem forte no pé dele. — Ou dance como alguém que acabara de levar um choque... — aperto o pisão para ver esse mala chorar. — A energia dela me contagiou. É impossível acordar e abrir a janela e não pensar: *“o dia vai ser incrível. Na verdade, já está sendo incrível, porque a minha adorável vizinha tem um sorriso capaz de espantar as nuvens de chuva”*.

— Lindo, Kaleb — a senhorinha diz emocionada. — Mas vocês não brigaram? — ela inquire, faz até uma careta.

Kaleb ergue a sobrancelha e faz que não.

— Não confio em relacionamentos que não tenham uma briga marcante — ela pensa alto e chama todos nós para que nos encostemos, porque ela vai sussurrar. — *O sexo fica muito melhor depois. O sexo precisa de uma dose de amor, de paixão, de luxúria e... de raiva. Na dose certa, fica muito bom!*

— Senhora Warren! — Sabrina prende a gargalhada e encosta nos ombros dela.

— Ai, querida, eu vivi muito. Se não for para ter uma dose de ódio pelo George, o negócio nem *pega fogo*.

— Obrigado pelo conselho — Kaleb agradece com um aceno de cabeça.

— Vocês formam um lindo par, juntos. Amei! Também quero as minhas flores em seu casamento!

— *Casamento?* — Samuel desdenha. — Eles acabaram de se conhecer... como assim casamento? — ele vira para os lados, como se procurasse alguém para concordar com ele.

— A propósito... — Kaleb se curva um pouco mais e pega em minha mão, a levanta para cima da mesa.

*Droga!*

Esqueci de tirar essa maldita aliança que deve valer toda a minha existência, do momento do primeiro choro até meu último!

— Anne disse sim! — Kaleb diz orgulhoso.

Esse sorriso é diferente de todos os que já vi ele dar. É tão leve e sincero, ao mesmo tempo contagiante e envolvente.

*Ele sabe como mentir. Ele sabe como fazer todos na mesa se levantarem e arregalarem seus olhos, abrirem bem suas bocas e focarem suas atenções em mim.*

— É o anel da mamãe — Sabrina segura em minha mão e me olha com demora no fundo dos olhos.

*Será que ela me odeia?*

— Você mudou mesmo, Kaleb — ela diz com orgulho, para o irmão. — Eu nunca pensei que você se permitiria amar novamente e... agora eu acredito. Você encontrou o amor!

— *Que merda é essa?* — Samuel murmura, acho que ouço a Gabriela murmurar isso também.

A senhorinha das flores se levanta e fica ao meu lado, segura em meu ombro.

— Agora você também é da família, querida! Seja bem-vinda!

*Meu Deus do céu... onde é que eu fui me meter?*



# Capítulo 28

*Anne Moore*

Após ser apresentada para toda aquela gente chique, tive a sensação de ter olhos em cima de mim o tempo todo.

Agora parecia que as pessoas iam na cozinha, não para elogiar ou reclamar com os garçons para servir mais comida, mas para me ver trabalhar.

Me senti agoniada até ir para casa.

Eu relutei com o fato de ir embora com Kaleb. Fiquei em dúvida se conseguiria me controlar para não interrogá-lo e acusá-lo de me enganar esse tempo todo.

Mas sejamos justas: ele efetuou todo o trabalho que eu pedi e deixou Samuel em estado de choque. Era isso o que eu queria, desde o princípio.

— *Você está bem?* — Kaleb estala os dedos. — *Está calada e distante o dia inteiro. Aconteceu algo?*

Me perdi em meus próprios pensamentos enquanto observava as paisagens ficarem para trás e o carrão do ano nos levar para casa.

— Só estou com sono.

— Já estamos chegando e você vai descansar! — sua voz ainda é terna e gentil.

*Quando ele vai tirar a máscara?*

Será que haverá o momento em que Kaleb revelará que é um Farrah? Que ele é bilionário eu já sei, mas isso... isso muda tudo! Estou confusa e não sei o que pensar. E também não quero perguntar nada a ele, pois tenho medo das respostas.

*Que droga!*

— Você está feliz?

— Eu deveria? — fico na defensiva.

— Agora eles não apenas amam a sua comida, mas te amam também. Bom, a parte que importa, é claro. Minha avó já dizia: “*se você está fazendo algo e não tem gente contra você, você está fazendo errado. Comece tudo de novo*”.

Não que Kaleb tenha perdido o brilho ou encanto. Longe disso. Mas agora tudo fica ofuscado pela neblina da incerteza. Eu pensei... *como fui tola*... imaginei que estávamos caminhando para algo especial, mas não passava do meu plano mirabolante desde o início.

Eu devia ter perguntado se podíamos ou queríamos ultrapassar para além do teatro, mas tive medo... pensei que estávamos caminhando naturalmente para ter uma relação, mas...

— *Anne?*

— Sim?

— Você está bem mesmo?

— Eu vou ficar melhor quando dormir, eu prometo.

*É claro, se eu conseguir dormir.*

Kaleb estaciona em frente à sua mansão e me acompanha até a porta de casa. Ainda não consigo encará-lo, estou confusa e machucada. Eu me

abri, mostrei as minhas vulnerabilidades e ele continua sendo o *senhor mistério*.

*Era bom demais para ser verdade.*

— Preciso te devolver isso — antes mesmo de fazer força para tirar o anel, ele me impede.

— *É seu.*

— É da sua avó, na verdade — tento me desvencilhar dele.

— E eu te dei. É melhor com você. Fique com ele.

— Kaleb, eu não posso.

— *Mas você quer?*

Que pergunta difícil. Eu... eu não sei mais o que eu quero.

Na dúvida, ficarei com ele até terminarmos tudo isso.

— O que você achou da cara do Samuel quando descobriu que estávamos juntos? — ele se diverte.

É quase impossível conter o sorriso, tento me vigiar para não deixar os lábios se expandirem naturalmente.

— Aquele idiota teve o que merece — é tudo o que digo.

— É — Kaleb se diverte.

— Sobre as coisas que você disse, Kaleb...

— *Hum...*

— Você as inventou? Ou você de fato... *me espiona?* — arregalo os olhos ao dizer isso.

— *Espionar? Que palavra forte, eu tenho cara de CIA?*

Esse idiota não tem jeito! Ele acaba quebrando o muro de gelo que tento construir entre nós e eu cedo, só um pouco. Logo em seguida suas mãos sobem e descem pelos meus braços enquanto ele se aproxima devagar.

— Vai dizer que você nunca deu uma *espiadinha* pela janela? — Kaleb levanta e abaixa as sobrancelhas.

*Ô... e que espiadas, viu... mas isso não vem ao caso.*

— É sério que você já me viu cozinhar em casa? E me viu dançar e cantar? — preciso até tapar o rosto de tanta vergonha quando ele assente. — *Que merda! Por que não me avisou?*

— Ah, eu achei uma gracinha!

— Que mico! — dou uns tapas de leve nas maçãs do rosto para ver se elas param de queimar. — Não acredito nisso...

— Você parecia uma lótus.

— *Uma lótus? O que diabos isso quer dizer?*

— Uma flor nascendo no meio da lama. Seus olhos são muito expressivos, você não consegue esconder quando algo está errado. E eu percebi, todas as vezes que passei por você, que tinha algo errado. Ainda assim, nada disso impediu que a lótus dentro de você florescesse...

— *Você... passou por mim? Quantas vezes? Onde? Não me lembro de ter te visto, Kaleb!*

— É. Eu sei. Eu sou um cara normal demais para ser notado — ele debocha.

— Seu palhaço!

— Se você me disser o que há de errado entre a gente, e se você quiser que amanhã ainda exista a gente, podemos conversar. Você sabe

disso, Anne. *Quer falar sobre alguma coisa?*

Sim, Kaleb, eu quero. Qual é a sua? Estamos atuando? Vamos voltar a ser ilustres desconhecidos quando tudo isso acabar? Você está fazendo isso por sua irmã ou por mim? Ou ainda há algo oculto?

— Eu só estou cansada — bocejo.

— Você pode me dizer qualquer coisa. E pode me perguntar qualquer coisa. Eu serei franco e transparente com você, como fui esse tempo todo.

*Será mesmo que você foi transparente, Kaleb?*

— Você só deve estar com sono, assim como eu. É melhor irmos dormir.

— Na sua cama ou na minha?

Volto a bater nas bochechas, com mais intensidade dessa vez.

— *É brincadeira* — ele ri daquele jeito sacana e se aproxima.

Eu me afasto.

— *Eu não vou te morder* — ele sussurra. — *Só quando você pedir* — ele me rouba um beijo rápido e se despede.

Sequer olha para trás, só segue seu caminho.

E eu fico lá, parada, igual uma idiota vendo ele ir embora.

Após tomar o meu banho e me preparar para dormir, percebo que não consigo.

Passo horas no celular procurando sobre Kaleb Farrah e eu encontro suas fotos do passado e seus feitos. Kaleb Farrah foi CEO da empresa da família, o responsável por transformar aquilo em um império.

Ele era o rosto da Farrah até ser substituído por um monte de CEO's que caíram, um por um, não sei porque. Acho que talvez nenhum tenha sido bom o suficiente. Kaleb notoriamente tem tino para os negócios e para as pessoas, uma combinação bem rara de se ver.

E ali está ele... *Samuel*.

O novo nome cotado para a lista.

Será que é por isso que Samuel está se casando com Sabrina? Para ser CEO da Farrah? Isso explicaria muita coisa, não apenas o casamento, mas o Kaleb se intrometendo nisso.

Talvez ele...

Dou um pulo da cama ao ver que o crápula está me ligando. Nego a ligação e continuo a procurar fotos de Kaleb.

De fato, ele era muito bonito quando mais jovem, não usava barba, o cabelo era menor e pelo visto já tinha esse olhar de quem vê por dentro de seus olhos. Me arrepio só de visualizá-lo na foto.

Agora ele está muito melhor, na verdade. O tempo fez bem a ele.

O corpo está mais desenvolvido, o rosto mais maduro, os olhos possuem uma firmeza que não tinham antes.

Preciso parar de bancar a investigadora para descer as escadas quando recebo uma mensagem de Samuel:

“Estou em sua porta” é o que ele diz.

Assim que saio da cama eu pego o roupão e me cubro com ele, desço as escadas e vigio pelo olho mágico só para ter certeza. E lá está ele. Semanas após ter me deixado em casa, ele aparece, como se nada tivesse acontecido.

*Mas tudo aconteceu.*

— Pois não? — abro a porta e já mostro que estou sem saco.

— O que houve com o seu rosto? — ele franze a testa.

— Tirei a maquiagem — balanço os ombros e o empurro, quando ele tenta entrar e bato a porta atrás de mim.

Esse vampiro aqui não entra, prefiro eu mesma sair.

— Precisamos conversar.

— Tivemos todo esse tempo para conversar, Samuel. Por que agora?

Samuel ajeita o sobretudo preto sobre o corpo e cruza os braços. Olha em volta, desconfiado e depois me lança um olhar de psicopata.

— *Onde ele mora?*

— Ele quem? — tento acompanhar a conversa, mas estou perdida.

Primeiro que jamais esperava que esse maluco iria aparecer em minha porta depois de tudo isso. E segundo que eu não sou público para bater palma para maluco.

— Kaleb Farrah, é claro — ele é áspero.

— Se veio falar sobre o Kaleb, não tenho tempo — viro as costas e me preparo para entrar.

— Eu vim para falar de nós dois — Samuel me interpela.

— E o que há para ser dito de nós dois, Samuel? — viro-me devagar, abraçada ao roupão. E ele abraçado ao sobretudo.

— *Você me ama* — ele nem titubeia, joga assim, no seco.

*Que autoestima da porra.*

Sim, eu o amava. E foi o amor mais puro e verdadeiro que eu me permiti sentir nos últimos dez anos, praticamente.

Mas era apenas uma mentira. E eu estou farta de mentiras.

— E o que eu tenho a ver com isso?

Ele certamente não esperava por essa resposta, dá para ver em seu semblante. Samuel volta a me analisar, encara-me como se eu fosse uma pessoa completamente estranha.

E, sim, talvez eu seja, agora.

Muitas coisas aconteceram e tenho orgulho de perceber que mudei.

— Vamos conversar e encontrar uma forma de seguirmos juntos.

— Não tem mais como seguirmos juntos, Samuel — faço um sinal negativo com a cabeça e começo a rir de nervoso. — Tivemos uma semana incrível, não foi há muito tempo, você me disse tantas coisas que... eu senti que um dia seria eu quem você levaria para o altar, não outra mulher!

— Nada do que eu disse era mentira.

— Era, Samuel, era sim. Se você me amasse, no mínimo, você demonstraria. Me ligaria, responderia às minhas mensagens, me daria atenção quando eu preciso e não somente quando você está livre!

Agora ele expõe no semblante que ficou nítido que sou outra pessoa.

A Anne de alguns dias atrás jamais pensaria assim. Ela pensaria: *“tadinho, ele está tentando crescer no trabalho para buscar um futuro melhor para nós dois”* ou *“ele não me ligou nem me respondeu porque deve ter dormido”*. Dormido, sim... *com outra!*

Até me seguro para não enchê-lo de porrada.

Esse cara não vale nada. Nem o meu réu primário.

— Eu errei — ele assume.



— É lógico que errou, Samuel. E *acabou*. Eu estou feliz, eu segui em frente, eu encontrei alguém, você também. Vamos fingir que nada aconteceu e vamos buscar nossos caminhos!

— Eu não quero seguir, sem você.

*Esse cara não existe. Sério. Esse cara. Que raiva dele!*

— Você não encontrou alguém, Anne — Samuel tenta tocar em minhas mãos, mas eu não permito. — Ele está te enganando. Esse cara é perigoso, a vida dele é fazer joguinhos com as pessoas. Se você pensa que eu sou ruim, não deixe que esse cara te destrua.

— Eu sou adulta, Samuel. Eu sei me virar.

— *Sabe?* Sabe mesmo, Anne? Tirando fotos com caras de boate? Namorando um playboy de merda mimado que não sabe perder e quer a todo custo acabar com a minha carreira?

— Boa noite, Samuel.

— O Kaleb é um desgraçado que não aceitou perder a coroa e o trono. E agora vive remoendo o passado, triste e deprimido, fazendo de objetivo de vida derrubar cada CEO da Farrah! — ele dispara em minhas costas, fala tão alto que parece que quer ser ouvido mesmo.

Paro, mas não olho para trás.

— Ele está te usando, Anne. Porque ao te usar, ao te levar de volta para a mansão, na época do meu casamento, ele quer mexer com a minha mente e dizer que venceu. Que ele tirou o que me era mais caro e precioso. E eu não vou permitir que aquele babaca faça esse jogo com você!

Viro-me devagar, encarando-o, atônita.

— Do que é que você está falando?

— *Você não percebe porque é inocente demais.* Era disso que eu queria te proteger, Anne. De caras como o Kaleb. Ele só quer te usar agora para me fragilizar e arruinar o meu casamento. Não. Eu não amo a Sabrina, eu amo você. E quero estar com você em cada momento da minha vida! Mas eu preciso primeiro construir a vida que nós dois merecemos viver e se casar com uma herdeira mimada vai me garantir a cadeira de CEO, é isso o que eu farei. *Por você.*

— Samuel, está tarde...

— Me escuta!

— Você precisa voltar para a sua noiva.

— Me escuta! — ele exige e segura em minhas mãos, mesmo contra a minha vontade.

Ele avança e me prende contra a porta, é agonizante e assustador.

— Eu te amo. Eu estive com você esses dez anos e você foi feliz, não foi?

Sim. *Eu achava que sim.* Eu achava que era feliz até perceber que era apenas uma ilusão. Uma longa e perversa ilusão que eu me permiti entrar porque eu não me amava.

Mas agora eu me amo.

Eu me amo mais do que amei Samuel. Eu me amo muito mais do que o que sinto por Kaleb. Eu me amo como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo e irei proteger esse amor.

— Eu cuidei de você. E vou continuar a cuidar de você, para sempre. Somos só nós dois no meio de um monte de desconhecidos em Miami, amor. Nós somos de Nova York. Nós somos diferentes. E nós vamos invadir o paraíso para tomá-lo para nós.

— Samuel, me solta, você está me machucando.

— Anne, me escuta! — ele grita comigo.

— Samuel, por favor, você está me assustando e me machucando — repito o mais alto que posso.

Ele aperta os meus pulsos e me bate contra a porta. Seus olhos estão vermelhos e agora consigo ver sua real face.

*Como não percebi todos esses anos que eu estive em um relacionamento abusivo?*

Como eu deixei os indícios passarem? Como eu me permiti chegar até aqui?

Não. Não posso ser tão severa comigo agora. Eu estava cega.

Cambaleio para trás assim que a porta abre, Samuel cai em cima de mim, tentando me agredir.

Tenho a visão de Emmanuelle em cima de mim, ela chuta a cara de Samuel e joga água quente na cara dele.

Ele grunhe alto, começa a se contorcer no chão. E ela calmamente o chuta até que ele se arraste para fora da nossa casa e fecha a porta.

Daí ela abre, dá uma panelada bem em cheio na cabeça dele e bate a porta.

— Você está bem? — Emms se joga no chão, onde estou.

Toda suada, tremendo, praticamente paralisada de medo.

Eu vi essa mesma cena acontecer, vez após vez. Porque eu vesti um vestido muito curto... porque eu usei um batom vermelho e não paravam de olhar para mim no restaurante... porque eu discordei sobre ter redes sociais...

Mas eu pensei que era proteção.

Eu pensei que... por um momento... fosse cuidado e carinho.

Por favor, não me julgue. Ele foi o meu primeiro e o meu único por todo esse tempo.

Daí eu conheci um cara doce e gentil que não fez nada disso comigo.

Ele me ouviu e riu de mim e comigo. Mesmo quando ele me comprou as roupas mais caras, ele elogiou as minhas roupas mais baratas. E ele me fez sentir coisas que eu jamais pensei que era capaz de sentir.

... E ainda assim... ele fez tudo isso, apenas para que construíssemos a química de nossos personagens, para o teatro que seria esse casamento.

— Eu vou ficar bem — digo para mim mesma.

Emms me coloca em seu colo e me abraça forte.

— Eu... eu prometo... eu vou ficar bem — é tudo o que consigo dizer.

# Capítulo 29

*Anne Moore*

A noite passada foi um pesadelo. Acho que cheguei a ter um ataque de pânico após aquela visita absurda do Samuel.

Emms não saiu do meu lado após ter me defendido e ficou comigo até que eu consegui dormir.

De manhã cedo, antes de sair para o trabalho, Luna e Emms passaram em meu quarto para conferir se eu estava bem, acordei brevemente e depois voltei a dormir.

*Eu estou cansada.* Preciso ser sincera comigo mesma, preciso assumir que eu não aguento mais. Tudo isso é muito pesado para suportar sozinha e eu não sou capaz, pelo menos hoje, de ir na mansão dos Farrah.

Ainda bem que Luna e Emms me confortaram dizendo que iam ficar em meu lugar, dando força, apoio moral e ajuda no que puderem – porque cozinhar mesmo, elas não sabem...

Faço a minha higiene matinal, já deve passar das dez da manhã. Desço sem pressa e vejo a cozinha toda revirada.

Emmanuelle ontem, na adrenalina, derrubou uma porção de coisas, está tudo sujo, e é claro, eu que vou limpar isso.

— *Meu Deus!* — levo a mão ao peito e dou um pulo quando ouço batidas na porta, seguidas de alguém tentando mexer na fechadura.

*À luz do dia? Não é possível!*

Será que esse babaca não vai me deixar em paz mesmo?

Após pegar a panela de pressão e empunhá-la como se fosse uma arma, vou na ponta dos pés até a porta e encosto o rosto no olho mágico. *Não vejo ninguém.*

— *Céus!* — solto um grito quando vejo a maçaneta se mexendo de novo. — *Quem será?*

Acabo sendo vencida pela curiosidade e abro a porta, só uma frestinha. Depois deixo o pequeno Nicolas empurrar a porta até que ele consiga entrar.

Esse traquina um dia vai me matar do coração!

Alguém precisa parar esse menino antes que ele se aliste em algum movimento sem-terra, porque não é possível, ele gosta mesmo de entrar aqui.

O pequeno usa algo incomum. É como o meu pijama de porquinho, só que bem mais enfeitado. Um pijama todo marrom, patinhas de formiga nas laterais que balançam enquanto ele anda, olhos bem grandes na touca que cobre sua cabeça e na traseira uma bunda gigante que sacode para lá e para cá e até o desequilibra enquanto anda.

Nicolas levanta a lupa e coloca entre nossos rostos.

— *Bom dia, Nicolas!* — aceno para ele.

— *Fomigas* — ele diz e sai quase que saltitando pela casa, seguindo o rastro.

*Meu Deus! Eu não tinha visto!*

— Emms deve ter derrubado o pote de açúcar! — praguejo e acompanho Nicolas até a cozinha para impedi-lo de se cortar. — Você está sempre muito atento às suas formigas fugindo do jardim, não é, Nicolas?

O pequeno vira o rostinho para mim, coça a testa com o dorso da mãozinha e depois continua a me fitar, sua expressão é neutra e eu aguardo pacientemente a sua resposta.

Mas ela não vem. Ele se abaixa, senta no chão e acompanha o movimento das suas amigas com a lupa.

— Voltem para casa! — ele ordena e faz um bico que dá vontade de apertar suas bochechas, mas não quero ser muito invasiva.

— Parece que elas gostam daqui — penso alto.

— *Você quer ficar com elas?* — Nicolas segura em minha perna e me puxa para baixo.

— *Você quer que eu sente aí? Tá... tudo bem... ótimo jeito de começar o dia, não é? Assistindo as formigas carregando açúcar* — sento ao lado dele.

Nicolas continua a me fitar, dessa vez um pouco irritado.

— Seu pai não fica preocupado quando você sai assim, de repente?

— *Foi isso o que te perguntei?* — embora soe rude, não há maldade no tom que ele usa.

*O que foi que ele me perguntou? Já até me perdi aqui, vejamos...*

— Parece que suas formigas gostam muito daqui de casa. Acho até que elas acabam encontrando as que moram por aqui.

— *Formigas se ajudam* — ele assiste as pequenas marchando em uma longa procissão.

— É mesmo, você me contou isso.

Nicolas coloca as mãozinhas no chão e fico apreensiva ao acompanhar seus movimentos, para que ele não se corte com os cacos de

vidro. Ele empurra o corpo em minha direção e coloca as duas mãos em minha coxa, deita a cabeça em cima delas e me dá a lupa.

— Aquelas são minhas — ele mostra com o indicador.

— Você consegue reconhecer quais são as suas e quais não? Uau! Você deve conhecer todas as suas formigas! — penso se é uma boa ideia fazer um cafuné nele, mas como ele já está praticamente deitado em meu colo, acho que não é má ideia.

Nicolas fica quietinho enquanto eu afago seus cabelos, seus dedinhos tocam bem de leve em cima da minha coxa.

— E você avisou ao seu pai que vinha aqui, Nicolas?

— Não.

— E isso não vai deixá-lo preocupado com você?

— Sim.

— Então por que você veio?

— *Formigas.*

Ah... prioridades, não é mesmo? Cada um tem a sua. *Matar o pai do coração? Quem se importa! Ele quer saber das formiguinhas. Não importa quantos aquários ele tenha em casa, ou até mesmo as que ficam no jardim. Ele se preocupa com cada uma delas.*

— Tudo bem. Eu vou te ajudar a levá-las para casa — pego ele no colo e me levanto.

Nesse pequeno gesto, ficamos de frente para a janela. Do outro lado, na mansão, Nicolas e eu conseguimos ver Kaleb, que parece que viu um fantasma.

Nicolas dá tchau e o pai desaparece de onde está.



Alguns segundos depois, Kaleb está diante de mim, os braços cruzados e encarando Nicolas com seriedade.

— O que eu te disse sobre sair de casa sem avisar, Nicolas? — ele o repreende, mas tem uma doçura em sua voz.

— *Não pode?* — Nicolas coloca o dedo na boca e olha para mim.

— Não, não pode — eu sussurro para ele.

— Você disse que precisava fazer algo importante e aí desapareceu — Kaleb se aproxima dele.

— Sim.

— E o que era tão importante assim?

— *Isso* — Nicolas abre os braços, não sei exatamente o que ele quer indicar, mas na cabeça dele parece fazer sentido.

— Tivemos um problema ontem à noite — sento Nicolas na bancada da cozinha e fico em frente a ele para impedi-lo de fazer movimentos bruscos. — Emms saiu derrubando tudo: potes, panelas, utensílios domésticos... e como pode ver, o pote de açúcar. As amigas do Nicolas vieram e ele veio buscá-las, ao que parece — tento explicar para Kaleb.

Ele acena de forma positiva.

— *Fomigas se ajudam* — Nicolas comenta de forma aleatória e seus grandes olhos azuis não param quietos, assim como sua cabeça, ele começa a olhar de um lado para o outro.

No fim acaba subindo em meu colo de novo e tenta descer.

— Prontinho, no chão — deixo ele seguro abaixo de mim e o assisto sair correndo pela casa balançando a bunda gigante de formiga.

Não contenho a risada.

— Gostei do pijama dele — aponto.

— É. Inspirado no seu — Kaleb se aproxima, passa por mim e pega a vassoura e a pá para começar a recolher tudo. — Ele está obcecado, não quer tirar nem para tomar banho!

— Ficou ótimo nele — me escoro no balcão e o assisto recolher os cacos de vidro.

— Ficou sim — Kaleb termina de recolher e começa a juntar o açúcar em uma vasilha grande, depois a deixa no chão na espera das formigas entrarem todas nela. — E então, que furacão passou por aqui ontem? — ele olha ao redor.

Tapo o rosto com a mão e me viro de costas para ele.

— Não sei se quero falar sobre isso.

— Você também me mandou uma mensagem ontem, de madrugada, dizendo que não precisava que eu fosse com você para a mansão Farrah. Nem hoje, nem nunca mais — Kaleb passa a língua pelos lábios e vigia Nicolas com o olhar. — Eu não sei se posso te ajudar se não souber o que está acontecendo, Anne.

— *Você quer me ajudar?* — levanto a sobrancelha.

— Eu quero. Aceitei a sua proposta justamente para isso. Para ajudá-la.

— *Será?*

Kaleb suspira e vem em minha direção, para quando estamos de frente um para o outro, bem próximos.

— Por que você está na defensiva, Anne?

— Me desculpe, Kaleb, mas não acho que exista outra forma de estar, nesse momento. Eu tenho muita coisa na cabeça agora e... a única coisa que consigo é manter essa postura.

— *Por quê?*

É a minha vez de suspirar.

Pensei que essa cena seria diferente. Eu queria estardalhaço, câmeras, a Oprah gritando e correndo para todos os lados e a plateia indo ao delírio.

Mas a vida real não é um programa de televisão. E eu preciso me contentar com essa conversa sóbria com Kaleb.

— Samuel veio aqui ontem, de madrugada.

Kaleb fica imediatamente apreensivo. Olha para o antigo caos que estava na cozinha e volta a me fitar. Estende suas mãos em minha direção e analisa o meu rosto, o meu pescoço e meus braços.

— Você está bem?

— Eu estou — afasto as mãos dele.

— Você poderia ter me chamado.

— Eu sei me virar. A Emms estava aqui.

— O que ele fez com você? — Kaleb tapa o rosto. — Eu não devia ter te deixado aqui sozinha...

— Eu não estava sozinha. As minhas amigas estavam aqui e a Emmanuelle me socorreu no momento exato.

— Ele encostou em você? — Kaleb avança de novo, procurando qualquer indício de machucado. — Eu vou matar aquele desgraçado.

Uma parte de mim se sente confortada em perceber que de alguma forma *Kaleb se importa*. A outra parte de mim só consegue se perguntar se tudo isso não é pura encenação.

— Kaleb... *eu sei quem você é*.

Kaleb descruza os braços e pisca os olhos com calma. Toca o indicador no nariz e vigia mais uma vez Nicolas para ter certeza de que ele ainda está por ali.

— *Pela milésima vez: eu não sou o Christian Grey* — ele revira os olhos.

— Eu sei que não, Kaleb. Eu sei que você é... — prendo até a respiração ao ter de dizer isso. — *Kaleb Farrah*.

*Eu não disse? Isso teria muito mais impacto se eu estivesse jogando as coisas no chão e a Oprah levantando a plateia.*

Mas eu estou exausta. Chega de drama, chega de dor e mentiras. Só *chega*.

A reação de Kaleb é no mínimo inusitada. Ele não se altera, em nada. Continua do mesmo jeito que está, parece que congelou na pose.

— *Você não vai dizer nada? “Eu posso explicar” ou algo do tipo?*

— Eu não sou Kaleb Farrah — ele limpa os lábios e depois passa as mãos pela calça jeans surrada.

— Ah, corta essa! — aliso a bancada e dou as costas a ele.

— Eu não sou Kaleb Farrah — ele repete.

— Kaleb, chega de mentiras! Eu já descobri, pessoas que te conhecem me disseram isso, eu pesquisei na internet, agora eu sei todo o seu passado!

Sinto que meu espaço pessoal é invadido quando ele toca em meu ombro e me vira devagar. E ao perceber que eu fiquei tensa, ele caminha até ficar em meu campo visual.

Eu só quero chorar. Eu não aguento mais.

Como cheguei nesse ponto? Coloquei tantas coisas nas costas para carregar e só agora percebi que não suporto mais...

Nicolas vem correndo e abraça minha perna. Acho que escuto algo como:

— *Toma carinho* — acho que é o que ele diz, enquanto suas mãos passam pela minha perna.

— Eu não quero que ele me veja assim. Leve-o para casa — peço.

Kaleb pega Nicolas no colo e se afasta. Quando penso que eles foram embora, vejo que Kaleb senta Nicolas no sofá e conversa bem sério com ele para que ele não saia dali.

Quando ele volta para perto de mim, eu me sinto um lixo. Não queria que ele me visse assim...

— Eu estou cansada, Kaleb. Não aguento mais...

Ele fica bem próximo de mim e abre os braços. Eu não deveria, eu sei que não deveria, mas eu vou para seu aperto, mesmo que seja, de alguma forma, encenação.

— *Eu não sou Kaleb Farrah* — ele murmura, quando estou levemente mais calma.

— Você é o irmão da noiva — é o meu argumento.

— Sim, eu sou irmão da Sabrina.

*Então como que ele não é um Farrah?*

— Kaleb Farrah é o que eu *era*, no passado, Anne. Eu não sou mais aquele passado. Eu não sou mais aquele cara. Eu fui deserdado, eu não posso usar o sobrenome, não tenho mais as regalias da família. O meu pai me tirou tudo o que podia. Se como homem público eu aparecer por aí e disser que sou Kaleb Farrah, ele pode me processar. Porque é assim que ele é. *Kaleb Farrah é uma criação dele. E eu não tenho direito a nada, desde que eu fugi.*

Solto-me de seus braços para poder olhá-lo. *O que ele está dizendo?*

— Sim, eu sou o irmão da noiva. E sim, desde o início eu sei que você quer destruir o casamento da minha irmã.

— *Então porque você...?*

— *Eu também quero. Anne, ela não está feliz. Ela estava bem, mas não para de emagrecer e ficar doente... também quero pôr um fim nisso...*

— Você podia ter me contado, Kaleb.

— *Que diferença faria?*

— Toda a diferença, Kaleb!

— Anne — Kaleb sorri de nervoso e segura em minhas mãos. — Era o seu momento. Era o seu plano, a sua raiva, a sua hora de brilhar! Você estava exausta de ser a coadjuvante de sua própria história e no desespero decidiu que queria ser a protagonista!

Engulo em seco. Por mais que eu esteja irritada, preciso admitir... *Kaleb está certo.*

— Não era o meu momento de brilhar, Anne. *Eu tive o meu momento.* Agora é o seu momento. E eu sou o coadjuvante da sua história. E quer saber? Eu não me importo de ser coadjuvante nela, contanto que você seja a protagonista. É só isso o que eu quero.

Um longo filme se passou pela minha cabeça. Desde as nossas primeiras conversas até esse momento.

Principalmente a parte da piscina, em que Kaleb me instigou a pensar: de que valeria à pena viver aquela vida de luxo se ele não pudesse tomar todas as escolhas que quisesse? E viver como quisesse?

— Por que você está me ajudando, Kaleb? Quais são seus interesses ocultos?

— Eu já estive em seu lugar, Anne. Eu já vivi um relacionamento abusivo e no fim dele *tudo* me foi tirado. Eu só tinha o Nicolas. E eu... — Kaleb respira fundo. — Só queria que alguém tivesse feito por mim, o que eu fiz por você.

Abaixo a cabeça.

— Mas eu não posso mudar o passado. Só o presente. E é por isso que estou fazendo por você algo que espero que um dia você faça para outra pessoa também.

— *Mentir?* — sinto as lágrimas voltarem aos olhos.

— Notar que quando você, uma formiguinha — ele toca na ponta do meu nariz — não consegue suportar o peso... está na hora de receber ajuda. Quem eu sou não importa. O que importa, Anne, é que você não está sozinha. *Eu não vou te deixar sozinha*. Se for pesado demais, eu vou dividir o peso contigo. E nós vamos juntos carregar isso até o fim. Com casamento ou sem casamento.

Mesmo com tanta dor e uma profunda sensação ruim, sinto que encontrei as respostas que me atormentaram.

Não estou em paz nesse momento, mas irei me recuperar.

— Eu não menti para você em nenhum instante. Eu ofereci o meu verdadeiro eu a cada momento — ele chega bem perto. Consigo ver seus olhos brilhando e uma lágrima descendo. — E mesmo que você não entenda ou não acredite em mim e achar que isso for motivo... quando você não estiver mais aqui por mim, Anne, você não precisa duvidar...

Meus lábios já começam a tremer desde já.

— *Eu vou estar aqui por você.*



# Capítulo 30

## *Kaleb Petterson*

Esperei o tempo de Anne para que ela pudesse se recompor. Chorar e desabafar pareceram ter feito muito bem a ela, não a vi com o semblante tão sereno assim desde ontem de manhã.

— Você não vai à mansão Farrah hoje?

— Não, Kaleb. Preciso de um tempo para me recuperar — ela passa os dedos pelo rosto, termina de limpar as lágrimas e começa a ajeitar as coisas na cozinha.

— Ótimo. Se arrume e esteja pronta em vinte minutos — avalio o relógio, pego Nicolas no colo, mas ele se debate para descer.

— Me arrumar para quê? — ouço Anne perguntar atrás de mim.

— *Fomigas* — Nicolas estende os bracinhos e começa a balançá-los sem parar, conforme vamos saindo da casa de Anne.

— Vamos levar as formigas para casa, filho. *Todas elas*.

## *Anne Moore*

Eu não pude acreditar. De verdade.

Eu já havia entendido que para Kaleb tudo era mais fácil. Afinal de contas, por ter dinheiro, contatos e influência, ele conseguia tudo o que

queria, na hora que queria.

Não foi diferente com o jatinho que nos trouxe para Nova York.

Eu nem acreditei!

Quando estávamos sobrevoando o espaço aéreo da minha terra natal, meu coração já bateu diferente.

Claro que Miami possuía um clima mais agradável e limpo que Nova York, mas ali eu sentia que tinha um refúgio impenetrável. Um lugar só meu e que eu poderia descansar a cabeça.

O primeiro momento foi de negação total. Eu não queria vir, não conseguia entender como passar algumas horas aqui poderiam me ajudar...

— Anne?! — minha mãe abriu a porta, afoita e se jogou em meus braços quando me viu.

Antes de chegarmos em minha casa, avisei a Kaleb que minha mãe, avó e irmãos, moravam em um lugar modesto no Brooklyn.

Um lugar bem diferente dos que ele deve ter frequentado durante a vida. Não havia nada chique, caro e requintado por ali.

Mas haviam quadros cheios de fotos postos na parede, vasos baratos com plantas comuns e janelas que permitiam a entrada de luz, poeira e fumaça da bela e inconfundível Nova York.

— Mamãe! Vem ver quem veio nos visitar! — minha mãe grita para o corredor.

— Aqui eles gritam bastante — preciso pontuar para Kaleb.

Ele acena e imediatamente coloca os abafadores de ouvidos no filho, que ainda estava vestido de formiga.

— *Não estou vendo as fomigas* — Nicolas reclama para o pai.

— Elas devem estar aí, em algum lugar — Kaleb se abaixa e começa a explicar ao pequeno alguma coisa.

A minha avó aperta os óculos gigantes contra o rosto e me abraça. Fico sufocada no meio das duas mulheres, Susan, minha mãe, já não me solta. Está grudada em mim desde o momento em que me viu. E a minha avó Mary, agora, acrescenta o peso para me deixar sem ar.

*E quer saber? Não há sensação melhor!*

Demoramos incontáveis minutos nesse abraço, choramos juntas e limpamos nossas próprias lágrimas. Kaleb e Nicolas assistem a tudo aquilo, quietinhos.

— Como estão as coisas em Miami, filha?

— Estão bem... dentro do possível... tudo vai ficar bem... eu espero...

— Vamos, entre! Me conte tudo sobre Miami, as praias, a sua loja e a doida da Emmanuelle! — minha avó sai sacudindo os braços quando entra, toda festiva.

— *Quem são eles, Annelise?* — minha mãe fita Kaleb e Nicolas. Mais Kaleb do que Nicolas, é claro.

Kaleb é o tipo de homem que quando se põe os olhos nele, não dá mais vontade de tirar. Ele é alto, charmoso, se veste bem, é cheiroso, e acima de tudo e mais importante: tem um coração de ouro. É um *show de vizinho*.

— Mãe, esse é o Kaleb, meu vizinho — eu os apresento.

Kaleb estende a mão e a minha mãe a aperta. E demora para soltar. Só consegue ficar balançando, meio hipnotizada.

— E esse aqui é o pequeno Nicolas, ele não gosta que estranhos toquem nele — advirto logo, já que ela estendeu a mão e o pequeno só encostou o nariz para cheirar. — Nicolas... bem... como vou explicar...

— O meu filho é autista — Kaleb sorri de um jeito gentil. — Ele não é de fazer bagunça, mas ele vive *no próprio mundo dele*. Nós só viemos trazer a sua filha em segurança e voltaremos para buscá-la em breve. Aproveitem o tempo juntas!

— Mas vocês acabaram de chegar! — minha mãe fica ofendida. — Como assim já vão embora? Não vão sequer entrar para tomar café?

— Café não — Nicolas mexe o indicador em sinal negativo. — Tem *fomigas*?

— *Formigas*? — minha mãe se vira para mim, os olhos arregalados.

— Só digamos que o Nicolas tem certo fascínio por formigas, mãe. Ele gosta de observá-las.

— Entendo — ela analisa o figurino dele. — Na verdade, Nicolas, têm formigas por toda parte, nessa casa! E cupins! Meu Deus do céu, tomara que o teto não caia em cima de nossas cabeças!

Acabamos os três rindo e Nicolas muito sério, a testa franzida. Ele dá um passo à frente.

— Eu quero ver *fomigas* — ele cruza os braços.

— Ah! Tenho certeza que posso te mostrar, vem ver! — ela o chama com a mão e ele instantaneamente vai, segura na mão dela e entra, como se fossem velhos conhecidos.

Fico parada assistindo os dois entrarem e Kaleb se posiciona ao meu lado.

— Ele se sente em casa sempre que tem formigas no lugar, é? — reflito.

— Todos nós nos sentimos em casa quando tem algo que amamos por lá — Kaleb dá a resposta perfeita.

— Obrigada por me trazer. Sei que fui muito firme no início e você praticamente precisou me arrancar do chão para que eu entrasse no carro e fôssemos pegar o jatinho...

Sinto suas mãos em meu ombro, subindo cuidadosamente até chegar em meu pescoço, onde ele acaricia devagar.

— Anne, eu quero o seu bem. E eu sei que não há lugar melhor para se recuperar do que com a sua família.

— Novamente, muito obrigada.

— Não me agradeça. Só aproveite cada segundo perto deles, pois voltaremos para Miami de madrugada. Sei que não parece muito tempo, mas... *nunca é, Anne. Nunca é.*

Assinto e entro dentro de casa.

Ao menos, eu tento.

Sou impedida pela mão dele e rapidamente sinto seu corpo avançar até mim. Kaleb me beija com tanta ternura que não importa mais se estou em Miami ou Nova York. Sinto que há algo especial em seus braços, há algo que me aquece e me deixa confortável em seu beijo.

Nossos lábios, quando se tocam, acendem uma paixão avassaladora em mim. Sinto-me, enfim, no lugar certo, na hora certa, com a pessoa certa.

E no abraço que somos embalados um ao outro e na troca de olhares que se seguem quando nos afastamos cuidadosamente, eu sinto meu coração desmanchar até que o corpo fique tenso e suave ao mesmo tempo.

— *Annelise!* — a minha avó grita de lá de dentro.

— *Já vou!* — grito de volta.

Aliso o peitoral de Kaleb e ele vai me soltando aos poucos, parece que não consegue me deixar ir de uma vez.

Sua mão vai ficando leve no aperto até que eu sinto que posso simplesmente *escorregar* e ir.

Entro correndo, praticamente desesperada, e ainda tenho tempo de observar Kaleb entrando devagar. Ele fecha a porta e começa a fitar as inúmeras fotografias na parede.

Nicolas está muito ocupado vendo as formigas em uma rachadura no chão e a minha avó agora não para de perguntar onde conheci esse gostosão.

Sinto que já estou bem melhor.

## ***Kaleb Petterson***

Anne parecia outra pessoa agora. Nem de longe seu choro ao reencontrar sua família lembrava o choro de frustração, ódio e rancor que vi em sua casa.

Não importava o quanto eu tentasse explicar que ela precisava desse momento.

Algumas coisas na vida, mesmo quando entendidas, não fazem sentido algum. É preciso *sentir*. É preciso deixar a pele, o perfume, as lembranças e o afago falarem por si.

E eu me emocionei, do meu jeito mais fechado, ao observar tudo aquilo.

— Há quanto tempo vocês não se viam? — pergunto para Susan, a mãe de Anne.

— Desde que ela foi para Miami — ela não precisa pensar muito.

— Dois anos?!

Ela assente.

— Acho que você vai me entender quando digo que: não consigo me imaginar dois anos longe do Nicolas. Não nesse momento.

— É completamente compreensível, Kaleb. E sinto em te dizer que... para mim, como mãe, ela sempre vai ser o meu bebê. Não importa o quanto ela cresça, amadureça, crie sua própria vida... eu ainda me preocupo. Ainda me pergunto se ela teve um bom dia, se está comendo corretamente e se está feliz e satisfeita.

— *Isso não passa?* — encosto os cotovelos nos joelhos e apoio o queixo nos punhos fechados.

Susan ri e mostra que não, com a cabeça.

— Voltamos! — Anne, a avó e Nicolas retornam da cozinha. — O que vocês dois estão conversando? Se juntaram para falar mal de mim, é?

— Bastante! — Susan gargalha. — Você conhece Nova York, Kaleb?

— Sim, na verdade morei aqui por um tempo, com o Nicolas. A minha família mora aqui.

— Sua família não mora em Miami? — Anne se senta ao lado da avó.

— A família que eu escolhi para mim, mora aqui — explico. — A família que me aceita, me ama e me apoia.

— Para que serve exatamente a família, senão para isso? — Susan franze o cenho e me analisa.

— Penso o mesmo. Temos mais em comum do que imaginei — aponto para ela. — Vocês nunca foram à Miami? Não conhecem as praias?

— Meu filho, eu não conheço nem Nova York direito! — a avó de Anne se contorce na cadeira. — A vida é assim, você passa metade dela ralando sem parar, trabalhando para gente que faz coisa importante, sem saber o que fazem, exatamente... e em outro momento você só quer ficar em casa descansando, por cada dia, semana e mês que trabalhou.

— Umas férias não cairiam bem? — pergunto.

— Férias? Deitar na minha cama é o que chamo de férias!

— Nós não tivemos muitas oportunidades de viajar... — Susan explica. — Após a minha separação, principalmente, o meu marido levou tudo. E precisei reconstruir tudo do zero, com três crianças para criar. Digamos que agora a vida entrou nos eixos, mas... não posso simplesmente pensar “vou para Miami”. Preciso planejar muito para conseguir tal feito.

— É? — fico com a coluna ereta e estendo a mão. — Me dá o seu celular.

Susan acha o pedido inusitado, mas tira o celular do bolso e me entrega.

— Esse é o meu número — coloco o contato na agenda e ligo para mim, através do aparelho, para salvá-lo também. — E esse é o número de um homem chamado Ethan Evans, ele é o meu tio. E esse é da minha tia,



Layla Cavalieri. Sempre que precisar de algo você pode ligar e dizer que é da *família*, pode citar o meu nome e vai ter o que quiser.

— *Como assim?*

— Quer conhecer Miami? — sou curto e direto.

— Bem... eu...

— Quer ver as praias, senhora Moore? — me dirijo a Mary, a avó de Anne.

— Esse rapaz faz as minhas pernas tremerem — ela sussurra para Anne.

— As minhas também, vó, as minhas também — Anne retruca.

— Podem voltar conosco. Vão conhecer a *Sweet Show*, as melhores praias, poder passar mais tempo com sua filha...

As mulheres se entreolham, curiosas com a proposta. E eu entendo perfeitamente que se sintam um tanto assustadas com a *facilidade* que é a minha vida.

Mas se o meu dinheiro não serve para isso, para que servirá? Eu o tenho para que em momentos assim eu possa ajudar quem eu realmente me importo.

— Está falando sério? — Susan ainda não acredita.

— A casa da Anne é um tanto quanto pequena para recebê-las, mas eu garanto que se hospedarão em um lugar grande e confortável.

— Eu sempre quis ir à praia, Susan — Mary a cutuca.

— Ele só está sendo gentil... — Susan me dá um sorriso fraco.

Levanto-me e peço que elas se levantem também.

— Documentos, senhoras. Documentos, roupas leves e o que mais quiserem levar — anuncio.

— *Ele está falando sério?* — Mary volta a se contorcer na cadeira e puxa Anne pela roupa. — É sério?

— Vocês querem ir? Sei que chegamos há pouco, mas...

— Não me insultem! — Mary se levanta e arranca a filha do sofá. — Eu nasci em Nova York! E vou morrer nova-iorquina! Se uma aventura me chama, eu vou! Não importa a idade, o peso ou as dores nas costas... — ela sai andando para dentro da casa.

— *Você não existe* — Anne me reprova com a cabeça. Mas sei que o seu coração me aprova e é só isso o que eu quero.

— E os meus filhos? Eles... — Susan vem até mim, apreensiva.

— Esperamos eles chegarem — digo com simplicidade. — Vamos buscá-los, onde estiverem. Não se apressem! Temos até a meia noite...

Mary, a avó de Anne, reaparece na sala, a cabeça já passou pelo vestido, mas não consegue passar o braço. Então ela se contorce toda e grita para que a acudam.

— Eu sou de Nova York, garoto! — ela brada. — Aqui não tem outro tempo, senão o *agora*. Mais tarde não me interessa! Susan, eu vou ver a praia! Meu Deus! Obrigada, já posso morrer em paz!

— Pelo amor de Deus, vó! — Anne dá uns tapas nela.

Deixo as três irem se arrumar e me sento no chão, perto de Nicolas, que está com uma vasilha transparente cheia de doces e formigas.

— Olha só! Você fez novas amigas, filho!

— *Formigas*.

— Aonde quer que você vá, você pode fazer novas amigas. Sempre.

— Qualquer lugar? — ele afasta os abafadores de ouvido e me entrega a vasilha.

— *Em qualquer lugar. O mundo é muito grande. E tem muitas formigas, nele. Em cada lugar.*

— Eu posso conhecer o mundo?

— Você pode, filho.

— Tá — ele acompanha uma formiguinha subindo pelo braço dele com a lupa.

— Como você está, filho? — treino mais uma vez essa pergunta.

— Sentado! — ele responde com simplicidade.

— Muito bem, sentado — concordo com ele. — Mas e aqui dentro? — encosto o indicador na direção do peito dele.

Nicolas coloca a lupa no chão, fecha a mão e estica os indicadores. Leva-os para o lado dos lábios e quando os dedos estão na pele, ele sobe, formando um sorriso.

— *Assim.*

— Ah, você gostou de vir para Nova York conhecer a mamãe e a vovó da Anne?

Nicolas pisca os olhos e se distrai, volta a pegar a lupa e retorna a acompanhar a formiguinha.

*Droga. Frase longa demais. Preciso ser mais direto com ele.*

— Você gostou daqui? — pergunto.

Imediatamente ele coloca os dedinhos e sobe os lábios.

— *Contento.*

— *Contente* — o corrijo.

— Isso, nós dois — ele se levanta, vem até mim, coloca os dedos indicadores do lado dos meus lábios e sobe, me forçando um sorriso.

# Capítulo 31

*Anne Moore*

Rever a minha família depois de tanto tempo me causou um sentimento inusitado.

Eu estava exausta, pronta para explodir, com cada caco meu jogado no chão. E simplesmente ao ver a minha mãe, eu me senti bem e consolada.

Seu abraço foi libertador e quando ela passava as mãos em minhas costas, era como se ela limpasse toda a sujeira e arrancasse todo o peso desnecessário que eu não precisava mais.

Me questionei durante a viagem de ida se havia feito a escolha certa ao ceder à pressão de Kaleb. E, sim, foi uma escolha mais do que adequada.

Assim que a minha mãe e avó ficaram prontas e ligaram para Joshua e Wilker, meus irmãos, Kaleb chamou uma limusine e nos levou para passear em Nova York.

Fomos em pontos turísticos que a minha avó disse que sequer conhecia! E olha que ela nasceu aqui! E comemos bastante, rimos bastante e até fizemos algumas comprinhas.

Quando Joshua e Wilker vieram ao nosso encontro, apresentei Kaleb e Nicolas e expliquei que eles poderiam ir para Miami hoje e voltar amanhã bem cedo, para trabalhar. E como bons nova-iorquinos, eles se perguntaram: *por que não?*

Jantamos em um restaurante finérrimo chamado *Magnum Imperium*, Kaleb praticamente fechou o lugar para nós.

E após esse dia agitado, mas nada cansativo, fomos de jatinho para Miami.

A minha avó e minha mãe precisaram tomar remédio para dormir, porque só de entrar na aeronave elas começaram a ter um treco. Wilker e Joshua, entretanto, curtiram a viagem, as bebidas, os petiscos e não pararam de se perguntar se tudo aquilo era real mesmo.

Como a poltrona ao lado de Kaleb estava desocupada, já que Nicolas estava dormindo em seu colo, eu me sentei ali.

— Obrigada por hoje — falei baixinho, para não perturbar o Nicolas, mas como ele estava com os abafadores no ouvido, acho que não se importaria de jeito nenhum.

— Não foi nada — Kaleb falou com suavidade.

— Foi sim. Significou muito para mim. Eu não fazia ideia que... ao vir para cá eu recarregaria um pouco da minha energia para seguir nesse casamento... e no trabalho... e na vida — suspiro.

— Sei como é — Kaleb trocou Nicolas de lado para poder se virar em minha direção.

O silêncio entre nós falou alguma coisa.

Algo muito acalentador, certamente, porque senti meu coração mais quente. E precisei massagear as bochechas para impedi-las de enrubescer.

— Às vezes tudo o que precisamos é nos afastar, dar um tempo do que nos está afligindo e olhar a situação por outro ângulo. Sei que agora você vai conseguir.

— Uhum.

— Por que você não veio ver sua família antes?

— São várias as razões, Kaleb...

— Ainda bem que a viagem ainda vai demorar uma hora; acha que é tempo o suficiente para me dizer?

Entortei a boca e depois mordisquei o lábio inferior.

— Não quero te sobrecarregar com os meus problemas.

— Eu sou mais forte do que aparento — ele pisca para mim. Esse maldito não cansa de ser charmoso.

Após um longo suspiro e a insistência do olhar dele, decido dizer:

— Eu fui para Miami com um sonho. E não queria voltar para casa sem ter vencido nele.

— Não entendo.

— A outra razão que se mistura a essa é que: eu não tenho dinheiro, Kaleb. Eu investi tudo o que eu tinha, na *Sweet Show*. É claro que a loja consegue pagar os funcionários e se manter..., mas ainda não estamos lucrando. Bem... depois desse casamento... acho que vamos lucrar um pouquinho.

— Quanto vocês investiram?

— 150 mil dólares, cada uma.

Kaleb assente e seus olhos encaram o vazio, parece até que faz um cálculo rápido.

— O investimento já se pagou?

— Está se pagando.

— Qual a previsão de ter lucro?

— Daqui dois anos, quem sabe. Somos uma pequena empresa, concorrendo com outras bem maiores e nativas de Miami... mas estamos indo bem. Esse casamento da sua irmã fez um bom dinheiro entrar no caixa...

— Aham...

— Pude pela primeira vez montar uma equipe de cozinha de verdade, porque normalmente sou eu e mais quatro ou cinco tentando dar conta de tudo...

— Você quer que a sua família se orgulhe de você. E também quer que o seu sonho dê certo. E aí você iria visitá-las, com dinheiro de sobra e com boas notícias — ele avalia.

Kaleb é mesmo muito observador. Não precisei dizer muito para que ele traduzisse de forma tão simples os meus pensamentos complexos.

— A sua família tem orgulho de você, Anne — ele estende o braço e passa a mão pelo meu ombro. — E o seu sonho já deu certo. É uma empresa jovem, com boas ideias, tem limitações, mas funciona.

Concordo com ele.

— Quando a família se ama, ela não está preocupada apenas com as boas notícias. Os laços não se firmam só nos sorrisos. Famílias se unem quando percebem que a parede está rachando... que a conta precisa ser paga... que alguém precisa de um abraço porque teve um dia ruim, mesmo que o seu dia tenha sido pior.

Para um cara que foi abandonado pela família, Kaleb parecia entender bem sobre uma.

— Elas querem tanto ficar perto de você que aceitaram entrar no jatinho de um completo desconhecido que só apareceu em sua casa



repentinamente para passar alguns dias com você em Miami... elas sabem que você precisa delas. E elas também precisam de você.

— Você sempre tem repostas e frases para tudo?

— Não — ele conserta o corpo e começa a balançar Nicolas levemente. — Mas famílias são famílias em qualquer lugar. E problemas são problemas em qualquer lugar. E sonhos são sonhos em qualquer lugar. Passamos tanto tempo ocupados estudando a língua, matemática e geografia que nos esquecemos de ensinar coisas simples sobre viver a vida. Eu aprendi da forma mais dura, você não precisa passar por isso.

— Por que não?

— Porque eu estou aqui, para você.

— Novamente, muito obrigada, Kaleb...

— É sempre um prazer ajudá-la — Kaleb fecha os olhos e encosta a cabeça na poltrona.

Passo o restante da viagem dividida entre acompanhar o percurso pela janela e observá-lo dormir com o pequeno Nicolas em seu colo.

Ninguém nunca fez isso por mim.

Não o fato de gastar dinheiro comigo, mas *se importar. Prestar atenção. Não me julgar e permanecer ao meu lado.*

E havia um brilho ainda maior em Kaleb porque mesmo sendo muito mais rico, atraente e inteligente do que eu, em nenhum momento ele me menosprezou ou se gabou do quanto era *qualquer coisa a mais* do que eu.

Ele só esteve ali, às vezes em silêncio, às vezes com um sorriso, dando suporte.

Eu nunca pensei que amar era assim. Não foi isso o que eu senti nos últimos dez anos. Talvez tenha sido isso o que fiz, dentro das minhas limitações, mas nunca recebi de volta.

E se amar não é exatamente essa sensação que o meu peito sente agora, acho que pelo menos sei que amar não é o que eu senti por Samuel.

Em meio aos meus pensamentos pousei a cabeça no ombro de Kaleb e dormi também.

### ***Kaleb Petterson***

Assim que chegamos a Miami eu levei a família Moore para um dos iates.

Apresentei-lhes a praia e desejei que se divertissem e aproveitassem tudo. Também deixei o motorista e o jatinho aos serviços dos irmãos de Anne que precisariam retornar ao trabalho pela manhã.

Anne ficou com eles e eu levei Nicolas para casa, combinamos de nos encontrar na mansão dos Farrah no dia seguinte.

Como de costume, acordei bem cedo e preparei toda a minha agenda do dia, assim como a de Nicolas, que passaria por algumas pedagogas. Preferi que ele tivesse aulas em casa primeiro para depois ir para uma creche.

Ele não se sentia confortável com o grupo de colegas autistas, então temi que nesse primeiro momento, estar rodeado de crianças desconhecidas o intimidaria.

Quando Nicolas já estava ocupado, fui para a mansão Farrah encontrar Anne.

Ela já estava lá com sua mãe e avó e parecia animada explicando como eventos assim funcionavam, mostrou como os preparos eram feitos de modo ágil e como tudo ficava organizado.

— Viram o sol nascer? — foi a primeira coisa que perguntei após cumprimentá-las.

— Simplesmente lindo — a dona Mary grudou em meu braço. — Muito obrigada, de verdade! No início pensei que não conseguiria ficar em paz, principalmente ao dormir em um negócio que boia na água, mas tudo ocorreu bem!

— Fico muito feliz em ouvir isso, senhora Moore.

— Quando você precisará do iate de volta? — Susan pergunta.

— Não precisarei — sorrio. — Podem ficar quanto tempo quiserem. Até que estejam fartas de ver a praia e o nascer e pôr do sol todos os dias!

— Muito obrigada, de verdade!

— É o mínimo que se faz pela família.

— *Kaleb?*

Falando em família...

Viro-me devagar até encontrar o rosto do meu pai, Zachary Farrah, e a minha mãe, Diana Farrah.

Faço um aceno breve com a cabeça para a família Moore e me afasto sem grandes alardes até estar diante dos meus progenitores.

— Você está bem diferente — minha mãe coloca as duas mãos em minha barba. — Parece um lenhador.

— Eu gosto.

— Tinha ouvido falar que você estava aqui, mas não acreditei. Precisei voltar de viagem para ver com os meus próprios olhos! — meu pai me examina também.

— Como pode ver, estou aqui.

Esse reencontro foi bem diferente de como imaginei. Eu esperava uma dúzia de seguranças, pancadaria, talvez até armas...

— Precisamos conversar — meu pai, como um bom homem de negócios, encurta a conversa, me dá as costas e indica que eu o siga.

— É tão bom te ter de volta em casa, meu filho! — minha mãe não me deixa ir e me abraça com força.

O abraço não dura muito, porque somos interrompidos pelo meu pai arrastando a minha mãe pelo braço.

— *Não temos tempo!* — ele rosna, entra em um carro de golfe e dirige para a mansão.

Não tenho muita pressa, então o sigo com minhas próprias pernas. Mas não tarda até que apareça um segurança em outro carrinho para me levar até a propriedade.

Da chegada ao hall de entrada até subir as longas escadas e entrar em seu escritório, meu pai fica em silêncio e não me dirige nenhuma palavra.

Apenas quando se senta em sua poltrona, ou melhor, o seu trono, ele volta a me analisar e enxota a minha mãe com as mãos, sem encará-la.

Ela sai, obedientemente e ficamos só nós dois.

— *Voltou, não é?* — ele debocha e acende um charuto.

Me oferece, mas eu não fumo.

Então ele indica que eu me sente e pousa os punhos unidos na mesa.

— Estou aqui pela Sabrina. E nada mais do que isso.

— Você foi expulso desse lugar e dessa família — não há qualquer sentimento em sua voz, nem raiva, nem amor.

— Eu sei.

— Não pode voltar quando quiser ou por qualquer motivo.

— *Eu sei* — reforço.

O senhor Farrah, meu pai, respira fundo e se afasta da mesa. Bate os dois pés com seus sapatos finos em cima da madeira, cruzando-os e se estica na poltrona.

— *Cinco anos, Kaleb... cinco anos...*

É. Eu vi o tempo passar também, eu sei cada mês, semana, dia, hora e segundo que se passou desde que abandonei esse lugar; ele diz que me expulsou.

Não entrarei em méritos, o que importa é que deixei de ser seu fantoche.

— Cinco anos mudam lugares... pessoas...

— E você mudou, senhor Farrah?

O meu pai ergue bem a sobrancelha e me fita com demora.

— Todos nós mudamos.

— É claro que sim — balanço a cabeça.

— Kaleb, eu preciso que você entenda que eu não tenho ressentimentos. Você tem o meu sangue. *Você é o meu filho.* Você foi firme

em sua decisão e até onde sei, soube se virar, mesmo com as sanções que lhe foram acometidas.

Ele continua o mesmo. Fala de um jeito impessoal, como se eu fosse um reles empregado de sua empresa.

Ele não consegue admitir que eu transformei a empresa em um império.

— Você chama de perseguição, bloquear meu dinheiro, minhas contas, tentar tirar o meu filho de mim e afastar todas as pessoas que eu gostava de *sanções*? — é a minha vez de levantar a sobrancelha. — *Eu chamo isso de perversidade.*

— Chame como quiser — ele dá uma baforada. — São águas passadas e você está de volta.

— *Apenas para o casamento de Sabrina* — reforço.

— Eu pensei muito após o seu *exílio*, Kaleb. E eu entendi que você era jovem e imaturo... eu quis protegê-lo. Você é um gênio dos números e é ainda melhor quando lida com pessoas. Me aborreceu imaginar que você jogaria tudo isso fora só por um filho.

— *Só?* — me levanto.

— Eu estava errado — ele se levanta também. — É duro admitir, mas eu estava errado. Eu deveria tê-lo apoiado. O seu fardo seria menor se a criança tivesse crescido no seio da família...

Isso consegue aplacar um pouco a minha raiva. Só de ouvir que ele disse que “está errado” já é uma surpresa e tanto!

— Mas peço que me entenda... nós não somos qualquer família, Kaleb. Nós somos os Farrah! O que você acha que pensariam de nós ao descobrir que tínhamos um herdeiro com... *limitações*...

— Nicolas não tem limitações — bato com o punho cerrado na mesa.

— *Ele é especial* — o senhor Farrah amplia a voz. — Cinco anos atrás eu pensava diferente. E hoje vejo que errei e fico feliz que tenhamos esse momento para passar por cima do passado e resolver nossas diferenças.

— *O que você quer?*

O senhor Farrah se senta de forma majestosa em sua poltrona e volta a se aproximar da mesa.

— Volte para o seio da família e traga o seu filho. Vocês serão bem aceitos e terão de volta todos os benefícios.

— *Eu não preciso dos seus benefícios e também não os quero.*

— Mas nós precisamos de você e do seu filho, Kaleb. Somos diferentes agora. Amadurecemos! Você não consegue entender como foi para Diana ficar cinco anos sem o seu filho e neto? Como foi para a Sabrina? E para mim?

*Isso não é sobre ele.*

*Tampouco é sobre a minha mãe e a minha irmã.*

*Eu conheço esse homem. Eu sei que todo esse jogo guarda alguma coisa e preciso descobrir o que é.*

— Nós sentimos a sua falta. E queremos ter Nicolas crescendo aqui, como um Farrah, recebendo os cuidados e benefícios como um membro dessa família.

— *E o que você quer em troca?*

Meu jogo é sempre limpo e transparente.

Não tenho tempo para toda essa conversa, eu já entendi o ponto dele. Agora só preciso entender o preço que preciso pagar por tal.

O senhor Farrah respira com demora e em seu olhar escorregadio eu consigo ver a verdade por detrás de suas palavras.

— Eu quero que se case com Gabriela Weiss.



# Capítulo 32

*Anne Moore*

— Então quer dizer que tudo isso é dessa gente? — minha avó olha em volta.

Indico para ela onde estão os outros salões de festas, mostro a piscina, o bosque... quando mostro a mansão ela quase cai para trás. Só esse salão de festas aqui é dez vezes maior do que a casa em que cresci.

— Imagino que seja uma família de setenta pessoas — ela diz abismada.

— Se minhas contas estiverem certas... acho que três ou quatro — cruzo os braços.

Ela quase cai dura para trás. Procura rapidamente um lugar para se sentar e se abana.

— *Tudo isso? Para quatro pessoas? Meu Deus, quanto exagero!*

— Em Nova York estamos mais acostumadas com os prédios. Mas ver toda essa paisagem natural... e imaginar que tudo isso só é desfrutado por pouca gente... é surreal...

— Os Farrah são donos de quase todas as terras aqui em Miami. E ao que me parece, pretendem expandir em breve.

— E você e suas amigas organizaram tudo isso? A comida, a decoração e o som ambiente? — minha avó continua em estado de choque.

— Em todos os salões e na mansão.

Ela tira os óculos para limpar e não para de sacudir a cabeça em sinal positivo.

— Só não faremos o bolo de casamento, de resto, tudo está sob o controle da *Sweet Show*. É o maior evento que pegamos até agora!

— Parabéns, querida! — minha mãe me aperta em seus braços. — Eu sabia que você conseguiria!

— Demorou um pouco até que pegássemos algo desse porte..., mas tudo ocorre no tempo certo. Não sei como daríamos conta de uma estrutura assim no passado..., mas agora, após aprender com nossos erros e acertos, nós fizemos um bom trabalho aqui.

— *Bom? Excelente!* — a minha avó se levanta, decidida. — Quero ajudar. O que há para fazer?

— Calma, vovó, vocês não vieram aqui para trabalhar! Só fiquem sentadas e relaxem, as meninas e eu temos tudo sob controle!

— Você tem certeza?

— Sim.

— E os noivos, Anne? Onde eles estão? — a vovó pergunta.

*Que merda! Chegamos na parte mais difícil.*

## ***Kaleb Petterson***

Sou pego de surpresa com essa proposta. Meus pensamentos viajam tão longe que fico paralisado na cadeira, tentando entender o que está acontecendo.

Ao sair do transe, vejo que o senhor Farrah está andando pela sala.

— A Farrah será ainda maior do que você a deixou — ele percebe que agora tem a minha atenção e se aproxima. — Chegou a hora de ampliar a nossa influência e construir raízes na história de Miami.

— É só nisso que você pensa? Poder e dinheiro? — provoco.

— *Há algo mais a se pensar?* — ele retruca com tranquilidade. — Cinco anos amoleceram você, Kaleb? Já não aprendeu que amor não é um investimento? Ele não te retorna nada valioso. Mas dinheiro e poder retornam cada investimento gasto!

Eu conheço essa conversa. Agora ela está mascarada com um embrulho mais bonito, mas não deixa de ser um *presente de grego*.

— Não estou pedindo para que ame aquela garota. Ela é desprezível.

A minha boca automaticamente se abre ao notar que enfim concordamos em algo!

— Mas o pai dela, com o meu apoio e de outros colegas, se tornará presidente dos Estados Unidos, em breve. Você não vê a oportunidade aqui, Kaleb?

*A oportunidade para cometer um crime? Sim, eu vejo.*

— *Não gostou da proposta?* — o meu pai encosta na mesa e passa o punho fechado por ela. — *Acabamos com o casamento da Sabrina aqui, agora mesmo. Assim que você fizer a escolha certa, acabamos com essa droga de teatro e será você a se casar.*

Agora ele jogou baixo. Baixo até demais!

— Você a está usando...

— *Kaleb, somos homens, não seja moralista...*

— Você sabe que ela está mal e adoecendo! E ainda assim você quer vender a sua filha a troco disso? De me subornar?

— Eu sei que você voltaria por ela, já que não voltou nem mesmo por sua mãe — sua voz exala um *quê* de vitória. — Então eu peguei o verme mais desprezível, fi-lo acreditar que ele receberia alguma coisa com isso... mas eu estava de olho *no peixe maior*. Não é possível pescar sem uma boa isca, Kaleb.

— *E eu sou o seu peixe maior?*

— Não tenho mais tempo de ter um filho às pressas e esperar que ele crie maioridade. E também não reconhecerei nenhum dos bastardos que tive, água e óleo não se misturam, é assim com o nosso sangue e o sangue dessa gentinha.

— *Você é pior do que eu me lembrava* — murmuro para mim mesmo.

Como pude ser tão tolo?

— O casamento ocorre em dois dias. Sabrina não precisa se casar, mas ela é uma boa filha e respeita a família. Ela está fazendo isso por mim.

— *Ela está fazendo isso porque você a ameaçou! E disse que ia tirar tudo dela, como fez comigo!* — agora eu me levanto e vocifero com ódio.

— Algumas pessoas não cedem à razão — ele une as mãos, mantém a tranquilidade. — Então precisam de um empurrãozinho...

— *Para o abismo?*

— Para onde eu quiser — ele é firme. — Porque *eu* sou o chefe da família e *eu* dou as ordens aqui.

Preciso me segurar para não cometer um crime.

— E você está me dando ordens agora?

— Estou propondo que volte para a família e faça esse *pequeno sacrifício* por ela. Weiss e eu temos um trato há tempos, mas um *pacto de sangue*, um casamento arranjado, sempre foi a solução para coisas assim, desde antes da idade média.

— Os anos se passaram e você ficou maluco, *papai*.

— Não seja emocional. Somos homens, não sentimos nada, além de interesse. Não estou dizendo para que ame a filha do Weiss. Case-se com ela e procure amor em qualquer outro lugar. Mas o papel assinado é a garantia...

— *De quê?*

— De que Weiss vai me devolver cada investimento que fiz para que ele chegasse onde chegou e ele não se esqueça de mim, quando estiver na Casa Branca.

Cruzo os braços e é a minha vez de analisá-lo. Preciso ter certeza de que ele está falando sério.

— O que te faz pensar que eu irei cooperar com seus planos sujos agora? Não cooperei há cinco anos, você pensa que agora irei ceder?

Ele debocha da minha cara ao gargalhar.

— Tenho uma proposta boa dessa vez, Kaleb. O fim do casamento da sua irmã, o seu retorno para a família e enfim você não precisará mais fugir, pois cessarei a nossa guerra. *Estaremos em paz*. E tudo o que você precisa fazer é dizer “sim” quando for questionado sobre a união. Depois você é livre para fazer o que quiser.

Vejo-o levantar o braço em minha direção e estender sua mão.

*Ele quer a resposta agora?*

— Eu preciso da sua resposta, Kaleb. *O tempo está passando rápido...*

## ***Anne Moore***

— *Samuel?! —* a minha avó grita, de onde está, mas acho que deu para ouvir por todos os cantos da propriedade.

— Vocês não estavam juntos há pelo menos uma semana e meia? — minha mãe pega o celular. — Eu tenho uma mensagem sua aqui... é recente... *como assim ele vai se casar?*

— Eu pensei que ele se casaria com você! — minha avó se levanta e eu mesma a empurro de volta para a cadeira.

— Vovó, fique aí.

— *Aqui? Eu vou caçar esse moleque!*

— Está tudo bem agora, é melhor assim.

— *Como que é melhor assim? São dez anos, Annelise! Dez anos! —* minha mãe está horrorizada.

Não tanto quanto eu, é óbvio.

Preciso de um segundo para me recompor, respirar fundo e esfregar as mãos no rosto. Chamo as duas para fora da cozinha, na parte externa, para que possamos conversar livremente.

Não tratarei da minha vida pessoal na frente das minhas funcionárias.

Tudo o que menos quero é fofoca. E não estou fazendo isso por Samuel, mas pela Sabrina e por mim. Nesses casos, é sempre a mulher que

sai como errada.

Ninguém quer saber o que realmente aconteceu. Só quer apontar o dedo e desmerecer um lado, e nesse caso, eu levaria a pior com certeza.

— *Sim. Foram dez anos* — digo de uma vez quando estamos em frente à piscina.

— *O que houve?*

— A vida, mamãe. *Houve a vida*. A vida aconteceu e ela me mostrou que era melhor assim.

— Mas como ele terminou tão rápido com você e procurou outra para se casar? — minha mãe está horrorizada, coitada.

E, mesmo falando aqui fora, ela praticamente se esgoela.

— Ele te enrolou dez anos... — minha avó está chocada, parece que a ficha não caiu.

Demorou para que a minha caísse também.

— E ia me enrolar por pelo menos mais dez anos — me divirto.

— *E você ainda ri? Você perdeu o juízo, Annelise!*

— Mamãe — puxo ela com um braço. — Vovó — puxo ela pelo outro. — Me escutem bem. Eu sei que em grande parte vocês ficaram tranquilas com a minha vinda para Miami, por causa do Samuel. Mas ele e eu não estamos mais juntos e eu sei me cuidar. Eu não estou sozinha. Eu tenho a Emms, tenho a Luna... *até o Kaleb e o Nicolas agora...*

— Espera! — minha mãe faz uma pausa dramática. — *Você está pegando o Kaleb?*

Faço que sim.

— Eu não te disse? Eu não falei? Nós podemos ser tudo, mas burras nós não somos! — minha avó começa a se chacoalhar toda. — Essa menina só me dá orgulho!

— Poxa... e eu achando que tinha chances... — minha mãe lamenta.

— *Mamãe!* — a repreendo.

— O que foi? Você já viu o tamanho daquele homem? Dá para dividir para cinco mulheres, pelo amor de Deus!

— Mas ele é só meu — digo por impulso e imediatamente me calo.

Isso é o que eu acredito e quero. Mas Kaleb e eu não temos nada declarado ou oficializado... até a última atualização, isso aqui ainda era *mentirinha*.

Uma boa e deliciosa *mentirinha*.

— Na verdade o Samuel...

— Ah, foda-se o Samuel! — minha avó me dá um tapa que quase me desmonta toda. — Quem liga para aquele *pouca sombra*?

— Ainda assim — preciso reforçar. — Não quero que joguem qualquer esperança em cima do Kaleb. A minha vida vai continuar, com ou sem ele.

— Melhor com — minha mãe pensa alto.

— E sem — minha avó levanta a sobrancelha.

— E com — minha mãe faz um movimento obsceno com a mão.

— *E sem* — minha avó faz o movimento contrário.

— Deus me livre vocês duas! — fico chocada. — Nem precisam fazer teste de DNA, eu sei que sou dessa família — começo a rir e faço o



mesmo movimento com a mão, mas bem rápido. — *Com e sem com e sem com e sem...*

Acabamos as três gargalhando feito três bocós e nos abraçamos.

— As coisas vão ficar bem de agora em diante, eu prometo. Não porque tem um homem no jogo...

— *E que homem* — minha avó pontua.

—... mas porque *eu* me encontrei. E *eu* quero lutar pela minha felicidade, pelo meu negócio e pelo que é melhor para mim. O Kaleb é alguém muito importante que surgiu em minha vida, mas ela não vai acabar se ele se for.

— Annelise Jones Moore! Se você deixar esse homem escapar! — minha mãe me ameaça com o olhar.

De início eu me divirto com o tom dela, mas preciso admitir.

— Kaleb é um homem inteligente, mamãe. Se eu fosse ele, eu fugiria...

— Isso aí, Annelise! Autoestima está ó, lá no alto! — minha avó me reprova.

## ***Kaleb Petterson***

Saí da reunião com o meu pai direto para casa.

Às 22h eu fui até a casa ao lado e toquei a campainha. Aguardei que alguém me atendesse e fiquei feliz por ter sido Emmanuelle.

— Oi, vizinho! — ela vem toda esbaforida, mas ao me notar, alisa a porta e faz uma pose.

— Oi — a cumprimento.

— A Annelise não está — ela escancara a porta e mostra a casa vazia. — Só estamos Luna e eu.

— Ótimo, era com vocês mesmo que eu queria tratar — entro, mesmo sem ser convidado.

Emmanuelle, atônita, me segue e chama Luna para descer. Ela se joga no sofá do outro lado e me analisa.

— *O que houve?* — Luna chega em seguida.

— Sente-se — indico o sofá para ela. — Já vou adiantar, Anne sabe que sou um Farrah.

— *Ah! Será que foi por isso que ela...* — Luna começa a divagar.

— Não, isso foi por causa do Samuel. Depois ela ficou até bem. E agora está com a família em um iate... *sabia que era coisa sua...*

Balanço os ombros e tento ir logo direto ao ponto, não quero demorar.

— Como vai a *Sweet Show*?

As duas se entreolham. Acho que de todas as coisas que acharam que eu poderia conversar, a empresa delas seria a última.

— Vai bem... — Emmanuelle é vaga e imprecisa.

— *Dívidas?* — tiro o celular do bolso e abro em um bloco de anotações.

— Ainda estamos pagando um empréstimo do banco, mas... já podemos tirar um salário *simbólico* da empresa. E pagar as contas, aluguel, hipoteca... — Emmanuelle ergue o pescoço para conferir o que estou escrevendo.

— Esse casamento foi a maior coisa que pegamos até agora. E vai render um dinheirão, graças a Deus — Luna faz até o sinal da cruz.

Seguro o riso e continuo o que estou fazendo.

— *Você...* — Emmanuelle aponta para mim.

— *Sim?*

— *Você!* — agora soa até em tom de acusação.

— *Pois não?*

— *Se não foi Samuel que nos convidou para fazer o evento... e sim a noiva... e ela parecia não saber nada sobre a Sweet Show... só pode ter sido...*

— *Eu?* — coço a ponta do nariz e aceno com a cabeça.

— Estou chocada! — Luna espeta o dedo no ombro da amiga. — *Como assim?*

— *É. Fui eu* — admito. — *Eu que passei tudo para a Sabrina.*

— E nos fez pensar que tinha sido o Samuel! Você é cruel!

— *Sim, eu sou* — preciso concordar.

— *Por quê?*

Ah, essa é uma ótima pergunta!

— Porque eu estou apaixonado pela amiga de vocês. Há muito tempo — me sinto até idiota ao dizer isso. — Mais tempo do que me orgulho... e... não sabia como conhecê-la.

— *Você?* — Luna quase sobe no sofá. — Um cara como você é só chegar e abrir o zíper e... — Emmanuelle a impede de terminar.

— Não é tão fácil assim quando você já sente algo há um tempo e nunca é correspondido.

— *Não é correspondido?* — Luna berra para o bairro todo ouvir.

Emmanuelle, entretanto, me escuta de um jeito bem minucioso. Parece que ouve até as palavras que não digo.

— Pensando bem... Anne estava tão obcecada no Samuel que ela não conseguia fazer mais nada, além de se concentrar naquele traste... — ela revira os olhos. — Ainda assim, estou surpresa com essa revelação.

— *Não fique.*

— Uau! Você precisa nos arranjar mais eventos que paguem seis dígitos! — Luna está quicando no sofá.

— Não seja indiscreta, Luna — Emmanuelle tem um ar de mulher de negócios inconfundível. Mesmo feliz em descobrir o que lhe contei, se mantém austera. — Vamos escutar o senhor Farrah...

— Kaleb. Só Kaleb — a corrijo.

— Sim, Kaleb, diga-nos o que podemos fazer pela Anne e por você.

— Ah! Não estou aqui pela Anne...

— *Não?* — as duas perguntam juntas.

— Não. Estou aqui pela *Sweet Show*. Quero comprar a empresa de vocês.

# Capítulo 33

*Anne Moore*

Dois dias com a minha mãe e avó perto de mim e eu já me sentia outra pessoa.

Elas me atualizaram de todas as coisas, dos vizinhos, da vida dos meus irmãos, da rotina no Brooklyn... e tudo isso com uma bela vista à nossa disposição: passeamos na praia durante a noite, assistimos o nascer do sol antes de irmos para a mansão Farrah e precisei bater o pé inúmeras vezes para que elas só relaxassem e se divertissem.

Mas não as convenci.

A cada minuto que eu me distraía e precisava resolver algo, ao retornar para cozinha, via as duas trabalhando.

— Já não conversamos sobre isso? — precisei ser firme.

— Passei a vida toda cozinhando, o que são mais uns dias? — minha avó parecia até mais jovem e disposta.

— Por que não vai caminhar por aí e aproveitar a paisagem? — tento convencê-la a todo custo que deixe o trabalho para as outras meninas.

— Bobagem, Annelise! Não nos custa nada — minha mãe também resolveu ficar contra mim e agora estava organizando a louça suja.

Logo no início do dia Emmanuelle e Luna chegaram e aí sim houve festa, barulho e muitos abraços.

— Olha só como você cresceu, garota! — minha mãe deu um tapa na bunda de Emmanuelle.

— Espero que esteja se referindo à minha bunda, é claro — Emms se divertiu e foi escutar as novidades da minha avó.

Todas nós tínhamos muito para atualizarmos umas às outras. Aproveitamos para tomar um bom café da manhã reforçado para em seguida executarmos as nossas funções.

Luna foi a primeira a sair, precisava checar os últimos ajustes no salão de festas que recepcionaria todos os convidados.

E falando nos convidados, agora sim era compreensível o porquê de tantos salões.

O casamento ocorreria só amanhã e mesmo assim o lugar estava lotado, desde cedo.

Ainda bem que eu me preveni e aumentei a produção em escala e agora eu não tinha mais como recusar a ajuda da minha família, toda mão seria bem-vinda no trabalho.

— Não vejo a hora disso acabar para poder seguir a minha vida em paz — murmuro para Emms enquanto vamos limpando os pratos que devem ser servidos aos convidados.

— *Em paz?* — Emms até soltou a flanela branca e fitou-me de esguelha. — *Então você resolveu pôr a sua cabeça no lugar?*

— Uma hora eu tinha que seguir em frente, não é, Emms?

Ela concordou, mas ainda permaneceu com a mesma postura, desconfiada.

— Então já posso dormir em paz pelo fato de você não envenenar a comida e matar esse povo todo? — ela provoca.

— *Emms!*

— Minha filha, eu assisti *Game of Thrones*. Eu sei como vinganças funcionam!

— Tudo o que faremos é o nosso trabalho perfeito, porque ele por si só vai ser uma vitrine para esses ricos. Imagina se sairmos daqui com alguns deles interessados em nossos eventos?

— Anne, sobre isso, tenho novidades.

— *Sim?*

— Está preparada?

— *Sim.*

— Nossa agenda para pelo menos os próximos seis meses está lotada! — ela não se segura, abre bem os olhos e me dá as mãos.

Começamos a saltitar feito duas malucas, sem sair do lugar, enquanto damos gritos contidos.

Quando paramos vemos que todas estão nos olhando, assustadas.

— *Voltem ao trabalho* — tranquilizo todas e passo o braço pelo ombro de Emms para abaixarmos e sussurrarmos.

— *O que foi?*

— Como assim os próximos seis meses? — começo a bater com o sapato no chão, ela também.

— E só coisa grande, Anne. Temos outros casamentos e até jantares chiques de família para fazer. Enfim, a *Sweet Show* vai começar a lucrar do jeito que tanto sonhamos!

Eu não podia acreditar! Enfim o meu sonho estava se concretizando!

— Nem pense em dispensar as garotas que você contratou para te ajudar nesse casamento. Vamos efetivá-las. *Todas elas*. Talvez tenhamos vaga para mais pessoas!

— *É sério? Realmente vai entrar tanto dinheiro?*

— Sim, amiga. O destino sorriu para nós e agora poderemos lucrar, tirar férias e pelo menos um dia de descanso na semana.

— Poxa! Já não era sem tempo, não é? Dois anos sem parar... eu já estava perdendo o juízo... — desabafo.

— Eu sei, eu moro com você — Emms me belisca.

Mais pratos vão chegando na longa mesa para serem liberados, então limpamos com cuidado e entregamos aos garçons que agilmente pegam quatro e saem para o salão. Outro garçom está organizando as guarnições e pratos, além de suco, café e copos em um carrinho para levar aos outros salões.

— Ainda estou cuidando dos números, mas já te adianto que precisamos mudar o local da *Sweet Show*.

Fico gelada ao ouvir isso.

— Lutamos tanto para conseguir aquele lugar!

— *Eu sei! Eu sei, Anne. Mas me escuta...*

Já faço um bico desde já e fico chorosa. O lugar é pequeno, mas fica na localização perfeita!

— Vamos conseguir algo maior, por ali. Quero o dobro de espaço para a sua cozinha... talvez o triplo. Vamos comprar novos eletrodomésticos de última linha para agilizar os preparos e só assar, cozinhar e fritar no local das festas.

Pensando por esse lado, isso adiantaria muito o nosso trabalho...



— E você vai poder descansar! Todas nós demos duro esses dois anos, mas você não apenas liderou a cozinha, você colocou a mão na massa, se sacrificou demais... está na hora de só supervisionar e cozinhar só quando estiver a fim.

— Parece até um sonho, isso... não consigo acreditar.

— Pois acredite! Esse casamento não acabou e nossa agenda está lotada. Tem gente disputando dias e horários! Por isso vamos precisar de uma grande equipe, a *Sweet Show* vai conseguir fazer até dois ou três eventos no mesmo dia!

— Você está exagerando, Emms...

— É sério! Vamos deixar de ser uma pequena empresa para nos tornarmos gigantes!

— Você não acha que estamos dando um passo maior que a nossa perna? — mesmo animada e fascinada pela ideia, preciso colocar os pés no chão. — Eu não me importo de esperarmos mais alguns anos, se for o caso.

— Não vamos mais esperar! Nós vamos dominar toda a Miami!

Nos abraçamos em comemoração, o que chama a atenção da minha mãe e avó que vem ver o que aconteceu.

Emms explica tudo a elas e eu choro ao ver seus olhos brilhando e elas vibrando conosco. No fim acabamos as quatro abraçadas e não paramos de agradecer a Deus por termos conseguido isso.

Foram anos juntando o dinheiro, estudando e trabalhando de segunda a segunda para tornar essa empresa dos nossos sonhos a nossa realidade. E agora ela era mais do que isso.

Poderíamos empregar famílias e levar um pouco da *Sweet Show* para cada cantinho de Miami!

Eu estava nas nuvens!

— Senhorita Annelise Moore? — um garçom me chama.

— Eu cuido disso — aviso a elas e vou até ele. — *O que foi? O babaca do noivo devolveu o prato?* — rosno.

O garçom fica desconcertado. Faz um gesto com a cabeça para que eu o siga e diferente do que pensei, não vamos para a parte do salão, mas para fora dele.

Entramos em um carrinho de golfe e ele dirige por toda a extensão da propriedade até chegarmos à mansão.

Enquanto estamos passando pelo ar livre observo, de onde estou, toda aquela gente. *É realmente um público gigante.* Nem consigo acreditar que vamos alimentar tantas pessoas... aliás, que já estamos alimentando, pois o café da manhã acaba de ser servido.

O garçom me deixa diante da mansão, uma propriedade exuberante, há uma fonte com cisnes brancos tomando banho nela, logo à frente.

Ao entrar no lugar, penso que o interior de um palácio deve ser assim: cada mínimo detalhe é luxuoso, da tapeçaria de cor escarlate ao lustre que reluz num dourado que chega a incomodar meus olhos.

Os quadros na parede representam diversos homens da família Farrah, e assim que chego, parece que estão colocando de volta um dos quadros.

Aproximo-me para ver e confiro que é o quadro do Kaleb.

Não é como ele está agora, mas do jeito que vi suas fotos na internet: sem barba, cabelos curtos e vestido de forma social. Seu olhar é o mesmo, bem imponente. Falta até um pouco de doçura, mas *orna* com os

demaís quadros onde todos os homens têm um olhar cruel e até mesmo prepotente.

— Por aqui, senhorita Moore — um homem todo engomado me mostra as escadas e indica que eu suba.

Faço todo o trajeto em silêncio e o engomadinho, que deve ser o mordomo, me deixa diante de um hall cuja porta de madeira é duas vezes maior do que a porta da entrada da mansão.

Sento-me no sofá do canto para aguardar algo ou alguém. Não se passam mais do que minutos, a grande porta se abre e eu dou um salto, assustada pelo barulho.

— O senhor Farrah irá recebê-la agora — o mordomo diz.

Ainda tenho tempo de ver Gabriela e um homem mais velho saindo do escritório e entro.

É exuberante, talvez ainda mais do que a entrada. Há quadros na parede onde mostram o homem sentado detrás da mesa com figuras importantes do país, assim como antigos presidentes ao seu lado.

— Você deve ser a senhorita Moore — o homem nem se indigna a levantar a cabeça, está lendo um documento.

— Sim, senhor...?

— *Farrah* — ele passa uma página e indica com a mão para que eu me aproxime.

Assim que dou o primeiro passo em sua direção, a porta se fecha atrás de mim.

Parece que não tenho escolha, além de ir e sentar diante dele.

— Não se acanhe, senhorita Moore, sente-se — seu tom é amigável, mas eu sou boa de reconhecer pessoas abusivas agora.

Não importa com que candura me tratem ou o sorriso que estampem na face.

Sento-me e espero a boa vontade dele de dizer porque estou aqui.

Praticamente preciso assisti-lo tomar o café da manhã e revisar umas dez páginas, para então rubricar, afastar os papéis e continuar comendo enquanto me analisa friamente.

— A refeição está do seu agrado? — tento quebrar o silêncio.

O senhor Farrah pisca os olhos, se assentiu com a cabeça eu não vi. Ele termina de mastigar e depois bebe seu café.

— *Obviamente que sim, senão estaria fora daqui desde o primeiro dia* — ele termina a frase com um olhar paternal.

Está mais para um sociopata, para mim...

— Fico feliz — é o que acho que devo dizer.

— Disseram-me que a senhorita foi muito bem recomendada para este evento e agora consigo ver o porquê.

Imediatamente fico numa postura mais austera: ombros para dentro, peito para fora e um filete de sorriso que não quer sair.

— Não é pela comida — ele pontua. — A comida é ótima, sim. Mas você tem... *uma presença*.

Ah, ele está falando dos meus peitos. *Obrigada, senhor Farrah*. Foi a genética.

Que legal, ser chamada aqui para ser elogiada, mas não pelo meu trabalho. *Maravilha, hein?*

— Como tem sido a sua estadia nesse longo evento, senhorita Moore?

— Ótima. Saio com o sentimento de trabalho cumprido!

Ele me parabeniza, pega a xícara e bebe enquanto me vigia.

— Todos adoraram a ornamentação, o som, a comida... vocês deram *vida* a esse evento tão singelo.

Novamente balanço a cabeça. Se era só para isso que ele me chamou aqui, teria sido melhor ter me enviado um e-mail. Ou uma carta, quem sabe?

— Faremos algumas mudanças de última hora, senhorita Moore.

— *Ah... mais convidados irão chegar?*

— É provável que sim.

— Não se preocupe, eu garanto que nós da cozinha vamos dar conta de tudo!

— Tenho certeza que sim — ele demonstra que esse é o menor dos seus problemas.

— *Se era só isso que o senhor...*

— Sente-se, senhorita Moore — ele me interpela e destrói o meu sonho de ir embora dessa suntuosa sala.

— Ah, há mais coisas a serem tratadas?

— Sim — ele diz com simplicidade. — O casamento entre Sabrina, minha filha e o Samuel, foi cancelado.

*Olha! Uma boa notícia, até que enfim!*

— *Então os sussurros eram verdade?* — ele coça o queixo com lentidão. — *Você e o Griffin tinham um caso.*

No caso, quem tinha um caso aqui era ele com a sua filha, senhor. Eu conheço aquele traste, aquele mala sem alça, aquele filho sem mãe, há

dez anos!

Suprimo a louca dentro de mim e só sorrio em resposta.

— Eu não poderia deixar que algo assim viesse à tona... o nome da família é a coisa mais preciosa que existe. A reputação, em meu mundo, é o maior trunfo que alguém pode ter. E Samuel Griffin perdeu a sua boa reputação.

*Olha, ótimas notícias. Enfim vingada!*

*Agora, se o senhor me deixa ir...*

— Mas eu não a chamei aqui para tecer trivialidades sobre Samuel...

— *Não?* — agora ele me surpreendeu.

— Quero falar sobre outros sussurros. A sua proximidade com o meu filho Kaleb Farrah.

Assinto de imediato.

— Kaleb e eu somos *bons amigos*.

— *Mais do que isso, suponho* — ele termina de beber o café e afasta a xícara. Seu semblante mudou da água para o vinho, parece mais raivoso agora.

A minha resposta é o silêncio. Já dizia minha avó: *não estou aqui para bater palma para doido dançar*.

— Onde e como se conheceram?

Desculpe-me, mas não recebi o aviso judicial desse julgamento, então...

— Se os seus “*sussurros*” são tão bons, por que está me perguntando isso?

— *Atrevida...* — ele rosna. — *Consigo entender algumas coisas agora.*

— Se consegue entender, me explique, senhor Farrah. Porque eu sinceramente estou perdida.

O homem que lembra de longe Kaleb, com pouco cabelo e sem barba, olhar cansado e jeito dissimulado, se levanta.

— Kaleb irá se casar no lugar da minha filha Sabrina.

— *Com o Samuel?* — fico espantada.

— Com a filha do governador — ele explica. — Gabriela Weiss, certamente você ouviu falar dela...

*Ouvi. Vi. Falei.*

— Sim.

— Peço de antemão que me entenda, senhorita Moore. *Negócios são negócios.* Eu nunca levo nada para o lado pessoal e espero que você também não leve.

Eu entendi. Já saquei tudo.

Agora compreendo sobre Kaleb falar do *preço* de ser quem era. E que fugir às vezes era a solução mais sensata.

— Tenho negócios importantes com a família Weiss e preciso garantir que eles não sejam atrapalhados. Muito menos por aspirantes de *Romeu e Julieta*. Você deve saber como esse clássico termina...

— Sei.

— Muito bem! — o senhor Farrah puxa a cadeira ao meu lado e se senta próximo de mim. — Não me importa o que ele sente por você. Assim

como não me importa o que você sente por ele. Contanto que não estraguem os meus planos, eu posso abençoá-los, quando chegar a hora.

*Olha que cara gentil... ele pode nos “abençoar”.* Que bacana da parte dele, não o conhecia até este momento e agora eu preciso até da benção.

— Qual o seu valor, senhorita Moore?

— O que o senhor quer dizer?

— *Quanto* você quer para ficar cinco anos longe do meu filho?



# Capítulo 34

*Anne Moore*

Eu simplesmente não consigo acreditar.

Pensei que esse tipo de comportamento fosse apenas folclore, que pessoas como o senhor Farrah jamais teriam esse tipo de atitude. Mas eu errei e errei feio.

— *Como... como assim, senhor Farrah?*

— É bastante simples, na verdade — sua mão vem para o meu colo e isso me deixa desconcertada. — Nós somos de mundos bem diferentes.

— Certamente somos — penso alto.

— No meu mundo existem outras preocupações para além do amor, paixão e essas outras ilusões que vocês, *menos abastados* se preocupam, já que não possuem outras possibilidades na vida e precisam se apoiar nisso.

— *Hum...*

— Diga-me o seu valor. Todas as pessoas têm um valor, senhorita Moore.

— Eu não. Sinto muito.

— *Você não?* — ele desdenha. — Isso significa “*mais zeros após o um*”?

Estou consternada. De todos os últimos acontecimentos em minha vida, esse aqui é a cereja do bolo. Eu cheguei no auge do fundo do poço, só pode. Não há outra explicação!

— Não quero distrações no caminho de Kaleb enquanto ele efetua a tarefa que lhe impus.

— *Distração?* — já adianto e me levanto.

O senhor Farrah permanece impávido, sua expressão é uma máscara de controle e poder que não tem como ser real... não é possível...

— Existem grandes planos no horizonte. E Kaleb deverá se concentrar agora no que *realmente importa* e não com trivialidades.

— Obrigada pela conversa, senhor Farrah.

— Você não disse um número — ele insiste.

— Não direi. Não preciso do seu dinheiro e não o quero. Acho que o próprio Kaleb e eu podemos decidir sobre isso, sem qualquer interferência.

Vejo a rachadura. Parece que o personagem foi desmontado.

O senhor Farrah se levanta e vem até mim, em passos largos. Me machuca ao segurar em meu braço e seus olhos me advertem.

— Você está na *minha cidade*. E na *minha cidade*, eu sou a lei, senhorita Moore.

Cravo as unhas nas mãos dele até que ele solte um grunhido e me solte.

— Diga isso para alguém que se importe — jogo meu cabelo para o lado, para acertá-lo em cheio. — Um bom dia, senhor Farrah!

— Os meus advogados irão procurá-la! — ele rosna.

Amor, manda seus advogados, a carrocinha, o FBI, a clínica psiquiátrica e até o fantasma do Michael Jackson fazendo moon-walker até lá em casa. *Eu não ligo*.

Saio daquele lugar da mesma forma que entrei: de cabeça erguida, ciente de que os meus sonhos, as minhas atitudes e as minhas decisões dependem apenas de mim.

E dinheiro algum pode comprá-las.

Ligo para Kaleb em todos os intervalos que tenho, mas ele não me atende. *Será que está me ignorando?*

Ao passar pelo salão sou abordada pela senhorinha simpática, dessa vez com outra flor em um chapéu furta-cor.

— Com licença, será que a senhora teria visto o Kaleb por aí?

Ela reflete por meio segundo e acena de modo negativo.

— O vi ontem, na mansão, ele pareceu sair bem zangado de lá.

— Deve ter conversado com o pai — penso alto.

— Certamente — ela gruda em meu braço. — Ambos possuem o gênio bem forte. E querem ter controle sobre tudo. Mas é isso o que a maioria dos homens do nosso meio fazem, não é? Estes CEOs e bilionários só pensam em ter controle sobre suas empresas e pessoas...

— Às vezes até confundem e acham que pessoas são empresas — reflito.

— Sim. Precisa de ajuda, querida? Se estiver ao meu alcance...

— Só se encontrar o Kaleb. Diga que quero vê-lo.

Ela faz que sim e me deseja sorte.

Retorno para a cozinha onde vejo tudo adiantado para o jantar e me posiciono para trabalhar.

Eu preciso me ocupar para não pensar nenhuma besteira, e também para não fazer nenhuma besteira.

Quando enfim tenho um descanso prolongado, volto a ligar para Kaleb e ele me atende.

— *Não!* — escuto a voz de Nicolas do outro lado.

— *Alô? Anne?* — é a voz dele, fico até mais tranquila.

— Kaleb, precisamos conversar. É sério!

— Anne, eu não posso. *Não agora.*

*Como assim ele não pode? O que está acontecendo? O mundo girou tanto que eu estou perdida!*

— Você pode me encontrar agora pela noite? Prometo que será rápido.

— Anne, não vai dar. Sinto muito.

— Mas... você... Kaleb, eu só preciso entender o que está acontecendo...

— Você vai entender, eu prometo.

— Tá, mas você não pode...?

— Preciso desligar. Sinto muito — ele não faz rodeios e desliga assim que termina de falar.

*O que está havendo?*

A voz dele estava diferente e ele não parecia querer falar comigo!

Ainda bem que todo o trabalho está adiantado a ponto de só concluir as refeições e limpar os pratos, porque não tenho condições para operar qualquer coisa nessa cozinha que envolva pensamento.

Então ligo o robô automático em mim e trabalho sem parar até a hora de ir para casa.

Da mansão dos Farrah, minha mãe, avó e eu vamos direto para a minha casa.

Elas chegam empolgadas, já entram fazendo festa e gritando que deveríamos pedir uma pizza. E eu fico do lado de fora, estico o pescoço o máximo que posso e procuro algum sinal na casa ao lado. Mas ela parece completamente vazia.

— Agora sim vamos fazer uma festa de inauguração da casa! — minha avó brada.

— Vovó, já é quase meia noite — aviso.

— Em algum canto do mundo ainda são nove! Então vamos celebrar! — ela abraça Luna e Emms. — Essa casa é linda!

— Sim..., mas um pouco desorganizada... por que tantas caixas de sapatos pelos cantos? E esses vestidos super chiques pendurados? — minha mãe olha em volta.

Realmente a casa está uma zona.

Nada do que Kaleb me deu coube em meu armário, então tivemos que deixar tudo pelos cantos da parede.

— Toda casa precisa de enfeites. E a nossa possui enfeites da Gucci, Dolce & Gabana e Prada! — Luna ri.

— A verdade é que precisamos de um espaço maior — Emms desabafa. — A Anne ganhou tudo isso e não há espaço para guardar.

— *Ganhou?* — minha avó usa um tom acusatório e bem-humorado. — *Ganhou de quem, Annelise?*

— Adivinha — reviro os olhos.

— Não é possível... ele não tem um defeito, esse cara? — ela pragueja.

Talvez tenha, mas eu não descobri... ou talvez esteja estampado em minha cara, mais do que nunca: o defeito de Kaleb é que ele nunca vai ser meu.

Somos de mundos diferentes, vivemos vidas diferentes, temos concepções diferentes do que importa, pelo que parece.

E agora ele estava fugindo de mim... provavelmente eu nunca mais o veria.

— Conheçam a casa, meu quarto é o primeiro à esquerda após as escadas — explico. — Vou dar uma volta lá fora.

— Não vá muito longe! — elas gritam enquanto correm para espionar e vasculhar meu quarto.

Pego um xale que está jogado no sofá e cubro meus ombros, saio de casa e ando em direção à mansão de Kaleb. Ela está toda escura, como nunca a vi antes. Não há nenhuma luz ligada lá dentro.

Ainda dou uma volta na propriedade só para conferir se há qualquer vestígio de gente, mas não há.

E como sou bastante teimosa, vou tocar a campainha e bater na porta só para garantir mesmo.

Não há resposta.

Ligo para Kaleb e o telefone toca ininterruptamente, não há qualquer barulho dentro da casa a respeito da chamada.

Ou está no silencioso ou realmente ele não está aqui.

E vai ver... ele não quer me atender, no fim das contas. *Paciência.*

Desisto da ideia de tentar entender o que está acontecendo. Preciso descansar agora e me preparar para o último dia de evento antes do casamento. Talvez Kaleb apareça amanhã e me explique toda a situação.

Saio do jardim da mansão e fecho a pequena cerca branca quando passo por ela.

Confiro as horas no celular e começo a digitar uma mensagem, só para garantir que tudo está bem e talvez receber alguma novidade.

— *Ele não te atende, não é?*

Ao ouvir a voz de Samuel, dou um salto e procuro qualquer lugar que possua uma pedra ou um pedaço de pau para pegar.

— Não encosta em mim! — fecho os punhos.

— Relaxa, eu não vim aqui te fazer mal.

*E eu lá vou acreditar nesse cara?*

Me afasto e ando o mais rápido que consigo, mas ele me persegue.

— *É aqui que ele se escondia?*

*Se escondia?*

— O que você quer dizer com isso?

— Todo esse tempo, todos nós achávamos que ele estava fora de Miami, mas ele estava bem aqui... debaixo dos nossos narizes — Samuel avalia a casa.

— Vai ficar me seguindo agora? Não me segue não, Samuel, que eu estou perdida! — dou-lhe as costas e pego o caminho de casa.

— *Ele também te deixou, não foi?*

*Droga de curiosidade! Por que eu não consigo só ir embora?*

— Como assim “também te deixou”? — viro-me devagar.

— Eles são assim, Anne — Samuel balança os ombros.

Só agora consigo perceber que ele está com o terno todo puído e até mesmo rasgado em alguns pontos. O cabelo todo embaraçado, a cara não é das melhores.

Eu vi esse cara mais cedo hoje, não foi a Emms que fez isso com ele não, ele estava em perfeito estado até o almoço!

— *Eles quem, cara pálida? Fale logo de uma vez, está tarde e quero entrar.*

— Posso ir com você?

— Samuel, você largou o emprego e decidiu fazer *stand-up*? Não que eu queira te ajudar, mas suas piadas não têm graça!

— *Você ainda não sabe? Não vou mais me casar com a Sabrina Farrah.*

Gostaria de mostrar piedade pelo estado de Samuel, mas não consigo. Ele merece cada pisão que eu der em sua cabeça.

— É óbvio que eu soube. Talvez até mesmo antes de você, já que sou eu a responsável pela comida desse evento.

Samuel não vai dizer nada de importante, então vou mesmo entrar...

— Nós somos objetos nas mãos deles. Peças. Temos valor enquanto somos úteis... quando perdemos a utilidade, é isso o que eles fazem conosco, Anne: eles nos descartam.

Paro onde estou, mas não me volto para ele, deixo que fale com minhas costas.



— Eu fui útil até aqui e agora fui descartado. Mas pelo visto... parece que não fui apenas eu.

— *Certo. Boa noite, Samuel.*

— Eu te disse, Anne. Eu te disse que quando terminasse tudo isso, nós ficaríamos juntos. Temos dez anos de relação. Conhecemos tudo um sobre o outro. E você sabe que nos encaixamos perfeitamente.

Eu prefiro acreditar que me encaixo melhor no caixão que vão me enterrar um dia, desculpa Samuel.

— *Acabou.* E agora estamos só nós dois, abandonados pelas pessoas que *têm controle sobre o jogo*. Nós somos peças e eles os jogadores.

— Viu. Qualquer coisa eu te aviso — balanço os ombros.

— Eu sei que você vai tentar lutar para ficar com ele, mas... não vai dar certo, Anne. Essas pessoas quando não conseguem o que querem, destroem tudo ao redor. Elas esmagam o que você ama, elas descobrem seus segredos e te ameaçam. Não há como sair dessa sem obedecer às regras deles.

Talvez tenha chegado a hora de fazer algo realmente importante.

E esse algo é colocar os pingos nos *is* com Samuel.

— Me escuta — viro-me e vou até ele. — Você me usou porque é um aproveitador, mentiroso e babaca. Eu corri, praticamente me rastejei aos seus pés por dez anos, Samuel! E tudo aquilo que você fez por mim, que eu achava que era amor, na verdade era mentira.

— *Mentira? Mentira é esse seu teatrinho com o Kaleb!*

— Pois as duas semanas e meia de mentira com o Kaleb foram muito mais verdade do que os dez anos de *suas verdades*. Eu cansei. Eu não te amo, e descobri que lá no fundo, eu nunca te amei.

Samuel olha para o chão e ri.

— Eu não me amava e por isso achava que precisava de alguém para suprir isso em mim. Mas olhe só para mim — me aproximo ainda mais dele. — Olhe para mim! — levanto o queixo dele, para que ele me encare. — *Eu sou maravilhosa. Eu sou incrível. E eu sou demais para você!*

— Você perdeu o juízo...

— Sozinha eu sustentei essa relação por dez anos, até perceber que você nunca me amaria de volta. *Porque você não se ama.* Você me tratou feito um lixo, porque você é um lixo. Você não sabe o que é o amor, talvez você nunca tenha sido amado e quer convencer a si mesmo que pode vir aqui e me fazer mudar de ideia, me fazendo acreditar que no fim terminamos juntos? — é a minha vez de rir.

— Só sobramos nós dois, Anne — ele abre os braços para mostrar ao redor.

Faço como Nicolas e levanto o dedo indicador, mostrando que não.

— *Não sobramos nós dois, Samuel!*

— *Não?*

— Eu não estou sobrando. Eu estou completa, estou feliz, estou reconstruindo a minha vida! Enquanto você riu pelas minhas costas e eu chorei, percebi que não precisava de você. Assim como não preciso do Kaleb. Assim como não preciso fingir ser quem não sou para agradar ou pertencer a qualquer lugar!

— O que você quer dizer?

— Eu quero te dizer — agora eu me aproximo mesmo. É a última vez que esse desgraçado vai sentir o meu perfume tão perto. — *Que eu me basto.*

— Você está se achando demais...

— Eu não estou sozinha, estou comigo mesma. E isso basta. Eu sou autossuficiente, meu filho. Eu sou sócia de uma empresa que um dia vai dominar o mercado e você vai continuar sendo o mascote, o bichinho de estimação que vai balançar muito essa cauda para agradar seus donos.

— Você ainda vai voltar chorando, pedindo para voltar, Anne — ele me ameaça.

Mas eu não tenho mais medo.

— *Eu sou a minha própria dona* — é tudo o que tenho a dizer.

— Ele vai se casar com a Gabriela. Você vai trabalhar feito uma empregada para a festa de casamento do homem por quem está apaixonada — ele desdenha.

— Ele vai se casar com quem ele quiser — balanço meus ombros. — Aprendi uma coisa muito importante nos últimos tempos, não espero que você entenda.

— Então me ilumine com a sua sabedoria!

— Eu não me importo se no final Kaleb vai se casar com a Gabriela.

— *Não?*

— *Não* — sou firme. — Eu apenas me importo se ele estará *feliz*.

Samuel continua a debochar.

— Sim, eu estou perdidamente apaixonada por ele. E eu espero que ele também esteja por mim. Mas se não estiver, eu gosto tanto dele e eu me amo tanto, que só espero que ele seja pura e verdadeiramente feliz.

— Você ainda não entendeu que ele é uma mentira... uma farsa...

— Mesmo que ele seja uma mentira, ele é muito mais homem do que você um dia pôde sonhar em ser. *Parece que você ainda não entendeu, Samuel...*

— *O quê?*

— Os seus sonhos foram destruídos, o dia acabou e foi você que veio até mim, não o contrário.

— *E daí?*

— Acabou, Samuel. *E é você que nunca vai achar alguém como eu.*

# Capítulo 35

***Kaleb Petterson***

Alguns dias atrás.

— Eu quero que se case com Gabriela Weiss — é o que ele pede.

O glamoroso escritório mergulha em um fúnebre silêncio, o senhor Farrah aguarda a minha resposta.

— Eu garanto que você terá de volta tudo o que sempre teve. Inclusive a presidência da Farrah, ou vai me dizer que não tem mais vontade de ser o CEO da empresa e continuar seu legado?

Limpo os lábios por uma fração de segundo.

— Você tem muito a ganhar com essa negociação, Kaleb. Estou abaixando todas as armas, desfazendo o casamento da sua irmã e aceitando o seu filho.

— Certo.

— *O que me diz?*

— Eu aceito.

***Anne Moore***

Presente.

Se eu achei que no dia anterior havia muita gente é porque nada me preparou para o penúltimo dia de evento. O lugar estava realmente lotado, parecia algum tipo de desfile de moda, todos estavam em seus melhores ternos ou vestidos e me mantive ocupada o dia inteiro tentando alimentar tanta gente.

— Acho que errei na previsão. Se amanhã aumentar dez pessoas, não daremos conta — me desespero para Emmanuelle.

— Sem problema, contrate mais dez, vinte, cinquenta pessoas que sejam. Nosso nome está quente na boca dessa gente e o serviço está impecável. Anne, vamos sair daqui com a agenda cheia por um ano e meio! — ela celebra.

— Ok, vou fazer algumas ligações!

O restante do dia é dividido entre ligar para cozinheiras, refazer a lista de compras para o dia do casamento e receber a ajuda da minha mãe e avó para não surtar.

Entre cada ligação para uma candidata à vaga, ligo para Kaleb. Mas ele não me atende. Recusa as minhas ligações algumas vezes.

— Eu só queria entender... *Por que tanto trabalho se não haverá casamento?* — Luna me dá uma mãozinha ao cortar os *brownies* e colocar sorvete no prato, para podermos servir a sobremesa.

— *Vai ter casamento* — digo com pressa.

— Mas você não disse que o Samuel não vai se casar?

— Ele não..., mas o Kaleb, sim.

— *Como assim?* — Luna fica mais desesperada do que eu.

— Uma longa história, depois eu te conto, não para! — continuo com os movimentos bem rápidos, mas ao colocar tudo no prato faço com

delicadeza.

*Aliás, o que eu iria explicar para Luna?* Eu mesma estava tentando entender toda aquela história, mas ela era difícil demais para a minha cabeça.

O resumo é que: gente rica casa não por amor, mas por contrato. E Kaleb recebeu uma proposta do pai que, aparentemente, ele não recusou.

E o casamento do meu ex que eu pensei em destruir, se tornou o casamento do cara por quem me apaixonei.

E só de pensar nisso meus olhos se enchem de lágrimas e as minhas mãos tremem...

— Amiga, você está bem? — Luna segura em meu ombro.

— *Eu consigo* — digo para mim mesma, fungando e continuo o trabalho.

Fico à mil durante cada refeição e ainda arranjo tempo, durante a noite, para entrevistar algumas meninas para auxiliarem na cozinha no dia que se segue: o glorioso dia do casamento.

Volto para casa exausta, tomo um banho demorado e espio pela janela para ver se Kaleb está em casa, mas pelo visto, não.

Deito na cama e tento dormir, mas é difícil.

Foi fácil dizer que eu o queria feliz, mais do que tudo, mas na verdade *eu o queria*. Só isso. *Por que eu não podia?*

“*Por que não pertencemos ao mundo deles*” as palavras de Samuel flutuam por cima da minha cabeça.

Enfim, é hora de *voltar para as raízes*. Colocar *Evanescence* para tocar, chorar a noite inteira e amanhã, fazer o *buffet* do cara que estou apaixonada e que vai se casar com a pessoa errada.

— Desliga essa merda aí! — Emmanuelle quase derruba a porta com suas batidas, pontapés e grito.

— Me deixa sofrer! — grito de volta.

— *Para de ser louca e vai dormir!* — ela bate mais forte.

Depois ela me manda uma mensagem, perguntando se está tudo bem. E eu preciso desabafar com ela, faço por texto mesmo.

“Eu estou apaixonada pelo Kaleb, Emms. E amanhã ele vai se casar com a Gabriela... queria que tudo isso fosse diferente, mas acho que não fui o suficiente para ele. Quero muito que ele seja feliz..., mas uma parte de mim queria fazê-lo feliz”.

Volto a chorar, tomo um remédio para dor de cabeça e continuo a trocar mensagens com Emms até dormir.

Fico grata por ela não ter vindo aqui para o quarto, eu pedi que não o fizesse, pois me sentiria muito mal.

Eu tirei o mês todinho para sofrer por homem... meu Deus... *o auge do fundo do poço.*

Preciso sair de casa antes do sol raiar.

Alguns vizinhos idosos estão fazendo caminhada com seus cachorros e pergunto se eles têm notícia do vizinho que mora na mansão, mas eles dizem que não o veem já há um tempo.

Chego à mansão Farrah com o vestido mais lindo que Kaleb me deu. Se irei reencontrá-lo e possivelmente essa será a última vez que nos veremos, quero que ele me veja linda. Quero que tenha a melhor lembrança de mim, pois é o que eu quero guardar dele.

A mansão já está lotada desde cedo.



Alguns convidados descobrem apenas no dia do casamento que Sabrina e Samuel não vão mais se casar e sim Kaleb e Gabriela.

A família da noiva passa por todos os cantos e critica tudo. Reclama da iluminação, da música, da comida, nada está à altura para essa gente.

Pelo menos tenho a paz de ouvir os convidados defenderem tudo, inclusive a minha comida, dizendo que foi formidável desde o primeiro dia.

Não fui informada e não sei se eles já se casaram no cartório ou se ainda vão se casar. Kaleb não me atende.

Então envio-lhe uma mensagem, espero que ele não me ache impertinente.

“Kaleb, obrigada por cuidar de mim. Obrigada por estar ao meu lado no momento mais crítico da minha vida. E obrigada por ver as minhas loucuras e não fugir. Eu desejo a você, tudo o que você me deu: felicidade, esperança, fé em mim mesma e principalmente amor. Eu também vou estar aqui por você, mesmo se você não estiver aqui para mim (e pensando bem, acho que isso entra em conflito com a última regra que você me ensinou). *Da sua vizinha que aprendeu a te admirar e amar, Annelise Jones Moore*”.

Meu coração reluz.

No meio de tanta lama eu achei a minha lótus, mas não a colhi. Deixei eternizada em mim para sempre, pois assim, ela será eterna.

Uma parte de mim quer gritar, fugir e chorar muito de frustração.

A outra parte está restaurada, em paz e convicta de que não é um adeus para Kaleb e para mim.

— A qualidade da sua comida caiu muito — Gabriela aparece para destilar seu veneno.

Limpo rapidamente qualquer vestígio de lágrimas e me mantenho mais profissional do que nunca.

— Este era para ser o meu grande dia e você estragou tudo!

— Era para ser o grande dia da Sabrina, na verdade — não me contenho. — Você foi meio que... *o plano b. Ou c.*

— Como se atreve?

— Você veio aqui só para falar da comida, Gabriela? Porque se for, eu experimentei, todos os convidados experimentaram e o mais importante: não é você quem me contratou. Eu estou fazendo isso *apenas pelo Kaleb*. Porque eu não me importo que esse é o seu dia, apenas que esse é *o dia dele*. E como meu amigo, eu estou aqui para dar o meu melhor.

— *Amigo?*

— Amigo, na falta de uma palavra melhor.

— *Por que não “amante”?* — ela avança.

— Aí está. Já fui amante mesmo uma vez, acho que ser outra não é problema algum. *Amante do Kaleb*, fico satisfeita com o título.

— Você é mais insolente do que pensei... — dessa vez ela veio com tudo, pronta para me bater.

— Gabriela? — ela para instantaneamente ao ouvir a voz da mãe. — O que você pensa que está fazendo?

— Dando um jeito nos *criados*.

“*Criados*” olha só. Ela vive mesmo no século dezesseis.

— Eu fico aqui pensando com os meus botões... — confiro cada detalhe daquele vestido impecável com pérolas. — Se esse é o grande dia

da sua vida e você está agindo assim, porque *venceu*, imagina o pior dia da sua vida, quando você *perder* — pisco para Gabriela e eu mesma saio.

— Faça a comida! — ela ordena.

— Lá fora tem muito capim. Divirta-se comendo!

Saio da cozinha e deixo todos absortos. Eu nunca fui a garota má, mas eu não podia deixar esse momento passar.

— Você perdeu o juízo, Annelise? — minha mãe vem desesperada, me alcançar.

— Perdi. Perdi total o juízo. Se quiserem continuar cozinhando, tudo bem. *Eu cansei* e não vou mais fazer isso.

— Ela recuperou o juízo — minha avó me sacudiu pelos ombros. — Essa menina que se tornou mulher não vai deixar que qualquer riquinha mimada passe por cima dela! Ela é de Nova York! — ela grita.

— É! — concordo. — Sou de Nova York — tiro os sapatos.

— O que você está fazendo?

— Só vou relaxar e curtir a festa. O cara que eu estou apaixonada se casa hoje e eu nunca mais poderei tê-lo em meus braços. Então vou curtir toda a dor, todo o vazio e toda vontade de fugir que estou sentindo. Eu não sou um robô, não aguento mais ficar na cozinha, não depois de tudo isso.

— Saiba que estamos orgulhosas de você, Annelise. Você cresceu muito e aprendeu a se cuidar sozinha!

— Obrigada, mamãe.

Elas retornam para a cozinha e eu fico andando, sem destino, pela propriedade.

Pela primeira vez na vida estou do outro lado: não mais nos bastidores, mas onde as coisas acontecem.

E vejo os ricos de Miami bebendo e se divertindo, as mulheres exibindo seus colares, anéis e brincos; as crianças correndo pelos campos.

Ninguém liga para esse casamento. E eu também não vou ligar.

Sento-me em uma mesa e peço para o garçom o melhor vinho da casa.

— Essa cadeira está ocupada? — a senhorinha das flores aparece.

— Fique à vontade — eu mesma puxo a cadeira para ela.

— Enfim você tirou um descanso! Você é a chefe e não para de trabalhar — ela mantém o rosto virado para o público e acena toda vez que um homem de terno passa, mas continua atenta a mim.

— Gosto tanto de ter o controle sobre as coisas que... percebi que não tenho controle de nada. Nem do meu coração.

— E quem de nós tem? — ela se vira para mim, horrorizada.

— Os mais ricos.

— Nem os mais ricos, querida, esses são os que não têm controle mesmo! Vivem sob regras antiquadas e contratos ultrapassados. Quando eu nasci era assim e acho que morrerei vendo esse circo.

— Sinto muito.

— Não sinta. Você vai para o casamento? Ele vai acontecer às 20h, na mansão.

— Não, obrigada. Vou ficar aqui. Se o Kaleb quiser me encontrar, ele sabe onde me achar.

— Então eu lhe farei companhia, ok? Já assisti a muitos casamentos. Sempre tenho esperança de que algum dos noivos diga “não”, mas eles nunca dizem. Chega um momento da vida que depois de assistir centenas de casamentos iguais, você só quer um diferente. E como esse não vai fugir da regra, não perderei meu precioso tempo.

— A senhora é a pessoa mais esperta que conheço — levanto a taça em um brinde.

Ela levanta a champanhe, brindamos e bebemos.

Passamos o restante do dia conversando e trocando histórias de vida. Essa mulher é simplesmente uma bilionária que produz flores raras como hobbie, mas tem floriculturas normais por toda a Miami.

Ela gosta muito de Kaleb e fico feliz de termos isso em comum. Ela me conta histórias incríveis de quando ele era mais jovem, como ele sempre foi ousado e indo contra a maré...

O papo é tão gostoso que quando menos percebo, já é noite. O salão continua lotado, mas boa parte dos convidados foi para a mansão.

O serviço não para em canto algum, a comida continua a ser servida, as taças são enchidas e a música continua.

— Acha que eles já se casaram? Já passou da hora — semicerro os olhos para averiguar a multidão ao longínquo.

— Casamentos são demorados mesmo, querida.

— Acha que... eles serão felizes?

— Só quando eu ficar gagá — ela pega outra taça quando o garçom passa.

— Espero que eles... — sou interrompida pelo telefone que vibra em meu colo.

Meu coração parece que vai sair do peito e escapar pela garganta, fico toda arrepiada e o aparelho escorrega entre meus dedos quando o pego para atender.

— Com licença, preciso atender — me levanto e olho mais uma vez para a tela.

É ele. Kaleb está me ligando.

Devo atender ou o ignoro, como ele fez comigo todo esse tempo?

O ignoro.

Saio do salão de festas e procuro a melhor visão para a mansão. Ela está realmente cheia e parece que o casamento ainda está rolando.

— Você não vai desistir, não é? — reclamo, ao receber de novo a ligação. — *Você pode conversar daí do altar?* — rosno assim que atendo.

— Eu posso fazer tudo o que eu quiser — a voz dele me arrepia. *É ele mesmo.*

— Seu arrogante e cretino...

— Se divertindo bastante?

— Na verdade, Kaleb, eu descansei. Larguei a cozinha e deixei as meninas trabalhando, ia acabar cortando a minha mão de tão nervosa...

— *E por que estava tão nervosa?*

— Porque não conseguia me concentrar.

— *E por que não conseguia se concentrar?*

— Oras! Porque... eu não estava pronta para tudo isso.

Respiro profundamente e prendo o choro. Eu não quero preocupá-lo e não quero parecer um bebê chorão agora.

— *Você conseguiu o que queria com o Samuel?*

Pisco os olhos sem parar e volto para o salão lentamente.

— Eu... acho que consegui. Na verdade, Samuel já é uma página virada em minha vida. Eu não me importo mais com ele, mas acho que sim, eu destruí o coração dele, do jeito que você me ensinou. Você foi um bom professor.

— E você uma excelente aluna.

— O que foi? A senhorita Weiss te deixou esperando no altar? Por isso está com tempo livre?

— Me desculpe por não te atender antes, eu tive uma grande emergência.

— Você está bem? O que houve?

Kaleb suspira de um jeito que me deixa preocupada.

— Nicolas ficou doente após a viagem à Nova York. E de noite ele levantou, com muita febre e acabou batendo no aquário...

— *Meu Deus...*

— Ele se machucou bastante. Precisei levá-lo ao hospital e depois o transferiram para Nova York.

— *Mas ele está bem, Kaleb? Me diz que ele está bem!*

— O pior já passou. Agora ele está internado, recebendo sangue e descansando...

— Eu... eu não tenho nem palavras, sinto muito.

— *Anne.*

O meu nome. Saindo da boca dele. Mesmo ouvindo pelo celular isso me arrepiava.

— *Sim?*

— Você está bem?

— Eu... eu acho que estou, depois de ouvir isso... agora estou preocupada com o Nicolas. Vou orar pela recuperação dele, e se eu puder vê-lo, eu quero.

— Muito obrigado. Você pode sim, ele gosta de você.

Fico feliz ao ouvir isso e atravesso o salão até o outro lado, parece que está havendo um tumulto em algum lugar e eu, como uma boa curiosa, quero ir lá ver.

— Você está especialmente bonita hoje. Tudo isso pelo *meu casamento*?

— Sim, queria que você tivesse uma boa última impressão de mim... *espera. Eu estou especialmente bonita hoje? Você está me vendo?*

— Assim como a noite assiste à lua, é claro.

Viro a cabeça igual a Samara do Chamado. *Onde ele está? Está me vendo por alguma câmera?* Procuro-o por todos os cantos, mas realmente tem muita gente e agora todos resolveram sair do salão para ver o que está acontecendo na mansão.

Posso ouvir os gritos daqui!

Saio pelo caminho contrário, em direção à piscina, onde tem menos gente.

— *Está tudo bem por aí? O que está acontecendo?* — pergunto.

— Eu estou muito orgulhoso de você. Por ter superado a droga do Samuel e por ter saído por cima nessa história.

— Será mesmo que eu saí por cima? — avanço até ficar diante da piscina, prefiro ficar onde estou, não quero ficar no olho do furacão.



— Tive mais baixas do que altas nessa batalha.

— Mas terminou com um belo vestido.

Olho por todos os cantos. *Onde esse desgraçado está?*

— Não terminei com o mais importante: o noivo — começo a rir.

Dou um pulo quando sinto mãos atrás de mim, subindo pela minha cintura até chegar em meus seios.

— *Quem disse que não?* — Kaleb murmura em meu ouvido.

# Capítulo 36

*Kaleb Petterson*

— Como você está *aqui* e não *lá*? — Anne se espanta.

— *Eu estou onde importa.*

— Você e suas frases dramáticas...

— Anne, eu quero te contar uma coisa.

*Alguns meses atrás.*

Não importa a cara feia que eu faça, Nicolas é completamente indiferente. E eu tento de todas as formas explicar-lhe que não deve sair de casa sem avisar, mas ele simplesmente não liga.

— Por que você só decide *fugir* de casa nos momentos mais estranhos? — pergunto para mim mesmo, para ver se em voz alta eu encontro a resposta.

Chove torrencialmente e tento equilibrar Nicolas em um braço e o guarda-chuva gigantesco do outro.

— *Quando chove o que acontece com as fomigas?*

— Elas ficam em casa, dentro da terra, porque é mais seguro — preciso desviar de um carro que quase me atropela.

Antes de decidir tirar satisfação, vejo quem o conduz. *Aquele merda! O que está fazendo aqui?*

— Vai ser diferente, eu prometo! — ouço sua voz.

A porta do carro se abre e uma moça sai, ela não se importa de ficar toda ensopada. Mas antes que se afaste, ela bruscamente cai, ao ser puxada por Samuel pela sua jaqueta.

Ela deixa a jaqueta para trás, se levanta e sai mancando em direção à sua casa.

— Você sempre volta para mim! — ele dispara.

Corro para tentar alcançá-la e a cubro com o guarda-chuva, mas ela sequer me olha. Acompanho-a até a porta de casa, ela faz um sinal de agradecimento, mas continua a cobrir o rosto enquanto chora.

— Se precisar... — eu tento dizer, mas ela bate a porta na minha cara.

Fico ali parado, tento entender o que acabou de acontecer. Só saio do lugar quando o carro dá a partida e some da rua.

— *Eu só quis ajudar as fomigas* — Nicolas tenta explicar.

— Tudo bem, filho. Vamos para casa.

### *Algum tempo depois.*

Eu pensei em ir ver como a vizinha estava, depois daquela tarde chuvosa. Mas senti que poderia estar invadindo seu espaço pessoal e sendo inconveniente, além de que, Samuel reapareceu por ali mais algumas vezes,

então imaginei que foi um problema resolvido. Ainda assim me soava estranho.

Pela janela da sala eu vi Anne chorar com suas amigas e contar toda a sua vida. Não a pude escutar, mas assisti suas expressões.

Havia um punhado de coisas nela: dor, insegurança, pressão e decepção consigo mesma.

Mas não era só isso.

Havia também força, coragem, trabalho e persistência.

Esperei o momento certo para abordá-la e ver se estava tudo bem, mas ela se recuperou sozinha.

Os dias de completa desolação se tornaram um *show de cheiros deliciosos e canções de clássicos dos anos 90*.

Ela parecia se tornar outra pessoa quando estava cozinhando, seja para si ou para suas amigas. Havia um brilho em seu olhar que mudava tudo, até mesmo sua aparência. E ela jogava o cabelo freneticamente para todos os lados e saía performando pela casa, e eu, a acompanhando, por cada janela, rindo e me perguntando se ela estava realmente bem.

*Estava.*

Anne encontrou uma forma de sobreviver ao seu inferno e renascer pelo seu amor à cozinha.

Mesmo que os dias se passassem, eu não conseguia tirá-la da cabeça.

Eu já sabia que ela estava bem e seguindo a vida...

Mas eu sempre tirava algum minuto do dia para dar uma espiada e conferir com meus próprios olhos se estava tudo bem na casa ao lado.

Às vezes não.

Às vezes parecia que o mundo caía lá dentro, numa torrente de culpa, desespero e mágoa.

Eram como relâmpagos percorrendo sua cabeça e trovões sendo expelidos por tanto ódio.

Às vezes vinha a maresia, o sol voltava a brilhar.

E aí parecia que o mundo voltava ao seu normal, agitado e maluco, de pijama e fazendo a frigideira de guitarra enquanto se descabelava, escorregava e decidia ficar mais séria de repente.

— O que você está fazendo?

Surpreendo-me ao perceber que Nicolas demonstrou interesse em algo que eu estava fazendo. Agachei-me e tentei explicar do meu jeito:

— Estou olhando pela janela.

— E o que há para ver pela janela?

— *O mundo todo?* — faço cafuné em sua cabeça.

— A casa é o nosso aquário de formigas?

— Às vezes você me assusta, filho. *Sério.*

Nicolas pisca os olhos e tenta subir à janela sozinho.

— *Mas ainda não é Halloween* — ele diz em respeito a “assustar”.

O pego no colo e deixo que ele veja através da janela.

Nicolas olha para todos os cantos, para o jardim que fica logo à frente, a cerca, a rua e os automóveis passando por ela...

— Quero descer, já vi o mundo todo — ele se debate até que eu o coloque de volta no chão.

A minha curiosidade me levou a pesquisar tudo sobre a vida de Samuel.

Ele ainda trabalhava para a Farrah, mas devido à demissão de diversos *braços direitos* do meu pai, ele acabou ganhando sua confiança e subindo de cargo com o passar dos anos.

Vivia em um bom apartamento no centro de Miami e estava sempre acompanhado de mulheres.

Depois daquele incidente na chuva, o vi pelo menos duas vezes pelo bairro, mas não tenho certeza se foi com a vizinha.

A minha maior surpresa foi ao descobrir que Samuel estava se aproximando de Sabrina, e que, ela estava apaixonada por ele.

Não preciso dizer que tentei convencê-la de que merecia alguém melhor e que esse cara não acrescentaria nada em sua vida.

Mas a paixão pode cegar as pessoas, fazendo com que elas enxerguem apenas o que querem.

E se eu pensei que estava surpreso o bastante, Sabrina me informou, do dia para a noite, que iria se casar com essa *peça rara*.

Como a essa altura eu já conhecia a *Sweet Show* e um pouco de cada uma das suas sócias fundadoras, indiquei-as para Sabrina, só para deixar que o universo tivesse a boa vontade de somar 1 + 1 e alguma criatura inteligente pudesse dizer: 2.

Desmascarar Samuel, entretanto, se tornou o menor dos meus problemas, e sim, suas atitudes, para com a minha irmã e para com a Anne.

Sabrina e eu não podíamos manter muito contato porque desde que o meu querido progenitor me expulsou da família, ele tenta me encontrar

para me destruir e até tomar a guarda do meu filho.

Eles sequer sabem que ainda vivo em Miami, decidi voltar recentemente para fechar de vez esse ciclo maldito e dar cabo no que eu deveria ter feito desde o início.

Eu fui o cara que tornei a Farrah o que ela é hoje e fui apagado de sua história.

A empresa deixou de ter um propósito e seguir a coisa certa para se tornar uma máquina de lavagem de dinheiro para o governador corrupto e o meu pai.

Eu construí o monstro e eu o destruiria de vez.

— Você dormiu com *todas* as acionistas e sócias da Farrah? — Jacob faz um estardalhaço. Não é para menos.

— Eu consegui que elas investissem na empresa, então sejamos justos: eu que deveria pôr um fim nisso — é a minha réplica. O sexo foi bom, mas foi mais uma troca de favores.

— E o que conseguiu com isso?

— Elas são investidoras, então querem ver o lucro. E a Farrah dá o lucro que elas precisam.

— Que merda.

— *Mas...* o que elas vão fazer quando a Farrah se envolver em vários escândalos com o governo atual? E suas ações caírem e começar uma verdadeira operação de caça níquel dentro daquela empresa?

— Você as assustou.

— E falei sobre a Leão&Dourado, a maior concorrente da Farrah. É o mesmo ramo, uma empresa que domina tudo abaixo do México... e eu devo alguns favores ao tio Ethan, então... cumprio minhas promessas, fico sem débitos e consigo o que quero.

— O que elas disseram?

— Que vão abandonar o barco se ele afundar e irão para a L&D se for o caso.

— *E aí?*

— E aí que eu vou afundar esse barco, Jacob. O meu pai se sente dono do mundo porque tem poder e dinheiro. Mas se eu tomar isso dele, o que ele vai ser?

Jacob ergue a caneca com achocolatado e brinda comigo.

— Você é muito maquiavélico — ele diz.

— Agora me dê uma luz sobre a vizinha.

— O que tem a vizinha?

— Não consigo tirá-la da cabeça.

— Kaleb, pelo amor de Deus, você fodeu com o quê? Umas quinze mulheres nos últimos três dias? Me dá um tempo! Ninguém vale tanto a atenção assim não.

— Ela parece que vale.

Jacob revira os olhos e termina de tomar o achocolatado que tanto criticou, por causa das exigências de Nicolas.

— Invade a casa dela, pega ela pelo cabelo e a arrasta até a sua cama.

— Bem *homem das cavernas*. Achei ultrapassado.



— Então conversa com o pai dela para fazer um contrato de casamento, sei lá.

— *Você não está ajudando...*

— Kaleb, cá para nós, quando foi que você e eu precisamos conquistar uma mulher? Nós só surgimos e... *sabe?* Elas olham para gente. Sei lá, aparece na frente dela. Tira a roupa. Balança esse *sino de Belém* na cara dela e está tudo certo.

— Agora entendo porque você está solteiro — é o meu diagnóstico final desse paciente.

— Ser solteiro é uma arte, Kaleb. Por que ter uma mulher quando você pode ter *todas?*

— Está certo então... obrigado pelas dicas medievais...

Mas eu não precisei ir até ela. *Ela veio até mim.*

\*

Não sei em que espelho Anne costuma se ver, mas me parece que tem uma visão bastante distorcida de si mesma. Ela não enxerga em si todas as coisas que eu vi: ela é incrível, autêntica, uma peça rara! E tudo o que ela mais quer é... *ser como todas as outras mulheres.*

Por quê?

Por que ela só não... fica só sendo ela mesma?

Eu não entendo. E por isso eu a olho bem de perto. *Sempre.* Existe alguma coisa nessa mulher que prende a minha atenção e eu não consigo decifrar.

Temos um ódio em comum, o que já nos aproxima e tanto. E ela precisa de mim para algo, o que me permite ficar sempre por perto para descobrir o que ela tem que eu não consigo parar de pensar nela.

A melhor parte disso tudo é que agora não preciso mais vê-la de longe, da janela. Agora posso ir até a sua casa, conversar com suas amigas, estar por perto e ajudá-la no que for necessário.

E não importa o que digamos ou façamos, acabamos rindo igual dois adolescentes idiotas.

E o melhor: ela gosta do Nicolas. Não, melhor do que isso: o Nicolas gosta dela.

Até o meu filho gosta dela! E o Nicolas não gosta de absolutamente nada além de suas formigas...

Não pode ser. Eu estou obcecado por Anne e já não consigo me controlar.

Quero tocar a sua pele, quero sentir o seu cheiro bem de perto. Quero descobrir sua história, quero vê-la feliz e satisfeita, quero garantir que ela nunca mais chore por um babaca.

O brilho dos olhos dela é capaz de me cegar. E quando me vejo refletido em sua íris, eu vejo o *verdadeiro eu*.

Não o Kaleb do passado que só pensava em dinheiro e mulheres. E que não tinha tempo para qualquer sentimento, principalmente após a perda de uma pessoa tão amada...

Agora... *eu me sinto pronto*.

Pronto para mergulhar em seus mistérios, pronto para redescobrir a vida ao lado de alguém... pronto para amar e, é claro, o mais difícil: *permitir ser amado*.

\*

## *Durante a visita a Ethan Evans*

— *Quer falar sobre isso?* — Ethan ajeita os óculos e me examina com profunda seriedade.

Valentina, a esposa de Ethan, leva Nicolas para a sala onde Noah está e depois retorna, fecha a porta e se senta ao lado do marido.

Tentei esboçar qualquer palavra, qualquer coisa, mas é bem difícil.

— *É difícil, não é?* — Ethan se diverte. — *E é assustador também.*

— O quê?

— Sentir isso depois de tanto tempo. Descobrir que... você ainda é capaz de se apaixonar e de repente amar uma pessoa...

— Eu não sei se “amor” é a palavra adequada. Eu gosto dela.

— Sim, dá para perceber que gosta — Valentina é bastante gentil.

— O amor não é um grande ato. E também não surge ocupando os céus em uma cortina de fumaça, isso é uma bomba atômica — Ethan puxa as mãos da esposa para o seu colo. — O amor é a persistência... em cuidar, ajudar, construir, observar, deixar acontecer... como o trabalho de uma formiga. Cada grão fará diferença no final.

— Agora você fala igual o Nicolas...

— O amor é construído na rotina, Kaleb. Em cada “*bom dia*” ou “*como você está?*” que você deu. E cada vez que você ouviu os problemas dela e não a julgou. Cada vez que você percebeu que ela precisava de um abraço e você se dispôs, sem que ela precisasse pedir. O amor é entender

que você não tem os mesmos problemas que ela, e você está vivendo dias incríveis, ainda assim, você escuta sobre os dias tristes dela e mostra que estará ali, não importa se o dia não terminou como o esperado — Ethan faz uma longa pausa.

— Você está querendo dizer que de uma forma ou de outra... ao me aproximar tanto após decidir ajudá-la... estamos construindo o amor?

— Em cima da paixão que você já tem — Valentina diz. — E que... de alguma forma... ela parece corresponder.

— Mas ela... é tão confusa...

— *Porque ela é uma mulher e não a matemática, ora bolas. Você quer se relacionar com algo que consegue entender? Então beija na boca de uma equação, garoto!* — Ethan não perde tempo em me zoar.

— Acho que o que o Ethan quer dizer, do jeito dele, é que não importa o quanto ela é confusa... o que importa é que você não desistiu dela.

Ethan retira os óculos, pela primeira vez vejo seus olhos azuis que se concentram em um ponto fixo na sala de jantar.

— Você não vai descobrir o dia que começará a amá-la. Nem o dia seguinte. Só vai perceber um dia que... não se importará mais com as fraquezas dela, na verdade você já as absorveu e transformou em força para si. E vai notar que amar não é olhar para a armadura...

— *O corpo* — Valentina traduz.

— É olhar além, para algo que os olhos não veem, que o nariz não sente, que ultrapassa o toque... é como se... algo seu vivesse nela e algo dela vivesse em você... e é nesse dia... — Ethan aponta o dedo para mim.

— *O quê?* — Pergunto ansioso.

— Que você vai desistir do seu namoro com as equações e vai se jogar no inferno *e paraíso* que é amar uma mulher.

— *Inferno?* — Dirijo-me à tia Valentina.

— *E paraíso* — ela diz.

# Capítulo 37

*Anne Moore*

Kaleb termina de dizer tudo o que quer.

A minha cabeça dá voltas, estou plantada no lugar, não consigo nem me mover. Ensaiei algumas palavras para dizer, mas a cada frase dele, eu perdia o ar e ficava ainda mais imersa em sua narrativa.

*Então ele já havia me notado antes? Como eu não tinha percebido.*

— E você não se sentiu mal quando pedi que fingisse ser meu namorado para incomodar o Samuel? — é tudo o que sai da minha boca.

— Eu já estive em seu lugar, Anne. Numa relação diferente, mas na mesma situação. Eu sei que é preciso tempo para aprender e superar as dores do passado. Mas olhe só para você agora...

Não consigo me olhar, não temos um espelho por aqui. Mas eu me vejo, nos olhos de Kaleb. E eu estou bem gostosona, em um vestido caro, cabelo arrumadíssimo e ainda seguro meu bom *drink* na mão esquerda. Eu estou um arraso mesmo!

Ou será que estou ainda mais bela porque me vejo refletida em seu olhar?

— Agora você sabe quem é. Você, Anne Moore. Sem Samuel nem ninguém. Se redescobriu mesmo dez anos dizendo para si mesma que deveria ser uma boa namorada, uma boa companheira e aceitar tudo... e você sabe que esmagou o meu coração algumas vezes, no percurso, não é?

— *Esmaguei?* — solto um gritinho. Ele corresponde com um sorriso de canto.

— É. Você ignorou mesmo algumas ligações que eu fiz. E me deixou preocupado, você parece um vulcão pronto para explodir.

— Acho que é o que acontece quando se guarda tanta coisa do passado...

— A propósito, eu comprei a *Sweet Show*.

Saio do lugar e me desequilibro totalmente, preciso ser amparada por ele.

— 25% por 5 milhões de dólares — ele diz.

Eu não tenho nem palavras. É como se o tempo e espaço parassem naquele lugar e mesmo com uma multidão vindo para cá, só consigo fitá-lo.

— *Como assim?*

— Você e as suas amigas são incríveis e eu tenho certeza de que esse negócio vai valer muito mais no futuro. Tome esse dinheiro como um investimento agora para contratar mais funcionários, aumentar a sua cozinha, alugar um local maior. Vamos levar a *Sweet Show* para toda Miami, depois para todos os Estados Unidos.

— Você ficou maluco?

— Você tem um sonho incrível, eu sou o cara do dinheiro, esse negócio é rentável. Também tire umas férias e diminua sua carga horária, você precisa. Trabalhou duro todo esse tempo, merece uma pausa, para depois retornar com força total.

Se antes eu não sabia o que dizer, agora até parece que esqueci como se fala. Entreabro a boca, mas nada sai. Mesmo quando tento construir um raciocínio, a boca falha. Não posso acreditar que ele fez isso...

— Você está feliz? — sinto suas mãos nas laterais do meu rosto.

*Feliz?* Eu estou radiante, só não consigo me mover, parece que injetaram botox na cara inteira!

— Eu... nossa... não... eu... sim... quero dizer... eu estou feliz, Kaleb.

— Ótimo.

— Mas... espera... então quer dizer que você não vai mais me casar?

Dou um passo para trás quando o vejo se ajoelhar diante de mim. Ele segura a minha mão e toca no anel que me deu.

— Quando você aceitar se casar comigo *de verdade* algum dia, tenho certeza que irei me casar. Por enquanto me contento em ter transformado essa festa incrível, onde toda a alta sociedade de Miami está reunida, no enterro da Farrah, do governador Weiss e do meu pai. *Ah, e do Samuel também.* Ele mesmo fez algumas negociações duvidosas em nome da Farrah.

Puxo o idiota do chão. Meu Deus, que cena! Chamou a atenção de todo mundo! Repreendo com os olhos e tento ignorar isso.

— *Então você também queria vingança?*

— Temos isso em comum. Queríamos nos vingar. Você do seu jeito, eu do meu. E...

— *E?*

— E no meio disso tudo, acho que descobrimos que temos algo muito mais em comum do que o ódio por pessoas abusivas.

— Eu não poderia concordar menos!

— Agora... — Kaleb toma minhas mãos e leva para perto do seu peito. — Sobre a sua mensagem... saiba que eu também aprendi a te



admirar e a te amar. *Não foi mentira, Anne.* Nenhum momento que eu vivi ao seu lado foi em vão. Da sua primeira vez na praia ou no iate... te ajudar a reparar seu coração e te ver criar ânimo e energia para seguir a vida... eu redescobri essa sensação que pensei que nunca mais poderia sentir...

— *Que sensação?*

— Acho que você sabe. *Você sabe que nada foi uma mentira.* Eu estive de corpo e alma ao seu lado em todos esses momentos e cada um deles foi incrível. Hoje você é essencial para mim e eu não vou aceitar que saia da minha vida. Gosto mais de mim mesmo quando estou com você.

— Também gosto de você... — respondo. — *quando está comigo. Você fica... legal.*

Kaleb abaixa o rosto e morde o meu dedo.

— Vai me tratar assim agora?

— Eu vou. Apreendi uns segredos para deixá-lo aos meus pés e quero testá-los em você... — faço um bico.

— Eu já estou aos seus pés — ele se aproxima do meu rosto e murmura em meu ouvido. — E em breve vou estar em cima de você... embaixo de você... dentro de você... fora de você...

Parece que ocorre um apagão em minha mente. Quando dou conta, meus braços estão envolvidos no pescoço de Kaleb e nossos corpos estão colados, quase que numa dança bem lenta e que faz nossos corpos se aquecerem juntos.

É como se cada um dos momentos que tivemos juntos nos embalasse nessa hora.

Ele cantando a música do filme “*Uma Linda Mulher*”, me carregando nas costas enquanto me levava para a praia, cuidando do meu

dedo que cortei, jogando-me na cama após eu ter invadido seu quarto, levando-me para ver o mar numa noite maravilhosa, comprando inúmeros vestidos caros para depois dizer que eu ficava linda com minhas roupas velhas...

Sinto o perfume de Kaleb em seu peito, estou arrepiada agora, assim como estive da primeira vez que o senti.

Também me recordo da primeira vez que o vi, pela janela, aquela obra de arte fazendo um verdadeiro *show* que eu experimentei e pedi por mais...

Isso é bem diferente do que senti um dia por Samuel.

Aquilo era só obsessão, medo por ser trocada, fúria pode ser enganada...

O que Kaleb me faz sentir é mais genuíno... e não depende só de mim, o que me alivia bastante, ele se compromete e se comprometeu todo esse tempo a estar ao meu lado, cuidar de mim, rir comigo e não me julgar pelos meus defeitos e minhas fraquezas.

Agora me sinto mais forte do que nunca.

E pronta para amar de verdade.

## ***Kaleb Petterson***

Para poder sair daquele inferno, Anne e eu precisamos atravessar praticamente uma procissão, de tanta gente. Um empurra empurra infernal. Acho que esses ricos metidos nunca ficaram tão grudados uns nos outros.

No meio do caminho acabo esbarrando em Ethan.

— *Achei você!* — Trago Anne para sua direção. — Ethan, quero que conheça a Anne. Anne, esse é o meu tio Ethan.

— Queria poder tê-lo conhecido em um momento melhor, senhor Ethan — Anne sorri com gentileza.

— O momento é apropriadíssimo, na verdade — Ethan contrapõe.

Ele está vestido do seu jeito clássico: óculos escuros, chapéu Fedora e com certeza o terno mais caro que se pode encontrar em Nova York, azul marinho que foi feito sob medida. Ao seu lado, deslumbrante, com os cabelos amarrados e uma coroa de flores brancas e um vestido que contorna seu corpo, sua esposa, Valentina Evans.

— É um prazer conhecê-la, Anne. Ouvimos muito ao seu respeito. E em nada a sua presença decepciona — Valentina lhe dá dois beijos na face.

— *Obrigada?* — Anne parece confusa, mas se sente à vontade diante do casal.

— Essa é a minha casa! Me soltem! — todos nós paramos para assistir o senhor Farrah ser varrido dali por uma escolta do FBI, dois dos maiores homens precisam arrastá-lo, ele se nega a ir.

*Como, afinal de contas, eu iria destruir seu reinado sem seus súditos?*

— *Nós tínhamos um acordo!* — ele rosna quando passa por mim. Até me surpreendo que nessa situação ele consiga me distinguir na multidão.

— Pelo amor de Deus — tio Ethan, a voz do bom senso, parece calar todos. — Nós somos americanos. Não fazemos tratos com corruptos e terroristas. Varram esse homem daqui! — ele aponta com a mão para que sigam.

A proposta do senhor Farrah teria sido tentadora para o meu *antigo eu*.

Eu me sentiria deslumbrado com novas migalhas: retornar para casa e *ser tratado como alguém da família*. Era o que eu queria... até descobrir que família, muitas vezes, não precisa ser a de sangue. Mas a que forma laços concretos contigo.

Pessoas que sem nenhuma obrigação decidem te acolher, te aceitar e te amar.

Pessoas que não pedem nada em troca, não precisam tecer acordos e que jamais e em hipótese alguma tentam te afastar das outras pessoas que você ama...

O acordo sairia caro demais para mim. E eu não queria arcar mais uma vez com uma coleira em meu pescoço, fazendo o que queriam de mim.

Assim como Anne, precisei quebrar a ilusão de que estava sendo amado, desejado e valorizado, por uma pessoa que na verdade só queria me usar e me destruir por dentro, para que fosse sempre fácil me coagir com suas vontades.

*Eu tinha as minhas próprias vontades.*

E eu não abriria mão de continuar íntegro em meus valores e ter Anne ao meu lado.

— *Esse é o momento apropriado para te dizer algo!* — Ethan estala os dedos e me puxa pelo ombro.

— *Sim?*

— A Lilith sempre diz que algumas coisas só devem ser ditas no momento apropriado e acho que esse é um deles — ele explica.

— Tudo o que você diz, sempre é bem-vindo, tio Ethan.

— Eu não me tornei um dos homens mais poderosos dos Estados Unidos para permitir que qualquer projeto de *espertinho* destruía nossos valores e manche nossa pátria, Deus do céu — ele reclama enquanto assistimos a família Weiss ser escoltada para fora dali.

— Você destruiu o melhor dia da minha vida! — Gabriela grita para mim.

*Que bom. Fiz a minha boa ação do dia, tomara que o Karma seja gentil.*

— Sim, tio Ethan?

— Pessoas de mentes pequenas se deslumbram com o poder. E seduzidas por ele, abandonam quem elas são, para se prostituir pelas regalias que o poder ilusoriamente te faz acreditar que tem.

— Certo. Muita coisa para absorver.

— *Mas* — Ethan dá ênfase nessa parte. — Sabe a coisa mais importante que aprendi em todos esses anos?

Estava ansioso para ouvir.

— A primeira coisa que faço quando acordo, não é pensar: *puts, eu sou um dos caras mais influentes dos Estados Unidos e Mão Oculta do GTI*. Não. Não é isso o que eu faço. Primeiro eu me preocupo com a minha esposa, que está ali ao meu lado, se ela dormiu bem e se ela aceita ter o dia mais incrível da vida dela ao meu lado, naquele dia.

Anne encostou a cabeça para ouvir, pareceu bastante interessada.

— Depois nós vamos ver se nossos filhos estão bem. E se a nossa grande família está bem. E se nossos amigos estão bem. E se nossos funcionários parecem bem. De que adianta o poder se não tiver com quem dividir? O poder por ir e vir. Ele te seduz, mas também te abandona... *a sua*

*família, a sua real família, as pessoas que te amam de verdadeiro coração, não.*

Anne praticamente ficou no meio de nós dois, só ouvindo.

— Você vai amar e vai odiar a sua família, porque eles são *reais* e não vão disfarçar quem são para que você os aceite. Se apegue às pessoas reais ao seu redor. A aquelas que te amam e que é recíproco, pelo menos. Todas as coisas no mundo vão passar, até mesmo o poder e o dinheiro. Mas os laços que nos unem... eles que são capazes de te fazer se reerguer, querer lutar e viver da melhor forma possível.

— Obrigada, tio Ethan — Anne balança a mão dele, para seu espanto.

— *De nada?*

— Agora se divirtam! Isso não era para ser uma festa? — Valentina se afasta, junto com seu esposo.

— Preciso ver se a minha mãe e irmã estão bem — aviso Anne.

— Tudo bem, eu te espero, ou posso ir com você — ela não titubeia.

— Depois vou voltar para Nova York para passar a noite com Nicolas. Vim rápido só resolver um assunto e preciso voltar.

— *Que assunto?*

— Eu voltei por você, Anne. Eu disse que estaria aqui por você.

Ela abaixa o rosto, consigo ver que está corada. Mesmo em meio à multidão, é impossível prestar atenção em outrem senão ela. Algo nos conecta, algo nos atrai, algo nela me deixa em paz e ao mesmo tempo em guerra.

E eu aprendi a saborear esses sentimentos confusos em mim, quando estou com ela.

— Quero ir com você para Nova York ver o Nicolas. Estou preocupada com ele.

— Tudo bem. Obrigado por se importar.

— *Ei!* — Anne segura em minhas mãos e as sacode.

— *Sim?*

— Eu vou estar aqui por você também.

# Capítulo 38

*Anne Moore*

Aguardo Kaleb encontrar sua mãe e irmã, enquanto isso aviso para minha família que preciso ir a Nova York resolver uma coisa importante e retorno em breve.

Na sequência Kaleb dirige até a sua mansão, ao lado da minha casa, para pegar algumas coisas. Aproveito esse tempo para tomar um bom banho e vestir roupas bem confortáveis. Eu amo estar elegante, mas nada supera uma calça de moletom, tênis e um *cropped* bem confortável, além é claro, do casaco, já que estamos indo para uma cidade fria.

— Você e a incrível arte de ficar muito melhor quando está com suas antigas roupas — é o que ele diz quando nos encontramos.

— Nada supera um estilo confortável — dou uma volta para mostrar meu figurino.

O trajeto até pegarmos o jatinho não demora, ainda estou me acostumando com essa vida que ao decidir algo, ele já está pronto. Kaleb mal chegou em Miami, já queria voltar para Nova York e num estalo de dedos as suas vontades estavam à sua disposição.

Assim que levantamos voo e a viagem segue tranquila, já consigo até raciocinar melhor para conversar pormenores com Kaleb.

— Você vai ser um daqueles caras chatos que investiu muito dinheiro na minha empresa e vai me fazer exigências bem absurdas?



Sinto sua palma da mão no topo da minha cabeça. Quando seus dedos começam a se movimentar lentamente, me arrepio toda, é bastante gostoso sentir isso.

— Eu comprei a *Sweet Show* porque quero que o seu sonho tenha a qualidade que você merece e te devolva no bem-estar que você precisa. Quando meu investimento for retornado, a empresa será 100% de vocês e eu não terei mais participação nela.

— *Sério?*

— Você ainda acha que quando falo algo eu não estou falando sério?  
— ele retorque, o rosto bem perto do meu.

— Então digamos que... basicamente... você comprou a empresa só para me ajudar?

A mão livre de Kaleb agora está em meu pescoço. Seus dedos pressionam em minha pele e sobem até o meu queixo. Ele encosta o nariz em minha bochecha e me arrepio toda quando sua barba passa de leve em mim.

— *Sim, eu fiz isso por você.*

— *Por quê?*

— Você ainda não entendeu ou só está fazendo charme? — Kaleb me mordisca.

Sua mão me obriga a vir em sua direção, mas beijá-lo é a opção que eu tomo. Ainda sinto meus dedos tremerem quando sua boca fricciona contra a minha e sua língua contorna os meus lábios para então adentrar e passar pela minha boca de um jeito doce.

Em contrapartida sua mão é mais intensa, já não a sinto mais em minha cabeça, mas em minha cintura. Kaleb me aperta, me puxa para si e

quando me dou conta, estou com os joelhos posicionados na poltrona, sentada em cima dele.

Sua pegada é tão forte que nem mesmo o moletom me salva de ser apertada e com certeza ser marcada quando suas mãos me puxam, me amassam, me massageiam e me fazem sentir um calor infernal a ponto de tirar o casaco.

— Eu fiz isso por você. *O que eu não faria por você?*

— É uma excelente pergunta — murmuro, aliso seu rosto com carinho.

E ele me devolve com uma palmada bem forte na bunda.

— *Eu faço qualquer coisa por você* — ele garante.

*Que droga de sensação estranha é essa?* Será que nunca vou me acostumar com Kaleb?

Suas palavras ainda me deixam arrepiada, seu toque ainda me deixa fascinada e seu olhar me deixa paralisada.

Não sei que tipo de sensação é essa, mas o que eu sei que não quero é que ela vá embora, nunca.

— *Eu quero que você seja minha.*

— *De verdade?* — não contendo a surpresa.

— Se somos bons em ser um do outro, *de mentirinha*, não acha que seríamos perfeitos um para o outro fazendo isso *para valer?* *De verdade?*

Nicolas, eu sinto muito, temos um novo refutador na cidade e ele é muito bom.

Kaleb continua a me olhar e aproxima seu rosto devagar. Mordisca por cima do *cropped* o bico dos meus seios e esse feito já é o suficiente para

me deixar entregue.

— Eu também quero você, Kaleb. *De verdade.*

Acho que ele não precisa de muito mais do que isso para entrar em ação.

*Ele é muito bom mesmo.*

Kaleb me despe, mas sem pressa. Temos pelo menos três horas para aproveitarmos um ao outro e ele faz cada segundo valer um milhão de dólares, tudo com ele se torna valioso.

Levanto os braços para que ele tire o meu *cropped* e o observo lambe os meus seios, depois tomar um deles com a boca enquanto massageia o outro. E ao rebolar em cima dele, sinto-o duro para mim.

Uma coisa deve ser dita: já me sinto muito mais confortável. Não tenho mais medo ou vergonha do meu corpo, tampouco me sinto tensa se sou boa o suficiente porque eu sei que sou. E Kaleb demonstra, com o olhar e com o toque, que eu não poderia ser melhor do que isso.

Ele inclina a poltrona e troca os nossos lugares.

Imediatamente eu tiro o tênis e abaixo a calça de moletom, mas me perco no meio do caminho. Porque agora eu tenho o meu *show de vizinho* particular.

Assisto seu terno caro cair em qualquer lugar no chão e seus braços fortes flexionados enquanto ele tira cada botão do lugar para revelar seu peitoral todo forte. Quando a peça de roupa cai, eu já estou apenas de calcinha, assistindo-o.

Ele tira o cinto, os sapatos, as meias, afasta a calça com as próprias pernas e vem até mim.

Eu me levanto, é claro. Não vou perder a oportunidade de sentir sua pele, admirá-la tão de perto, perder-me em seu perfume que me envolve e sentir suas mãos contornarem o meu corpo num abraço que faz meu coração bater rápido a ponto de me fazer senti-lo em cada parte do meu corpo.

Nesse abraço gostoso e apertado, giro-o devagar até jogá-lo de volta na poltrona.

— *O que foi isso?* — Kaleb começa a rir e tenta se levantar. Eu o impeço.

— *Para onde você pensa que vai?* — o empurro pelos ombros para que deite.

E desço calmamente pelo seu peito, sentindo seus mamilos em minha boca, e depois seu tanquinho, passo a minha língua por ele devagar, até chegar à virilha, onde afasto sua cueca só um pouco, o que é suficiente para fazer seu pau saltar de dentro dela e ficar de pé, duro, praticamente ao lado do meu rosto.

— *Dessa vez eu faço o show* — pisco para ele.

Kaleb fica extremamente curioso e acompanha cada um dos meus movimentos. Não faço muita coisa, sequer seguro o pau dele, porque ele consegue ficar apontado para cima sozinho.

Passo a ponta da língua pela extensão do cacete, começo pelas bolas até chegar na glândula inchada. E quando chego ali, vou bem devagar, contornando-o. Parte da delícia é prová-lo, a outra parte é assisti-lo.

Kaleb imediatamente segura com força nos apoios do banco e se contorce.

— *Calma, bebê, eu ainda nem comecei* — o provoco.

Apenas apoio a mão para poder lambar com mais intensidade, e fico cada vez mais excitada ao perceber que ele está adorando. *Eu disse adorando?* Ele está quase indo ao delírio!

De olhos fechados, o corpo estremecendo e suspirando...

— *Isso... isso é muito bom...* — ele deixa escapar.

Kaleb agora pode sentir um pouco do que sinto quando ele mexe comigo, quando ele me toca e me leva às alturas...

É a minha vez de mostrar a ele que eu também posso fazer isso.

### ***Kaleb Petterson***

Esse lado de Anne eu não conhecia; eu nunca a vi assim. E estou completamente animado para descobrir quais outros lados ela esconde de mim, quero descobrir todos eles, do *inferno ao paraíso*.

Ela usa as duas mãos para me masturbar e eu não sei o que é mais gostoso, assistir o seu show ou aproveitar a sensação de como ela me toca.

Ela me surpreende ainda mais quando coloca o meu caralho entre os peitos e começa a subir e descer sutilmente, a boca voltada para baixo, beijando, lambendo e chupando a minha glândula.

*Eu não... eu só não consigo ficar parado vendo tudo isso...*

A vontade que tenho é de sair daqui, puxá-la pelo braço, pelo cabelo, pelo corpo, por onde quer que eu possa tocar e fazê-la perceber que está brincando com fogo.

Eu espero, de coração, que o piloto dessa aeronave esteja preparado. *Porque Anne e eu vamos causar uma turbulência.*

Se não fosse o bastante encará-la, o que já me deixa excitado, e vê-la nua, o que me deixa ainda mais animado, agora eu a tenho bem desinibida, completamente safada, só para mim. Meu pau está doendo de tanto que está latejando.

— *Eu preciso entrar em você. Agora* — rosno.

— Por que tanta pressa? — ela me provoca.

Essa mulher quer queimar cada parafuso do meu juízo que sobrou! Não é possível!

— Estava curiosa para ver como você é dentro de mim — ela acompanha com o olhar os movimentos fortes que eu faço entre seus seios.

— *Anne...* — preciso rir baixinho. — *Não brinca comigo...* — mordo com força meu lábio inferior.

Ela se levanta. Pousa o primeiro joelho na poltrona e levanta bem a outra perna para passar por cima do meu pau. Depois abaixa o quadril e esfrega bem devagar a minha glândula em sua entrada.

— *Eu quero te chupar também* — minhas mãos contornam sua coxa.

— *Eu já estou bem molhada para você* — suas mãos envolvem meu pescoço.

*Inferno de mulher. Ela está praticamente rindo da minha cara enquanto me vê perder a sanidade!*

— *Mas eu não só quero te deixar molhada* — respondo. — *Eu gosto do seu gosto, eu gosto do seu cheiro, eu também quero você...*

Ela faz que não, movendo a cabeça devagar.

*Não? Como assim não?*

— *Você vai ter todo o tempo do mundo de agora em diante para aproveitar tudo isso. Mas não hoje.*

Anne não tira os olhos de mim, empurra o quadril para baixo e eu sinto seus lábios me devorando e apertando. É uma sensação inconfundível, o meu corpo se atíça por inteiro, é como se cada parte de mim desligasse um pouco só para aproveitar sua pele em conexão com a minha.

Essa maldita sorri enquanto me assiste perder a cabeça.

## ***Anne Moore***

Aproveito cada segundo em que meu corpo engole o cacete de Kaleb, mas essa não é a melhor parte. Nossos olhares tornam tudo isso mais excitante, e percebo que ele está lutando para manter o controle e não me encher de tapas.

Sinto leves beliscões em meus seios, seguro firme no ombro dele e volto a levantar o quadril. Ele desliza para fora de mim com lentidão, o que me deixa arrepiada.

Ao ser penetrada pela segunda vez, Kaleb coloca quase a metade do seu pau. E eu me remexo toda, rebolo sutilmente para que a posição fique confortável para mim, pois é tudo o que preciso para desfrutar de seu corpo e ter um bom orgasmo.

*Um real.*

— Por que está me olhando assim? — jogo todo o cabelo para o lado direito.

— Só estou admirando a vista — ele murmura, rouco.

— Você está louco para assumir o controle da situação, não é? —  
faço um bico.

— *Pode apostar que sim.*

— E deixar a minha bunda toda marcada com o contorno da sua mão — inclino-me em sua direção e faço o pau dele deslizar novamente para fora de mim, mas não sai por completo.

— *Você lê os meus pensamentos.*

Seguro o riso e acompanho, bem de perto, as expressões do rosto dele quando minha vagina o devora, quase por inteiro.

Sua respiração quente é como um carinho em meu rosto, mas o seu olhar diz que ele não vai ser tão piedoso, não por tanto tempo.

— Você não sabe com quem está mexendo — ele me ameaça.

— *Ou será que eu sei exatamente o que estou fazendo?* — rebolo em cima dele.

Kaleb estica o pescoço e solta um gemido alto, perde completamente o controle e é isso o que eu quero ver.

No segundo seguinte ele me joga contra a parede do avião, eu espero que esse piloto seja bom, ele já deve ter enfrentado muitos temporais lá fora..., mas dessa vez... é aqui dentro que mora o perigo.

— *Pode me foder do jeito que quiser agora* — belisco os mamilos dele, enquanto sinto sua respiração ofegante e raivosa em cima de mim.

Sua boca me beija de um jeito voraz, sou pressionada contra a janela do avião. Kaleb levanta as minhas mãos e me prende na parede enquanto seu corpo suado me perfuma com seu cheiro.

Ele me vira de costas para si e eu sinto o ardor quando tenho a nádega devidamente castigada. Empino um pouco mais.



— *Pode bater com força, eu não quebrar.*

E ele bate bem forte e me invade com seu pau, sem avisar.

Admiro que ele tenha guardado o gemido por tanto tempo, eu não tenho tal sorte. Solto um grito de prazer e me apoio na parede enquanto vejo a noite luminosa lá embaixo as estrelas radiantes aqui em cima.

As estocadas aumentam não apenas em barulho, mas em velocidade. A fricção entre nossas carnes me deixa louca e só consigo ver de relance algumas nuvens ficando para trás enquanto estamos voando para algum lugar.

É como se Kaleb tivesse o mapa do meu corpo e dos meus desejos, ele sabe muito bem como massagear o meu clitóris com sutileza enquanto me fode com tanta força que sinto perder o ar.

E ele me obriga a virar o rosto em sua direção para beijá-lo enquanto meu corpo se entrega ao prazer, a luxúria, ao desejo e tesão, mas também ao amor.

É o conjunto de tudo isso que me deixa de pernas bambas e mesmo que eu não me sinta mais apta a me manter de pé, firme no chão, ele levanta o meu corpo e continua a me comer sem parar.

Nunca pensei que chegaria o dia em que não precisasse me preocupar em fingir sentir prazer. E nunca pensei que um dia encontraria alguém que, não apenas me daria prazer, mas me faria sentir bem, aceitaria minhas loucuras, meus problemas, seria meu amigo e talvez, mais louco que eu...

— *Kaleb, eu vou... eu vou...* — passo a mão pelo vidro todo embaçado.

E mesmo depois que eu sinto meu corpo estremecer e começo a esguichar, ele não para.

Ele está sedento, ele ainda quer muito mais de mim e eu estou disposta a dar para ele até chegarmos em Nova York.

Kaleb tira-me da parede, me joga na poltrona reclinada e vem para cima de mim, mostrar que o *show* ainda não acabou.

Ele me limpa com sua língua e eu vou ao delírio ao sentir como seus lábios conseguem ser habilidosos, praticamente me obriga a contorcer.

— Você me provocou — ele se levanta, o corpo brilhando pelo suor, o peito inchado indo e vindo pela respiração ofegante.

Kaleb me invade novamente e me fode com força enquanto me encara nos olhos, com um sorriso cafajeste estampado na cara.

— *Agora vai ter que aguentar.*

O que esse delícia me pede sorrindo que eu não faço chorando? Poxa, vai ser um suplício, hein, ter que aguentar mais duas horas dentro desse avião sendo tratada como a princesa do jeito que eu sempre quis ser tratada, em meu próprio conto de fadas...

*Como em semanas esse cara me fez sentir o que não senti em dez anos?*

E ao afundar na poltrona e deixar que ele me dê quantos atestados médicos ele puder, para que eu já chegue em Nova York de cadeiras de rodas, só consigo pensar:

*..., mas que filha da puta desgraçado!*

# Capítulo 39

*Anne Moore*

## *Algumas semanas depois.*

Assim que o despertador toca eu já me coloco de pé e vou ao banheiro tirar a cara amassada e fazer minhas higiênes. Ao retornar para o quarto, escancaro as cortinas e vejo, na janela da mansão ao lado, Kaleb Petterson.

Ele está com seu roupão azul marinho, os cabelos assanhados e o peitoral à mostra.

— Isso aqui é uma vizinhança de família! — O repreendo assim que ele atende o celular.

— Estou sentindo calor — ele se abafa e afasta o roupão dos ombros, deixando-o descer pela sua cintura. — Quer vir aqui? Tomar um café, umas palmadas na bunda, um banho?

— Aceito tudo — é o que respondo porque não sou nem doida. Quero dizer, doida eu sou, só não perdi o juízo. — Chego aí em um minuto!

Me visto adequadamente para encontrar o meu *show de vizinho*, ou seja, coloco um short jeans bem surrado e uma camisa larga por cima, amarro os cabelos e um calço all stars antigo.

— Que linda a minha amiga! Para onde vai? — Emms me interpela antes de sair.

— Kaleb e eu vamos acompanhar o Nicolas hoje em uma pedagoga.

— *Ah! Que legal! Ele está melhor?*

— Cada dia melhor. E você, Emms, o que vai fazer?

— *Eu não sei* — ela suspira. — Há tanto tempo que não sei o que é tirar férias... só consigo pensar em números, quando na verdade deveria estar deitada relaxando...

— Você vai ter muito tempo para pensar em números, contratos, novos eventos... e tudo vai ser maior e melhor a partir de agora!

— Deus te ouça, Annelise! — Ela pousa a xícara na mesa. — *Ah!* O Kaleb pediu para te avisar que amanhã sem falta iremos conferir os novos locais da *Sweet Show*, ok?

— Pode deixar! — Me despeço e saio de casa, em direção à mansão ao lado.

Passo pela cerca branca, toda animada e chego na porta o mais rápido que posso. Pelo caminho não deixo de notar que o jardim está impecável e pelo visto as formigas estão a todo vapor por ali.

— *Você não é o Vincent* — Nicolas abre a porta e fita meus pés.

— *Graças a Deus* — dizemos juntos. Eu segurando o riso e ele espantado.

— Você está esperando o Vincent?

Nicolas afasta os dedos livres da porta, o outro braço está engessado e devidamente decorado com formiguinhas, eu mesma as desenhei. Antes ele parecia desconfortável e queria tirar a todo custo o gesso, então pensei rápido nisso e pinteí com uma canetinha.

Ele dá meia volta e entra quase que dando saltinhos no chão.

Fecho a porta quando entro e antes que eu me sento à mesa, vejo Kaleb descer as escadas. Está com uma camisa branca de mangas longas e

uma calça azul marinho, o cinto e os sapatos são de um caramelo escuro muito bonito.

— *Que bom vê-la tão cedo!* — ele passa por mim e me dá um beijo na testa, depois nos lábios. — *Dormiu bem?*

— Depois que você saiu de madrugada, sim.

Kaleb coloca uma leiteira com água no fogo e puxa o termômetro do armário.

— A propósito, você não apenas desmontou a minha cama. Você a quebrou mesmo! — Cruzo os braços. — Ela era uma relíquia, Kaleb!

— Eu te compro outra.

— Ah, é assim? Você simplesmente vai... *comprar outra?* Não devem fazer mais camas assim hoje em dia.

— Mando para uma carpintaria — ele é tão prático que me deixa sem graça. — *Nicolas?*

Ele precisa chamar o filho pelo menos umas quatro vezes, até que o pequeno aparece com seus abafadores de ouvido, o ajudo a sentar na cadeira.

— O que você vai fazer hoje, Nicolas? — Pergunto.

— *Fomigas* — ele pisca os olhos e aguarda o achocolatado.

— Ah, então vai ser um dia incrível! — Mostro minha animação para ele. — Todo dia fica incrível por causa das formigas, não é, Nicolas?

— *Fomigas* — ele diz.

Não esperava outra retórica dele.

Nós três tomamos café da manhã, Kaleb e eu conversamos coisas corriqueiras da vida e Nicolas nos pergunta sobre palavras que usamos e ele

não sabe o que significa.

Passamos o resto do dia observando como ele se adapta às suas novas professoras. No início ele é indiferente, mas depois, quando elas pedem que ele faça atividades relacionadas a aquilo que ele gosta, Nicolas se ocupa na tarefa.

E em alguns momentos não aceita que a tarefa acabe, ele gostou tanto da ideia de pintar ilustrações de formigas que queria continuar a pintar mesmo sem espaço para qualquer outra cor ou risco.

Na volta para casa, Kaleb para em um parque. Descemos para assistir o crepúsculo e caminhamos pela grama, Nicolas sai disparado na frente com sua lupa.

— Obrigado por vir comigo.

— É o mínimo que posso fazer, Kaleb. E é tão divertido ver o Nicolas em ação, até eu fico fascinada quando algo o interessa e ele se joga de cabeça para fazer as coisas...

— Preciso dizer que isso também acontece comigo — ele diz e acabamos rindo juntos. — Quando ele fica instigado por algo eu fico imediatamente também. Mas o que você acha dele ir para a escola e ficar sem minha supervisão por boa parte do dia?

*Pergunta difícil...*

— Acho que ambos precisam de um espaço de ausência para sentirem saudades um do outro — faço um bico.

— É um bom ponto — Kaleb me abraça pelo ombro.

Continuamos a andar calmamente enquanto Nicolas está todo agitado.

— Mas tudo vai acontecer no tempo certo, não? Primeiro ele vai aprender em casa... depois começará a ter aulas particulares na casa das professoras... até que um dia ele irá para uma escola e vai conhecer um monte de *Vincent*s — não consigo conter as gargalhadas no fim.

— Ele vai passar cola nos abafadores de ouvido e nunca mais vai tirá-los — Kaleb conclui. — E como estão a Susan e a Mary?

— Estão ótimas, não veem a hora de voltar para Miami e me ajudar com a nova fase da *Sweet Show*. Eu já disse que elas não precisam... mas algo me diz que elas não querem ficar longe de mim.

— Você gosta daqui? — Ele me pergunta.

— Gosto, é claro.

— Podemos abrir uma filial em Nova York, se você quiser.

Isso é verdadeiramente muito tentador... fico até sem palavras para respondê-lo...

Kaleb é quem cuida das finanças da *Sweet Show* agora e ele não precisa surtar igual a Emmanuelle, já que dinheiro não é um problema.

— Eu gosto daqui. E principalmente, gosto muito de estar com você aqui — pisco os olhos.

Kaleb e eu paramos, ele se vira para mim. Passa as mãos pelos meus ombros, desce para os braços.

— Também gosto muito de estar com você. *Em qualquer lugar*. Converse com a sua família, se eles quiserem se mudar para cá, eu arranjo um emprego para os seus irmãos... e uma mansão para eles morarem, também. Assim como se você quiser ir para Nova York... *bem...* talvez eu precise me mudar também.

— Por que não vemos como a *Sweet Show* fica após todas essas mudanças e quando tudo estiver estabilizado e devolvermos o seu investimento...

— *Não tenha pressa...*

— ... aí pensaremos nisso. Ok?

— Ok — Kaleb aproxima seu rosto do meu e me beija devagar.

Apreciamos o momento do anoitecer um junto do outro, nossos corpos colados, nossos lábios se tocando e os corações a todo vapor.

— *Onde está o Nicolas?* — murmuro.

— *Nicolas!* — Kaleb sai correndo atrás do filho.

No fim da noite, Nicolas diz para que eu entrei, pois ele tem uma surpresa para mim.

Vamos juntos para o seu quarto e vejo que tudo por ali mudou. Já não há mais o grande aquário que ficava nele, em vez disso, o quarto todo foi redecorado para parecer um formigueiro.

— Que bonito, Nicolas! — olho ao redor.

Ele vai até a cama, pega uma caixa e me entrega.

— *O que será isso?* — Pergunto.

— *Fomigas!* — Ele diz animado.

*Como assim?*

Ao abrir a caixa vejo um pijama de formiga do meu tamanho, e esse tem um rabão igual o que Nicolas usa.

— *Que legal! Eu adorei o presente! Obrigada!*



Nicolas vai até o armário e tira o seu pijama e me mostra.

— Sim, eu sei que você tem um também! Que legal!

Ao sair do quarto, me deparo com Kaleb no corredor, usando o mesmo pijama.

— *Meu Deus! Que susto! Já pensou se elas fossem tão grandes assim?* — Levo a mão ao peito.

Nicolas se tranca no quarto pelo tempo necessário para sair devidamente vestido com seu pijama. Ele sai às pressas pelo corredor e depois volta, balançando a traseira do pijama para lá e para cá.

— *O que foi?* — Pergunto quando ele fica olhando para mim.

— Acho que ele está esperando você vestir — Kaleb sugere.

— *Agora?*

Nicolas faz que sim.

Tudo bem...

Entro no banheiro e coloco o pijama por cima da roupa, já que esfriou um pouco mesmo e isso vai me deixar quentinha. E é também bastante confortável, sinto como se estivesse devidamente abraçada ao melhor cobertor do mundo.

— *Tcharam!* — saio do banheiro e balanço o meu rabo de formiga.

Nicolas começa a pular no lugar, muito animado, o pai precisa contê-lo para que não caia e machuque o braço.

— Ótimo! Agora que estamos todos devidamente prontos, vamos jantar! — Kaleb nos chama.

E é no fim dessa noite que eu percebo que tudo mudou.

Não apenas em minha vida ou na vida de Kaleb, mas em nossas vidas em conjunto.

*Tola que fui, eu busquei amor em alguém que não queria me oferecer.*

*Daí descobri por acaso que aqui havia amor em excesso para dar e receber.*

— Por que esse sorriso, Nicolas? — Pergunto a ele, nunca o vi tão animado e social.

Nicolas aponta para si, para o pai e para mim.

— Estamos os três de *fomiga*, não é? — Começo a rir.

— *Família* — ele diz. — *Nós três.*

# Epílogo

*Anne Moore*

*Dois anos depois.*

Muitas coisas mudaram em dois anos.

Nicolas continua a ter aulas particulares, mas já está na escola. Kaleb e eu intercalamos os dias em que o levamos e buscamos. Ele aprende as coisas bem rápido, mas não abandona jamais seu interesse pelas formigas, que são sempre a porta de entrada para que ele descubra coisas novas.

A minha mãe e avó vieram morar em Miami.

Eu sei, nem eu mesma acreditei.

Segundo a minha avó, ela precisava conhecer um coroa rico surfista, esse era seu novo objetivo de vida. E a minha mãe que veio para ficar perto de mim, acabou conhecendo um cara bacana; como Kaleb deu aquele iate para ela, a minha mãe e seu novo boy passam bastante tempo velejando por aí.

*De bobas não têm nada, não é? Eu tive a quem puxar!*

Emms ainda não achou ninguém. *Quero dizer, por que só ter um se ela pode ter quantos quiser? Ela ainda está na pista.*

E Luna, mais do que nós duas está focada no trabalho.

*Ah, sim... o que dizer da Sweet Show?*

O investimento do Kaleb fez toda a diferença. Aliás, foi o Kaleb que fez toda a diferença. Ele não é apenas incrível com números, mas com pessoas também.

Kaleb conseguiu fechar eventos tão caros e importantes que fomos obrigadas a abrir filiais para dar conta! *Filiais!*

E falando em Kaleb...

— *Você parece muito feliz, o que foi?* — O safado ri daquele jeito cafajeste e se senta diante de mim, no novo escritório da *Sweet Show*.

— O grande dia chegou! — Digo animada.

Vejo-o abrir bem os olhos.

— *Estou impressionado... dois anos? Dois míseros anos?* — Ele olha ao redor. — Tem certeza que estão fazendo eventos? Não estão envolvidas com corrupção e lavagem de dinheiro?

— Você nos jogaria na cadeia, não é?

— Pode apostar que sim — ele diz cada palavra com lentidão e me rouba um beijo demorado.

— Agora só precisamos ir ao banco para que eu te devolva os seus cinco milhões.

Kaleb está chocado, eu estou mais ainda.

Nunca pensei que devolveria esse dinheiro com tanta rapidez, mas as coisas mudaram. Tudo ficou mais fácil, mais ágil, agora conseguimos dar conta de muitos eventos ao mesmo tempo, a nossa equipe cresceu bastante e se duvidar, até o fim do ano estaremos abrindo filiais por todo o país.

— Eu estou muito orgulhoso de você, amor — Kaleb me abraça com força.

— Nada disso teria sido possível sem você...

— Você foi quem sonhou com isso, eu sou coloquei o dinheiro — ele balança os ombros, se eximindo do sucesso. — Eu sempre soube que você conseguiria... parabéns!

Um novo ciclo começa agora.

Já tive tempo o suficiente para encerrar sentimentos e vazios dentro de mim que foram deixadas por uma relação tóxica do passado.

Infelizmente às vezes acontece de eu me sentir mal, não tão boa ou forte o suficiente, mas eu recobro a consciência da nova Anne que eu sou e me tornei. Graças aos tapas na cara dados por Emms e pelo apoio de Kaleb.

Mas a parte mais importante de encerrar ciclos...

— E, Kaleb...

— *Sim?*

— Se a sua proposta ainda estiver de pé, agora eu aceito ir morar com você — eu prometi que só faria isso após pagar toda a dívida que eu tinha com ele.

Para que pudéssemos começar com o pé direito.

— *Ah... logo agora que eu me acostumei a ser seu vizinho...* — ele desdenha.

— *Um show de vizinho* — pisco para ele.

Kaleb se ajoelha diante de mim e segura em minha mão, onde há uma aliança que eu nunca tirei. Desde que ele colocou, há dois anos.

— Então agora vai aceitar se casar comigo, Anne Moore?

Como eu disse: mais importante do que encerrar ciclos, é começar novos.

A primavera sempre retorna, ano após ano. A lua passa por diversas fases até retornar para sua fase mais esplendorosa. E neste novo ciclo, eu serei a Annelise que sempre sonhei ser.

— Eu aceito, sim!

# **Ficha Técnica**

*1ª Edição – maio de 2019*

***Direitos Autorais***

*Yule Travalon*

***Revisão***

*Daniela Vazzoler*

***Capa***

*Lucas Bernardes*

# Yule Travalon

Nasci, cresci e moro atualmente na Bahia.

Os primeiros livros que li foram “*As Crônicas de Nárnia*” (o volume inteiro), *A Menina que Roubava Livros*, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (esses dois foram o meu primeiro impulso de identidade de escrita); “*A Doçura do Mundo*” e “*A Distância Entre Nós*” (também responsáveis por me fazer apaixonar por dramas e questões sociais).

Sou formado em história pela UESB.

Nessa casa de conhecimento eu aprendi a amar e valorizar culturas, línguas, o passado e o presente, e os mecanismos do homem, sejam eles simbólicos ou físicos, para criar, manter ou derrubar o poder estabelecido. O primeiro roteiro de “*Nas Mãos do CEO*” foi escrito em uma das aulas de História do Brasil a partir de sua era de redemocratização.

Sou apaixonado pela arte.

Cresci escutando Andrea Bocelli e Yma Sumac. Tentava, desde cedo, imitar a escrita de Machado de Assis e Olavo Bilac. Fernando Pessoa? Esse sempre me intrigou. E são de escritores que me deixam inquieto que eu gosto. Florbela Espanca conheci na faculdade, mesmo período em que comecei a ler Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Noberto Bobbio e, é claro, Zygmunt Bauman. E mesmo com mais de vinte anos de idade, e completamente apaixonado por esses e outros pensadores, ainda não dispenso as tirinhas de Mafalda, Garfield, Calvin e Haroldo, Peanuts!

Sou bem distraído.



Por isso eu só mexo com o que pode me fascinar e me deixar completamente hipnotizado. Alejandro Jodorowsky? Lars Von Trier? Christopher Nolan? Tim Burton? Devo estar assistindo algo deles agora. Goya? Salvador Dalí? Van Gogh? Frida Kahlo? Passo horas olhando e pesquisando as obras.

Sou bem eclético.

Tenho interesse em escrever sobre romances, erotismo, comédia, magia, política, conspiração, existencialismo, filosofia amadora e psicologia.

E sempre tenho tempo para acompanhar o movimento das estrelas.

***Você pode entrar em contato comigo por aqui:***

Email – [yuletravalon@gmail.com](mailto:yuletravalon@gmail.com)

***Saber as novidades, receber brindes e me acompanhar por aqui:***

Instagram – [@yuletravalon](https://www.instagram.com/yuletravalon)

***Curtir, ver minhas indicações e materiais antigos por aqui:***

Facebook – [/yuletravalon](https://www.facebook.com/yuletravalon)

E nos vemos na próxima! Até lá!

*Yule Travalon.*

# Outras Obras

## **Contos**

[Quando o amor é Cego](#) | Ethan e Valentina

[Trago o seu Amor de volta em 7 Dias](#) | Cadu e Vânia

## **Rede de Poder**

[Nas Mãos do CEO](#) | Ricardo, Maria Eduarda e Leonardo

[Resistindo ao Passado](#) | Mikhael e Rafaela

[Café Coadado na Calcinha](#) | Leonardo e Giulia

## **Conspiração**

[Protegida pelo Bilionário](#) | Héctor e Beatriz

[Caçada pelo Mafioso](#) | Shawn e Layla

## *Nas Mãos do CEO*



<https://www.amazon.com.br/dp/B07JQ5MXNH>

*Livro sobre conspiração no Brasil.*

**Ricardo Leão** sempre desfrutou dos prazeres da vida: viveu intensamente, viajou o mundo e arrastou todas as mulheres que quis para a

cama. A única coisa que ele não conseguiu foi obter sucesso em sua vingança contra seu tio, o homem que matou seu pai e o sócio, assumindo o poder da LEÃO&DOURADO, um conglomerado que atua principalmente na área de construção. No entanto, Ricardo pretende tomar o poder de uma forma inusitada: contrata uma garota como “acompanhante de luxo” para que ela se infiltre na empresa, durma com quem tiver de dormir e descubra as fraquezas e segredos do alto escalão. Com isso, ele terá em suas mãos a empresa e realizada sua vingança.

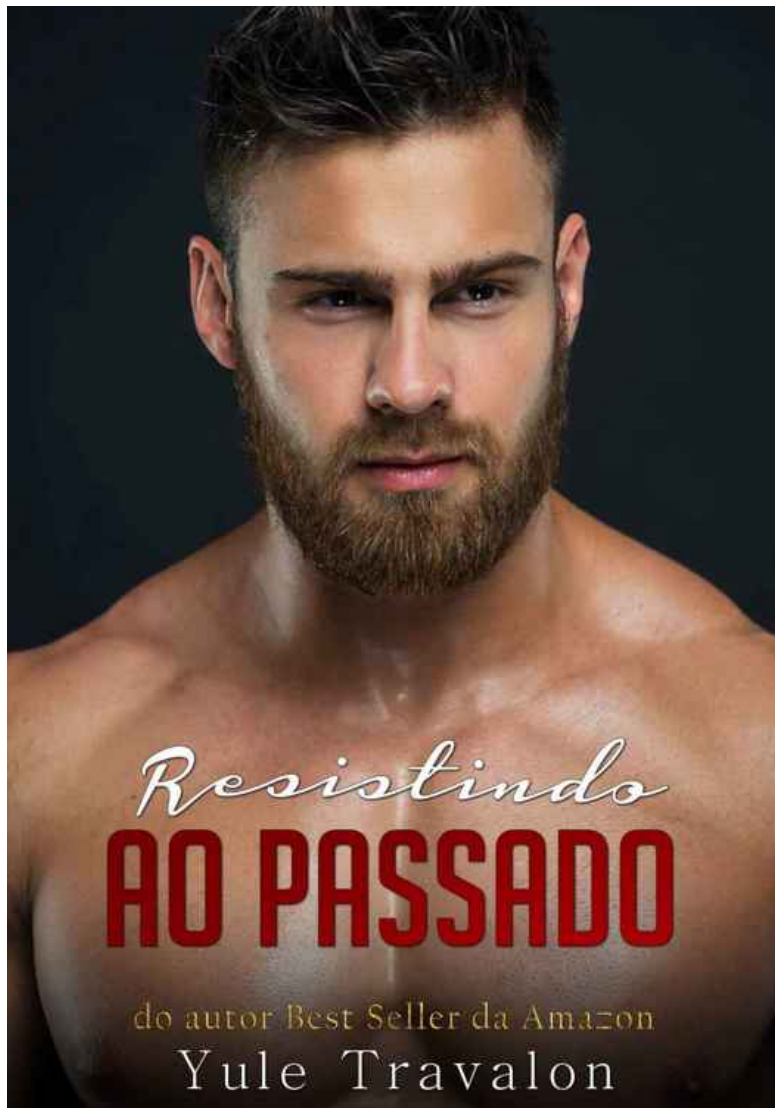
**Maria Eduarda Ferrari** precisa sustentar a família; com uma mãe depressiva que nunca sai da cama e uma irmã mais nova, ela se sente intimada a manter a família em pé, mesmo que isso contribua para que ela não tenha tempo para uma vida pessoal: ela cursa Letras e todo o restante do seu tempo é gasto como garçoneiro no Restaurante Romano ou em outros bicos que encontra... quando encontra... até que Ricardo Leão lhe faz uma proposta indecente. E irrecusável.

Ela tem contas a pagar; Ele tem uma vingança em rumo. Ela quer descobrir como é o mundo dos ricos e poderosos; Ele carrega uma série de segredos que podem afastá-los.

Logo agora que ele está se apaixonando...

Logo agora que ela está em suas mãos...

*Resistindo ao Passado*



<https://www.amazon.com.br/dp/B076P46MFW>

*Esse livro complementa “Nas Mãos do CEO”.*

**MIKHAEL MATARAZZO**

Eu sou um homem importante, um bilionário, meu banco é o braço direito do governo.

Minha vida é resumida em deveres, prazeres e fugas dos meus próprios sentimentos.

Mas nada disso importa, por que *ela* retornou.

A minha melhor amiga, a única mulher que me conquistou ainda na adolescência, o meu primeiro amor.

*Rafaela Bustamante* sempre foi o coração que batia fora e dentro de mim.

E seu retorno me deixa confuso, intrigado e excitado.

Estou prometido a casar com uma mulher importante para me tornar um dos homens mais poderosos deste país.

Mas qual é a única coisa que sou capaz de pensar agora?

O quanto senti saudades. O quanto a desejo. O quanto de Rafaela, que depois de dez anos, ainda existe dentro de mim.

## **RAFAELA BUSTAMANTE**

Eu não nasci importante, mas me tornei. Gerencio a imagem de políticos, jogadores de futebol, galãs de novela das 10.

Minha vida é sobre trabalho, trabalho, trabalho. E agora que retornei ao Brasil, Mikhael parece querer dificultar o meu trabalho.

Sim, eu fugi. Quero dizer, fui embora.

Sim, há um motivo.

Eu guardo um segredo profundo do passado.

Algo que mudou toda a minha vida e me separou do meu primeiro e grande amor.

Eu preciso resistir. Temo em ver todo o meu passado me assombrando novamente.

Será que se eu não tivesse ido embora tudo seria diferente?

Será que ele se recorda que nos amamos um dia?

Será que consigo permanecer firme enquanto sei que o homem da minha vida se casará com outra?

Eu só sei que preciso resistir a Mikhael. Mesmo que isso custe perder toda a minha sanidade.

Ela guarda um segredo que a destruiu no passado...

E ele acha que pode curá-la de todas as suas dores. Basta que não resista ao passado e entregue-se completamente a ele.

O amor resistiu ao tempo? O amor resistiu à ausência?

*O amor resistiu aos segredos?*

*Protegida pelo Bilionário*



<https://www.amazon.com.br/dp/B07F8113DX>

*Primeiro livro da série “Conspiração”.*

Beatriz Rodrigues é uma mineira que foi para Nova York em busca do sonho americano. O resultado? Tudo o que conseguiu foi ser uma imigrante ilegal, com medo de ser encontrada e deportada a qualquer



instante. Esgueirando-se pelos cantos durante o dia e stripper pela noite, Beatriz se tornou “Sabrina”, objeto de desejo dos homens poderosos que frequentam o La Chica, o clube noturno onde se apresenta. Bia nunca encontrou motivos para aceitar as propostas indecentes que recebia até Héctor Mitchell lhe oferecer muito mais do que um Green Card, uma conta gorda e a independência que ela tanto almeja.

Héctor Mitchell é um bilionário muito cobiçado pelas mulheres da elite nova-iorquina, mas ele não passa mais do que uma noite com elas; ninguém é capaz de prendê-lo, o amor é apenas um fantasma e o mundo um mar de oportunidades. Obsessivo por controle, Héctor vê as coisas saírem do controle quando seu pai, o CEO da Mitchell & Smith entra em coma e seu testamento é aberto: Héctor é o único herdeiro e beneficiado de todos os bens e o cargo presidencial da empresa familiar, isso se conseguir provar que pode ter um relacionamento sério e duradouro, sem traições ou escapadas por mais de um ano.

Bia se sente tentada com a proposta de Héctor, mas é um perigo inesperado que a leva aos seus braços. Ao decidir protegê-la, Héctor sabe que terá de abrir, pela primeira vez, as portas do seu mundo: seus segredos, sua verdadeira face... e o seu bem mais precioso: Anthony, seu filho acamado, cheio de problemas e doente.

Poderia um casamento por contrato se tornar uma amizade, paixão ou até mesmo um amor?

Beatriz e Héctor estão prestes a descobrir.

# Agradecimentos

À G. R. Oliveira que sempre me aconselha e *beta* os meus materiais antes ir para a Amazon. Sem suas insistências e broncas, eu sequer começaria esse livro. Muito obrigado por sua amizade, conselhos e críticas.

À Lucas Bernardes por mais essa capa incrível; à Dani Vazzoler por revisar com tanto carinho e atender ao meu chamado de urgência para a maratona que foi finalizar essa obra; R. B. Mutty que viu essa obra nascer, crescer e ser concluída e trocou *figurinhas* comigo sobre a temática e Talita Laquímia que me socorreu em diversos momentos para que esse livro conseguisse chegar até aqui.

E, é claro, para cada uma de vocês que deram uma chance para *Kaleb e Anne*, assim como para todas as minhas outras obras anteriores.

Obrigado por me acompanharem! Espero que esse livro que tem um tom bem diferente de tudo que já escrevi, tenha conquistado um pedaço do coração de vocês.

Por favor, se puder avaliar essa obra ou me enviar um *feedback* lá pelo [instagram](#), rede social que uso com mais frequência, eu serei eternamente grato e assim saberei o que melhorar para os próximos livros.

*Nos vemos em breve!*